



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Gustavo Tiengo Pontes

**A capital catarinense em Revista: a Cidade e os seus Intelectuais (Florianópolis, 1930-1945)**

Florianópolis

2021

Gustavo Tiengo Pontes

**A capital catarinense em Revista: a Cidade e os seus Intelectuais (Florianópolis, 1930-1945)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em História.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pontes, Gustavo Tiengo

A capital catarinense em revista : A cidade e os seus  
intelectuais (Florianópolis, 1930-1945) / Gustavo Tiengo  
Pontes ; orientadora, Maria de Fátima Fontes Piazza, 2021.  
203 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. História. 2. revistas. 3. intelectuais. 4.  
sociabilidades. 5. Florianópolis. I. Piazza, Maria de  
Fátima Fontes. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Gustavo Tiengo Pontes

**A capital catarinense em Revista: a Cidade e os seus Intelectuais (Florianópolis, 1930-1945)**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Valéria dos Santos Guimarães, Dra.  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Felipe Matos, Dr.  
Instituição Scientia Consultoria Científica

Profa. Leticia Borges Nedel, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Rodrigo da Rosa Bordignon, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em História.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação  
Prof. Fábio Augusto Morales Soares, Dr.

---

Profa. Maria de Fátima Fontes Piazza, Dra.  
Orientadora

Florianópolis, 2021

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo à minha orientadora Maria de Fátima Fontes Piazza por todo o apoio, as leituras, acompanhamento, boas conversas, dicas e sugestões bibliográficas, enfim, toda a ajuda durante o processo de pesquisa e escrita. Foi uma oportunidade extremamente enriquecedora ter sido o seu orientando mais uma vez. Agradeço aos membros da banca de qualificação Leticia Borges Nedel e Rodrigo da Rosa Bordignon por todas as considerações naquele momento e na banca final. Agradeço também à Valéria dos Santos Guimarães e Felipe Matos por todas as contribuições na banca final.

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão, Agenor Pontes Neto, Cleide Libardi Tiengo Pontes e Gabriel Tiengo Pontes, por toda a convivência e apoio nesta jornada acadêmica que se iniciou no curso de graduação em História e que agora se finaliza em uma outra etapa com a tese de doutorado. Agradeço especialmente à minha companheira Andréia Amorim da Silva por ter me apoiado, acalmado, incentivado, ter debatido temas e problemas de pesquisa, em particular no auxílio na elaboração dos quadros, por todas as conversas sobre este e outros temas desde 2014. Muito obrigado por tudo hoje e sempre, meu amor. Agradeço à minha avó Tereza Libardi Tiengo por todas as conversas, incentivo e apoio. Agradeço também à minha tia Eloísa Richter e tio Norberto Richter pelas conversas sobre história em geral e sobre a minha pesquisa, além de todo incentivo e apoio. Agradeço em especial à tia na ajuda em todas as leituras traduções ao longo dos anos. Agradeço também à Marlete de Amorim da Silva e Adilson Adenâncio da Silva por toda a hospitalidade e apoio.

Durante a jornada do doutorado foi muito importante poder contar com amigos para compartilhar dúvidas, anseios e demais questões da vida envolvidas ou não com a tese. Gostaria de agradecer especialmente à Tamy Amorim da Silva, Cássila Cavaler Pessoa de Mello e Beatriz Regina Mendes por todas as ocasiões em que pude contar com vocês nestes anos. Agradeço aos colegas da turma de doutorado de 2017 no PPGH-UFSC, amigos e amigas que me acompanharam nestes anos e todos os professores e professoras que tive aulas no decorrer do doutorado.

Agradeço aos trabalhadores e trabalhadoras dos acervos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, do Arquivo Público Estadual de Santa Catarina, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras. Gostaria de agradecer também em especial a Celestino Sachet e Jali Meirinho pelas conversas com relação ao tema dos anos 1930, história da cultura e da literatura catarinense. Agradeço também à José Henrique

Orofino da Luz Fontes por possibilitar acesso aos documentos presentes no acervo da família Fontes.

Agradeço também ao CNPQ pela bolsa de doutorado que foi essencial ao longo destes anos para poder me dedicar exclusivamente aos estudos.

*(...) o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (BLOCH, 2001)*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as Revistas que foram produzidas em Florianópolis no período de 1930 a 1945. A pesquisa pretendeu analisar e articular quem foram os responsáveis pela elaboração destes impressos e qual tipo de conteúdo foi publicado. No caso dos participantes na elaboração das Revistas, buscou-se levantar os seus nomes e perceber quais os tipos de recursos que possuíam em comum e que podem ter contribuído para conseguir alcançar uma posição neste tipo de periódico. Foi possível evidenciar que a maior parte dos diretores, gerentes ou demais responsáveis eram homens brancos que provinham de famílias de renome, já estavam inseridos em redes de sociabilidades, haviam tido preceptores, ou cursado o ensino secundário ou superior, além de poderem contar com outros ofícios. Argumenta-se que a possibilidade de se envolver na elaboração destes materiais estava relacionada com a posse desses atributos. Com relação às práticas desses intelectuais, havia uma dinâmica que estimulava o seu agrupamento e vivência entre os pares, seja com a publicação de matérias elogiosas em periódicos, a participação em eventos ou ocasiões diversas, o envio de presentes para redações de jornais com a expectativa de uma nota de retribuição, além da defesa de sua honra diante acusações consideradas infundadas. No caso do conteúdo das Revistas, foi possível evidenciar uma narrativa escrita e imagética que construía Santa Catarina e, mais especificamente, Florianópolis como uma cidade desenvolvida e com uma população diferenciada das demais. De uma maneira geral, as Revistas possuíam uma visão elitista da sociedade, dando pouca atenção para dificuldades ou problemas e publicizando atividades das autoridades do período, a bela natureza do Estado e situações que evidenciassem o progresso que atravessava a capital catarinense ou outras cidades. Ao mesmo tempo, as Revistas operavam também como ferramentas para a busca ou manutenção de sociabilidades, sobretudo entre intelectuais e demais autoridades locais ou regionais. Por fim, percebe-se que o período de 1930 a 1945 em Florianópolis contou com a publicação de Revistas conectadas, de diferentes maneiras, com a dinâmica política e cujos responsáveis também estavam em interação entre si e com os principais atores políticos em cada momento. Apesar da cidade não ter sido um grande centro cultural, nas Revistas foi possível perceber uma produção intelectual relevante e conectada com instituições da época, como a Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Revistas; Intelectuais; Sociabilidades; Florianópolis



## ABSTRACT

This thesis's objective is to investigate the magazines that were produced in Florianópolis during the period from 1930 to 1945. This research aims to analyze and articulate the personalities who were responsible for preparing these materials and what kind of content was published. We searched every person's name and the type of resources they shared that may have contributed to them to achieve their position in each kind of periodical. It was possible to demonstrate that most of the directors, managers, and others executives or writers were white men who came from renowned families, were already part of sociabilities networks, had preceptors and had attended high school or higher education, besides having the possibility of working in other occupations. We argued that the probability of participating in the elaboration of these materials was related to the possession of these attributes. With respect to how they conducted themselves, there was a dynamic that encouraged grouping and sharing experiences among peers, either through the publication of complimentary articles in periodicals, the participation in events or diverse occasions, the sending of gifts to newspaper offices with the expectation of a retribution note, and the defense of honor in face of accusations they claimed to be unfounded. In the magazines' content, it was possible to demonstrate that their writing and imagery narrative depicted Santa Catarina state and more specifically its capital, Florianópolis, as a developed city with a distinct population in comparison with others. In general, the magazines had an elitist view of society, paying little attention to difficulties or problems, focusing on authorities' activities, the beauties of the state's nature, and events that highlighted the progress of the capital or other cities. At the same time, the magazines also operated as tools to achieve or maintain sociability, mainly among intellectuals and local or regional authorities. Finally, we argued that the period of 1930 to 1945 in Florianópolis had the publication of magazines connected in different ways with the political dynamic and their executives were interacting among themselves and with the main political personalities of each moment. Despite the city not being a great cultural center, it was possible to perceive relevant intellectual productions that connected with institutions of the period, like the Academy of Letters of Santa Catarina and the Historical and Geographical Institute of Santa Catarina.

**Keywords:** Magazines; Intellectuals; Sociabilities; Florianópolis

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perímetro urbano de Florianópolis, com destaque para a região onde se localiza a Praça XV de Novembro (1927).....	41
Figura 2 –Nota de envio de felicitações para José de Diniz em “A Gazeta” (1936).....	93
Figura 3 - Fotografia e texto de Laércio Caldeira em “Republica” (1920).....	95
Figura 4 - Fotografia de Batista Pereira em “A Gazeta” (1935).....	98
Figura 5 - Fotografia de Ney Luz em “O Estado” (1932).....	100
Figura 6 – Antonieta de Barros em “A Gazeta” (1936).....	102
Figura 7 – Homenagem a Odilon Fernandes em “República” (1932).....	117
Figura 8 – “Bar Modelo” de Itajaí em “Ilha Verde” (1930).....	124
Figura 9 – Aspectos urbanos de Florianópolis em “Renovação” (1931).....	125
Figura 10 – Poesia e fotografia em “Ilha Verde” (1930).....	127
Figura 11 – Capa da Revista “Santa Catarina” (1939).....	129
Figura 12 - Rua Felipe Schmidt em Florianópolis pela Revista “Santa Catarina” (1939).....	132
Figura 13 – Capa Revista “Renovação” n.1 (1931).....	134
Figura 14 – Capa Revista “Renovação” n.2 (1931).....	135
Figura 15 – Capela da Lagoa da Conceição na Revista “Renovação” (1931).....	137
Figura 16 – Paisagem s/identificação (1) publicada em “Renovação” (1931).....	139
Figura 17 – Paisagem s/identificação (2) publicada em “Renovação” (1931).....	142
Figura 18 – Audição de Piano na Revista “Renovação” (1931).....	143
Figura 19 – Seção “Pelos nossos clubes” em “Ilha Verde” (1930).....	145
Figura 20 – Capa do “Boletim da Associação Comercial” (1942).....	146
Figura 21 – Cena de Florianópolis: Depois da missa (Revista “Terra”, 1921).....	149
Figura 22 – Cena de Florianópolis: na praça XV (Revista “Terra”, 1920).....	149
Figura 23 – Cena de Florianópolis: O domingo (Revista “Terra”, 1920).....	150
Figura 24 – Desembarque de Fúlvio Aducci em “Ilha Verde” (1930).....	152
Figura 25 – Fotografia do desembarque de F. Aducci em “Ilha Verde” (1930).....	153
Figura 26 – F. Aducci segurando um exemplar de “Ilha Verde” (1930).....	154
Figura 27 – Capa de “Boletim Comercial” com homenagem à Adolpho Konder (1926).....	162
Figura 28 – Capa de “Boletim Comercial” com homenagem à Fúlvio Aducci (1930).....	163
Figura 29 – Fotografia (1) da comemoração da “Revolução de 1930” em “Renovação” (1931).....	167

Figura 30 – Fotografia (2) da comemoração da “Revolução de 1930” em “Renovação” (1931).....	168
Figura 31 - Fotografia (3) da comemoração da “Revolução de 1930” em “Renovação” (1931).....	169
Figura 32 – Capa da “Revista de Educação” n.1 (1936).....	172

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Evolução da população de SC e Florianópolis.....	39
Quadro 2 – Informações sobre os Anuários Publicados em Santa Catarina disponíveis no setor de obras raras da BPSC (1910-1945).....	54
Quadro 3 – Revistas elaboradas em Florianópolis (1930-1945).....	63-64
Quadro 4 – Intelectuais responsáveis por Revistas em Florianópolis (1930-1945).....	74-82
Quadro 5 – Personalidades homenageadas pela “Revista de Educação” .....	176-178

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACL Academia Catarinense de Letras

ACI Associação Catarinense de Imprensa

AIB Ação Integralista Brasileira

ANL Aliança Nacional Libertadora

CCL Centro Catarinense de Letras

CCRJB Centro Cívico e Recreativo José Boiteux

IHGSC Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

SC Santa Catarina

UBRO União Beneficente Recreativa e Operária

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO: NOTAS SOBRE O PERCURSO DE UMA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
<b>2. OS ANOS 1930 EM FLORIANÓPOLIS: A CIDADE, INSTITUIÇÕES E A PRODUÇÃO PERIÓDICA.....</b>	<b>38</b>
2.1 A CAPITAL CATARINENSE: CARACTERÍSTICAS GERAIS.....	38
2.2 ASPECTOS GERAIS DA PRODUÇÃO DE IMPRESSOS PERIÓDICOS EM FLORIANÓPOLIS.....	57
<b>3. INTELECTUAIS E A ELABORAÇÃO DE REVISTAS EM FLORIANÓPOLIS (1930-1945): DINÂMICAS DO CAMPO INTELECTUAL.....</b>	<b>69</b>
3.1 OS INTELECTUAIS, TRAJETÓRIAS E RECURSOS: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO INTELECTUAL.....	73
3.2 TRAJETÓRIAS E PRÁTICAS INTELECTUAIS: DINÂMICAS DO CAMPO INTELECTUAL.....	91
3.3 DESAVENÇAS E DISPUTAS INTELECTUAIS: EMBATES ATRAVÉS DA IMPRENSA.....	115
<b>4. REVISTAS E SOCIEDADE: REPRESENTAÇÕES E SOCIABILIDADES.....</b>	<b>122</b>
4.1 NARRATIVAS ESCRITAS E IMAGÉTICAS: MODERNIZAÇÃO E REFINAMENTO DE HÁBITOS.....	126
4.2 IMBRICAÇÕES ENTRE O CAMPO POLÍTICO E O INTELECTUAL ATRAVÉS DAS REVISTAS.....	150
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>186</b>

## 1 INTRODUÇÃO: NOTAS SOBRE O PERCURSO DE UMA PESQUISA

O caminho que se trilha durante uma pesquisa não é uma simples linha reta entre a escolha do problema até as suas considerações finais. Com este trabalho não foi diferente. O projeto de pesquisa inicial envolvia um estudo sistemático e geral sobre os anos de 1930 a 1945 em Santa Catarina (SC), no que tange às suas atividades culturais, do que a proposta presente de centrar a sua atenção nas Revistas que foram elaboradas naquele momento em Florianópolis. Não foi uma simples alteração de foco, houve um tratamento diferenciado de fontes já levantadas, a elaboração de novos questionamentos e a busca por outros materiais de pesquisa.

Nestas páginas iniciais, onde se propõe explorar e refletir sobre o que foi a jornada de construção da tese, convém mencionar como seu começo foi marcado pela inquietação de se discutir ou *se contrapor* a uma espécie de “diagnóstico” elaborado por determinados autores que estudaram a História da Cultura Catarinense, e que construíram uma interpretação de que, entre o período de circulação da Revista “Terra” (mar. 1920- fev. 1921) – organizada por membros da Academia Catarinense de Letras (ACL) - e das atividades realizadas pelos que faziam parte do chamado Grupo Sul, a partir do final dos anos 1940, houve uma espécie de *hiato* de produções culturais em Santa Catarina.

Por um certo período, a presente pesquisa objetivou encontrar os *limites* desta interpretação, buscando mapear e tornar quantitativos dados que pudessem *rechaçar* ou mesmo *confirmar* se de 1930 a 1945 havia ou não atividades significativas em Santa Catarina, focando mais especificamente para o caso de Florianópolis. Nesse caminho, dentre os questionamentos feitos estavam: Quais instituições existiam e estavam em atividade? Quantos periódicos foram publicados? Quais eram as Revistas Culturais? As mudanças políticas interferiram nessa produção? Os intelectuais deixaram de se dedicar às atividades culturais dos anos 1920 para 1930? Dentre outras perguntas que iriam auxiliar na construção de uma espécie de Campo Cultural para a cidade de Florianópolis.

No decorrer do estudo, quando foi possível perceber que esta *interpretação* estava mais relacionada com uma História da Memória da Literatura e Intelectualidade catarinense do que com o que foi produzido nestes anos ou das demais atividades intelectuais, um determinado tipo de fonte parecia ganhar cada vez mais relevância para poder iniciar um aprofundamento acerca dos anos de 1930, seriam as Revistas. Aos poucos, aquela inquietação que motivou a elaboração do projeto de pesquisa passaria a ser substituída pelo interesse em investigar com maior afinco as Revistas, tanto em seu papel na construção de determinada representação de SC e de Florianópolis, quanto pelo interesse em estudar quem eram os seus responsáveis. De

certa maneira, dialoga-se ainda com a questão anterior, contudo, o eixo atual possibilitou realizar uma melhor delimitação de objeto, possibilitando acompanhar como um grupo de intelectuais se movimentou, quais práticas eram as mais comuns ou esperadas, quais os recursos para que se pudesse alcançar um cargo em uma Revista, além de quais representações eram veiculadas nas páginas destes periódicos.

Compreende-se as Revistas como vetores privilegiados para compreender certos aspectos da dinâmica do campo intelectual deste período. Isto ocorre principalmente pela centralidade desse tipo de produção, que exigia um grande comprometimento de seus responsáveis, tanto financeiro e organizacional quanto de produção intelectual para preencher da sua capa até a última página, com um conteúdo que pudesse interessar o seu público-alvo. Ao mesmo tempo, entende-se que esses impressos também difundiam hábitos, costumes e representações sobre a *realidade* apreendida. Propõe-se neste trabalho articular estes aspectos, isto é, uma investigação capaz de levar em consideração os responsáveis por esses periódicos e o que estava sendo veiculado.

Com base nisso, nestas primeiras páginas propõe-se explorar algumas ideias de autores que abordaram o estudo de atividades culturais em Santa Catarina, sobretudo durante primeira metade do século XX. Dentre as referências bibliográficas, inicia-se a partir de uma obra de síntese “A Literatura de Santa Catarina”, escrita por Celestino Sachet (1979), onde são apresentados autores do passar do século XIX a meados do XX de SC. Para esse período, o autor delimitou a presença dos seguintes grupos intelectuais: A Ideia Nova; A Sociedade Catarinense de Letras; A Geração da Academia Catarinense de Letras<sup>1</sup>; e o Grupo Sul.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre esta geração, convém mencionar como Felipe Matos discutiu esse tema: “Geração da Academia’ é uma expressão consagrada por Celestino Sachet e que se tornou recorrente. Refere-se aos intelectuais emergentes nas primeiras décadas do século XX em Florianópolis e que estiveram envolvidos com a fundação da Academia Catarinense de Letras (ACL) ou foram por ela empossados posteriormente. É um grupo em parte imaginário, pois seus integrantes não necessariamente compartilharam os mesmos referenciais estéticos e políticos. Como toda definição, a expressão é problemática e utilizada de forma abusiva, pois generalizante. Entre os fundadores da ACL estiveram Othon Gama d’Eça, Altino Flores, Francisco Barreiros Filho, Haroldo José Callado, Clementino Fausto B. de Brito, Ivo d’Aquino, Alfredo da Luz, Joe Colaço, Henrique da Silva Fontes, Laércio Caldeira de Andrade, Fúlvio Aducci, Gil Costa, João Crespo, Horácio de Carvalho, Antônio Mâncio da Costa, Osvaldo Ferreira de Melo, Ogê Manneback, Gustavo Neves, Oscar Rosas, Lucas Boiteux, Nereu Ramos e Tito Carvalho. Outros nomes, empossados posteriormente, também são identificados como membros desta geração, como Luiz Antônio Ferreira Gualberto, Leopoldo Diniz Martins Junior, entre outros.” (MATOS, 2014, p.19). É importante escrever que Sachet, em outra obra, irá tratar também de outros escritores que não fizeram parte da ACL e que foram considerados, por alguns no período, como “menores” frente aos “Mestres” da Academia, apesar do autor ter se equivocado na data de fundação do Centro Catarinense de Letras, que foi fundado em 1925 ao invés de 1935 e que “concorria” com a ACL na produção literária. Cf. (SACHET, 2012, p.95-97). Sobre a fundação deste Centro cf. também (MATOS, 2014, p.76)

<sup>2</sup> O Grupo Sul foi um grupo de intelectuais que se organizou a partir do Círculo de Arte Moderna nos anos 1940. Tal grupo fundou a Revista “Sul” no ano de 1948. “Sul” circulou de 1948 a 1957, com a publicação de 30 exemplares. Ela teve como principais responsáveis Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel. Para uma discussão sobre



O primeiro grupo citado por Sachet – Ideia Nova - trata de intelectuais próximos do então Presidente da Província Francisco Luiz da Gama Rosa, empossado em agosto de 1883. Tais escritores se apresentavam como empenhados em uma “batalha” contra o que chamavam de um “velho Romantismo”, e na defesa de novas ideias, pois, nas palavras de um de seus principais representantes, Virgílio Várzea: “o século é puramente de Evolucionismo / De Hartman, de Spencer, Zola e Letourneau” (VÁRZEA, 1884, s/p *apud* SACHET, 1979, p.56). Pode-se perceber como tais escritores se elegiam como responsáveis tanto pela renovação das letras catarinenses quanto em defesa de *novas* ideias em debate no período. Dentre os nomes abordados nesta obra de Sachet que são apontados como representantes do grupo estão: Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo, Santos Lostada, Oscar Rosas e Ernani Rosas.

Sachet escreve que o intelectual Eduardo Nunes Pires se destacava à época como representante do Romantismo em SC, e que “Não via com bons olhos a pretensão da mocidade” (SACHET, 1979, p.56). Desse modo, a troca de farpas entre essas diferentes gerações iria render uma série de artigos em jornais então desterrenses, uma prática comum e que se prolongaria por um longo período entre diversos grupos. Convém salientar também que, conforme o pesquisador Felipe Matos escreve, boa parte dos intelectuais próximos de Gama Rosa foram empregados em cargos públicos (MATOS, 2014, p.116). Tal característica era comum em períodos próximos, isto é, muitos letrados buscavam o alinhamento com as principais lideranças políticas a fim de angariar cargos ou verbas em troca de apoio político.

O grupo Ideia Nova iria consolidar uma posição de destaque na produção literária em Florianópolis ao final do século XIX e início do XX. Logo, conforme seria esperado, outros intelectuais começariam a se movimentar em busca de publicizar seus escritos e se organizar enquanto grupo de escritores. A recorrência da “troca” ou “disputa” entre gerações é um aspecto debatido já no início da escrita de C. Sachet sobre as atividades dos intelectuais do grupo Ideia Nova. Ele escreve como parece haver uma “eterna disputa de liderança entre os ‘velhos’ que não querem sair e os ‘novos’ que precisam entrar” (SACHET, 1974, p.11). Isto também pode ser observado em outros momentos ao longo da história, como “vanguardas” buscam deslegitimar atividades de agentes anteriores reforçando o seu ineditismo. Pode-se frisar que esse tipo de argumento parece reforçar com que se perceba mais as discontinuidades entre diferentes grupos e períodos no decorrer dos tempos.

Aqueles que sucederiam os intelectuais da Ideia Nova seriam os membros da chamada Geração da Academia Catarinense de Letras, que nos anos de 1920 a 1921 fizeram circular a

---

a narrativa proposta por esse grupo em seu papel de “renovação das letras catarinenses”, cf. (MATOS, 2014). Os exemplares da revista estão disponíveis para acesso em: (PORTAL CATARINA, s/data).

revista “Terra”.<sup>3</sup> Sobre as primeiras décadas de 1900 e a recorrente disputa entre gerações de intelectuais, Sachet escreve:

Nos primeiros vinte anos deste século, os ‘velhos’ – que eram os ‘novos’ da época de Gama Rosa, estavam mortos, ausentes ou calados. E os ‘novos’ – que serão os ‘velhos’ quando o Modernismo de 1947<sup>4</sup> chegar até nós – estavam se preparando para prometedora investida no campo das letras de Santa Catarina. (SACHET, 1974, p.39-40).

A ACL, que antes era denominada Sociedade Catarinense de Letras, foi fundada em 1920, por inspiração de José Arthur Boiteux,<sup>5</sup> uma figura que, junto de Hercílio Luz<sup>6</sup> seria um grande apoiador, mediador cultural e financiador de instituições e atividades culturais na cidade. Segundo Matos, havia o agrupamento em torno de Hercílio Luz e José Boiteux, que era o principal interlocutor entre o governo e a intelectualidade. Ele obteve apoio para a criação de instâncias de consagração como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina<sup>7</sup> (IHGSC), fundado em 1896, e a ACL. (MATOS, 2014, p.64-5)

<sup>3</sup> A revista “Terra” foi publicada entre março de 1920 e fevereiro de 1921 em Florianópolis, foram 24 exemplares. Ela teve uma posição privilegiada dentro da história da literatura catarinense. Seus três diretores foram Altino Flores, Othon d’Eça e Ivo d’Aquino, como secretário Oswaldo Mello. Sobre esse periódico cf. principalmente (REIBNITZ, 2016) mas também (MATOS, 2014). Para a lista de redatores e colaboradores de “Terra” cf. (REIBNITZ, 2016, p.20). Os exemplares da revista estão disponíveis para acesso em: (PORTAL CATARINA, s/data).

<sup>4</sup> No caso dos que representariam o que Sachet expôs como “Modernismo” seriam os intelectuais do “Grupo Sul”.

<sup>5</sup> José Arthur Boiteux (1865-1934) nasceu em Tijucas (SC), ele pode ser considerado um grande entusiasta e incentivador de diversas atividades intelectuais de SC, tendo em sua carreira exercido os ofícios de advogado e escritor, além de ter ocupado cargos na burocracia estatal. Fez estudos primários com um preceptor belga, Félix Weiss, estudou humanidades em Florianópolis e cursou até o 2º Ano Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ajudou a fundar o IHGSC e a sua revista; participou da fundação do Instituto Politécnico (primeiro estabelecimento de ensino superior do Estado, fundado em 1917); foi cofundador da ACL; cofundador da Faculdade de Direito de Santa Catarina (1932); pertenceu ao corpo docente que inaugurou o Ginásio Catarinense; foi Secretário do Interior e Justiça no Governo de Hercílio Luz; foi também deputado da Assembleia Constituinte Legislativa Estadual entre 1894 e 1895. (MACHADO, 2001, p.108-110; GOMES, 1990, p.121; PIAZZA, 1994, p.119-120).

<sup>6</sup> Nas palavras de Jali Meirinho: Hercílio Luz (1860-1924) foi “Engenheiro e funcionário público do escritório da Comissão de Terras em Blumenau, em 1893 liderou o movimento para derrubar o governo federalista que se instalara na Capital. Aclamado governador, saiu vitorioso pelas armas, mas não foi reconhecido pelo Governo Central. Entretanto, com o episódio, tornou-se legenda na defesa do regime republicano. Quando foi restabelecida a ordem no estado, em 1894, pontificou como candidato natural às eleições governamentais, sendo sufragado nas urnas como primeiro governador catarinense eleito pelo voto direto. A liderança de Hercílio ganhou conotação personalística e carismática, como líder oligárquico na Primeira República em Santa Catarina”. (1997, p.126). Sobre a trajetória de Hercílio Luz cf. também (PIAZZA, 1994, p.414-415). Hercílio Luz foi governador eleito de 1894 a 1898, Presidente do Conselho Municipal de Florianópolis de 1898 a 1902, Deputado Federal em 1900, Senador da República de 1900 a 1918, Vice-governador, mas exercendo o mandato em virtude do pedido de licença do titular Lauro Müller, governador de 1922 a 1924. (MEIRINHO, 1997, p.127-128).

<sup>7</sup> O IHGSC começou a ser gestado em 1894 por iniciativa de José Arthur Boiteux através do periódico “A República”. A sessão inicial foi presidida pelo Governador Hercílio Luz. Em 1896 é instalado o Instituto, que teve, dentre seus presidentes: Hercílio Luz (1896), Vidal Ramos (1913-1914), Lucas Alexandre Boiteux (1914-1926), José Arthur Boiteux (1926-1933), Henrique da Silva Fontes (1935-1965). Felipe Matos assevera como o Instituto, dentre outras instituições culturais do período, explicitavam “o desejo de intervir nos destinos da sociedade local, demonstrando o impulso em colaborar de seus membros e a crença numa atuação ‘cívica’”.

Nas palavras de Matos: “José Boiteux era um exímio político e circulava com desenvoltura pelos dois polos de poder dentro do Partido Republicano Catarinense<sup>8</sup>, dividido entre Hercílio Luz e Lauro Müller”.<sup>9</sup> (2014, p.64). Ao se debruçar sobre as cartas endereçadas a José Boiteux, Líbia Palma de Haro percebe um investimento por parte de uma série de artistas em busca de apoio financeiro através de Boiteux, um mecenato estatal propiciado por ele, tal qual o pensionato artístico do Senador Freitas Valle em São Paulo. Em Florianópolis, a Villa Jocelina e em São Paulo, a Villa Kyrial. Nas palavras da autora:

O mecenato de José Boiteux está ligado à sua atuação política e intelectual, e à grande rede que teceu estando próximo a Hercílio Luz e com suas boas relações com outros governadores como Adolfo Konder. Transitou entre várias estâncias de consagração intelectual catarinense e cariocas. Reuniu patrocinadores, compradores para o levantamento de hermas, compradores para quadros em exposições de artes com objetivo de lançar seus protegidos no mercado das artes em formação. Com isso, tentou agregar mais uma faceta ao Estado de Santa Catarina, a imagem de um estado produtor de Belas Artes procurando contrapor uma imagem de estado atrasado culturalmente. Deste modo, vemos suas ações como mecenas inseridas em um projeto de engrandecimento para a sua “Pequena Pátria”, assim como foram o Centro Catharinense do Rio de Janeiro, suas revistas e o Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina/IHGSC, duas instituições-chave para se entender o Mecenato Boiteux dentro dos projetos culturais para Santa Catarina (HARO, 2019, p.26).

Tal percepção já havia sido debatida também por Arnaldo S. Thiago, que considera José Boiteux como “O grande animador, em nosso Estado, no século vinte, de todas as iniciativas de natureza cultural e educacional, que foram registradas (...)” (THIAGO, 1957, p.113). No caso dos intelectuais da chamada Geração da Academia, dentre os seus principais

---

(MATOS, 2014, p.83). Sobre o Instituto, sua revista, a produção de seus membros, dentre outras discussões, cf. (GONÇALVES, 2006). Para uma lista dos Sócios que assumiram cargos na Diretoria e em algumas comissões e conselhos do IHGSC, cf. (GONÇALVES, 2006, p.361-364). Outras informações sobre o Instituto podem ser encontradas em: (THIAGO, 1957, p.321-322).

<sup>8</sup> Sobre o Partido Republicano Catarinense cf. (PIAZZA, 1994, p.567-582)

<sup>9</sup> Segundo Jali Meirinho: “Lauro Muller [1863-1926], egresso com formação positivista da Escola Militar, aos 25 anos governou o Estado, em 1889. Depois foi deputado federal, senador da República, Ministro de Estado, mantendo Santa Catarina no núcleo do poder federal. Em nível local não alcançou o prestígio popular de Hercílio Luz. Porém, habilidoso, insinuou-se na cúpula do governo nacional, de onde, à sombra da política dos governadores, manipulou as peças da vida barriga-verde. Assim, com apoio do poder central e dispondo dos fundos públicos, desde 1889 até o final da vida, pacificando ou conflituando, formou-se como um dos chefes oligárquicos”. (1997, p.125-126). Sobre a trajetória de L. Muller cf. também (PIAZZA, 1994, p.477-478). Importante mencionar que L. Muller, que nasceu em Itajaí e faleceu no Rio de Janeiro, foi membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da ACL.

atuantes é possível destacar: Altino Flores<sup>10</sup>, Othon Gama d'Eça<sup>11</sup> e Tito Carvalho.<sup>12</sup> Ainda com relação à Academia, Matos escreveu as seguintes considerações:

O termo “Geração da Academia” serviria, então, para designar a elite cultural do período reunida em torno da fundação desta instância de consagração, a Academia Catarinense de Letras. Sob os auspícios do Governo, estes homens de letras fizeram literatura e política, criaram instituições, organizaram eventos, publicaram livros, editaram periódicos, ocuparam cargos públicos e se consagraram como a elite intelectual do Estado na Primeira República, posição contestada pela hagiografia literária apenas ao fim da década de 1940, com a ascensão do grupo modernista do Círculo de Arte Moderna (MATOS, 2014, p.34)

Neste momento, convém frisar alguns pontos, desde a proximidade da atuação dos intelectuais com os governantes e a organização desse primeiro grupo em associações. Isto poderia servir também para viabilizar melhor as suas atividades que, de modo geral, eram diversificadas. A partir do que foi escrito até o momento, chega-se a um ponto que se aproxima um pouco mais com a proposta desta pesquisa: o conhecido *intervalo* entre a passagem da Geração da Academia para o Grupo Sul, pois, justamente sobre esses anos, Celestino Sachet escreveria que o Grupo Sul seria o responsável por despertar Florianópolis “do marasmo em que viveu durante 15 anos”, de 1930 a 1945 (SACHET, 1979, p.110). Sobre este tema, outra leitura semelhante da História da Literatura de Santa Catarina foi realizada pelo escritor do Grupo Sul Salim Miguel<sup>13</sup>. O autor trata os escritores da Ideia Nova, da Geração da Academia e do Grupo Sul como Ilhas Culturais que fizeram parte da História de SC.

<sup>10</sup> Altino Corsino da Silva Flores (1892-1983) foi um dos fundadores da ACL. Dentre os locais que estudou estão o Colégio Coração de Jesus, Liceu de Artes e Ofícios e o Ginásio Catarinense, que não pode concluir por dificuldades financeiras. Logo cedo trabalharia em periódicos da capital, além de ter fundado vários deles. Destaca-se que foi redator, diretor e proprietário do jornal diário “O Estado” de 1925 a 1944, considerado à época o mais importante diário de Santa Catarina. Foi um escritor polemista, principalmente na troca de farpas com membros do Grupo Sul. Também trabalhou junto ao Estado, foi professor da Escola Normal, inspetor escolar, diretor geral de Instrução Pública e Chefe da Casa Civil de diversos governadores. (SACHET, 2012); (JUNKES, 2010).

<sup>11</sup> Othon da Gama Lobo d'Eça (1892-1965) nasceu em Florianópolis filho de Nuno Gama d'Eça e Maria Luísa Crespo da Gama Lobo d'Eça. Neto do Marechal Manoel de Almeida da Gama Lobo d'Eça (1828-1894) (conhecido por Barão do Batovi), que participou da Guerra do Paraguai e do levante Federalista. O Marechal foi morto fuzilado junto de outros revoltosos na Fortaleza de Anhatomirim em decorrência de sua participação neste levante. Othon Gama d'Eça estudou no Ginásio Catarinense e formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Em sua carreira foi Docente Livre de Direito Romano na Faculdade de Santa Catarina, escritor, dentre outras atividades. Duas de suas principais obras são: “Homens e algas” (1957) e “Cinza e Bruma” (1918). Sobre essas informações e mais dados sobre O. G. d'Eça cf. (FURTADO, 2015); (MATOS, 2014); (GOMES, 1990); (SACHET, 1979, p.102-103); (SOARES; WOLFF, 1992).

<sup>12</sup> Tito Carvalho (1896-1965) foi introdutor do Regionalismo na literatura de Santa Catarina. Foi jornalista profissional, atuando desde redator a diretor da Agência de Notícias. Ocupou a cadeira de nº13 na ACL, instituição que também foi um dos fundadores. (SACHET, 1979, p.104).

<sup>13</sup> Salim Miguel (1924-2016) nasceu no Líbano, mas em 1943 mudou-se para Florianópolis. Foi um dos iniciadores do movimento que ficou conhecido como Grupo Sul. Escreveu diversos contos, livros além de ter participado

Por um lado, Miguel sustenta que a noção de Ilha Cultural se relaciona às dificuldades de transporte e comunicação da capital catarinense, isto é, a uma ideia de isolamento, e por outro estariam as dificuldades de manter atividades culturais de forma mais constante. Segundo o autor:

Outro fato ligado à atividade cultural facilmente detectável: aqui ela sempre se processou através de ciclos mais ou menos estanques. Tome-se como ponto de partida o final do século passado: provocando a pacata cidadezinha, a “Ideia Nova”, de Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. Há então um interregno até a década de 20, com o movimento que desembocaria na Academia Catarinense de Letras. (MIGUEL, 1986, p.13)<sup>14</sup>.

Não é papel dessa pesquisa “cobrar” um estudo sobre o que faltou na cidade entre a Ideia Nova e os membros da ACL, no entanto, convém evidenciar o modo como o autor narra a história da literatura de Santa Catarina nesse início do século XX, ou seja, destacando discontinuidades ao mesmo tempo que parece consagrar certas correntes e determinados intelectuais, o que também, de certa maneira, Sachet realiza ao selecionar autores como representantes e sintetizar algumas das principais produções etc.

Ainda no caso de Salim Miguel sobre o período que se propõe investigar, ao destacar a atuação dos membros da ACL em 1920, ele escreve que após suas atividades haverá uma interrupção nas letras catarinenses, “e chegamos aos anos 40/50, ao chamado Grupo Sul que trouxe um sopro de renovação e inquietação”. Segundo Miguel: “De lá para cá são movimentos flutuantes que não se fixam nem consolidam. (...)” (MIGUEL, 1986, p.13). O termo “interrupção” sugere uma perda que somente será retomada posteriormente, mas pouco auxilia a compreender a natureza do que foram os anos 1930, quais forças atuaram, quais atividades predominaram etc.

Outra perspectiva próxima encontra-se na organização da obra “Panorama do Conto Catarinense” de Iaponan Soares. Logo após ao capítulo da Geração Simbolista encontra-se o de título Geração da Academia, seguido imediatamente de Grupo Sul. Além disso, ao tratar deste último grupo, Soares descreve o mesmo como o “movimento literário responsável pela renovação das letras catarinenses nos últimos anos da década de 40” (SOARES, 1974, p.77).

Algo que se percebe é que tanto no caso de Soares quanto no de Miguel, parece haver uma maior preocupação com estilos de escrita ou afiliação estética dos autores. Tal aspecto

---

ativamente na imprensa. Também foi editor, dono de livraria e fundador da revista “Sul”. (SACHET, 1979); (THIAGO, 1957, p.413-414).

<sup>14</sup> Esse livro reúne trabalhos publicados em diversos órgãos da Imprensa ao longo de 1976 e 1985 por Salim Miguel.

pode ser relacionado com os membros do Grupo Sul se proclamarem como “modernos”, que souberam interpretar os novos ventos soprados pela renovação estética trazida pela Semana de Arte Moderna de 1922.<sup>15</sup> Sobre esse aspecto, Lauro Junkes, que foi colega de Aníbal Nunes Pires - membro do Grupo Sul - no curso de Letras da UFSC, escreveu as seguintes palavras:

Com atraso de um quarto de século em relação à Semana de Arte Moderna, e à custa de duras penas, vencendo resistências e polêmicas, formou-se a partir de 1946-7, o Círculo de Arte Moderna em Florianópolis, grupo de jovens interessados na renovação do ambiente artístico-cultural do Estado, com o que, finalmente, chegaram a Santa Catarina as ideias e a estética modernistas, renovando o teatro, as artes plásticas, o cinema e, sobretudo, a literatura. Mais tarde o movimento tornou-se conhecido como “Grupo Sul”. Órgão importante de divulgação do grupo foi a Revista SUL, de circulação nacional e internacional, de que foram editados 30 números entre 1948 e 1958, quando o grupo, tendo cumprido sua missão, se desintegrou. **Esse foi o mais importante movimento cultural de todos os tempos no nosso Estado.** (JUNKES, 1992, p.29 / grifos meus).

Junkes<sup>16</sup> parece propor um corte rígido entre dois momentos além de evidenciar descontinuidades entre diferentes gerações. Também é possível perceber que o autor diminui em relevância demais atividades anteriores que inclusive podem ter condicionado o surgimento do Grupo Sul. Uma perspectiva semelhante se encontra no prefácio de outro livro de Junkes, na qual Ernani Bayer (que foi reitor da UFSC de 1980 a 1984) descreve a cidade de Florianópolis como pequena e acomodada na época em que o Grupo Sul iniciou um “sopro renovador nas letras e nas artes” (BAYER, 1982, s/p).

Nesse caminho de interpretação, na obra “História da Cultura Catarinense” o historiador Carlos Humberto Correa descreve que os anos 1930 foram marcados por uma “completa inércia cultural no Estado”, (CORRÊA, 1997, p.196). Ao estudar a atividade literária em SC, Correa discorre acerca do grupo Ideia Nova, a participação de Lauro Müller na

---

<sup>15</sup> Sobre os autores da Geração da Academia não terem sabido interpretar o movimento Modernista ou não terem tido conhecimento ou interesse isto não será debatido neste trabalho. Já nos livros de Celestino Sachet há boas considerações sobre o tema e que foram aprofundadas por Felipe Matos (2014). Além disso, tal tema precisa levar em conta a construção que a elite intelectual paulista realizou sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, o que é muito bem evidenciado por Mônica Pimenta Velloso (2010). Henrique Pereira Oliveira também já teceu críticas a este modo de ler a história da arte em SC, pois, considerar que houve um atraso numa tal vinda dos ideais modernistas para SC supõe que “deveria existir uma evolução homogênea das artes nas diferentes regiões. (...) Hoje sabemos que não existe um modo ‘correto’ de desenhar ou de pintar, sabemos e aceitamos que estes modos variam de sociedade para sociedade e de época para época”. (OLIVEIRA, 2004, p.12).

<sup>16</sup> A crítica de Lauro Junkes deve ser compreendida muito mais como um elogio ao Grupo Sul do que uma análise do ambiente de sua formação ou sobre as gerações anteriores. Convém mencionar que o autor escreve, apesar de brevemente, também acerca de intelectuais que não se filiaram à ACL nos anos 1920. (JUNKES, 1992, p.27-28).

Academia Brasileira de Letras, a Revista “Terra” e a ACL, minorias intelectuais e o Centro Catarinense de Letras (CCL)<sup>17</sup>, além dos intelectuais ligados ao Grupo Sul.

Correa propõe que a morte de Hercílio Luz foi um dos motivos para o que considera como uma decadência da ACL no período de 1924/25, além das mudanças políticas no Estado e o afastamento de Boiteux da Presidência dela. Tais fatores corroboraram para a necessidade da criação de outra entidade integrada por membros descontentes da ACL e outros que eram considerados por seus opositores como menores (CORRÊA, 1997, p.162-164). Esta seria o CCL, fundado em 1925.

Sobre este mesmo tema, Matos escreve que a ACL perderia importância com a morte de Hercílio Luz em 1925 e a ascensão ao governo do Coronel Antônio Pereira da Silva e Oliveira, que não era aliado dos membros da Academia. Este governador reorganizaria os cargos públicos de confiança, substituindo José Boiteux e os hercilistas, marcando o fim do apoio governamental à ACL e o IHGSC, que eram mantidas por Hercílio Luz (MATOS, 2014, p.75). Nas palavras de Matos:

Neste momento de reorganização política, alguns membros da Academia se juntaram aos literatos então considerados “menores”, excluídos do sodalício, para se organizarem em torno de outra entidade, o Centro Catarinense de Letras, com total apoio do novo governador. / Se os intelectuais da Academia consideravam o período hercilista como aquele que “regenerou” a vida cultural do Estado, mesmo discurso foi adotado por aqueles agora aliados do Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira (MATOS, 2014, p.75).

Percebe-se como a produção cultural dependia muito do apoio Estado para viabilizar suas atividades, assim, mudanças de governo ou instabilidades políticas poderiam dificultar esta produção. Nesse sentido, a organização de intelectuais em torno do CCL, seria mais um indício de uma nova dinâmica política do que necessariamente de uma “perda” de força dos intelectuais da época ou de suas produções.

Ao tratar especificamente dos anos posteriores à chamada Revolução de 1930, Correa cita uma série de intelectuais da época que se ligaram ou fundaram vários grupos ou associações políticas, além de também escrever que a produção intelectual nacional dos anos 1930 era

---

<sup>17</sup> O Centro Catarinense de Letras foi fundado em 1925 por alguns intelectuais descontentes com os destinos da ACL, além de outros que eram considerados “menores” por intelectuais em posições dominantes no Campo Literário local e que não encontrariam espaço nessa instituição. Dentre os sócios fundadores estão: Ildefonso Juvenal, Hermínio Milis, Lupércio Lopes, Trajano Margarida, Waldemar Luz, Porfírio Gonçalves, Rodolfo Bosco e Nelson de Almeda Coelho. O Centro publicou uma revista de título “Revista do Centro Catarinense de Letras”. Sobre este Centro. Cf. (MATOS, 2014). O acervo da BPSC contém os exemplares de nº1 e 3 dessa revista, ao que parece não foram publicados outros posteriormente.

caracterizada por importantes ensaios de caráter político e social, mas o que não se seguiu em Santa Catarina. Nas palavras do autor:

(...) a única instituição de nível superior em Santa Catarina era a Faculdade de Direito, fundada em Florianópolis em 1932. Somente onze anos depois, em 1943, foi criado outro curso superior, o de Administração e Finanças. Os professores de Direito, principalmente, por não terem o hábito da produção intelectual e científica, além da prática forense a que se dedicavam, não desenvolveram em seus alunos as bases necessárias para a criação intelectual além da literatura, à exceção de alguns poucos. (CORRÊA, 1997, p.203)

Correa também assevera que neste período em SC não se permitiu que surgissem novas elites intelectuais, acadêmicas ou não, “pois ainda existia o controle sobre as diversas atividades profissionais” (CORRÊA, 1997, p.204). Além disso, se a divulgação literária foi o que caracterizou a imprensa escrita até os fins dos anos vinte, nos anos 1930 isso não iria existir mais:

Os jornais, sem páginas literárias específicas, não mais publicavam poemas ou ensaios produzidos por intelectuais, e as revistas semanais ou mensais, voltadas para a divulgação cultural, como as que se conhecia vinte anos atrás, haviam desaparecido. (CORRÊA, 1997, p.204).

Por outro lado, durante a pesquisa foi possível perceber que, ainda em diversos periódicos, eram publicadas poesias ou crônicas durante os anos 1930, tendo sido possível também mapear algumas sessões específicas para produções literárias. Por exemplo, entre os anos de 1931 e 1933 circularia a página semanal “Domingo Literário” no jornal diário editado em Florianópolis “República”. Segundo consta, a página sempre teve em sua direção a escritora Maura de Senna Pereira<sup>18</sup>, que também já colaborava assiduamente com textos literários no mesmo periódico. No decorrer desta sessão foram publicados principalmente poemas ou crônicas, com autores diversos, com muitos nomes de membros da CCL como Odilon Fernandes, Arnaldo Santiago e Agenor Nunes Pires, do membro da ACL Othon Gama d’Eça e Barreiros Filhos que fez parte das duas organizações.

Seguir-se-ia temporalmente a página de título “Colaboração Literária”, que foi veiculada no jornal diário de Florianópolis “A Gazeta” entre 1934 e 1936 (o jornal circulou de

---

<sup>18</sup> Maura de Senna Pereira (1909-1992) nasceu em Florianópolis, foi professora, jornalista e escritora. Formou-se pela Escola Normal Catarinense, foi sócia da ACL (entrando na agremiação em 1930), fez parte do IHGSC, foi redatora do jornal “República”, além de ter publicado vários livros. É considerada como uma das maiores expressões femininas da literatura catarinense. (THIAGO, 1957, p.328-329; MACHADO, 2001, p.142-144; SILVEIRA, 2011).



1934 a 1939). Ela foi organizada pelo intelectual paranaense Ladislau Romanowski. Foram encontradas cerca de 27 páginas de “Colaboração Literária”, onde diferentes autores publicaram textos literários, como crônicas, poesias e eventualmente, outros tipos de textos. A quantidade de autores em cada uma das páginas também variou, mas normalmente, entre 3 ou 4 diferentes pessoas publicavam na mesma edição. Dentre os nomes é possível destacar os membros da ACL Othon Gama d’Eça e João Crespo, e o membro do CCL Trajano Margarida.

Essas duas seções dedicadas às Letras possibilitam perceber como, mesmo na ausência de Revistas voltadas para este fim e em uma época de agitações políticas, os intelectuais ainda construíam ou buscavam espaços capazes de expor suas produções literárias. Além disso, mesmo com estas instituições – CCL e ACL - não tendo força para organizar impressos próprios, alguns de seus membros continuavam atuantes em atividades culturais. Ademais, a presença de sócios de agremiações distintas em um mesmo espaço pode ser interpretada tendo em vista a raridade das oportunidades e locais para a divulgação de seus trabalhos, o que parecia já ocorrer anteriormente. A partir desses exemplos, e outros que serão problematizados no decorrer deste trabalho, é possível começar a demonstrar alguns dos limites das abordagens que não tomaram certas produções dos anos 1930 como indícios de uma produção cultural relevante de ser estudada ou mencionada.

Agora, com relação às Revistas publicada em Florianópolis, já em “Ilha Verde” de 1930 e ainda mais em “Renovação” de 1931 também seria encontrado de maneira mais sistemática textos literários de diferentes escritores. Sobre este tema, pode-se retomar o estudo de Antônio Luís Machado Netto, que assevera que na vida intelectual brasileira de 1870 a 1930 predominava a atividade literária entre os intelectuais à época, seja através da publicação de livros, crônicas, poesias ou sonetos, por exemplo (MACHADO NETO, 1973, p.11). No que foi possível averiguar, parece que os impactos dos acontecimentos de 1930 iriam ser sentidos na produção cultural no decorrer destes anos, com os intelectuais interagindo com a nova realidade política, mas não abandonando a escrita literária de maneira abrupta. Nesse sentido, parece que o período de 1930 a 1945 não foi um deserto de ideias ou de atividades culturais.

Em linhas gerais, a investigação que foi realizada nos periódicos nestes anos percebeu que houve uma constante publicação de textos de viés cultural nos anos 1930, tendo havido também a permanência da busca por uma certa filiação com as personalidades políticas ou outros membros da elite da época por parte dos intelectuais. É certo também que, no caso dos jornais culturais, no decorrer dos anos 1930 eles deixariam de ser publicados, principalmente durante o Estado Novo, quando esse tipo de imprensa parece que não encontraria mais espaço

para circulação, o que não apaga a participação de seus responsáveis em outras atividades culturais.

Ainda com relação às ideias de Carlos Humberto Correa, ao mesmo tempo que escreve sobre esse “marasmo cultural” dos anos 1930, o autor também reitera que a ACL continuava com o mesmo ponto de vista estético-literário, “com Altino Flores, Othon Gama d’Eça e outros, ditando o gosto oficial”. (CORRÊA, 1997, p.206). Conforme pretende-se argumentar no decorrer deste trabalho, outros também estariam engajados junto à imprensa nestes anos, tendo sido possível inclusive encontrar publicações de Altino Flores e Gama d’Eça em impressos organizados por outras figuras, isto é, não necessariamente em uma posição capaz de dirigir a corrente estética ou linha editorial das publicações, tal qual parece ter ocorrido também nas seções “Domingo Literário” e “Colaboração Literária”.

De certa forma, muitas das leituras levantadas até agora parecem partir de certos *pressupostos*, por um lado, conforme Felipe Matos discorre, há um modelo interpretativo que associa o Grupo Sul à vanguarda paulista de 1922, que parece ter servido apenas como ferramenta discursiva na desqualificação de seus adversários de contendas culturais (MATOS, 2014, p.36). Além disso, percebe-se que muitos dos autores tendem a diminuir em importância o que poderia estar sendo gestado nos anos de 1930. Sobre este ponto, Jali Meirinho evidencia a necessidade de se aprofundar a natureza desse período, pois, ao mencionar a ocorrência do 1º Congresso de História Catarinense em 1948<sup>19</sup> na capital, torna-se explícito que muito estava em gestação ou em plena atividade durante os anos 1930 (MEIRINHO, informação verbal, 2019<sup>20</sup>).

Ainda sobre estes anos, o próprio Celestino Sachet, em um outro momento, iria afirmar que parece ter havido nestes anos a passagem para uma nova valorização, uma troca de épocas e gerações na Literatura dos Catarinenses. (SACHET. Informação verbal, 2019), isto é, o autor não parece se firmar ao modelo que caracterizaria os anos 1930 como de ausência de produção cultural. Desta forma, com base nessas informações e interpretações que podem tornar o *olhar* sobre os anos 1930 mais precavido, parece ser possível avançar em outros debates sobre o período, principalmente no que tange às discussões políticas, pois, parece ser possível sustentar que os debates em torno da ausência/presença de produções culturais ou sobre um certo

---

<sup>19</sup> O 1º Congresso Catarinense de História ocorreu em 1948 e foi patrocinado pelo IHGSC. O Congresso marcaria também as comemorações do “Segundo Centenário da Colonização Açoriana”. Sobre o Congresso e mais discussões historiográficas sobre SC cf. (GONÇALVES, 2006). Os Anais do Congresso estão disponíveis para consulta no setor de obras raras da Biblioteca da UFSC.

<sup>20</sup> As conversas com Celestino Sachet e Jali Meirinho ocorreram respectivamente em 18/04/2019 e 22/04/2019. As informações acima foram repassadas pelos autores em conversa informal nesses dias.

“marasmo cultural” fazem parte de um debate de classificação e imposição de uma “visão legítima”<sup>21</sup> sobre o que foi este período a fim de legitimar a ação de certos grupos de um outro momento, canonizar determinadas produções, correntes estéticas e certos autores.

Sobre a política desta época, as décadas iniciais do século XX no cenário nacional, e mesmo mundial, contou com discussões intensas e constantes. Os anos 1930 foram precedidos pela efervescente década de 1920, com lutas operárias e a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a Semana de Arte Moderna com novas linguagens artísticas e literárias, a revista “A Ordem” e o Centro Dom Vital que mobilizaram o laicato católico, a revolta tenentista do Forte de Copacabana, entre outras manifestações políticas e culturais.

Assim, não é estranha a percepção de que questões políticas ganharam relevância no decorrer desses anos, pois, já nessa primeira fase dos anos 1930 viveu-se um clima de indefinição em que diversos projetos políticos floresceram pelo Brasil.<sup>22</sup> Houve embates entre grupos políticos como os comunistas, os tenentistas, os liberais, adeptos do movimento de inspiração fascista chamado Ação Integralista Brasileira<sup>23</sup> (AIB), dentre outros.

Nesse sentido, se nos anos 1920 houve uma explosão de atividade política no país, conforme João Fábio Bertonha discorre (2018, p.79), o historiador Luiz Felipe Falcão evidencia que nos anos 1930 havia uma conjuntura marcada por agudas tensões internacionais, palpitantes debates quanto aos destinos país, em que os que se achavam desiludidos com a situação vigente procuravam uma agremiação onde se filiar (2000, p.126).

No caso de SC, no decorrer dos anos 1930 houve a ascensão ao poder da oligarquia Ramos, que apoiou a Aliança Liberal,<sup>24</sup> ligada a Getúlio Vargas, assim, tal grupo aos poucos toma o controle do Estado que estava sob domínio da oligarquia Konder do período final dos

<sup>21</sup> Com relação à importância da linguagem e o seu poder simbólico cf. (BOURDIEU, 1996A). As discussões de Bourdieu sobre esta temática reiteram como o acesso aos instrumentos legítimos de expressão faz toda a diferença no momento de se tornar um porta-voz autorizado ou não (BOURDIEU, 1996A, p.88-89). A partir disso, pode-se dizer que a *eficácia* dos discursos mencionados sobre os anos 1930 está relacionada desde com o projeto para a posteridade de seus próprios produtores, mas também com os atributos sociais daqueles que reforçaram esse discurso de *vazio cultural* dos anos 1930, sendo que, foram figuras de grande projeção intelectual que trataram o período desta maneira, o que auxilia a compreender a *crystalização* dessa visão.

<sup>22</sup> Sobre os anos de 1930 a 1937 no Brasil cf. (PANDOLFI, 2007)

<sup>23</sup> A Ação Integralista Brasileira foi um movimento político de inspiração fascista que foi fundado em São Paulo em 1932 por Plínio Salgado, construído como chefe supremo da organização. O movimento tinha como lema “Deus, Pátria e Família”, com o comunismo sendo considerado o principal inimigo a ser combatido. A AIB expandiu rapidamente pelo Brasil, sendo possível encontrar indícios sobre sua presença em SC já em 1934. Para discussões sobre a AIB em uma perspectiva nacional cf. principalmente: (TRINDADE, 1979) & (CAVALARI, 1999).

<sup>24</sup> A Aliança Liberal não foi necessariamente um partido político, mas um movimento liderado pelo Rio Grande do Sul e Minas Gerais com o propósito de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa. Em 1931, em SC, a Aliança se transformaria em um Partido Político, Partido Liberal Catarinense. Seu primeiro presidente foi Nereu Ramos, tendo Henrique Rupp Júnior como vice. Suas atividades encerraram em 1937, com o Golpe de 1937. Sobre essas informações e outras sobre esse movimento e partido em SC cf. (PIAZZA, 1994, p.557-561).

anos 1920 até 1930. Esses dois grupos ganharam projeção no início do século XX, tendo ascendido com maior força nos anos 1920. No caso de Konder, este sucedeu e possuía um maior alinhamento com o governo e a figura de Hercílio Luz.

A troca do comando das oligarquias se tornou uma questão chave para compreender algumas das transformações, perseguições políticas e mudanças sociais desse período, tais como as ações que castigaram as regiões de colonização alemã<sup>25</sup> durante a interventoria de Nereu Ramos<sup>26</sup> no período do Estado Novo<sup>27</sup> ou mesmo a adesão de uma parte considerável de catarinenses para as fileiras da AIB. A própria escolha de aderir à AIB também pode ser mais bem compreendida, dentre outros aspectos, tendo em vista a pouca possibilidade de se participar de atividades político partidárias junto aos partidos mais tradicionais da época<sup>28</sup>. Ou seja, a disputa entre essas oligarquias iria pautar uma série de questões políticas do período, além de condicionarem a movimentação e estratégias dos intelectuais.

De qualquer forma, como já foi exposto, Hercílio Luz faleceu em 1924, o que alguns autores retomam como um fator relevante que alterou a dinâmica das letras catarinenses. Sachet escreveu que em 1922, quando Luz iniciava para não terminar outro mandato de Governador, o novo secretário do Interior e Justiça, Capitão Joe Collaço, não conseguiria dar “às belas letras catarinenses, a seiva de que sempre necessitaram: o amparo do Poder Público indispensável à sua sobrevivência. / Com a saída de José Boiteux, [desta] Secretaria, começa a fechar-se o Período de Ouro da Geração da Academia (SACHET, 1974, p.144). Além disso, em 1934 faleceria José Boiteux, outro entusiasta das letras catarinenses.

Sobre esses anos, Sachet também escreveria:

A Revolução de 1930, a morte de José Boiteux em 1934; a entrada de Nereu Ramos para o Palácio do governo em 1935, e o golpe de Estado de 1937, desviaram os acadêmicos para outros ideais e a Academia, durante o decênio viveu de portas fechadas. Evaporada a proteção do Poder; perdidos os líderes que não mais se abrigavam à sombra do Palácio, aconteceu com a Academia o que, desde Gama Rosa, vinha ocorrendo com a nossa cultura: o destino prometeico de mortes e ressurreições cíclicas passou a percorrer espaços

<sup>25</sup> Sobre a questão da educação e escolas dessas regiões cf. (CAMPOS, 2008) e (HACKEENHAR, 2014).

<sup>26</sup> Nereu Ramos (1888-1958) é natural de Lages, filho de Vidal José de Oliveira Ramos Júnior. Cursou o Colégio N. Sra. Da Conceição em São Leopoldo (RS) e bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito de S. Paulo (1909). Foi deputado representativo do Estado (1911), deputado estadual (1919-1921). Participou da chamada “Reação Republicana” (1922), integrou a “Aliança Liberal”, deputado à Câmara dos Deputados (1930-1932), Deputado Federal à constituinte Nacional (1934) e Deputado de 1934-1937. Governou SC de 1935-1937 e foi Interventor Federal no Estado de 1937-1945. (PIAZZA, 1994, p.646-647).

<sup>27</sup> As regiões de colonização alemã, no do Vale do Itajaí, tinham uma maior tradição de apoio ao grupo Konder.

<sup>28</sup> A bibliografia sobre a AIB em SC tem crescido nos últimos anos. Alguns dos estudos atuais e outros já consagrados são: (GERTZ, 1987). (FALCÃO, 2000); (ZANELATTO, 2007); (PONTES, 2013, 2016); (HACKENHAAR, 2014, 2019).

siderais até que um Henrique Fontes, em 1938<sup>29</sup>; um Othon d'Eça em 1947<sup>30</sup> e, ainda uma vez mais, em 1958, ou um Nereu Corrêa, 1967<sup>31</sup>, se colocassem à frente para se comprovar que *imortais* não foram ou não são os integrantes do grupo. Imortal é a ideia acadêmica que os fundadores de 1920 entregaram às gerações que foram (e vão) chegando. / A Geração da Academia não se preocupou em editar as respectivas produções. O Grupo se ateu às atividades culturais no magistério, na imprensa e na própria Academia. Ao lado do ficcionista Tito Carvalho e do poeta Barreiros Filho, José Arthur Boiteux fez a opção pela pesquisa histórica e Henrique da Silva Fontes, pela pesquisa gramatical, linguística e pedagógica. (SACHET, 2012, p.82).

Do que foi possível perceber das atividades da ACL, parece que mais ao final dos anos 1930 houve uma maior movimentação da Instituição, principalmente na realização de eventos que seriam noticiados pela imprensa. O mesmo parece ter ocorrido com o IHGSC, quando após 1937, no momento em que uma maior estabilidade política se consolidou pelo Brasil e em terras catarinenses, parece terem sido mais recorrentes as suas atividades. Por outro lado, é importante ter em vista que em 1932 houve a fundação da Faculdade de Direito<sup>32</sup>, cujo idealizador e fundador foi também José Boiteux, além de ter contado com a importante participação de Henrique Fontes<sup>33</sup> e do desembargador Américo Nunes. Ou seja, houve uma grande movimentação intelectual já no início dos anos 1930, com a constituição de uma instituição capaz de ofertar a um número significativo de intelectuais a carreira docente em um curso superior.

De maneira geral, parece viável sugerir que muitas análises focadas em questões culturais, ao mesmo tempo que centraram suas atenções nas produções do Grupo Sul e na Geração da Academia, pouco investigaram a dinâmica social dos anos 1930 em articulação com este tema, o que também está relacionado com os seus próprios objetivos e delimitações de objeto de estudo. Pode-se sugerir a Era Vargas em Florianópolis e suas atividades culturais

<sup>29</sup> Provável referência à publicação do livro “Conselheiro Jose Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Melo” que foi uma conferência de Henrique Fontes proferida no IHGSC. O impresso foi publicado em 1938 pela Livraria Central em Florianópolis.

<sup>30</sup> É possível que o autor se refira à obra “Homens e algas” de Othon d'Eça que foi publicada em 1957. Talvez tenha havido algum erro de digitação neste trecho. Pelo que foi possível levantar em bibliografias sobre Gama d'Eça, não foi encontrada qualquer obra ou publicação de maior renome do mesmo em 1947. Sobre a trajetória de Gama d'Eça e demais atividades realizadas separadas por ano cf. (GRILLO, 2018).

<sup>31</sup> Não se sabe a que se refere este ano. Talvez tenha havido alguma conferência dele no IHGSC ou outra publicação que não foi possível ter contato.

<sup>32</sup> Sobre a Faculdade de Direito cf. (BARBOSA, 1982).

<sup>33</sup> Henrique da Silva Fontes (1885-1966) nasceu em Itajaí SC. cursou o Ginásio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo RS, em 1908 iniciou, mas não terminou o estudo na Escola Politécnica no Rio de Janeiro. Em 1910 passou a residir em Florianópolis, onde lecionou no Ginásio Catarinense e na Escola Normal Catarinense de 1910 a 1917 e 1911 a 1918, respectivamente. Em 1927 colou grau na Faculdade de Direito do Paraná. Foi Diretor da Instrução Pública de Santa Catarina de 1919 a 1926, Secretário de Viação e Obras Públicas de 1926 a 1929, Juiz Federal Substituto de 1929 a 1934, Juiz e Procurador do Tribunal Eleitoral de 1932 a 1934, Procurador Geral do Estado de SC de 1934 a 1937, Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina de 1937 a 1945. (HENRIQUE DA SILVA FONTES, s/data).

parecem oportunizar novas investigações, a fim de explorar suas particularidades e relacionar como as transformações políticas que ocorreram no Estado com a “Revolução de 1930” incidiram sobre o Campo Intelectual. A proposta que segue, também com base nisso, argumenta que o estudo das Revistas possibilita jogar mais luz sobre esses pontos que no desenho permaneceram hachurados ou sob efeito de sombras.

Percebe-se também que ultimamente uma série de estudos têm levantado novos debates sobre a cultura catarinense, a construção de memória dos próprios grupos culturais ou de terceiros, e que buscaram refletir sobre outras agremiações além da ACL e seus membros, principalmente nas investigações que abordaram a Primeira República. Dentre os estudiosos, Matos, que investigou de maneira mais sistematizada a Primeira República em Florianópolis com seus grupos culturais e instâncias de consagração, como a própria ACL, também teceu algumas considerações sobre o CCL. A fundação do CCL ocorreu nas dependências da União Beneficente Recreativa e Operária (UBRO) sob o discurso de ser democrático. Seus membros buscaram uma aproximação com o atual governador de SC à época, Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira. Além disso:

Os intelectuais reunidos ao redor do Centro Catarinense de Letras buscaram criar a autoimagem de “abolicionistas” das Letras catarinenses, os responsáveis pela quebra dos “grilhões dessa escravidão do pensamento”. Aceitando em seus quadros intelectuais negros e mulheres, o Centro também se coligou com a Liga do Magistério Catarinense, composta apenas de mulheres e que tinha a poetisa Maura de Senna Pereira como oradora. (MATOS, 2014, p.76)

Dentre outros estudos que investigaram mais grupos culturais em Florianópolis nessa época, pode-se destacar o TCC de Elisa Borges sobre o Centro Cívico e Recreativo José Boiteux (CCRJB), fundado em 1920 e que reuniu, conforme está explicitado em seu estatuto, homens de cor com o intuito de “levantar a herma do poeta Cruz e Sousa em alguma praça pública de Florianópolis, além de proporcionar aos seus associados a instrução cívica e literária, e recrear os mesmos e suas famílias” (BORGES, 2019, p.23).

Assim como a pesquisa de Matos que investigou disputas pelo poder e mesmo a construção de uma memória sobre essa primeira metade do século XX em SC no que tange a algumas de suas atividades culturais e seus intelectuais, o trabalho de Borges possibilita compreender como a vida cultural não se desenvolve em um vazio político, social e econômico. A aproximação com as personalidades políticas e a busca por apoio eram recorrentes em diversos níveis, como caso desse Centro em que o seu próprio nome expressa uma aproximação e busca de apoio com José Boiteux.

O trabalho de Borges, assim como o de Matos que mapeou uma série de associações em Florianópolis durante a Primeira República possibilitam compreender que a associação em grupos culturais e/ou políticos não se deu somente pelas chamadas “elites intelectuais”. Por diferentes motivos e em busca de benefícios ora práticos ou simbólicos, as mais variadas pessoas se associaram durante essa época, com o revés de que nem todos os grupos tiveram a mesma projeção no momento ou a posteriori.

Nesse esforço de renovação de estudos, é possível destacar a publicação de dois livros como integrantes de discussões sobre personagens que receberam pouca atenção anteriormente: “Trajano Margarida: poeta do povo” organizado por Luana Teixeira e Lucécia Pereira e “Ildefonso Juvenal da Silva: um memorialista negro no Sul do Brasil” organizado por Fábio Garcia. Além de darem visibilidade a produções desses dois intelectuais negros através da publicação de parte de seus escritos, na apresentação dos respectivos livros são encontrados dados sobre suas trajetórias e demais aspectos de suas produções. (TEIXEIRA; PEREIRA, 2019); (GARCIA, 2019).

Ainda com relação aos estudos que abordaram a produção literária ou essas gerações intelectuais da Primeira República, a dissertação de Cecília de Souza Reibnitz investigou a revista “Terra”, suas distintas fases, mudanças gráficas, a escolha de autores e sociabilidades, além da construção do espaço privilegiado deste impresso na História da Literatura de Santa Catarina (REIBNITZ, 2016). A dissertação de Tamires Quesada Furtado também se destaca ao tratar do intelectual Othon da Gama d’Eça. Seu estudo percorre a trajetória do mesmo, suas sociabilidades, ofícios realizados além de sua produção literária (FURTADO, 2015). São estudos que evidenciam a complexidade da investigação sobre intelectuais, as suas possibilidades de atuação, espaços de formação etc., nesse sentido, são pesquisas que estão discutindo como a produção deles está condicionado por uma série de aspectos que envolvem as suas trajetórias.

A pesquisa presente parte também das contribuições desses diferentes estudos, além da mobilização de certos referenciais teóricos e metodológicos. Sobre este ponto, foi primordial a aproximação com os conceitos de Campo Intelectual e Cultura Impressa. Para o último, dialoga-se com as discussões levantadas por Clarice Caldini Lemos e Maria de Fátima Fontes Piazza no prólogo da obra “Cultura Impressa: das páginas dos periódicos à circularidade da arte gráfica”. As autoras escrevem que a Cultura Impressa pode englobar desde jornais, revistas, livros, periódicos literários e de *fait-divers*, suplementos culturais, colunas, guias, almanaques, anuários, cartões-postais e cartazes de publicidade por exemplo. Elas afirmam que o legado da cultura tipográfica, isto é, o impresso, permite com que os historiadores perscrutem:

(...) as tipografias, as casas-editoras, os pontos de venda dos impressos, os colabores dos periódicos e os ilustradores, mas também permite conhecer as redes de sociabilidade intelectual, os bastidores dos periódicos, seus projetos literários, políticos e estéticos e seus contedores através de suas querelas. (LEMOS, PIAZZA, 2017, p.13)

Nessa perspectiva de estudo, além de se problematizar o conteúdo presente nessas fontes, procura-se também compreender os “bastidores” da sua elaboração, como se deu a sua circulação ou quais foram os agentes envolvidos até o resultado. Assim, informações como a tipografia onde determinado material foi impresso, os nomes ou trocas súbitas de seu diretor, gerente, redatores ou colaboradores que tiveram seus textos publicados tornam-se indícios de relações complexas compostas muitas vezes por conflitos, amizades ou troca de favores, mas que, de alguma maneira, resultaram na reunião de um grupo de intelectuais para a elaboração de uma folha política, cultural ou mesmo religiosa, por exemplo. Sobre este ponto, Ivan Marques, ao estudar uma série de periódicos modernistas, afirma que “história das revistas não é movida apenas por afinidades estéticas e ideológicas, mas também pelos imperativos da política e da sociabilidade” (MARQUES, 2013, p.43)

No caso dos intelectuais, é proposto um esforço de mapeamento de quem foram os principais envolvidos com as Revistas, e os possíveis princípios de seleção para a participação nesse *espaço* de produção de bens simbólicos. Pretende-se realizar um estudo inspirado no método prosopográfico, buscando também evidenciar as redes de sociabilidades<sup>34</sup> desses agentes e demais atributos ou recursos que lhe auxiliaram a alcançar tal posição.

Segundo Christophe Charle, a prosopografia possui um princípio simples:

definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer a seu respeito um questionário biográfico, cujas diversas variáveis e critérios servirão para descrever sua dinâmica social, privada ou pública, cultural, ideológica ou política segundo a população e o questionário adotado (2018, p.121).

---

<sup>34</sup> Com relação às sociabilidades, para o caso deste estudo apoia-se nas contribuições de Ângela de Castro Gomes, que se fundamenta nos trabalhos de Maurice Agulhon para formular essa sua discussão. Nas palavras da autora sobre Sociabilidades: “Instrumento analítico e/ou categoria histórica, a sociabilidade será aqui tratada também em sentido mais estrito: como um conjunto de formas de conviver com os pares, como um ‘domínio intermediário’ entre a família e a comunidade cívica obrigatória. As redes de sociabilidade são entendidas assim como formando um ‘grupo permanente ou temporário, qualquer que seja seu grau de institucionalização, no qual se escolha participar’”. (GOMES, 1993, p.64). Isto pode englobar desde espaços, institucionais ou não, como cafés, salões, casas editoras, escolas, revistas etc., ou vínculos afetivos como de amizade/cumplicidade ou hostilidade/rivalidade. (GOMES, 1993, p.65).



Esse processo deve estar atento tanto acerca das fontes e materiais selecionados para a pesquisa além de quais serão as perguntas levantadas ou as variáveis investigadas, qual o período delimitado, quantos indivíduos serão estudados etc. Nesse sentido, convém destacar como Charle aponta que essa técnica de pesquisa “capta uma fração da realidade segundo as fontes que escolheu e os limites de seu questionário biográfico” (CHARLE, 2018, p.127). Apesar disso, quando bem conduzidas, as prosopografias possibilitam perceber “o funcionamento e a evolução social das instituições ou dos contextos nos quais atuam os indivíduos considerados” (CHARLE, 2018, p.132).

Dentre os cuidados que devem estar presentes na investigação, o autor escreve para os perigos do uso de informações presentes em bibliografias, sem uma maior atenção com possíveis intenções dessas escritas (laudatórias ou condenatórias, por exemplo) ou mesmo erros sobre informações. Nas palavras de Charle: “Todo empreendimento biográfico, refira-se ele a personagens ilustres ou a cidadãos obscuros deve-se precaver contra essa hagiografia inconsciente, da qual não escapam nem a história operária, nem a história das elites” (CHARLE, 2018, p.137)<sup>35</sup>.

No caso da noção de Campo, dentre as estudiosas de Bourdieu, destaca-se a pesquisadora Ione Ribeiro do Valle que, ao discorrer sobre este tema, escreve que esta noção pode ser compreendida como um:

(...) (espaço social no interior do qual ocorrem lutas por apropriação de diferentes bens). – Corresponde às esferas das atividades profissionais (e/ou públicas), que interagem formando o que Bourdieu qualifica como uma rede de campos. O espaço social é composto por uma pluralidade de campos relativamente autônomos; cada um desses campos define suas maneiras específicas de dominação e estabelece suas próprias regras: campo cultural (sistema de classificação que oferece aos agentes a oportunidade de colocar em prática suas estratégias de distinção) (...). (VALLE, 2008, p.105)

Nesse caminho, dentre os diversos estudos e publicações do sociólogo francês, ganha relevância para a análise dos intelectuais o livro “As Regras da Arte”. Nessa obra, Bourdieu retoma algumas de suas propostas com a utilização do conceito de Campo e a importância do mesmo como visão de mundo para a sociedade:

O campo é uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc.) entre posições (...). Cada posição é objetivamente definida por sua relação objetiva com outras posições ou, em outros termos, pelo sistema de propriedades pertinentes, isto é,

---

<sup>35</sup> Sobre a prosopografia cf. também (FERRARI, 2010).

eficientes, que permitem situá-la com relação a todas as outras na estrutura da distribuição global das propriedades. Todas as posições dependem, em sua própria existência e nas determinações que impõe aos seus ocupantes, de sua situação atual e potencial na estrutura do campo, ou seja, na estrutura da distribuição das espécies de capital (ou de poder) cuja posse comanda a obtenção de lucros específicos (como o prestígio literário) postos em jogo no campo. As diferentes posições (que, em um universo tão pouco institucionalizado quanto o campo literário ou artístico, não se deixam apreender senão através das propriedades de seus ocupantes) correspondem *tomadas* de posição homólogas, obras literárias ou artísticas, evidentemente, mas também atos e discursos políticos, manifestos ou polêmicas etc. – o que obriga a recusar a alternativa entre a leitura interna da obra e a explicação pelas condições sociais de sua produção ou de seu consumo (BOURDIEU, 1996B, p.261-262).

A partir desse trecho, é possível tecer alguns comentários com relação às potencialidades metodológicas para o estudo de determinado grupo de intelectuais (ou intelectual) a partir do conceito de Campo. Através da delimitação do grupo intelectual a ser estudado, buscar-se-á construir o Campo onde será visualizado o agente a ser estudado, isto é, o microcosmo social do qual eles fazem parte – mas que não se reduzem a isso.

O Campo é um espaço de lutas para a imposição de valores, de significados de obras, de ofício etc. em que os que se localizam na posição dominante desse espaço conseguem com maior força impor a sua visão de mundo. Ao se estudar as oposições entre os que fazem parte do campo e os recursos (ou capitais<sup>36</sup>) que são desigualmente distribuídos será possível compreender melhor as possibilidades de atuação desses agentes ou como são dotadas de valores diferencialmente suas obras, o seu engajamento ou mesmo sobre o que é o seu ofício, pois, a organização do Campo com suas regras e valores não se encontra somente em seus membros, mas sim como uma estrutura maior, estruturada e estruturante, mas que foi construída socialmente ao longo da história. Visualizar o Campo dessa maneira implica perceber que tais regras, ou legitimidade de ações que orientam a vida de pessoas em determinado espaço social não são naturais e de que a sua transformação não se dá simplesmente a partir da troca de membros com posição dominante.

Com relação à análise dos periódicos no Brasil, destacam-se os estudos de Tânia Regina de Luca, cujas reflexões sobre o esse tipo de fonte também podem ser pontuadas. Nas palavras da autora:

(...) o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos

---

<sup>36</sup> Sobre esse ponto, cf. discussões de P. Bourdieu sobre os capitais, principalmente os capítulos sobre capital social e capital cultural disponíveis em: (NOGUEIRA; CATANI, 2013).

propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A forma interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais. (LUCA, 2011, p.2).

Já sobre os intelectuais<sup>37</sup>, Sirinelli reitera a importância de se atentar tanto para os textos que foram escritos por intelectuais considerados célebres ou não quanto para questionar os itinerários deles, sua geração, sociabilidades etc. Nas palavras de Sirinelli:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (SIRINELLI, 1996, p.248).

O autor toma as revistas como um espaço privilegiado para se problematizar desde adesões ou exclusões a projetos intelectuais, ou seja, é um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais e da análise do movimento de ideias. Segundo Sirinelli (1996, p.249) “uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”. O que não invalida com que folhas de vida mais efêmera não possam ser compreendidas sob este viés de análise.

No caso da investigação que se propõe, os jornais ou demais folhas que circularam, foram importantes espaços de atuação para muitos intelectuais. Convém salientar o modo como os intelectuais atuavam nos periódicos eram diferenciados e podem estar associados com diferentes recursos desigualmente distribuídos pela sociedade, dessa maneira, será mais comum encontrar na direção de uma Revista alguém capaz de mobilizar uma rede de contatos ou com

---

<sup>37</sup> Com relação ao que se entende como um intelectual, dialoga-se neste trabalho com a definição proposta pelo italiano Antonio Gramsci ao asseverar que “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 2011, p.206 In. COUTINHO, 2011). Seja através da palavra escrita, falada ou outras formas de difusão de suas ideias, visões de mundo etc., argumenta-se que os intelectuais se diferenciam do conjunto da sociedade por terem como ofício ou exercerem determinada atividade intelectual ou serem reconhecidos como tais. Tal exercício de definição (ou delimitação por certo lado) também é discutida por Daniel Pécaut, na obra “Os Intelectuais e a política no Brasil” que considera como intelectual aquele que se identifica e é identificado pelos outros como tal (PÉCAUT, 1990, p.11), o que também parece dialogar com Gramsci nesse aspecto. Não se entrará mais no debate sobre essa definição. Algumas das bibliografias sobre o tema são: (SIRINELLI, 1996); (SAID, 2005); (DAROS, 2013); (ZANOTTO, 2008); (BEIRED, 2009).

uma formação mais reconhecida do que de em alguém que publicou episodicamente determinado texto.<sup>38</sup>

No caso específico de estudos sobre a vida literária catarinense e sua produção, pouco foi encontrado especificamente sobre os anos 1930. Uma dissertação que se centrou sobre esse período foi escrita por Lucésia Pereira que focou suas atenções na produção escrita de Trajano Margarida<sup>39</sup>, principalmente nos poematos que foram publicados nos jornais “A Gazeta” (de 1935 a 1936) e “Dia e Noite” em 1939. Seu estudo percebe nesses escritos versos satíricos de cunho publicamente contestadores, que revelam “um pouco das pressões sociais que recaíam sobre o segmento da população que Trajano Margarida era integrante” (PEREIRA, 2001, p.66). Ainda segundo a autora: “Os assuntos eleitos pela sua sensibilidade de artista destacam a personalidade melancólica, invariavelmente mirando a cidade por um prisma desiludido, o que nos anos 30 fazia frente à fantasia progressista das elites”. (PEREIRA, 2001, p.13)

Por fim, propõe-se com essas páginas iniciais o começo de um diálogo com o leitor sobre algumas das principais produções da temática que será abordada posteriormente. É possível sustentar que as atividades culturais em Florianópolis vêm recebendo certa atenção que situam a escrita literária e o periodismo como conectadas com um social, isto é, evidenciando a indissociabilidade entre o social e o cultural<sup>40</sup>.

No capítulo seguinte propõe-se refletir sobre a cidade de Florianópolis e SC de uma maneira mais geral. São levantados e apresentados alguns dados, principalmente buscando compreender aspectos da dinâmica da capital catarinense. Foi possível perceber que a cidade possuía as suas limitações frente a outros espaços, contudo, no seu estreito perímetro urbano a vida intelectual atuava com intensidade, próximo às redações dos jornais e órgãos públicos, com espaços para sociabilidade como cafés, livrarias e as instituições de ensino onde também atuavam.

Durante o terceiro capítulo são apresentadas e debatidas informações de um levantamento das Revistas publicadas em Florianópolis de 1930 a 1945, principalmente dos responsáveis por sua elaboração. Buscou-se levantar dados sobre a formação, o tipo de envolvimento nos periódicos, cargos ocupados, bem como, quais práticas ou protocolos eram

---

<sup>38</sup> Para uma reflexão nesse sentido e contribuição importante para o estudo de intelectuais em revistas cf. (PLUET-DESPATIN, 1992).

<sup>39</sup> Trajano Margarida (1889-1946) é nascido em Florianópolis. Foi professor, escritor e trabalhou na burocracia estatal. Fundou o Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, na qual foi Presidente. Fez parte de outras associações, além de ter sido um dos fundadores do Centro Catarinense de Letras. O poeta era negro e neto de uma ex-escravizada. Participou ativamente da vida cultural de Florianópolis, e com seus escritos denunciou injustiças, preconceitos, a miséria e a corrupção de seu tempo (TEIXEIRA; PEREIRA, 2019)

<sup>40</sup> Cf. (PROST, 1998)

mais comuns ou esperadas entre tais pessoas. Dentre os recursos mais valiosos, pode-se sugerir que a formação em um curso secundário ou superior eram cada vez mais importantes, bem como a possibilidade de mobilizar uma boa rede de relações, um capital social.

Por último, são tecidas considerações sobre o conteúdo presente nas Revistas. Em um primeiro momento analisou-se como a cidade e o Estado foram representados, principalmente como dotados de uma população distinta e com os seus espaços se desenvolvendo. Ao mesmo tempo, nas Revistas eram publicadas diversas matérias sobre as autoridades locais, que parecem sinalizar para o baixo grau de autonomia no processo de elaboração deste tipo de bem simbólico, isto é, muito dependente de apoio externo, sobretudo dos detentores do poder estatal.

## 2 OS ANOS 1930 EM FLORIANÓPOLIS: A CIDADE, INSTITUIÇÕES E A PRODUÇÃO PERIÓDICA

A proposta deste capítulo é sistematizar, apresentar e debater uma série de dados e informações sobre a cidade de Florianópolis e o Estado de Santa Catarina durante principalmente o período dos anos de 1930 a 1945. Propõe-se, com esse levantamento, discutir alguns aspectos referentes à dinâmica social e intelectual e, na medida em que os dados disponíveis possibilitarem, comparar Florianópolis com o restante do Estado. Para efetuar esta análise, além do estudo da bibliografia, buscou-se informações em periódicos da época e outros impressos variados, como Censos, Anuários ou similares.

Na primeira parte do capítulo será apresentada Florianópolis, com alguns dados sobre a sua população, características da cidade, instituições, sua política etc. Em um segundo momento, buscar-se-á problematizar aspectos referentes à produção de periódicos. A proposta é apresentar de uma maneira panorâmica a produção periódica de Florianópolis para, nos capítulos seguintes, iniciar uma análise detalhada das Revistas. Serão discutidos alguns aspectos sobre a natureza dos impressos que circularam em Florianópolis bem como algumas das variações de sua produção.

### 2.1 A CAPITAL CATARINENSE: CARACTERÍSTICAS GERAIS

Florianópolis durante a Primeira República, e mesmo nos anos de 1930 a 1945, não pode ser considerada uma grande cidade, principalmente frente a outras capitais do país como Porto Alegre, São Paulo ou Rio de Janeiro, que eram muito mais desenvolvidas economicamente, com uma maior população, além de contarem com mais espaços disponíveis para a produção de bens culturais diversos. Contudo, embora a cidade não fosse o centro econômico de SC, a capital catarinense apresentava particularidades que oportunizaram aos seus intelectuais constituírem uma espécie de microcosmo de produção de bens simbólicos e atividades culturais que, mesmo que com suas limitações de espaços e instituições, também tinha a sua dinamicidade.

Dos dados disponíveis da evolução populacional de 1900 a 1920, percebe-se que Florianópolis crescia lentamente em comparação com as outras capitais do país.<sup>41</sup> Em 1920,

---

<sup>41</sup> A taxa de crescimento médio anual de Florianópolis, dentre todas as capitais entre 1900 e 1920, foi a terceira menor. Somente foi maior que a de Manaus e Recife. Para este dado cf. Anuário Estatístico do Brasil editado em 1936. (BRASIL, 1936, p.46)

segundo o Anuário Estatístico Brasileiro de 1936, Santa Catarina possuía 668.743 habitantes, sendo que Florianópolis contava com 41.338 deste conjunto (cerca de 6% da população do Estado<sup>42</sup>) (BRASIL, 1936, p.46). Segundo cálculos que foram elaborados a partir deste mesmo recenseamento,<sup>43</sup> esperava-se uma pequena evolução populacional de 45.357 para Florianópolis em 1927 e 50.190 para 1935, (BRASIL, 1936, p.63-64).

Com relação a outras cidades de SC, segundo consta na “Revista de Ensino Primário”, nº 1 e ano 1, que se baseia no mesmo Censo de 1920, as 5 cidades que possuem o maior número de habitantes são, em ordem decrescente: Blumenau (72.213); Joinville (42.854); Florianópolis (41.338); Araranguá (40.108); Lages (37.314) (REVISTA DE ENSINO PRIMÁRIO, 1922, p.39).

No Censo Demográfico realizado em 1950, que foi impresso em 1952 no Rio de Janeiro, estão presentes mais dados sobre Santa Catarina. É exposto que a população de Santa Catarina passou de 668.743 em 1920 para 1.178.340 em 1940 e 1.560.502 em 1950 (BRASIL, 1952A, p.1). Já a população de Florianópolis, segundo o que o site oficial do IBGE informa com base no censo de 1940 e 1950, ela possuía respectivamente 46.771<sup>44</sup> e 67.630 habitantes. (IBGE, 2010). Com base nesses números, pode-se calcular que Florianópolis possuía em 1940 um percentual de 3,96% da população do Estado, e 4,33% em 1950. É possível perceber que Florianópolis crescia lentamente em números absolutos de população e proporcionalmente com relação ao restante do Estado.

Quadro 1 – Evolução da população de SC e Florianópolis<sup>45</sup>

	<b>Santa Catarina</b>	<b>Florianópolis</b>
<b>1920</b>	668.743	41.338 (6% <sup>46</sup> )
<b>1940</b>	1.178.340	46.771 (3,96%)
<b>1950</b>	1.560.502	67.630 (4,33%)

Fonte: Produção do autor (2021)

<sup>42</sup> Cálculo realizado a partir dos dados disponíveis nesse Anuário.

<sup>43</sup> É importante mencionar que não ocorreu nem o recenseamento que estava planejado para ocorrer em 1910 nem o de 1930. O recenseamento de 1920 foi o 4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias.

<sup>44</sup> O mesmo número para Florianópolis em 1940 aparece no Recenseamento Geral do Brasil de 1940 (publicado em 1952), cuja parte XIX é dedicada a SC. (BRASIL, 1952B, p.98). Supõe-se que o número de 1950 presente no site do IBGE também tenha sido construído com base em outro recenseamento.

<sup>45</sup> Para a população de SC e Florianópolis em 1920 (BRASIL, 1936, p.46; BRASIL, 1952A, p.1). Para a população de SC em 1940 e 1950 (BRASIL, 1952A, p.1). Para a população de Florianópolis em 1940 e 1950 (IBGE, 2010).

<sup>46</sup> O número para Santa Catarina é considerado como 100% para esse cálculo. O mesmo segue para as células abaixo.

Apesar disso, como Florianópolis era a capital do Estado, e contava com a sede do governo, ela ocupava uma posição de centro administrativo canalizador dos recursos econômicos do Estado, conforme discorre Hermetes Reis de Araújo (1989, p.30). Tal configuração contribuiu para que a cidade contasse com uma série de serviços e estabelecimentos burocráticos necessários para cumprir suas demandas, além da presença de altos funcionários públicos, o que auxiliaria com que a cidade contasse com estabelecimentos de ensino para os filhos dessa elite, além de livrarias e cafés para reuniões dos intelectuais.

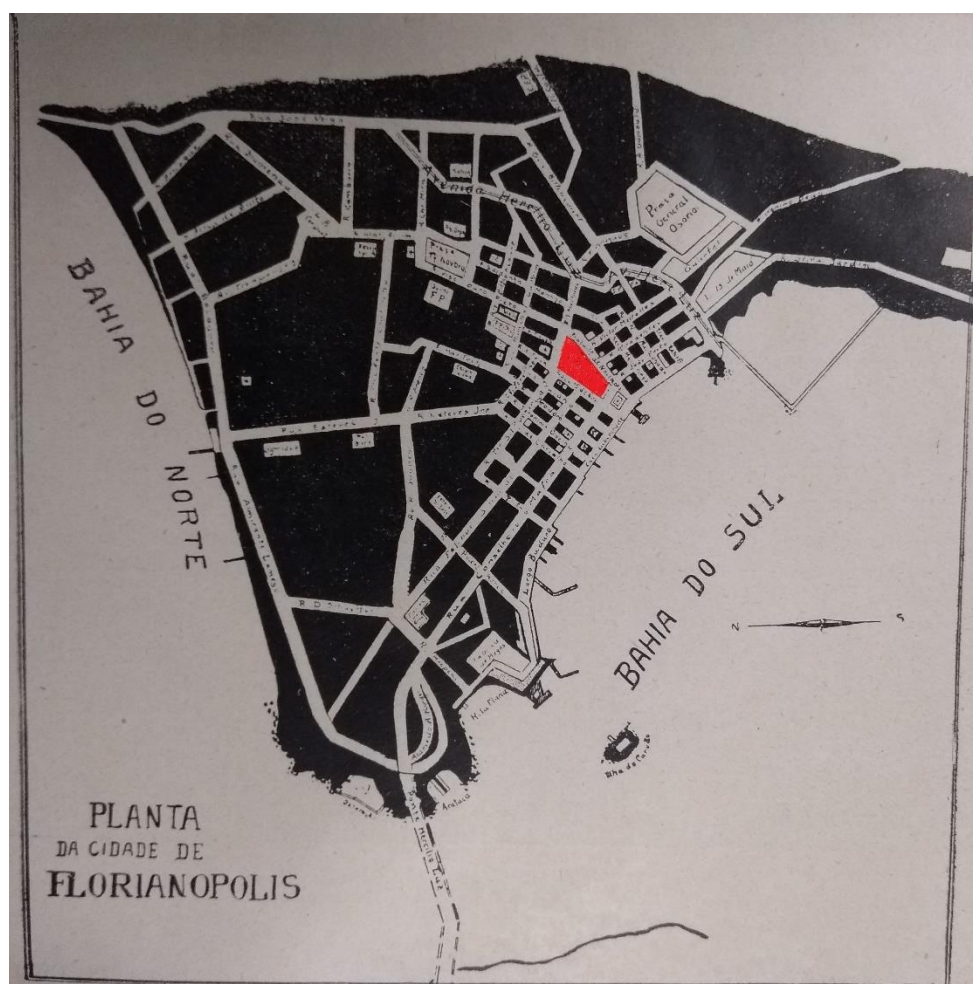
A maior parte da população florianopolitana localizava-se na região central, onde também estavam localizados os principais serviços, as redações de jornais, repartições públicas, clubes, associações etc. Sobre a cidade na Primeira República, Norberto Dallabrida expõe que:

Além de sediar os três poderes estaduais, Florianópolis passou a atrair serviços administrativos, políticos e culturais (...), a coordenação dos partidos políticos e seus jornais, a primeira Escola Normal e os primeiros cursos secundários e superiores, as administrações das congregações religiosas, os centros administrativos de igrejas, as sedes dos consulados italiano e alemão, entre outros. Esta rede de instituições de serviços ligadas direta ou indiretamente à administração estadual deu um ar cosmopolita provinciano à cidade de Florianópolis (...). (2001, p.58-59)

Muitas das atividades e serviços localizavam-se no pequeno meio urbano da região central, que pode ser visualizado abaixo na planta da cidade. A imagem foi publicada em 1927 no Guia do Estado de Santa Catarina, na qual destacamos em vermelho a Praça XV de Novembro, um dos principais espaços da cidade, com grande circulação de pessoas e na qual, ao seu redor, localizavam-se diversos estabelecimentos públicos ou comerciais, desde hotéis, redações de jornal, livrarias, cafés etc.:



Figura 1 – Perímetro urbano de Florianópolis, com destaque em vermelho para a região onde se localiza a Praça XV de Novembro (1927)



Fonte: (ENTRES; ENTRES, 1927, p.65). Marcação em vermelho minha.

Como é possível perceber, a área urbana não é muito extensa, além de se estender de modo mais denso principalmente nas proximidades da chamada Praça XV que, como Sandra Makowiecky (2011, p.89) abordou, contou com o crescimento da cidade ao seu redor. Além disso, Lisabete Coradini (1992, p.125-126) escreve que toda a vida social girava em torno da praça XV no início do século XX, e que esse era um momento em que não havia outras áreas de lazer como parques, áreas verdes ou zoológicos, desse modo, a praça assumiria esta função, podendo ser considerada um ponto central de Florianópolis<sup>47</sup>.

<sup>47</sup> A menção à praça como “ponto central de Florianópolis” encontra-se no livreto “Em casa de um vizinho: impressões de uma viagem a Florianópolis” de autoria do escritor gaúcho Othelo Rosa na ocasião de uma visita a Florianópolis (1932, p.6). O trecho completo é o seguinte: “Por uma praça cheia de gente – ponto central de Florianópolis – e onde figueira imensa estende os galhos imensos, fomos para o Hotel Moura (...)”. (1932, p.6). Convém notar como na praça também parecia ser possível perceber algumas das distinções e preconceitos de classe do período, como recorda Domar Campos com relação ao início dos anos 1930 na cidade: “Divertidíssimos os domingos de Florianópolis. De manhã o desfilar das garotas, as filhas da classe média mais alta, nas calçadas da

Logo acima, em um espaço elevado, encontra-se a Catedral Metropolitana de Santa Catarina, palco de uma série de cerimônias e manifestações religiosas e, ao redor da praça, estavam localizados órgãos federais como a Delegacia Fiscal, Juízo Federal, órgãos estaduais como a sede do Governo, a Chefatura de Polícia, dentre outros (ENTRES, 1935, p.139-140). Abaixo da Praça XV, na baía sul ocorriam os desembarques via transporte marítimo de pessoas e mercadorias, além de algumas atividades náuticas. A região central seria muito representada nas Revistas dos anos 1930, principalmente com matérias que buscavam valorizar as intervenções urbanas que ali ocorreram ou que estavam sendo realizadas.

Na área próxima à Baía Norte encontrava-se o renomado estabelecimento educacional Ginásio Catarinense. Segundo Dallabrida, este colégio jesuíta, além de possibilitar que os seus alunos saíssem formados como Bacharéis em Ciências e Letras, integrava-se ao projeto da Companhia de Jesus num processo de recuperação do catolicismo com o intuito de formar uma elite católica, laica, masculina e de ascendência europeia, capaz de ocupar posições de liderança em instituições sociais catarinenses e, sobretudo no aparelho estatal. Nas suas palavras:

(...) pela sua própria estrutura e natureza, o Ginásio Catarinense era destinado a fornecer escolarização de nível secundário aos filhos das elites e de partes das tímidas classes médias, que alvejavam fazer curso superior e, desta forma, ocupar posições de comando nas instituições catarinenses, mormente no aparelho estatal (DALLABRIDA, 2001, p.230)

Muitas autoridades locais e regionais se formaram nestes bancos escolares, além de um bom número dos envolvidos com a elaboração de revistas em Florianópolis. Pode-se dizer que a conexão desta instituição com os mandatários do poder se deu desde a sua fundação<sup>48</sup> e se manteve nas décadas posteriores. Isto não deixaria de ser reconhecido inclusive através dos documentos do próprio estabelecimento, como no “Relatório do Ginásio Catarinense” publicado em 1940, no ano do IV centenário da formação da companhia de Jesus, onde há uma fotografia do atual presidente, Getúlio Vargas, uma homenagem ao Interventor do Estado Nereu Ramos<sup>49</sup>, e um quadro com fotografias de cinco egressos tratados como “alunos distintos do

---

rua Felipe Schmidt e Palácio do Governo, até próximo à Catedral, e as filhas do povo menos médio, na parte de dentro da Praça. Discriminação espontânea”. (CAMPOS, 1999, p.191).

<sup>48</sup> Cf. (DALLABRIDA, 2001).

<sup>49</sup> No decorrer da década de 1930, Nereu Ramos acumularia capital político que o levaria ao cargo de Interventor, tornando-se durante o Estado Novo a maior liderança de SC. Sua força política pode ser percebida através da efetividade de suas ações na repressão de seus adversários políticos (cf. HACKENHAAR, 2017). A presença de sua efigie neste documento, além de outros do período, está relacionado a um projeto de construção da importância de sua liderança e administração, o que envolvia também a publicação de propagandas elogiosas em jornais, contando em alguns casos com o pagamento de publicações de interesse do Estado nesses impressos, conforme Thiago Henrique Elias discute (2017).

Ginásio Catarinense” e seus respectivos cargos. São os seguintes: Exmo. Sr. Dr. Altamiro Guimarães (da Secretaria da Fazenda); Exmo. Sr. Dr. Ivo d’Aquino (da Secretaria da Justiça); Exmo. Sr. Dr. Celso Fausto (Prefeito da Capital); Exmo. Sr. Mauro Ramos; Exmo. Sr. Dr. Ivens de Araújo (Da Secretaria da Segurança Pública). (RELATÓRIO DO GINÁSIO CATARINENSE, 1940, p.64-65) Além disso, a boa conexão com as autoridades pode ser exemplificada também através do local de impressão dos relatórios referentes ao ano letivo de 1941 e 1944 ter sido a imprensa oficial do Estado. (RELATÓRIO DO GINÁSIO CATARINENSE, 1941; RELATÓRIO DO GINÁSIO CATARINENSE, 1944).

Outro estabelecimento de ensino que deve ser pontuado ao se abordar a cidade neste momento é a Faculdade de Direito de Santa Catarina, localizada bem próxima à Praça XV, na rua Felipe Schmidt e que foi fundada em 1932. Dentre os seus principais idealizadores e fundadores<sup>50</sup> estaria o intelectual catarinense José Arthur Boiteux<sup>51</sup>, reconhecido pela iniciativa da fundação deste espaço (REGULAMENTO DA FACULDADE DE DIREITO DE SANTA CATARINA, 1938, p.1).

Segundo Carolina Malagoli Krelling: “A Faculdade representava, além da chegada da modernidade, um status social a ser alcançado pelas famílias até então reconhecidas como tradicionais e por aquelas que tentavam iniciar a partir dali uma tradição a ser mantida pelas gerações seguintes”. (2010, p.7). Assim como em boa parte das Revistas desses anos, havia nesta fundação um esforço de valorizar e representar SC como um Estado que se desenvolve e que era dotado de importantes instituições. Além disso, deve-se ter em vista que, no período de fundação da Faculdade, a cidade contava com somente 37 bacharéis em direito residentes, na qual 15 diplomados em ciências jurídicas e sociais compareceram para a reunião em que foi deliberada a organização do curso. (BARBOSA, 1982, p.29).

É possível aproximar a idealização e constituição desta Instituição com uma tendência internacional que tendia a valorizar ou mesmo tornar o diploma em um estabelecimento de

---

<sup>50</sup> Para uma série de documentos dos primeiros anos da Faculdade e um relato memorialístico com mais informações cf. (BARBOSA, 1982). Os outros fundadores foram: Américo da Silveira Nunes, José Arthur Boiteux, Heráclito Carneiro Ribeiro, Henrique da Silva Fontes, Sálvio de Sá Gonzaga, Urbano Muller Salles, Euclides de Queiroz Mesquita, Othon da Gama Lobo D’Eça, Zulmiro Soncini, Heitor Salomé Pereira, Edmundo Acácio Soares Moreira, Affonso Guilhermino Wanderley Júnior, Adalberto Belisário Ramos, Alfredo Von Trompowsky, e Nery Kurtz, ainda aderiram à idéia, Érico Ennes Torres, Francisco Tavares da Cunha Mello Sobrinho, Gil Costa, Cid Campos, Henrique Rupp Júnior, João Bayer Filho, Nereu de Oliveira Ramos, Antônio Bottini, Fulvio Coriolano Aducci e Pedro de Moura Ferro. (BARBOSA, 1982, p.15).

<sup>51</sup> O reconhecimento de José Arthur Boiteux como grande intelectual catarinense seria possível de notar inclusive em periódicos de outras regiões. Na edição dedicada ao Estado de SC da Revista carioca “A Barra”, haveria a publicação de uma nota de título “Um grande catarinense” que homenagearia o mesmo no ano de seu falecimento, ressaltando o seu amor pelo Estado, sua atuação na fundação de estabelecimentos, a dedicação em atividades e sua empenhamento em “tornar conhecidas do resto do Brasil, as grandezas e glórias da terra de Anita Garibaldi”. (A BARRA, Jun-jul.1934, p.17).

Educação Superior cada vez mais relevante para se alcançar certos cargos. Conforme Christophe Charle e Jacques Verger expõem acerca do período de 1860 a 1940, o ensino superior iria se tornar cada vez mais importante para: a promoção social dos indivíduos, “afirmação nacional, para o progresso científico e econômico nacional e internacional, para a formação das elites e, além disso, dos quadros sociais e até para a evolução das relações entre os sexos com o início da feminização dos estudos superiores”. (1996, p.93).

No caso da fundação da Faculdade em Florianópolis, ela se deu em uma “conjuntura de definhamento do Instituto Politécnico cujos professores-fundadores estavam alguns egressos do Ginásio Catarinense”, segundo Norberto Dallabrida (2001, 244-245). Com relação ao Instituto Politécnico, ele foi o primeiro curso superior do Estado, tendo sido fundado em 1917. Segundo Amazile de Hollanda Vieira (1979), a trajetória da Instituição foi marcada por muitas dificuldades, contudo, ele cumpriu um papel importante ao ofertar cursos, principalmente para aqueles que não possuíam condições de continuar seus estudos fora do Estado<sup>52</sup>.

No caso do instituto, ele ofertava curso para a formação de farmacêuticos, cirurgiões-dentistas, guarda-livros e agrimensores. Vieira (1979) escreve que a maior demanda de alunos para o Instituto provinha do interior, seja pela pequena quantidade de formandos na capital que poderiam se inscrever ou pelos que se formavam em um curso secundário poderem conseguir bons postos sem a formação oferecida.

Tanto o Instituto quanto a Faculdade de Direito parecem ter cumprido um papel importante para a formação ou manutenção de sociabilidades entre os seus professores, dos alunos que tiveram condições de acessar esta formação e demais personalidades da cidade. Foi possível encontrar relatos de uma série de atividades que ocorreram naqueles espaços, onde reuniam-se autoridades locais e de outras regiões. Ademais, sobretudo no caso da Faculdade, a instituição também recebia visitas, presentes e doações, que eram noticiados pela imprensa.

Como exemplo da proximidade da Faculdade com demais figuras da região, transcreve-se abaixo uma notícia que foi publicada no jornal “O Apóstolo”, que era órgão da “Congregação Mariana Nossa Senhora do Desterro”<sup>53</sup>:

A convite do Diretor da Faculdade Sr. Desembargador Erico Ennes Torres para a Conferência do Exmo. e Revmo. Senhor Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim Domingues de Oliveira sobre Direito Romano, em suas relações com a moral e o Direito Canônico. (...) Com a satisfação vimos que a magnífica e importante conferência foi integralmente publicada no Diário Oficial do Estado (N. de 4 de junho de 1940). (O APOSTOLO, 15/06/1940, p.1)

<sup>52</sup> Para um histórico do Instituto Politécnico cf. (INSTITUTO POLITÉCNICO DE FLORIANÓPOLIS, s/data).

<sup>53</sup> Sobre este jornal cf. (OLIVEIRA, 2020).

Percebe-se que através do diretor da Faculdade ocorreu esta conexão entre a própria instituição, a maior autoridade religiosa do Estado e a publicação de sua fala em um órgão oficial, o Diário Oficial do Estado. O que tem sido percebido é que a própria natureza da cidade e Estado parece ter contribuído para que houvesse uma proximidade entre as Instituições existentes e disponíveis, como no caso do Ginásio Catarinense e a Faculdade de Direito de SC, na qual o primeiro sediaria a partir de 1937 um Curso Pré-Jurídico, que seria necessário para ingressar na Faculdade. Tal curso foi fundado durante a administração de Nereu Ramos, que também foi Professor da Faculdade de Direito<sup>54</sup> e formado pelo Ginásio Catarinense.

Agora, com relação à economia local, Joana Maria Pedro explica que, mesmo com as atividades do porto da cidade em declínio e Florianópolis contar com uma pequena produção industrial<sup>55</sup> e agrícola, na cidade foram efetuadas uma série de reformas urbanas que, nas suas palavras:

dependeram, principalmente, da força de sua elite política. Apesar das pressões para remover a capital do Estado para o interior, esta elite não só conseguiu mantê-la em Florianópolis, como também carrou recursos públicos para a remodelação da Capital” (PEDRO, 1994, p.81).

Dentre as reformas estavam: a implantação na região central das primeiras redes de água encanada (1909), iluminação pública através de energia elétrica (1910), a construção de redes de esgoto (1913-1917), a Ponte Hercílio Luz (1926), além de áreas que foram calçadas, praças ajardinadas, prédios públicos construídos ou reformados etc. Nas palavras de Maria Teresa Santos Cunha, tais obras “buscavam apagar os traços de uma antiga cidade colonial e criar um cenário moderno, inspirado nos jardins e bulevares de Paris, como a Avenida do Saneamento mais tarde também conhecida como Avenida Hercílio Luz” (2011, p.12). Dentre as construções, destaca-se a Ponte Hercílio Luz, que conectou a ilha com o continente. Segundo Norberto Dallabrida, tal obra “coroou a reforma urbana de Florianópolis durante a Primeira

---

<sup>54</sup> Segundo consta no Relatório do Ginásio Catarinense (1937, p.7-9), tal curso foi concedido ao Ginásio Catarinense pelo atual Governador Nereu Ramos. Além disso, o curso possuiria contrato com a Sociedade Literária Padre Antônio Vieira para a sua manutenção. É exposto que ele visaria suprir uma lacuna local, pois, após a aprovação de uma recente lei do ensino, seria obrigatório ter frequentado um curso dessa natureza antes de entrar na Faculdade de Direito, o que fazia com muitos locais precisassem ir para outras cidades.

<sup>55</sup> Jéssica Duarte de Souza também destaca como “o cerne da expansão capitalista da cidade não foi o da industrialização” (2019, p.119), apesar de não ser possível descartar a presença significativa de seus trabalhadores pela cidade, bem como outros e outras envolvidos em atividades tidas como informais, como: pescadores, comerciantes, lavadeiras, empregadas domésticas, trabalhadores do porto e a própria construção civil. (SOUZA, 2019, p.106)

República (...), inaugurada em 1926, permitindo maior integração da ilha-capital com o continente fronteiro e dando-lhe mais ares de modernidade” (2001, p.57).

Parece ter havido um anseio por acompanhar as modernidades e, por conseguinte, se distanciar do que se considerava como atrasado. Isto se manifestou de diferentes maneiras ao longo dos anos, tais como em 1934 na ocasião da destruição dos bondinhos puxados por tração animal que circulavam pela capital. Sobre este caso, uma série de textos iriam construir este evento como o resultado de um anseio unânime por mudanças da população da capital. Por exemplo, no artigo assinado por “Bisbilhota”, pseudônimo não identificado, publicado em “A Gazeta” alguns meses depois do ocorrido:

A cidade está se tornando pouco a pouco mais encantadora e mais limpa. (...) / Lá na Pedra Grande as turmas enterraram o trilho do falecido bondinho. / A rua João Pinto está catita, calçamento novo, os trilhos do bondinho foram arrancados dali. (...) Também já era tempo, aqueles calhambeques precisavam desaparecer da circulação. E a nossa mocidade estudantil tomou a si a missão de limpar a cidade daquela indecência, num gesto altivo de zelo, pelos foros de uma cidade, que sendo capital do Estado merecia muito mais atenção, por parte de quem a serve, ou de quem a administra. (A GAZETA, 10/12/1934, p.1)

Esse texto retoma as suspeitas de que foram estudantes do Ginásio Catarinense que destruíram os bondinhos, além de construir uma imagem positiva e grandiosa do que foi aquele momento, considerado como de limpeza e de embelezamento<sup>56</sup>. De modo geral, boa parte dos textos publicados em periódicos na época parecem expressar um desejo de remodelação do meio urbano por parte de certos grupos de maior poder aquisitivo que, por sua vez, também eram as mesmas classes que poderiam contar com a divulgação de suas datas natalícias, casamentos, viagens etc., isto é, que seriam privilegiadas na cobertura jornalística das notas sociais<sup>57</sup>. Tal visão de mundo, que pode ser considerada como elitista, trataria a ampliação de avenidas e a implementação dos ônibus, por exemplo, como mudanças signos de progresso, independente de consequências, que sequer eram mencionadas.

---

<sup>56</sup> Domar Campos, ao recordar deste episódio, tece algumas considerações sobre as distâncias e tratamentos de classe esperados para os membros das principais famílias da cidade: “Um episódio curioso e uma frustração foi quando os estudantes do Ginásio e do Instituto Politécnico decidiram acabar com a ‘vergonha dos bondes de burro’. Foi uma decisão ‘heroica’. Saímos à noite, em direção à Agrônômica (creio), ao barracão dos bondes. Retiramos os burrinhos e tocamos fogo no barracão. Saímos ‘gloriosos’ cantando o hino da liberdade. Que coisa! De manhã, fomos cedinho ouvir os comentários do grande incêndio. Eis que ouvimos um apito, ali do lado da catedral. Era o bondinho, no horário, apenas com as cortinas queimadas. Frustração. Muito embora fossemos incendiários, não aconteceu nada aos intocáveis filhos da classe dominante da ilha. A justiça não era diferente”. (CAMPOS, 1999, p.195). No momento não se trata de comparar este relato com a matéria de 1934, mas sim de evidenciar qual foi a natureza do esforço de construção do episódio no texto de “A Gazeta”.

<sup>57</sup> Sobre a divulgação destas notícias nas chamadas páginas sociais, cf. (PEDRO, 1994).

Ainda sobre as obras, Hermetes Reis de Araújo escreve sobre a importância da avenida Hercílio Luz, que demandou a demolição dos ajuntamentos das pequenas casas – cortiços – que existiam na região central da cidade (1989, p.17-18). Segundo o historiador, os segmentos pobres da população eram considerados uma ameaça aos ideais de progresso e modernidade por não se ajustarem às normas que a elite local buscava impor ao espaço urbano da cidade. As políticas de saneamento desse período foram um elemento estratégico nessa tentativa de reforma social. (ARAÚJO, 1989, p.13). No decorrer dos anos de 1930 a 1945, foi possível perceber que muitas Revistas assumiram um papel de defesa das mudanças do meio urbano, bem como de um estilo de vida próprio e somente disponível para as classes com maior poder aquisitivo.

Sabe-se que as mudanças não foram vivenciadas da mesma maneira pelos diferentes grupos sociais, apesar da grande maioria dos materiais, sobretudo o que será problematizado neste trabalho nas Revistas publicadas durante os anos 1930, construírem este como um processo quase como inevitável e de somente melhorias. Percebe-se que as classes que eram consideradas, muitas vezes, como *indesejadas* por sua condição social e modo de vida, não possuíam as mesmas oportunidades de registro desses acontecimentos ou de sua situação na cidade. Apesar disso, alguns escritores nos oferecem algumas pistas das dificuldades que também eram vivenciadas na cidade, como na seguinte poesia de Trajano Margarida:

Torradinho / O Inverno era cruel. A noite escura e fria. / Mamãe que do bom Deus tem hoje a eterna unção, / Me agasalhando bem, baixinho me dizia: / - Em casa falta tudo. O açúcar... lenha... o pão... / Tem paciência... Vai!... O vento parecia / Querer tudo atrasar. Naquela escuridão, / Criança, vacilante e apavorado, eu ia, / Sozinho e sem que alguém me guiasse pela mão. / Tristeza não ter Pai! / Deserto era o caminho. / E., para suavizar do medo os mil tormentos, / Sem ver ninguém gritava: - Ó Moço!... Torradinho?!... / Debalde! Tudo em vão! – À luz de uma candeia, / Naquela noite triste e cheia de lamentos, / - Mamãe e todos nós fomos dormir sem ceia. Trajano Margarida. (Do livro “Reminiscência”). (A GAZETA, 08/10/1935, p.6).

A cena constrói um ambiente hostil e sem perspectiva de classes que parecem não ser notadas em sua presença na capital catarinense. A transcrição e reflexão de um escrito desta natureza deve ser um pressuposto para o conteúdo que será abordado nos próximos capítulos, pois, a elaboração das Revistas ou demais atividades dos intelectuais ocorreram em uma cidade marcada também por desigualdades e com a execução de uma série de serviços por parte de grupos que raramente puderam expor sua visão de mundo ou que foram abordados nestes impressos. Nesse sentido, segundo Silvia Maria Fávero Arend e Reinaldo Lindolfo Lohn:

As ruas da cidade de Florianópolis, nas décadas de 1930 e 1940, eram repletas de trabalhadores adultos e infante-juvenis que anunciavam a venda de mercadorias e serviços. O entregador de marmitas, o carregador de lenha, o vendedor de aves, o afiador de tesouras, o vendedor de jornais, o ‘homem das verduras’, das cocadas e pão-de-ló, o da carrocinha e o vendedor de frutas percorriam ruas e servidões da urbe realizando seu trabalho. (2013, p.40)

Embora o desenvolvimento e a remodelação da cidade tenham contribuído para a formação de sensibilidades de um público consumidor que buscavam se distinguir através de seus hábitos, como Felipe Matos (2014, p. 78) assevera, tais atividades ocorriam em um ambiente onde a poucos grupos era possível alcançar uma melhor formação e oportunidades, além disso se dar em pequena área onde todos se encontravam e se conheciam.

Ainda com relação às transformações da cidade, ao discorrer sobre as reformas educacionais da Primeira República, a ascensão do trabalho assalariado, a proliferação de impressos, das casas tipográficas, das livrarias, acesso a bibliotecas públicas e particulares, além do investimento em instituições científicas, Matos reitera que isso fortaleceu:

a criação de um circuito sociológico – entendido como o espaço por onde circularam os letrados agrupados por diversos tipos de associações -, cuja produção e circulação pressupõem o consumo de cultura impressa, pois não há literatura ou vida literária sem leitores. Toda produção letrada implica na existência de um mercado consumidor, ainda que incipiente ou restrito. (MATOS, 2014, 78)

Pode-se dizer que a sociedade florianopolitana já possuía alguma familiaridade com a cultura impressa, além de espaços de sociabilidade intelectual. Tal aspecto pode ser relacionado com o grau de instrução da população de Santa Catarina e Florianópolis presente no recenseamento de 1920. Segundo o impresso, em 1920 a população total de Santa Catarina que não sabia ler nem escrever era de 471.342 habitantes, e dos que sabiam ler e escrever 197.401 (cerca de 29% dos habitantes do Estado sabiam ler e escrever). No caso de Florianópolis para o ano de 1920, tal censo levantou o número de 24.398 que não sabiam ler nem escrever e 16.940 que sabiam, ou seja, cerca de 40% de sua população era considerada como capaz de ler e escrever<sup>58</sup> (BRASIL, 1936, p.53-54). Já para 1940 na mesma cidade foram encontrados os seguintes números: 24.260 que sabem ler e escrever e 16.371 que não sabem ler nem escrever

---

<sup>58</sup> Deve-se ter claro que o número de alfabetizados não equivale à quantidade de pessoas que, de alguma maneira, se apropriaram do que foi publicado naquele período. Nem toda leitura é realizada individualmente e em voz baixa. Muitos analfabetos poderiam ter tido acesso a textos através de leituras em voz alta junto de sua família, amigos, locais de socialização e trabalho ou mesmo pelo rádio. Os estudos sobre as práticas de leitura no decorrer da história caminham no sentido de desnaturalizar tais práticas e reconhecer a multiplicidade delas. Sobre este assunto, cf. principalmente os estudos de Roger Chartier, por exemplo: (CHARTIER, 2004)



(BRASIL, 1952B, p.98).<sup>59</sup> Em 1940 Florianópolis contava com cerca de 51% de sua população considerada alfabetizada, uma evolução significativa para os últimos anos, o que sugere investimentos na área educacional e a busca pelo diploma escolar por certos grupos sociais. Convém notar que neste período da Primeira República e anos posteriores a educação receberia grande atenção em debates intelectuais nacionais.<sup>60</sup>

Além disso, ser a capital deve ter auxiliado na obtenção deste número acima da média do Estado, pois, a cidade poderia contar com recursos extras e garantir mais oportunidades de instrução para parte de seus habitantes. A própria burocracia estatal presente na cidade pressupunha uma mão-de-obra alfabetizada para realizar uma série de ofícios necessários para sua manutenção. De qualquer forma, convém frisar que, quando se leva em conta o número de eleitores no caso do ano de 1927, Florianópolis é somente o 4º município com o maior número de eleitores, segundo informações presentes no Guia do Estado de 1927 coordenado por Godofredo Entres. É exposto que as 5 cidades com o maior número de eleitores são, respectivamente: Blumenau (5.106 eleitores), Joinville (4.032), Lages (3.637), Florianópolis (2.872). Tubarão (2.642) (ENTRES; ENTRES, 1927, p.14).

De um total de 49.112 eleitores no Estado. Florianópolis, portanto, contava com algo em torno de 5,8% da população eleitora do Estado. Um número pequeno para a capital do Estado frente às cidades de Blumenau, Joinville e Lages. Se para se tornar eleitor à época eram excluídos os mendigos, analfabetos, algumas ordens militares e religiosas (BRASIL, 1891), é possível conjecturar que foram principalmente os altos índices de alfabetização que propiciaram um número maior de eleitores para as outras cidades que ao final da Primeira República, que ganhariam maior protagonismo político e econômico<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> Somente 14 pessoas não declararam sua instrução. (BRASIL, 1952B, p.98).

<sup>60</sup> Sobre esse assunto, cf. (NAGLE, 1976) & (CARVALHO, 2003).

<sup>61</sup> No Guia do Estado de Santa Catarina (ENTRES, 1935, p.81) de 1935 existe um quadro demonstrativo do eleitorado de até 3 de outubro de 1934 onde as cidades citadas de 1927 possuem o seguinte número de eleitores: Blumenau [e Gaspar] (4.971); Joinville (4.426); Lages (7.346); Florianópolis (7.780); Tubarão [e Jaguaruna] (3.506). As cidades de Blumenau e Tubarão apresentavam seus dados em conjunto com as cidades Gaspar e Jaguaruna, respectivamente. Optamos por somente mencionar estes números e não realizar uma comparação porque com a tomada do poder de outros grupos em SC nos anos 1930 houve uma nova organização do território catarinense, que começaria a sofrer intervenções e alterações. Segundo João Henrique Zanelatto, os interventores nomeados para o comando do Estado iriam castigar duramente a cidade de Blumenau. Por exemplo quando “em fevereiro de 1934, Aristiliano Ramos decretou o desmembramento de Blumenau, emancipando os distritos de Hamônia, Gaspar, Indaial e Timbó. Blumenau já havia sofrido um desmembramento em 1931, quando da emancipação de Rio do Sul. Assim, seu território, que contara em 1930 com 10.375 km, foi reduzido para 1.650 KM em 1934.” (2007, p.67). Dessa maneira, a comparação dos dados de 1927 e 1934 parecia não ser a mais adequada.

Antes de abordar as mudanças na arena política dos anos 1920<sup>62</sup>, convém mencionar que nas décadas iniciais da Primeira República o poder político girava em torno de duas figuras principais que dominavam o único partido, o Partido Republicano Catarinense, com Hercílio Luz e Lauro Muller que, respectivamente, atuavam de maneira mais sistemática em duas esferas, um no Estado e o outro na capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. O historiador Jali Meirinho escreve que “em torno de Muller e Luz, entre conflitos e conciliações, gravitaram os demais representantes da elite política estadual que sempre, de alguma forma, estiveram a eles vinculados”. (1997, p.126)

Mesmo assim, ocorreram uma série de cisões e disputas entre estas figuras e outros políticos durante essas décadas iniciais, como por exemplo, quando Felipe Schmidt (primo de L. Muller e que governou SC de 1898 a 1902 e de 1914 a 1918) apresentou nomes de seu interesse à convenção do Partido Republicano sem ouvir Hercílio Luz. Segundo Carlos H. Corrêa, tal disputa esteve presente no órgão de divulgação do partido, o impresso “República”, de propriedade de Hercílio Luz. Ele exigiria de F. Schmidt a fundação de uma outra folha que o defendesse, “O Dia”:

Esta oposição dos dois políticos dividiu as opiniões da Comissão Diretora do Partido Republicano, ficando Gustavo Richard, Senador, e Vidal Ramos ao lado do Governador Schmidt, enquanto que Raulino Horn e Firmino Lopes do Rego, também integrantes da Comissão, ficaram ao lado de Hercílio Luz. (CORRÊA, 1984, p.19-20).

Essa característica do uso de periódicos como órgãos para divulgação de ideias de um partido ou grupo político, econômico ou cultural etc. era muito comum na época, além de sua produção estar associada, geralmente, com o grupo político dono do impresso estar no controle de postos do Estado.<sup>63</sup> Tendo em vista que o agrupamento e o distanciamento de grupos políticos ocorriam frequentemente, muitos jornais eram feitos e desfeitos em pouco tempo.<sup>64</sup>

Agora, mais especificamente sobre os anos 1920, João Henrique Zanelatto evidencia que ao longo da década de 20 seria possível perceber com maior clareza alterações na dinâmica política catarinense:

---

<sup>62</sup> Para um resumo dos governadores titulares durante a 1ª República e outras informações de cargos ocupados por Lauro Muller, Hercílio Luz, Felipe Schmidt, Vidal Ramos, Gustavo Richard e Adolpho Konder cf. (MEIRINHO, 1997, p.127-128).

<sup>63</sup> Sobre este assunto, embora tratando do século XIX, Joana Maria Pedro pontua algumas características da imprensa em Florianópolis que também se prolongariam para as décadas seguintes: “vinculação direta ou indireta ao poder público; vida curta; instrumentos de política partidária” (PEDRO, 1995, p.15).

<sup>64</sup> Sobre impressos de Florianópolis durante a 1ª República Cf. (MATOS, 2014).

A instalação do regime republicano em Santa Catarina culmina com a ascensão ao poder público estadual de uma nova leva de políticos que sob a legenda do Partido Republicano, passaram a controlar os rumos da administração pública durante toda a Primeira República. A ruptura entre esses políticos e o Partido Republicano só viria acontecer, de fato, no início dos anos 20, com a fundação, por Nereu Ramos, da Reação Republicana, em 1921, e, posteriormente, o Partido Liberal Catarinense, em 1927, culminando com a Aliança Liberal, em 1929. (ZANELATTO, 2007, p.46)

A fundação por Nereu Ramos (filho de Vidal Ramos<sup>65</sup>) da Reação Republicana ocorre também associada com uma disputa de apoio para as eleições presidenciais de 1922. Ramos apoiaria o candidato de oposição Nilo Peçanha, enquanto:

Hercílio Luz, Adolpho Konder, Otacílio Costa e Caetano Costa (os dois últimos adversários dos Ramos em Lages), apoiaram Arthur Bernardes, candidato situacionista. Essa cisão já se iniciara um ano antes, quando o nome de Nereu Ramos foi lançado por seu município para a Câmara Federal e vetado dentro do partido (ZANELATTO, 2007, p.49).

Os membros da família Konder também ganhariam cada vez mais relevância no debate catarinense. É importante mencionar que quando Hercílio Luz falece (1924), quem lidera a política do Estado é Adolpho Konder<sup>66</sup> (cuja família é ligada à região do Vale do Itajaí), seu Secretário da Fazenda e Obras Públicas, que seria chefe do Partido Republicano Catarinense até 1930. (CORRÊA, 1984. p.25). Em resumo, a morte de H. Luz (1924) e de Lauro Muller (1926) abriria espaço para novas lideranças que vinham se configurando há algum tempo, conforme Zanelatto expõe (2017, p.32).

No caso específico da família Ramos (ligada ao latifúndio do planalto catarinense, com destaque para a cidade de Lages):

---

<sup>65</sup> Vidal José de Oliveira Ramos Júnior (1866-1954) nasceu em Lages SC, foi um político catarinense de grande projeção no Estado. Iniciou os estudos com um professor particular em Lages, prosseguiu sua formação em São Leopoldo (RS) no Colégio Nossa Senhora da Conceição. Perdeu os exames realizados em Porto Alegre para ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo em virtude da morte de sua mãe, pois, teve que voltar para a cidade natal onde o pai era fazendeiro. Participou ativamente na imprensa catarinense e foi eleito para diversos cargos: deputado da Assembleia Provincial de SC (1886); Deputado Geral (1888); Deputado na Assembleia Constituinte de SC (1891); vice-governador de SC (1902); Deputado Federal (1905); Governador de SC (1910); Senador por SC (1914, 1918, 1922); Deputado Federal; Senador eleito pela Assembleia Constituinte de SC (1935) sob a legenda do Partido Liberal Catarinense. Quando governador foi responsável organização de uma grande reforma da Educação em SC, na qual o professor paulista Orestes Guimarães foi chamado para chefiar. (FGV CPDOC, s/data; MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data).

<sup>66</sup> Adolpho Konder (ou Adolfo Konder) (1884-1956) é natural de Itajaí. cursou humanidades no Colégio “N. Sra. Da Conceição” em S. Leopoldo RS, bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito de S. Paulo (1907), atuou como redator no jornal “Novidades” em SC. No Rio de Janeiro trabalhou no Ministério das Relações Exteriores, foi nomeado por H. Luz Secretário de Estado da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura (1918-1920). Foi deputado de 1921-1923 e 1924-1926), governou SC de 1926-1930, foi Senador da República eleito em 1930. Eleito deputado à Assembleia Constituinte Nacional (1935) e à 1ª Legislatura (1935-1937) pela Coligação “Por Santa Catarina”. (PIAZZA, 1994, p.358-359).

Juntamente com Henrique Rupp Junior fundaram a Aliança Liberal, em 1929, ligada ao grupo gaúcho de Vargas, provocando definitivamente a ruptura no Partido Republicano Catarinense, deflagrando um conflito entre as famílias. Nas eleições de 1930, Adolpho Konder fez seu sucessor, elegendo Fúlvio Aducci. O governo de Fúlvio Aducci durou apenas vinte e sete dias, pois já foi deposto pelo Movimento de 1930. (ZANELATTO, 2007, p.32).

Os anos posteriores à chamada Revolução de 1930 iniciam-se com um clima de efervescência política, com o Estado recebendo a nomeação de um interventor, o general gaúcho Ptolomeu de Assis Brasil para o seu comando, que ficou até fins de 1932. Após o breve período da interventoria de Major Zubaran em seguida, o membro da Aliança Liberal Aristiliano Ramos assumiu o comando do Estado. Conforme Zanelatto expõe, no breve período em que Rui Zubaran foi interventor, uma série de partidos foram organizados para disputar as eleições agendadas para maio de 1933, o que foi considerado um período particular de abertura política na história catarinense (ZANELATTO, 2007, p.57). Em 1935 quem assumiria o comando, após vitória nas eleições, seria Nereu Ramos, e com o Golpe de 1937 ele permaneceria no comando do Estado até 1945.

Apesar da ascensão de lideranças de outras regiões do Estado, Florianópolis ainda concentraria a administração de SC, o que exigia uma população preparada para atuar na burocracia estatal. Sobre este ponto, foram encontrados dados sobre Florianópolis e Santa Catarina, na qual pode-se expor alguns números sobre as profissões da população em 1920. Com relação ao conjunto dos habitantes do Estado: 1,2% trabalhavam com comércio, 0,51% na administração pública e 0,48% eram profissionais liberais<sup>67</sup>. No caso de Florianópolis, cerca de 2,84% de sua população trabalhava com o comércio, 3,37% na administração pública e 1,2% de sua população era a de profissionais liberais<sup>68</sup> (BRASIL, 1936, p.55-56). A partir desses números, destaca-se que Florianópolis concentrava cerca de 40% dos profissionais de administração pública do Estado, 15% dos profissionais liberais e 14% dos comerciantes.

Nesse caminho, é possível perceber no Relatório apresentado ao exmo. Presidente da República pelo Dr. Nereu Ramos em setembro de 1940 – referente ao exercício de 1939 -, que Florianópolis arrecadava muito mais com taxas de serviços públicos do que outras cidades do Estado. Segundo este impresso, Florianópolis arrecadou 215:177\$900, sendo que a segunda que

---

<sup>67</sup> Os seguintes números para SC estão presentes no documento: Comércio (8.082); Administração pública (3.447); Profissionais Liberais (3.224). Para Florianópolis, para essas mesmas profissões: Comércio (1.178); administração pública (1.394); profissões liberais (501) (BRASIL, 1936, p.55-56)

<sup>68</sup> No recenseamento apresentam-se as profissões Administração pública, administração particular e profissões liberais como parte do conjunto Administração e profissões liberais.

mais arrecadou foi a cidade de Laguna com 49:428\$300 (SANTA CATARINA, 1940, p.178), ou seja, mais de quatro vezes o que a segunda cidade neste quesito.

Tendo em vista estes dados, como a cidade era a capital do Estado, seria esperado que Florianópolis contasse com uma média superior ao Estado com relação às profissões mencionadas além de arrecadar mais com essas taxas de serviços, sobretudo tendo em vista a presença de encarregados da administração pública, com uma média quase 7 vezes superior à do Estado.

Pelo que se pode averiguar a partir das personalidades responsáveis por Revistas, muitos deles também iriam integrar quadros da administração pública, o que sugere uma dupla atuação destas pessoas, por um lado se envolvendo na elaboração de bens simbólicos culturais, como os impressos periódicos e, por outro, de serviços na burocracia estatal.

Este aspecto já foi evidenciado por outros autores, que também escreveram sobre nessa época ser comum que escritores trabalhassem em espaços da administração pública, pois, havia grandes dificuldades ou a impossibilidade de se manter através da palavra escrita. Conforme escreve Machado Neto sobre o período de 1870 a 1930:

Empregos no magistério, na função pública ou profissões liberais constituíram o meio de vida principal da maioria dos intelectuais da época (se excluimos o jornalismo. (...) A função pública, nela incluindo-se a maior parte dos que se dedicaram ao magistério, seria responsável pela subsistência de nossos intelectuais (1973, p.84).

Apesar de, certamente, haver uma concorrência maior do que outras cidades na busca desses empregos em órgãos públicos, provavelmente era em Florianópolis que a oferta da maior parte deles estava concentrada. Isso pressupunha, na medida do possível, tanto uma mão-de-obra qualificada para exercer tais atividades quanto espaços que pudessem formar os seus quadros, tais como o Ginásio Catarinense, o Instituto Politécnico e a Faculdade de Direito.

Ainda sobre Florianópolis e SC, com relação ao número de prédios, domicílios, densidade predial e densidade domiciliária, existem os seguintes dados para o ano de 1920. Em 1920, SC apresentava 102.750 prédios, 100.132 domicílios e uma densidade predial de 6,51 e domiciliária de 6,68. Os dados de Florianópolis para estes mesmos aspectos são, respectivamente, 7.484; 7.098; 5,52 e 5,82. Nesse sentido, em comparação com os números do Estado, Florianópolis contava com 7,28% dos prédios de Santa Catarina e 7,08% dos domicílios. Apesar disso, sua densidade predial e domiciliária era inferior em comparação com a média estadual (BRASIL, 1936, p.47-48). Pode-se perceber, novamente que, embora

Florianópolis concentrasse uma série de estabelecimentos da burocracia estatal e do grande número de profissionais dessa área, a cidade não era necessariamente um grande centro urbano.

Percebe-se como Florianópolis era uma capital com um pequeno espaço urbano, mas que concentrava a burocracia estatal, com altos índices de envolvidos na administração pública e número relevante de profissionais liberais e comerciantes, apesar da baixa expansão populacional em comparação com o restante do Estado. Com relação à maior dinamicidade e crescimento dessas outras regiões, pode-se sugerir que a edição de Anuários sobre Santa Catarina talvez possa servir como indício dessas transformações, com outras cidades buscando cada vez mais protagonismo.

Com base em pesquisa no acervo da BPSC ao se buscar Anuários, aqueles publicados em 1917, 1920 e 1921 foram editados em livrarias da capital, já os de 1930 e 1933 não o foram,<sup>69</sup> conforme pode-se perceber no quadro abaixo:

Quadro 2 – Informações sobre os Anuários Publicados em Santa Catarina disponíveis no setor de obras raras da BPSC (1910-1945)

<b>Anuário</b>	<b>Responsáveis</b>	<b>Tipografia ou Gráfica</b>	<b>Cidade</b>
Anuário <sup>70</sup> do Estado de Santa Catharina para 1917	Edmundo Silveira (Diretor)	Oficinas gráficas do periódico “A Fênix”	Florianópolis
Anuário Barriga-Verde para 1920	Altino Flores (direção literária) Ary Tolentino (Direção Artística)	Livraria Editora Cysne	Florianópolis
Anuário Barriga-Verde para 1921	Altino Flores (direção) Ary Tolentino (direção)	Tipografia da Livraria Moderna	Florianópolis
Anuário Catarinense para 1930	Barão Fernando von Dreifus (organizador) Montezuma de Carvalho (Diretor literário)	Tipografia Moderna	Joinville
Anuário Catarinense para 1933	Barão Fernando von Dreifus (Organizador)	Tipógrafo Paulo Krelle (São Francisco do Sul)	Joinville <sup>71</sup>

Fonte: Produção própria do autor (2021)

<sup>69</sup> Foi encontrado também um Anuário voltado para a região Sul Catarinense editado em 1934, no entanto, não foi possível identificar o local de sua edição devido às suas condições, ausência de capa ou outras páginas com mais informações. (ANUÁRIO SUL CATARINENSE, 1934)

<sup>70</sup> A escrita original era “Annuario”. Optou-se por atualizar a escrita de todas as transcrições, inclusive nomes dos periódicos e demais impressos. No caso dos periódicos, a não ser que haja alguma menção da localidade de onde foi impresso, todos eles foram publicados em Florianópolis.

<sup>71</sup> Apesar de estar escrito que a tipografia é de São Francisco do Sul há um destaque maior para a cidade de Joinville, que aparece logo abaixo do nome de seu organizador. No prefácio do Anuário seu organizador assina a partir da cidade de Joinville. (VON DREIFUSS, 1933).

Tal fato pode ser compreendido como um indício de uma mudança ou ampliação de espaços com possibilidades para ocorrer uma publicação dessa envergadura, porque cidades como Joinville, na área de colonização germânica eram polo industrial do Estado. Joinville foi uma cidade que marcou a modernização do Estado, além de Blumenau, Brusque e Jaraguá do Sul. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que a produção desses impressos nessas outras regiões pode ser um indício de alterações de configurações do campo político, econômico e cultural pelo Estado,

Outro indício que pode corroborar com essa discussão é sobre a quantidade de construções autorizadas pelas prefeituras nas sedes municipais de 1937 a 1940. Tais dados estão disponíveis no “Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República pelo Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina”, referente ao exercício de 1941, e, de acordo com este documento, as 4 cidades com o maior número de construções autorizadas de 1937 a 1940 são, de ordem decrescente<sup>72</sup>: Blumenau (375); Joinville (233); Tubarão (225); Florianópolis (216). Apesar de Florianópolis, assim como essas cidades<sup>73</sup>, não ter apresentado uma curva constante de crescimento no decorrer desses anos, a capital catarinense teve 61 construções autorizadas para 1937, 43 para 1938, 58 para 1939 e 54 para 1940. (SANTA CATARINA, 1942, p.228). Tais dados, de qualquer forma, não parecem invalidar as considerações acerca de como a capital parecia concentrar um grupo de intelectuais produtores de bens culturais, que contavam com algumas instituições para se filiar.

Dentre elas pode-se mencionar o Clube 12 de Agosto, que era um clube recreativo e dotado de uma importante biblioteca, que chegou a ter mais de 4 mil volumes em 1940. Uma série de autoridades políticas foram sócios ou integraram a sua diretoria, como o próprio Nereu Ramos<sup>74</sup>. Diversas notícias mencionam as suas atividades, muitas delas tratam das ocasiões de lazer que ocorriam neste espaço, desde bailes de gala até bailes carnavalescos, em que personalidades da política local eram repetidamente mencionadas como presentes naquele espaço cultural, recreativo e quiçá, político. Um exemplo que pode ser mencionado ocorreu em 1938 quando, sob os auspícios do IHGSC, ocorreram Conferências comemorativas ao cinquentenário da Abolição da Escravidão. Houve oradores personalidades do meio comercial e político como ex-prefeito da capital Heitor Blum e o advogado Renato de Medeiros Barbosa,

---

<sup>72</sup> Foi somado o número de construções de 1937 a 1940.

<sup>73</sup> Nenhuma dessas cidades contou com uma curva crescente clara de construções autorizadas de 1937 a 1940, apesar do ano de 1937 a 1940, com relação ao conjunto do Estado, o número de construções terem crescido de 757 (1937), 780 (1938), 913 (1939) e 1.162 (1940). Ao que parece, foram outras cidades que contaram com maior investimento nessa área. (SANTA CATARINA, 1942, p.228).

<sup>74</sup> Para um histórico detalhado da Instituição cf. (ROSA; GRISARD, 1991). Cf. também artigos presentes em: (MELO, 1991).

que em 1939 se tornaria Professor da Faculdade de Direito de SC. (PIAZZA, 1991, p.199-200). Tal evento parece sugerir a existência de conexões entre essas Instituições, repletas de membros da elite política, que eram espaços possíveis para os intelectuais exporem as suas ideias.

Nos casos da ACL e IHGSC também são encontradas informações sobre as suas atividades. Em 1937 seria publicado um breve texto de título “Renascimento cultural?” que trataria da promoção de um grande movimento em torno da ACL e IHGSC, principalmente a partir da entrada de novos membros:

O sr. desembargador Henrique Fontes, uma das expressões mais significativas e mais brilhantes do nosso meio cultural, secundado por outros elementos de real valor e de prestígio nas nossas letras, está empenhado no reerguimento ou, melhor, na ressurreição dessas duas sociedades, que tanto recomendam a nossa inteligência e que muito poderão realizar pelo desenvolvimento intelectual de Santa Catarina. (...) E assim, esses dois centros, expressões mais altas da nossa cultura, reviverão para o bom nome da terra barriga-verde. (O ESTADO, 26/10/1937, p.6)

Esta notícia foi publicada quando Nereu Ramos, que também era membro da ACL, já estava no poder do Estado. Parece que houve uma retomada ou reforço nas atividades destas instituições após as instabilidades políticas dos primeiros anos de 1930. Em um outro momento, em fevereiro de 1943, por ocasião do centenário do nascimento do Visconde de Taunay, na Academia iria ocorrer uma sessão presidida pelo Nereu Ramos que contou com autoridades federais, estaduais, civis e militantes. Houve falas do tenente Miguel Santos, em nome do 14º B. C., e Othon da Gama d’Eça, em nome do IHGSC. Também estavam presentes personalidades como o atual Desembargador Presidente do Tribunal de Apelação e o Tenente-coronel comandante da Guarnição Federal (REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA, 1943, p.173), sugerindo a relevância desta Instituição como ponto de encontro entre intelectuais, mas também de demais autoridades locais ou regionais.

Dessa maneira, com base no que foi levantado, pode-se sugerir que Florianópolis nessa primeira metade do século XX teve um crescimento econômico por um lado limitado frente a outras cidades do Estado. Ao mesmo tempo, sua posição privilegiada proporcionou a existência de instituições de ensino capazes de formar uma mão-de-obra especializada e, ao que parece, buscar suprir a demanda ocasionada pela expansão da burocracia estatal. Os espaços de ensino priorizados para essa discussão são os mesmos que serão mencionados com mais ocorrência no capítulo seguinte, quando forem abordados os responsáveis por Revistas. Sabe-se que em



Florianópolis havia outros locais para a formação de outros ofícios, desde guarda-livros a tipografia, encadernação, carpintaria etc.<sup>75</sup>

De maneira geral, muitos dos que trabalhavam nas instituições, de ensino ou não, ou que se associavam com agremiações locais, também buscavam se expressar através das letras, seja na organização de impressos periódicos, na publicação de escritos, livros ou colunas especializadas. Sobre este ponto, pretende-se nas páginas seguintes tecer algumas considerações gerais sobre a produção periódica de Florianópolis nos anos de 1930 a 1945, continuando um debate que procura construir e compreender aspectos da cidade desta época.

## 2.2 ASPECTOS GERAIS DA PRODUÇÃO DE IMPRESSOS PERIÓDICOS EM FLORIANÓPOLIS

Neste momento será iniciada uma breve análise sobre a produção de periódicos em Florianópolis, com o foco em debater algumas das variações na quantidade e tipos de publicações que circularam entre 1930 e 1945.<sup>76</sup> Sobre este tipo de fonte, sabe-se que o processo de elaborar um impresso periódico pode envolver uma série de razões, desde o desejo de divulgar ideias políticas, produções culturais, difundir sua religiosidade, debater temas econômicos dentre inúmeras outras possibilidades, fora os jornais diários de característica de imprensa profissional, mais focados nas notícias.

Com relação aos significados de se envolver em uma atividade como esta, é possível relacionar a publicação de periódicos deste momento com um desejo mais amplo de intervenção no debate público, que era esperado que os intelectuais fizessem. Este tipo de expectativa, de que os intelectuais deveriam estar engajados, ganharia força ao final do século XIX e se prolongaria no início do século XX. Nesse sentido, diversas figuras que trabalhavam nas mais diversas funções se envolveram na elaboração ou publicaram em periódicos. É possível encontrar nomes de médicos, professores ou trabalhadores da burocracia estatal, por exemplo, dentre os envolvidos na imprensa.

---

<sup>75</sup> Dentre estes espaços, é possível destacar a “Escola de Aprendizes de Artífices”. Cf. (ALMEIDA, 2010).

<sup>76</sup> Os dados estarão centrados em impressos publicados em Florianópolis. Sabe-se que na cidade circulavam muitos outros materiais editados em diversas cidades brasileiras. No entanto, provavelmente a sua maioria deveria vir do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente para o caso de periódicos. Sugere-se isso tanto por estas duas cidades representarem grandes centros econômicos, com intensa atividade intelectual e debate político, além de também já ter sido possível perceber que, no caso dos locais de origem de periódicos de outros Estados que eram divulgados em impressos de Florianópolis, a maioria deles eram de São Paulo ou Rio de Janeiro. No caso dos livros publicados em outros Estados, uma boa parte deles eram editados pela Livraria do Globo sediada em Porto Alegre, mas também circulavam obras de outras casas editoras de São Paulo e Rio de Janeiro. Dois estudos com algumas considerações que também tratam deste tema são: (PONTES, 2021) e (PONTES; CUNHA, 2017).

Sobre os intelectuais brasileiros, apesar de centrado em autores envolvidos com produções literárias, o historiador Nicolau Sevcenko, ao abordar a chamada geração de 1870, expõe que “esses intelectuais postavam-se como os lumes, ‘os representantes dos novos ideais de acordo com o espírito da época’, a indicar o único caminho seguro para a sobrevivência e o futuro do país” (SEVCENKO, 2003, p.102). O estudo de Sevcenko tornou-se uma das mais importantes referências para se entender os intelectuais brasileiros da virada do século XIX ao XX, levantando a discussão de que a atividade literária também poderia envolver um tipo de reflexão e o posicionamento sobre a realidade.

A importância do engajamento entre os intelectuais seria modificada frente às adversidades de cada período, tais como os impactos da Primeira Guerra no Brasil, o centenário da Independência, das insatisfações com a chegada da República no Brasil diante às suas expectativas, além do clima de incertezas durante boa parte dos anos de 1930. Ao mesmo tempo, convém salientar como era comum um discurso elitista entre os intelectuais que os colocava como os únicos capazes de liderar as chamadas “massas”.<sup>77</sup> Tais informações são importantes de ser mencionadas para situar a produção de periódicos em Florianópolis, também marcada em diversos momentos por um desejo de mudança, divulgação de ideias, projetos etc. Ademais, é importante ter em vista que esses impressos também são vetores de difusão de valores, hábitos ou comportamentos.

Sobre os periódicos de Florianópolis, eles serão agrupados inicialmente em dois grupos: jornais e revistas<sup>78</sup>. A distinção entre tais publicações nem sempre é clara, e precisa tanto estar atenta às discussões teóricas sobre o assunto quanto levar em consideração as características do conjunto de impressos da época, isto é, o trabalho direto com as fontes. Dentre as pesquisadoras sobre este tema, pode-se retomar as ideias de Ana Luiza Martins, que auxilia a compreender algumas das especificidades dos jornais e das revistas:

Mais difícil é contrapô-la [a revista] ao jornal, com periodicidade assídua, geralmente diária e muito semelhante no formato, sobretudo quando a revista se apresenta com páginas soltas, *in folio*. O que os distingue com frequência é a existência da capa na revista, acabamento que não ocorre no jornal; mais do que isso, é a formulação de seu programa de revista, divulgado no artigo de fundo, que esclarece o propósito e as características da publicação. (MARTINS, 2001, p.46)

---

<sup>77</sup> Sobre esse tema, dentre as bibliografias que tratam deste período ou de debates intelectuais, cf. (LEMOS, 2010); (CARVALHO, 1987); (PONTES, 2016).

<sup>78</sup> Posteriormente será exposta a lista dos impressos que serão considerados como Revistas.

No caso dos periódicos encontrados para o estudo em questão, optou-se em tratar como revistas as publicações que geralmente apresentavam as seguintes características: uma capa, uma periodicidade que fosse no mínimo quinzenal, um programa claro para sua publicação, um volume de páginas maior de 4 a 8 - que predominava no caso dos que serão tratados jornais -, além de um melhor acabamento como um todo. Deve-se lembrar também que a palavra “revista” está relacionada com a ideia de “passar em revista” uma série de assuntos de uma semana, mês ou semestre, assim, as revistas normalmente trazem um conteúdo muitas vezes mais aprofundado e menos noticioso e do que no caso dos jornais.

Os impressos tratados como jornais normalmente não apresentariam uma capa, sua periodicidade poderia geralmente variar de diária a semanal e, eventualmente quinzenal ou de um intervalo maior,<sup>79</sup> o acabamento seria mais simples e a quantidade de páginas não seria muito extensa.<sup>80</sup> Nem sempre os impressos tratados como jornais ou revistas irão trazer fielmente todas essas características, o que não invalida o esforço de classificação e agrupamento. Além disso, levou-se em conta também o modo como os impressos se apresentavam, principalmente se no título do mesmo este se apresentava como uma revista.

A partir dos dados disponíveis no segundo volume do Catálogo de Jornais Catarinenses da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC) organizado por Helen Moro de Luca, Alzemi Machado e Roseléia Marcelino (LUCA; MACHADO; MARCELINO, 2020) é possível estabelecer alguns pontos sobre a produção de jornais em Florianópolis. Inicialmente, de 1920 a 1937 parece haver uma continuidade na variação da produção de jornais em Florianópolis, quando muitos impressos desta natureza eram fundados e logo encerrados. Boa parte deles representavam grupos políticos, projetos culturais, eram órgãos de associações profissionais, grupos religiosos, ou agremiações diversas. Sabe-se que efemeridade dessas folhas era uma característica comum para a época, o que explica anos com um grande número destas folhas e outros com menos, ou seja, havia uma grande oscilação no número de folhas que circularam em cada um dos anos.

Entre 1938 e 1944 foi possível perceber uma certa estabilidade no número de jornais produzidos. Cerca de 7 a 5 jornais tendo circulado em Florianópolis em cada um destes anos. Pode-se levantar a hipótese de que a censura, ou a própria natureza política deste período que dificultava a organização política de grupos fora do poder devem ter sido os principais fatores

---

<sup>79</sup> É possível sustentar que muitos impressos podem ter alargado o intervalo para sua publicação devido aos custos envolvidos em sua elaboração, que dificultava manter uma periodicidade mais rigorosa.

<sup>80</sup> É difícil estabelecer alguma média, no entanto, muitos dos impressos encontrados possuíam entre 4 ou 8 páginas, com exceções.

para explicar a queda com relação à antes, mas também a regularidade dos números. Sobre os que foram publicados nos anos de 1938 e 1944, com a exceção de “Flama Verde”<sup>81</sup> que somente circulou até fevereiro 1938, predominaram jornais diários de tom mais noticioso, até onde foi possível perceber através de uma leitura geral.

Desse modo, iriam circular folhas mais informativas como “O Estado”, “A Gazeta”, “Diário da Tarde” ou “Dia e Noite”, a publicação oficial do “Diário Oficial do Estado”, o jornal religioso de orientação católica “O Apóstolo” e a “Folha Acadêmica”, ligada aos estudantes da Faculdade de Direito de Santa Catarina, uma instituição próxima do poder político, assim como a Igreja Católica em SC, e ligada especialmente com o financiamento público. O que se percebe é que, no decorrer dos anos 1930, uma série de folhas de natureza variadas deixaram de ser publicadas, ocorrendo um certo predomínio de produções mais informativas ou não conectadas necessariamente a projetos políticos e culturais. Apesar disso, pelo que pode ser percebido, mesmo durante o Estado Novo havia algum espaço em jornais a críticas ao *status quo*<sup>82</sup>.

Sobre a diversidade de periódicos que circularam nestes anos, a bibliografia sobre o assunto auxilia a compreender tanto os diferentes tipos de jornais que circulavam como porque em um mesmo impresso o seu conteúdo, muitas vezes, cobria múltiplas temáticas. Primeiramente, é importante ter em vista que a produção periódica da Primeira República em âmbito nacional passou por um processo de diversificação da imprensa, conforme expõe Maria de Lourdes Eleutério, (2008, p.84). Isto também pode ser relacionado com a produção periódica para o período e local proposto, pois, em Florianópolis circulou uma grande variedade de folhas com objetivos muitos distintos e representando grupos dos mais diversos.

Ademais, de acordo com Eleutério, essa foi uma época que conheceu processos de inovações tecnológicas que permitiram o uso de ilustração diversificada, assim como o aumento das tiragens que melhoraram a qualidade e diminuíram os custos (ELEUTÉRIO, 2008, p.84). A autora também expõe que a expansão da Imprensa neste período contou com a publicação de impressos de vários matizes políticos, muitos de expressão reivindicatória, com periodicidade variada, pluralidade temática e segmentação enriquecida, principalmente nos cenários urbanos que se modernizavam (ELEUTÉRIO, 2008, p.86-87).

---

<sup>81</sup> Foram raros os jornais cujo intuito de existência era ser um órgão de um movimento ou partido político, como o “Flamma Verde” que era ligado ao Integralismo. Na maioria dos casos, um jornal diário noticioso iria se filiar a uma corrente política, sem abandonar essa característica de imprensa mais “profissional”.

<sup>82</sup> Para informações sobre o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda em SC e algumas das relações do governo catarinense com jornais durante o Estado Novo cf. (ELIAS, 2017).

Tânia R. de Luca escreve que é possível visualizar uma crescente segmentação de públicos e temáticas nos impressos periódicos já no século XIX. De acordo com a historiadora, nesse momento é possível:

discernir entre, por um lado, os devotados à sátira político-social e os de conteúdo leve – para divertir e agradar, e que prefiguravam os semanários ilustrados e de variedades, grande sucesso de vendas da primeira metade da centúria seguinte -, e, de outro, os culturais e literários, bastante próximos do formato livro, que exigiam um leitor disposto a enfrentar ensaios densos e discussões sobre estética (LUCA, 2006, p.98).

Mesmo com esta crescente segmentação, segundo Felipe Matos, ao estudar a imprensa em Florianópolis durante a Primeira República, percebe-se como nos mesmos jornais temáticas e conteúdos variados eram veiculados. Dessa maneira, discussões políticas estavam presentes em jornais culturais, além de notícias religiosas ou de outras temáticas. Nas palavras de Matos sobre a imprensa em Florianópolis:

Embora eminentemente políticos, os jornais precisavam oferecer um conteúdo diversificado a fim de ampliar ao máximo o número de leitores, sendo também noticiosos, comerciais, esportivos, policiais e também literários, abrindo outras oportunidades de colaboração (MATOS, 2014, p.124).

Assim, apesar da maior parte do conteúdo acompanhar o modo como cada periódico iria se apresentar, diversas matérias de outras temáticas também comporiam as suas páginas, principalmente as questões políticas. Estes outros tipos de escritos contribuem para que se compreenda alguns dos limites desta segmentação de temáticas bem como a sua natureza diversificada. Como exemplo, seria possível encontrar no órgão da Coligação Republicana Legionária “Por Santa Catarina” uma matéria discutindo se no distrito de *Ness* existiria uma “lendária serpente do mar” ou se trataria “de um caso de alucinação coletiva”? (POR SANTA CATARINA, 03/01/1934, p.3) ou a presença de poesias de temáticas mundanas na publicação comemorativa do 4º aniversário do banco de crédito popular e agrícola de Santa Catarina “O Cooperativista” (26/05/1931).

Sobre a imprensa publicada em Florianópolis neste momento, é possível aproximar a sua experiência com a produção periódica do Rio Grande do Sul. Odaci Luiz Coradini, cuja discussão também joga luz aos desafios de “classificar” as publicações periódicas da época. ao tratar do período da Primeira República no Rio Grande do Sul expõe que:

(...) da enorme quantidade de jornais existentes, para os padrões da época, a quase totalidade mantinha um caráter político-cultural e/ou religioso, embora isso não esgote seus temas e o público visado. (...) Quanto às demais [publicações não religiosas], o principal traço comum é sua vinculação a algum partido ou ‘corrente de opinião’ política, o que não exclui seu caráter comercial. (CORADINI, 2003, p.128)

A vinculação a algum partido ou “corrente de opinião” política seria uma constante na imprensa de Florianópolis, além de que nas publicações religiosas também tenha sido possível visualizar ao menos um discurso anticomunista, o que pode ser aproximado a uma “corrente de opinião” política, mas que não se fecha a isso. Com relação às imbricações das temáticas em impressos, Ângela de Castro Gomes, ao tratar dos anos 20, 30 e 40 na cidade de Rio de Janeiro, evidencia a existência de um forte vínculo entre arte e política como “constitutivo da própria atividade intelectual, o que permite muitas nuances nas relações entre os dois termos, garantindo aos intelectuais uma ampla área de liberdade e escolha” (GOMES, 1999, p.19). No caso dos jornais ou revistas de viés cultural de Florianópolis esse vínculo parece também poder ser aplicado, apesar de que, com relação a outro aspecto exposto, na capital catarinense havia um número limitado de lideranças políticas ou personalidades com quem intelectuais poderiam se afiliar ou buscar apoio.

As conexões entre as atividades culturais e políticas também é abordada pela historiadora Maria de Fátima Fontes Piazza. A pesquisadora discorre como no Brasil a imbricação do Campo Intelectual com a esfera do político está relacionada com a própria sobrevivência do intelectual, pois, ele era incapaz de viver da venda de seus livros devido aos altos índices de analfabetismo e ao baixo índice de educação formal. Além disso, o capital das relações sociais exercia grande papel no meio intelectual, dessa maneira, investigar as relações de parentesco, compadrio, amizades etc., que eram construídas nas esferas escolar, familiar, na vizinhança, nos clubes e nos partidos políticos auxilia a compreender projetos intelectuais de determinado período. Pode-se perceber, portanto, que o campo intelectual sempre interagiu com a esfera do político, o que facilitou a implementação e circulação de certos projetos culturais. (PIAZZA, 2003, p.34-36).

Neste sentido, Coradini discorre, a partir das ideias de Sigal, que ao se lidar com sociedades “periféricas”, há uma “maior importância das instâncias e dos critérios externos de consagração e uma maior associação e dependência – e, assim, vulnerabilidade – relativamente à esfera política” (2003, p.126). Tal aspecto parece poder ser percebido também na produção de periódicos de Florianópolis, notadamente no caso das Revistas, em que, a maioria delas

publicaram uma quantidade significativa de matérias que sinalizavam uma busca por proximidade com as autoridades políticas.

Das Revistas que foram publicadas entre 1930 e 1945, abaixo está um quadro que sintetiza algumas de suas informações<sup>83</sup>:

Quadro 3 – Revistas elaboradas em Florianópolis (1930-1945)<sup>84</sup>

Revista	1º Exemplar Encontrado: número (mês e ano)	Último Exemplar Encontrado: número (mês e ano)	Qtde de Edições Disponíveis	Periodicidade
Ilha Verde: Revista mensal, política, literária e de propaganda do Estado de Santa Catarina	2 (07/1930)	3 (08/1930)	2	Mensal
Vida Ilhoa	1 (09/1931)	2 (09/1931)	2	Quinzenal
Renovação: artes, letras e atualidades <sup>85</sup>	1 (09/1931)	3 (11/1931)	3	Quinzenal (1ª edição) / Mensal (2ª e 3ª edições)

<sup>83</sup> Dentre as revistas levantadas, somente não foi possível encontrar “Vida Ilhoa”. Sabe-se da existência dela somente através de escritos que a mencionaram. São estas todas as menções encontradas: “Publicações / Recebemos o nº1 da revista ‘Vida Ilhoa’ que acaba de aparecer nesta capital sobre a direção intelectual da professora d. Antonieta de Barros e propriedade do sr. José Rodrigues Fonseca. / Bem impressa, com leitura variada, ‘Vida Ilhoa’ naturalmente terá uma vida longa”. (O ESTADO, 16/09/1930, p.1). “Vida Ilhoa / Circulou, domingo, nesta capital, o primeiro número da revista ilustrada *Vida Ilhoa*. / A nova publicação, que tem como diretora, a professora senhorinha Antonieta de Barros, nome que se impõe pela sua valia mental nas letras catarinenses, apresenta-se com uma feição atraente pelas produções literárias, em prosa e verso, que ornaram as suas páginas. / A *Vida Ilhoa* conta, como diretor-proprietário o sr. José Rodrigues Fonseca e gerente o sr. Aristides Silva. / Possuindo excelentes elementos, que já colaboraram no número, que temos à vista, o novo ‘magazine’ está fadado a um brilhante futuro. / E são esses os votos que formulamos a novel colega. (REPÚBLICA, 16/09/1930, p.3). “Viajante (...) / Para o sul do Estado seguiu em viagem de propaganda da revista ‘Vida Ilhoa’ o sr. Aristides Silva, gerente daquela revista. / O próximo número deste magazine será dedicado ao sul do Estado e em homenagem ao sr. Major Accacio Moreira, vice-presidente eleito e reconhecido do Estado” (O ESTADO, 19/09/1930, p.6). “Vida Ilhoa / Em edição especial, dedicada ao sr. Dr. Fúlvio Aducci e major Accacio, apareceu a *Vida Ilhoa*, revista literária e ilustrada que se publica nesta capital sob a direção da senhorinha professora Antonieta de Barros. / Traz inúmeros *clichês* e magníficos artigos de colaboração” (REPÚBLICA, 30/09/1930, p.3). “Vida Ilhoa / Circulou mais um número da revista ilustrada *Vida Ilhoa*, que se publica, nesta capital, sob a direção da professora senhorinha Antonieta de Barros. / O presente número, que é dedicado ao sr. Dr. Fulvio Aducci, presidente do Estado, estampa artística páginas com belas ilustrações e colaboração em prosa e verso, de conhecidos escritores catarinenses (REPÚBLICA, 02/10/1930, p.4).

<sup>84</sup> Com a exceção de “Vida Ilhoa”, todas as revistas menos “Santa Catarina” e “Revista do IHGSC” estão disponíveis no acervo da BPSC. O setor de obras raras da UFSC contém a edição de “Santa Catarina” e o IHGSC contém a “Revista do IHGSC”. Os dados sobre “Vida Ilhoa” foram construídos a partir de notícias sobre a própria.

<sup>85</sup> Em seu terceiro número haverá o seguinte subtítulo: “Revista Mensal Ilustrada”.

Revista do Comércio: comércio, indústria e lavoura	1 (06/1932)	2 (07/1932)	2	Mensal
Revista de Educação: órgão do professorado catarinense	1 (Jan/fev. 1936)	7 (Jan/fev.1937)	6	Bimensal
Santa Catarina: Revista de propaganda do Estado e dos Municípios	1 (09/1939)	-	1	Mensal <sup>86</sup>
Revista do IHGSC	1º Semestre de 1943	2º Semestre de 1944	4	Semestral
Atualidades	1945	-	1	Mensal
Boletim Comercial: Revista Mensal de Interesses Econômicos e Comerciais <sup>87</sup>	41 (03/1920)	55 (11/1945)	90 <sup>88</sup>	Mensal

Fonte: Produção própria do autor (2021)

Não houve uma grande variedade de revistas produzidas simultaneamente em Florianópolis entre 1930 e 1945. Isto também pode estar relacionado com a exigência de um investimento muito maior para Revistas que de jornais, sobretudo pela busca de apoio financeiro por parte de autoridades ou de anunciantes<sup>89</sup>. A isso, soma-se a circulação na capital de Revistas produzidas em outros Estados como Rio de Janeiro e São Paulo, muitas vezes impressos com maior notoriedade, que concorriam com as folhas catarinenses em busca de leitores. Das revistas catarinenses deste intervalo, destacam-se pela longevidade a “Revista da

<sup>86</sup> Apesar de não ser mencionada a sua periodicidade e não ter sido possível encontrar outros exemplares, pelo modo como foi apresentado o seu número, é possível supor que a revista tenha sido planejada como mensal.

<sup>87</sup> Entre janeiro de 1918 (início deste impresso) e até abril de 1919 o impresso se apresentava como “Boletim Comercial: publicação quinzenal sob os auspícios da associação comercial de Florianópolis”. A partir de maio de 1919 ele se chamaria “Boletim Comercial: Revista Mensal de Interesses Econômicos e Comerciais”, eventualmente ele também seria chamado de “Órgão de defesa das classes produtoras em Santa Catarina”. Sob os Auspícios da Associação Comercial de Florianópolis”. Ele seria publicado com certa regularidade até 1955. Optou-se por colocar no quadro sobre revistas a primeira edição encontrada em 1920 e a última encontrada em 1945, sendo que a quantidade de edições somente trata das que foram publicadas dentro desse período.

<sup>88</sup> Os seguintes anos contaram com publicação de “Boletim Comercial”: 1919, 1920, 1921, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945 conforme o acervo da BPSC dispõe. A partir de 1941 será iniciada uma nova fase, o que será mais bem detalhado posteriormente. Tendo em vista a permanência do título e semelhanças de sua natureza, optou-se por apresentá-lo desta maneira no quadro.

<sup>89</sup> Sobre dificuldades na produção de revistas, apesar de centrado em impressos voltados para um público ainda mais restrito por apresentarem uma linguagem mais vanguardista e possuir como temática principal discussões artísticas e culturais, cf. também (MARQUES, 2013).



Educação: órgão do professorado catarinense<sup>90</sup>” e o “Boletim Comercial<sup>91</sup>”, ambas publicações voltadas para um público mais segmentado, sendo que a primeira parece ter tido uma vinculação mais estreita com o Estado, enquanto a outra estava associada a um grupo profissional. De qualquer maneira, pode-se dizer inicialmente, que uma característica comum que se manteve foi a efemeridade da vida de parte das Revistas produzidas na capital catarinense.

Convém mencionar que também havia a produção de revistas por catarinenses em outras cidades, como a “Revista do Centro Catarinense” que foi impressa no Rio de Janeiro em 1929. Esta foi produzida pelo Centro Catarinense que se localizava na cidade do Rio de Janeiro.<sup>92</sup> Outro impresso, foi a “Revista da Cultura” (1927-1939), que também era editada no Rio de Janeiro, cujo responsável era o Cônego Tomás Adalberto da Silva Fontes<sup>93</sup>. Esta Revista contou com publicações de catarinenses como: Affonso de Taunay<sup>94</sup>; Alexandre Konder; Barreiros Filho; Henrique Fontes; Dom Joaquim Domingues de Oliveira; José Arthur Boiteux; Marcos Konder; Tomás Fontes; Victor Konder. (REVISTA DE CULTURA. ÍNDICE GERAL DA 1ª FASE, s/data, p.1-26).

A “Revista de Cultura” foi um longo impresso mensal com um perfil mais acadêmico, aparentemente voltada para um público mais específico de estudiosos. Não era uma Revista Ilustrada, seus artigos eram extensos e cobriam principalmente temáticas religiosas, mas também filologia, política, educação, literatura, psicologia, história, dentre outros correlatos. Nas palavras de seu idealizador, sobre o intuito da publicação:

---

<sup>90</sup> Revista voltada para Professores de SC. Aparentemente, contava com apoio estatal para a sua produção. Como parte do conteúdo havia diversas publicações de atividades pedagógicas possíveis para se efetuar em escolas, também eram publicadas fotografias de escolas e alunos além da legislação sobre a Educação.

<sup>91</sup> O “Boletim Comercial” trazia uma série de informações e notícias econômicas sobre agricultura, indústria e comércio em Santa Catarina e outras regiões brasileiras. A maior parte das publicidades também seriam também sobre casas comerciais, casas de representações, seguros etc. Ele seria publicado sob os auspícios da “Associação Comercial de Florianópolis”.

<sup>92</sup> A revista não especifica responsáveis específicos para cada etapa de sua produção, no entanto, ao final existem os nomes da Diretoria do Centro para o período de 1929-1930: Presidente – Almt. Henrique Boiteux; Vice-Presidente – Dr. Theophilo Nolasco de Almeida; 1º Secretário – Dr. Haroldo Gomes de Silveira; 2º Secretário – Lindolpho Silveira de Souza; 1º Tesoureiro – Annibal Thompson Esteves; 2º Tesoureiro – Annibal Nunes Pires; 1º Bibliotecário – Francisco de Andrade; 2º Bibliotecário – Tte. Celino Cabral; Sindico – Julio Fernandes de Aquino; Procurador – Durval Varella” (REVISTA DO CENTRO CATARINENSE, 1929, p.28). Foi encontrado somente um exemplar desta revista no acervo do IHGSC. Foi a primeira edição de 7 de setembro de 1929, editado no Rio de Janeiro

<sup>93</sup> Tomás Adalberto da Silva Fontes (1891-1961) era irmão de Henrique Fontes e nasceu em Itajaí. Estudou no Colégio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo (RS), posteriormente transferiu-se para o Ginásio Catarinense de Florianópolis. Ordenou-se padre em 1912 após estudar filosofia na capital gaúcha. Foi jornalista, dirigiu de 1917 a 1919 a revista “A Época” de Florianópolis. Dentre as publicações que se envolveu, destaca-se que dirigiu a criou a “Revista Cultura”, em 1927 e que foi publicada no Rio de Janeiro. Foi membro da ACL e publicou diversas obras. (FGV CPDOC, s/data).

<sup>94</sup> Junto ao seu nome segue “da Academia Brasileira”.

Desde 1915, venho pensando na fundação de uma grande revista católica, com sede no Rio de Janeiro. (...) Se a *Revista de Cultura* agradar, alargar-se-á sempre mais o seu círculo de leitores, e estes mesmos trabalharão por elevá-la ao nível que as responsabilidades do catolicismo no Brasil parecem exigir. / DEUS E PÁTRIA – tal a síntese do seu programa. / Quer ser uma publicação desassombradamente católica e entranhadamente brasileira. / Adstritos a estes cânones máximos e a todos os seus consecutários, têm os colaboradores da *Revista* plena liberdade de opinião. / E que campo imenso de trabalho! A defesa da religião nacional contra inverdades, injustiças e insídias; o estudo e propaganda das doutrinas sociais da Igreja; os problemas da educação e instrução; o apuro e enriquecimento da língua pátria (...). (REVISTA DE CULTURA, 1927, p.5-6)

Percebe-se como no Programa da Revista havia um desejo de se engajar e se envolver no debate público, na qual é levantada uma relação estreita entre a religiosidade e a nacionalidade que deve ser defendida, desta maneira, o periódico parece assumir uma espécie de postura *combativa*. Sobre o local de impressão, deve-se lembrar que, conforme Machado Neto discorre, apesar de Paris ser a principal atração para os intelectuais brasileiros, Rio de Janeiro também exercia um fascínio para os intelectuais de outras províncias, pois, a cidade era onde convergia a vida social, política e cultural do país. Nas palavras de Machado Neto: “Pelos maiores oportunidades de ocupação, de repercussão, a Corte constituía a meta desejada por quase todos” (1973, p.65).

Nesse sentido, sugere-se que ter um artigo publicado em uma Revista impressa no Rio de Janeiro deve ter sido relevante para os catarinenses que tiveram esta oportunidade, que pode ser considerada como capaz de ofertar um reconhecimento simbólico da sua relevância no debate público nacional. Além disso, como se supõe que a maior parte das interações culturais entre Florianópolis e Rio de Janeiro se dava através das produções desta última cidade que eram enviadas à capital catarinense, a presença de colaboradores catarinenses na “Revista de Cultura” auxilia a perceber algumas das redes entre intelectuais de diferentes cidades brasileiras e como o movimento não era somente unilateral entre a “capital nacional” e as províncias.

Pelo perfil e sobrenome dos colaboradores catarinenses identificados, pode-se sugerir que dentre os recursos importantes para *acesso* como escritor estaria fazer parte da estreita elite política, cultural ou religiosa no Estado, em que provavelmente Tomás Fontes deve ter atuado como um mediador cultural<sup>95</sup> estabelecendo os contatos das pessoas de Santa Catarina com a elaboração de seu impresso. Nesse sentido, pode-se acrescentar que as conexões de amizade,

---

<sup>95</sup> Sobre esta temática cf. (GOMES; HANSEN, 2016); (GUIMARÃES, 2021) e sobre circulação de ideias (BOURDIEU, 2002).

parentesco ou terem frequentado espaços semelhantes devem ter sido determinantes para as possibilidades publicação.

Sobre a participação em periódicos, convém evidenciar também o espaço de representação que este meio exercia no período, pois, os impressos podem ser compreendidos como espaços onde intelectuais poderiam expor suas ideias e se mostrarem envolvidos no debate público. Tal aspecto é debatido em uma reflexão de Felipe Matos com base nas ideias de Carlos Altamirano:

Os periódicos são espaços de representação de grupos, onde seus produtores buscavam desempenhar um papel que os tornava socialmente mais visíveis: atores do debate público, o escritor como intelectual a desempenhar seu dever cívico, consciência e intérpretes de seu tempo, sobretudo nas revistas literárias e culturais, complementos de suas atuações em academias, jornais, centros cívicos, ambientes que faziam brotar e/ou reforçavam sua autoridade e canonização intelectual (ALTAMIRANO, 2010, p.9-11). A representação destes intelectuais - consagrados pela constante exposição de seus nomes e suas produções nas páginas dos impressos que produziam - torna-se um exercício de poder, uma dominação simbólica dentro de um imaginário coletivo.” (MATOS, 2014, p.150).

No caso de Florianópolis, o que foi possível observar de maneira geral sobre a produção de Revistas de 1930 a 1945 foi que, apesar das poucas Revistas e das possíveis dificuldades para se manterem, elas se tornaram um ponto de encontro relevante para os intelectuais do período. Foram diversas as personalidades, filiadas a diferentes instituições, que tiveram escritos publicados, tornando esses impressos um dos principais polos de divulgação de ideias, em uma época quando, ao que parece, praticamente não havia outras instâncias para a difusão da palavra escrita.

Deve-se ter em vista também, para este contexto, que a publicação de um livro era extremamente cara, ainda mais sabendo que o público leitor era limitado. De qualquer forma, convém reforçar que, apesar de Florianópolis apresentar índices de alfabetização elevados em comparação com outras regiões do Estado, esses tipos de bens culturais eram custosos e de desigual possibilidade de acesso pela sociedade<sup>96</sup>.

---

<sup>96</sup> Ao mesmo tempo, parece ser possível sugerir que também havia dificuldades de ordem técnica para a produção impressa na cidade, como exposto na “Revista do Comércio” acerca da necessidade de se encomendar clichês. Assim foi escrito: “Aviso / Cumpre-nos avisar aos nossos anunciantes e leitores que, pela falta de correspondência com a Capital Paulista, onde havíamos encomendado vários clichês; vimo-nos forçados a deixar para o 3º número, diversos melhoramentos, que era de nosso desejo apresentar agora, bem como, temos que abrir mão de farta matéria redacional que, com a imprevista demora, perde a sua oportunidade”. (REVISTA DO COMÉRCIO, jul.1932, p.2).

Tal característica de frágil institucionalização da produção cultural também pode ser observada em outras localidades, como no caso do Rio Grande do Sul antes da circulação da renomada “Revista do Globo”. Segundo Coradini:

Numa situação de frágil institucionalização, ou, pelo menos, de dispersão da produção ou da transmissão da cultura erudita, até o início dos anos 1930, os principais pontos de aglutinação de intelectuais, no Rio Grande do Sul, encontram-se nos jornais, além das revistas de duração efêmera ou com público específico. (CORADINI, 2003, p.128)

Sugere-se que também em Florianópolis, assim como a bibliografia sobre a História Intelectual<sup>97</sup> tende a sugerir, as Revistas tornaram-se um dos principais locais de sociabilidade e fomento de ideias entre intelectuais. Dessa maneira, a partir destas palavras iniciais, propõe-se aprofundar a investigação das Revistas publicadas em Florianópolis de 1930 a 1945. A primeira discussão irá se centrar nas figuras responsáveis por sua elaboração, buscando estabelecer alguns dos critérios para participar em uma atividade desta natureza, bem como algumas das práticas comuns neste meio. Em seguida, serão tecidas considerações sobre qual sociedade e cidade eram representadas nestes impressos, além de como se dava a sua articulação com as autoridades locais.

---

<sup>97</sup> Cf. principalmente (SIRINELLI, 1996).

### 3 INTELLECTUAIS E A ELABORAÇÃO DE REVISTAS EM FLORIANÓPOLIS (1930-1945): DINÂMICAS DO CAMPO INTELLECTUAL

Certa feita, lá pelos idos de 1931, quando ainda garoto, mal egresso dos bancos ginasiais, ainda nos albores de uma mocidade que se estimulava, vi-me tolhido de trabalho à falta de quem me amparasse. Precisava iniciar a vida, sozinho no mundo, embora descendente de família numerosa, tijuquense da primeira forma, trazendo no espírito a ideia de trabalhar para vencer. / Andava pelas ruas da capital, sonhando com uma mesa de redação, com o corre-corre desta para a Polícia feito repórter, vivendo o drama dos que o destino machucava, temperando nos episódios dessa luta a formação de uma mentalidade de homem a serviço de uma coletividade. Uma ideia e um passo seguro: - fui bater à porta de um escritório de advocacia, ali na Felipe Schmidt em antigo prédio de telhado português, mais conhecido por Café do Quidoca. Subi a escada de madeira, encontrando em uma sala com algumas cadeiras o saudoso Wanderley Júnior<sup>98</sup> e, com uma das pernas sobre o canto da mesa, o Dr. João Bayer Filho<sup>99</sup>, que gesticulava, falando alto, fazendo indagações, olhando, amedrontante, quem o rodeava, que era, no caso, o João Miroski<sup>100</sup>, gerente de A PÁTRIA. / Esse o quadro, a primeira cena ante meus olhos, de quem, ainda imaturo, procurava um amigo, um protetor, um conselheiro... Não fosse o desejo de um emprego em jornal, não fosse a iniciativa de procurar um tijuquense amigo da família, talvez tivesse descido a escada pelo corrimão. / Permaneci à porta, sem palavra, como autômato. / Sem gestos, sem ação, imobilizado. Aguardei que aquele homem, de gestos tão duros, de palavras tão autoritárias, de figura tão ditatorial, serenasse. E, em dado momento, fixando-me o olhar firme, falou: / - Ei, moço. Que é que há? / - Preciso falar com o senhor, respondi-lhe, entre desconfiado e receoso. / - Diga então o que quer, redargiu. Mandando-me aproximar / Disse-lhe ao que ia. Conte-lhe toda a minha odisseia de jovem em busca de um destino. Carreguei nas tintas,

<sup>98</sup> Affonso Guilhermino Wanderley Junior (1891-1960) nasceu em Curitiba PR. cursou magistério em Ponta Grossa PR, ingressou na Marinha de Guerra, na mesma instituição foi Oficial-Professor e atuou na Escola de Aprendizagem Marinheiro de SC em Florianópolis. Formou-se em Direito na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná (1927). Dentre as associações que fez parte e atividades exercidas, foi consultor da Congregação Mariana de N. S. do Desterro; redator da Revista do Superior Tribunal (1929); membro da Junta Republicana; sócio do Centro Catarinense de Letras; foi advogado, um dos fundadores da Faculdade de Direito de Santa Catarina, onde também lecionou; membro do IHGSC, foi Orador da Instituição de 1929 a 1930. (O ESTADO; REPÚBLICA; GRISARD, 2015, p.43; MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data; FGV CPDOC s/data)

<sup>99</sup> João Bayer Filho (1893-1967) é nascido na cidade de Tijucas SC. Seu pai, João Bayer, foi prefeito da mesma cidade entre 1920 e 1921 e importante comerciante. Fez o ensino primário em sua cidade natal e o secundário no Ginásio Catarinense de 1907 a 1912. Iniciou o curso de Direito e Comércio em SP, mas formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais no RJ em 1917. Na mesma cidade lecionou no Colégio Santo Inácio. Em SC, que retornou depois de formado, atuou como Promotor Público em Araranguá, foi advogado, Promotor Público em Mafrá SC. Foi prefeito em Tijucas entre 1921 e 1925, fundou jornais, foi eleito Deputado Estadual pelo PRC nos mandatos de 1925-1927 e 1928-1930. Fundou e dirigiu “A Pátria” entre 1930 e 1934, tendo sido inclusive preso em 1932. Foi um dos fundadores da Faculdade de Direito de SC, onde também lecionou e foi diretor. Integrou o Conselho Técnico de Economia e Finanças do Estado em 1938, entre 1940 e 1945 advogou e foi Consultor Jurídico e Comercial das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data; THIAGO, 1957, p.87; REVISTA DE EDUCAÇÃO).

<sup>100</sup> João Miroski estudou na Escola São José em SC. Atuou em atividades ligadas ao esporte, tais como Tesoureiro da Associação de Cronistas Esportivos e Tesoureiro da Federação Catarinense de Desportos. Como jornalista sabe-se que foi gerente de “A Pátria”, “Folha Nova” e “Por Santa Catarina”. Também foi 4º Escriturário do tesouro, funcionário da Fazenda Estadual e Contadoria Geral do Estado (O ESTADO; A GAZETA; FOLHA NOVA; POR SANTA CATARINA).

pintando o drama com tintas mais negras ainda, procurando falar-lhe ao coração. / Momentos após, dirigiu-se ao João Miroski: / - Miroski, este moço vai trabalhar n'A PÁTRIA. Veja o que pode fazer. Fale ao Lourival, ao Diniz, ao Wendhausen, recomendando-lhe e informando-os que é um tijucano, filho de família de minhas relações de amizade e cujo pai foi um dos homens mais respeitáveis de Tijucas. Vai iniciar-se como repórter, ganhando trinta mil réis. Vamos ver se dá no couro... / Estava eu, assim, iniciado no jornalismo. / Daí para frente, a luta foi dura, caminhando por veredas às mais difíceis para um moço que desejava vencer um dia. Daí por dias, meses e anos, até hoje. (BARBOSA, 1982, p.267-268).

O relato acima é memorialístico e foi transcrito por Renato Barbosa, o escritor original é o jornalista Adão Miranda<sup>101</sup>. A escolha se dá porque ele propicia uma discussão sobre certos aspectos da dinâmica do campo intelectual catarinense que serão debatidos no decorrer do capítulo. Em linhas gerais, o relato parece ter sido construído para louvar e construir uma determinada memória positiva de João Bayer Filho, evidenciando suas qualidades, principalmente aquelas consideradas de um modelo masculino tradicional, assim, ele é apresentado como um homem forte, sério e decidido, capaz inclusive de apostar nas qualidades e ajudar um jovem aspirante a jornalista no início de sua carreira. Jovem este que o teme e o respeita, reforçando uma visão hierarquizada da sociedade, aguardando respeitosamente ser chamado para enfim poder expor a sua situação, ansiando por um apadrinhamento. Além disso, o modo como ele foi apresentado parece também mostrar traços de uma sociedade patriarcal, onde os homens estão cientes de seu domínio e autoridade<sup>102</sup>.

No entanto, a aposta dele no jovem jornalista não ocorreu em um vazio, ela parece ter sido decidida devido a um certo condicionante, a afinidade entre a família de origem do aspirante com a de João Bayer Filho que vieram da mesma região, a cidade de Tijucas, na qual este possuía amizade com o pai de Adão Miranda. A amizade, ou prestígio de seu pai como um todo, conforme o caso deixa claro, parece ter sido fundamental para a obtenção do cargo. Sobre o relato, esta pesquisa não averiguará a sua veracidade, contrapondo-o a outras fontes, não se trata disso, argumentar-se, por outro lado, que o texto transcrito parece sinalizar a importância das amizades ou contatos em geral como capazes de auxiliar alguém a se iniciar no universo da

---

<sup>101</sup> Segundo consta, o texto original se intitula “Lado humano de um varão”. Adão Miranda estudou no Ginásio Catarinense (1927-1928). Em notícia de 1933 é escrito que trabalhou em “A Pátria” junto de José de Diniz, João Miroski, Lourival Câmara e Dagoberto Nogueira (O ESTADO, 08/01/1933, p.6). Como jornalista também foi auxiliar de redação de “A Gazeta” e “Por Santa Catarina”, onde João Miroski era gerente. Trabalhou como Professor e Diretor de Grupo Escolar em Cruzeiro do Sul. Atuou como Escriturário da Penitenciária Estadual, trabalhou no Arquivo Policial Criminal e foi escrivão do Juízo de Menores. Fez parte da União da Mocidade Democrática e do Centro Catarinense dos Cronistas Carnavalescos. (O ESTADO; A GAZETA; REVISTA DE EDUCAÇÃO; GINÁSIO CATARINENSE, 1940, p.64). Cf. o jornal de Joinville (A NOTÍCIA).

<sup>102</sup> Termos utilizados por Lilia Moritz Schwarcz (2019, p.187). Convém frisar também como o próprio título original do texto busca reforçar esses aspectos: “Lado humano de um varão”.

cultura da escrita e impressa. As afinidades eletivas, a busca por apadrinhamento, o respeito e o reforço a certas hierarquias parecem ser traços das relações entre os intelectuais no período em foco<sup>103</sup>.

Nesse caminho, o capítulo que segue não irá acompanhar a trajetória dos nomes mencionados acima, ele estará centrado em outros intelectuais, aqueles responsáveis por revistas no período de 1930 a 1945 em Florianópolis. Apesar disso, algo que se pretende argumentar no decorrer do capítulo é que algumas características do modo de agir dos personagens do relato estão muito próximas das pessoas que serão abordadas nas páginas seguintes, desde a importância das sociabilidades entre os intelectuais, a força da amizade ou do sobrenome da família, a centralidade de certas personalidades, as diferentes hierarquias em uma sociabilidade, a passagem por algumas instituições como o Ginásio Catarinense, a busca pelo Curso Superior - notadamente em Direito-, a necessidade de envolvidos com a elaboração de periódicos acumularem outros ofícios – sobretudo no meio público-, dentre outros aspectos.

Ou seja, mesmo se tratando de diferentes personalidades, os nomes que serão investigados no decorrer deste capítulo, também pareciam estar inseridos em um grande Campo Intelectual que constringia algumas de suas ações, instigava-os a realizarem certas práticas e, assim, dotava-os, de diferentes maneiras e com diferentes graus, de uma série de regras e modos de agir que poderiam lhes render mais chances de garantir a sua sobrevivência material.

É com base nessas considerações que se pretende anunciar a proposta deste capítulo, a análise das possibilidades de se envolver na elaboração de uma Revista em Florianópolis de 1930 a 1945, além de uma análise da dinâmica intelectual do período. A partir de uma investigação de inspiração prosopográfica<sup>104</sup>, buscou-se examinar as suas trajetórias, recursos, formação, sociabilidades etc. Com base nas informações levantadas, foi realizado um exame comparativo desses agentes, que possibilitou perceber uma série de protocolos, práticas ou etiquetas comuns entre os intelectuais, bem como os possíveis critérios para que se tivesse a possibilidade de participar da elaboração de uma revista, além das diferentes hierarquias entre os próprios e com o restante da sociedade.

Conforme já exposto, a produção de revistas em Florianópolis nos anos 1930 seguiu uma tendência de décadas anteriores marcada pela pouca regularidade e efemeridade na

---

<sup>103</sup> Sobre o universo da produção literária, mas que parece também se harmonizar com a discussão inicial proposta e da seguinte, nas palavras de Gisèle Sapiro: “A análise das redes parece particularmente apropriada para explorar este universo de fronteiras imprecisas e porosas que é o mundo das letras, estruturado em microlocais (em torno de uma revista, por exemplo) e em redes de relações informais, que frequentemente tomam uma forma personalizada, como nas afinidades eletivas”. (2019, p.69).

<sup>104</sup> Sobre essa ferramenta de investigação cf. (FERRARI, 2010) & (CHARLE, 2018).

elaboração de impressos de uma maneira geral. Para o período em foco, foram encontradas 9 revistas<sup>105</sup>, na qual 21 intelectuais são apresentados como seus responsáveis, seja com cargos de direção, secretaria ou redação. Tais pessoas são compreendidas enquanto intelectuais por se unirem em empreendimentos comuns que sinalizam um interesse em divulgar determinado projeto, ideia ou, de maneira geral, uma forma de intervir no debate público e na sociedade.

Sabe-se que a elaboração de um impresso exige um grande investimento de tempo, dinheiro e outros capitais, materiais e simbólicos. Estes investimentos são importantes tanto para alavancar, quanto para manter um empreendimento dessa envergadura. Isto se aplica especialmente para o caso das revistas que, comumente, exigem um acabamento técnico superior ao dos jornais e por conter, em geral, um conteúdo menos noticioso e mais textos que tendem a colocar “em revista” discussões ou assuntos da semana, mês, entre outros.

A construção de um periódico é um trabalho coletivo, cujas pessoas envolvidas nas demais etapas de produção possuem poderes decisórios desiguais, seja para a escolha do conteúdo a ser veiculado, seja para escolha de quem poderá ou não ter algum texto autoral em suas páginas, dentre outras questões. A hierarquia mais visível é a separação entre o diretor em comparação com os outros responsáveis e demais colaboradores<sup>106</sup>. Entende-se que, de maneira geral, o diretor deve ser compreendido como o principal responsável pelas tomadas de decisões, a escolha final de responsáveis e aceitação de colaboradores. Ademais, o seu nome deve atuar como um reconhecimento simbólico capaz de estimular a leitura e boa aceitação do impresso.

Sobre a escolha de participantes ou colaboradores de um periódico, raramente são encontrados indícios no impresso ou outros documentos que abordam diretamente razões para com que determinado intelectual tenha sido preterido ou escolhido para ter seus textos publicados. Propõe-se que o exame do conjunto desses intelectuais, com seus capitais e aspectos concernentes à natureza de suas conexões pode auxiliar a compreender certas escolhas para diferentes cargos e colaboradores.

Para a análise que se propõe, que estará centrada nos responsáveis pelas revistas, sugere-se que a explicação para quem logrou um cargo de maior ou menor poder decisório está relacionada com a posse de trunfos materiais ou simbólicos que propiciaram certos benefícios junto ao Campo Intelectual. Ao mesmo tempo, argumenta-se que, de diferentes maneiras, as

---

<sup>105</sup> Deve-se lembrar que a revista “Vida Ilhoa” não foi encontrada para consulta. Somente sabe-se dela através de notícias dos jornais “República” e “O Estado”.

<sup>106</sup> No caso daquelas pessoas que somente tiveram um ou mais textos assinados publicados em uma revista sem um vínculo maior para sua elaboração, elas serão chamadas de colaboradoras.



peças que se associaram a tais empreendimentos estão sujeitas a uma série de regras do jogo e do funcionamento de um grande Campo Intelectual de Florianópolis dos anos 1930.

Além de ser possível evidenciar que tais pessoas podem ser compreendidas como pertencentes a um grande Campo Intelectual que constrange a sua atuação, não se deve descartar as intersecções deste Campo com outros. Nesse sentido, sabe-se que esta pesquisa lida com impressos de temáticas variadas, desde aqueles de cunho literário a outros ligados ao comércio ou assuntos educacionais, por exemplo.

Assim, certos recursos serão valorizados como um todo no conjunto do Campo Intelectual, enquanto outros poderão propiciar mais benefícios simbólicos no Campo Comercial do que no Educacional. Ou seja, tendo em vista que o escopo deste capítulo é se centrar em intelectuais envolvidos com revistas de propostas diferentes, esta variedade pode auxiliar a encontrar pontos comuns que representam características gerais do Campo Intelectual onde esses agentes atuavam.

No caso que segue estão presentes impressos ligados às seguintes temáticas: cultural (“Renovação”; “Revista do IHGSC”), política e cultural<sup>107</sup> (“Ilha Verde”; “Vida Ilhoa”), comercial (“Revista do Comércio”; “Boletim Comercial”), educacional (“Revista de Educação”) e de generalidades (fait-divers) ou variedades (“Santa Catarina”; “Atualidades”). Essas revistas tiveram diferentes durações e características materiais, além de variadas formas de financiamento.

### 3.1 OS INTELECTUAIS, TRAJETÓRIAS E RECURSOS: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO INTELECTUAL

No decorrer da pesquisa foram levantadas uma série de informações sobre os agentes responsáveis pelas Revistas. Tais dados foram sistematizados em um quadro que contém os seus nomes<sup>108</sup> e a função no impresso, data e local de seu nascimento, informações sobre sua família, dados sobre sua escolaridade ou formação, as principais associações, sodalícios, grupos

---

<sup>107</sup> Sabe-se que aspectos políticos faziam parte em maior ou menor medida dos diversos outros empreendimentos periódicos, principalmente no caso dos culturais. No entanto, optou-se por tratar “Ilha Verde” como política e cultural por se tratar de claramente uma Revista de propaganda política do Estado de SC, mas com conteúdo englobando temáticas culturais também.

<sup>108</sup> No quadro estão os nomes como foram escritos nos impressos. Os seus nomes completos, mesmo daqueles que tiveram seu nome completo publicado na revista são, por ordem alfabética: Alberto de Castro; Antonieta de Barros, Antonio Lucio, Aristides Silva, Carlos da Costa Pereira, Eliezer dos Santos Saraiva; Elpídio Barbosa; Florêncio Thiago da Costa; Genésio Guilherme Paz; João Batista da Costa Pereira; João Kuehne; José dos Santos de Diniz Martins; José Rodrigues Fonseca; Ladislau Romanowski; Laércio Caldeira de Andrada; Ney Bruggemann da Luz; Odilon Fernandes; Oswaldo Rodrigues Cabral; Teodoreto Avilla; Tito Luiz Gomes de Carvalho.

intelectuais etc. que participou, além de dados sobre a carreira profissional e outras informações relevantes.

Para algumas destas pessoas poucos dados foram encontrados, o que não torna inviável o esforço de construir uma explicação mais geral sobre os demais recursos que contribuíram para que tais pessoas tenham conseguido chegar nesses cargos. Por um lado, pode-se considerar que a abundância de dados de determinado intelectual também pode estar relacionada com um relativo “sucesso” em sua área, melhor aceitação pelo conjunto de sociedade, a posse de boas conexões, fora um projeto de construção de uma boa imagem para a posteridade<sup>109</sup>.

Em um primeiro momento serão feitas considerações sobre o conjunto desses intelectuais, evidenciando aspectos gerais do Campo Intelectual de Florianópolis e recursos ou características que auxiliariam a participar em um empreendimento dessa natureza. Posteriormente serão feitas considerações mais detalhadas sobre certas trajetórias e demais questões que não foram devidamente problematizadas tendo em vista essa abordagem inicial panorâmica. Abaixo o quadro que agrupa uma série de informações sobre esses intelectuais até o ano de 1945<sup>110</sup>:

Quadro<sup>111</sup> 4 – Intelectuais responsáveis por Revistas em Florianópolis (1930-1945)

Nome da Revista				
<b>Intelectual / Cargo na Revista</b>	<b>Família</b>	<b>Escolaridade / Formação</b>	<b>Principais Associações / Grupos etc.</b>	<b>Carreira Profissional &amp; Outras Informações (até 1945)</b>
<b>Data/ Local de nascimento</b>				
<b>Ilha Verde: Revista mensal, política, literária e de propaganda do Estado de Santa Catarina</b>				

<sup>109</sup> Muitos dos intelectuais se tornaram nomes de escolas, avenidas ou ruas pela Grande Florianópolis, dentre outros. Para este trabalho não serão tecidas considerações sobre esta temática nem foram inseridas no quadro informações de atividades exercidas nos anos posteriores a 1945.

<sup>110</sup> No caso da Revista de Educação”, através do seguinte estudo (FAVARIN, 2018) soube-se que Antonio Lucio tinha sido seu Diretor durante todo o período de sua circulação. Sobre “Vida Ilhoa”, conforme já exposto no capítulo anterior, somente se soube da existência dela através de menções em periódicos. No capítulo 2 estão transcritos todos os textos que mencionam a publicação da revista. Com relação aos seus membros, a maior dificuldade foi levantar informações sobre Aristides Silva devido a existência de outras pessoas com estes nomes, mas com outros sobrenomes. Somente foram adicionadas informações no quadro quando era mencionado somente “Aristides Silva” e no que poderia ser relacionado com o seu perfil.

<sup>111</sup> Boa parte dessas informações foram publicadas em periódicos diversos. Para auxiliar na busca de quando esses intelectuais foram mencionados, utilizou-se o sistema de pesquisa da Biblioteca Nacional que procura onde os nomes foram publicados Cf. (HEMEROTECA DIGITAL, s/data). Este sistema de busca possui seus limites, nem todas as menções são sinalizadas. Apesar disso, esta é uma ferramenta excelente e foi indispensável para a abordagem proposta. Uma dificuldade encontrada foi a de expor os anos quando cada intelectual exerceu certa atividade ou se envolveu com um periódico, ocupou certo cargo etc. Buscou-se limitar a exposição da data deste tipo de informação tendo em vista que, na maior parte dos casos, encontraram-se informações citando a atuação de alguém, mas não exatamente o ano que ingressou na mesma ou por quanto tempo ficou em tal ocupação.

<p>Nicolau Nahas <b>Diretor (1930, ed. 2 e 3)</b></p> <p>1894-1934 Campos, RJ</p>	<p>Casado com Carmen Hoffman Nahas e deixou descendência. Filho de Nagib Nicolau Nahas foi capitão, comerciante, exerceu cargos públicos e foi agente de loteria</p>	<p>-</p>	<p>Centro Literário e Recreativo Castro Alves; CCL; Club 15 de Outubro; Externato Futebol Club; Sociedade Recreativa Democrata Club; Centro de Cultura Teatral; Um dos fundadores da Aliança Liberal (1929)</p>	<p>Exerceu cargos públicos; colaborou em diversos periódicos; Escritor de obras teatrais; Foi tenente da polícia militar; Recebeu apoio de Hercílio Luz quando militante do partido republicano</p>
<p>Ladislau Romanowski <b>Diretor (1930, ed. 2 e 3)</b></p> <p>1902-1997 Mallet PR</p>	<p>Casado com Angela Opusky (Professora Complementar ista) e deixou descendência</p>	<p>Estudos iniciais em cidades do interior do Paraná; Autodidata</p>	<p>Academia Paranaense de Letras; Associação Catarinense de Imprensa (ACI); Centro Cultural Catarinense; Sociedade Editora “Biblioteca Catarinense”; Associação dos Empregados no Comércio de Florianópolis</p>	<p>Trabalhou e colaborou em diversos periódicos; Foi representante comercial; Trabalhou em escritório Comercial;</p>
<p>Jose Rodrigues Fonseca <b>Diretor Comercial (1930, ed. 2 e 3)</b></p>	<p>Casado e deixou descendência</p>	<p>-</p>	<p>Sociedade Musical “Amor à Arte”; Sociedade União dos Garçons de Florianópolis; Delegado Eleitor do Sindicato dos Operários em Construção Civil</p>	<p>Foi pedreiro; Tipógrafo; Trabalhou na elaboração de anúncios publicitários; Funcionário na “Empresa Luz e Força”; Trabalhou em agência lotérica; Preso em 1935, 36 e 38; Ligado a movimentos de trabalhadores, ANL e ao comunismo (PCB)</p>
<b>Vida Ilhóia</b>				
<p>Antonieta de Barros <b>Diretora</b></p>	<p>Solteira. Origem familiar humilde. Foi</p>	<p>Ensino Fundamental na Escola Lauro Müller; Ensino</p>	<p>CCL; Centro Cívico e Recreativo José Boiteux; Centro</p>	<p>Professora, Diretora de Escolas, Diretora de Periódicos, Jornalista, Escritora, Foi</p>

(1930, ed.1 e ed. 2)  1901-1952 Florianópolis	criada pela mãe que era lavadeira e foi empregada doméstica da família Ramos em Florianópolis. Descendente de escravos da cidade de Lages SC.	Médio na Escola Normal Catarinense (1921);	Cívico das Normalistas; Liga do Magistério; Sociedade de Assistência aos Lázarus e de Defesa Contra a Lepra; ACI;	Deputada Estadual pelo Partido Liberal (1935-1937);
José Rodrigues Fonseca <sup>112</sup> <b>Diretor e Proprietário</b>	-	-	-	-
Aristides Silva <b>Gerente (ed. 1 e ed.2);</b>	Com descendência	-	S. M. 'União dos Artistas'; União dos Eletricistas de Florianópolis;	Funcionário Empresa de Luz e Força
<b>Renovação: Artes, Letras, Atualidades</b>				
Genésio Paz <b>Diretor (1931, ed.1 e 2);</b>	Casado e com descendência	-	ACI; Membro do Partido Liberal Catarinense	Representante Comercial; Procurador Companhia de Estrada de Ferro; Colaborador e responsável por Periódicos; Funcionário de "Mundo Lotérico": Prefeito de Cruzeiro (1934, 1939), Secretário da Prefeitura (1935);
Alberto de Castro <b>Diretor (1931, ed.1 e 2);</b>	Casado	-	-	Cirurgião-Dentista; Colaborador em "O Estado" (1930-1931); Indícios de ter sido comunista e expulso do Brasil pelo regime Vargas
José de Diniz <b>Diretor Literário (1931, ed.3)</b>  1896-1962	Casado e deixou descendência. Filho de Leopoldo de Diniz Martins	Aluno do curso de Odontologia no Instituto Politécnico de Florianópolis	CCL; ACL; Grupo Carnavalesco "Tenentes do Diabo"; Externato Futebol Club;	Colaborador e responsável por diversos periódicos; Funcionário Banco Sul do Brasil; Cia Nacional de

<sup>112</sup> Para seus dados cf. informações presentes na linha da Revista "Ilha Verde".

Florianópolis	<p>cirurgião dentista que teve expressiva carreira na administração pública e foi major da Guarda Nacional; Irmão de Leopoldo Diniz Júnior, que foi advogado e intelectual renomado no Rio de Janeiro, ocupando vários cargos públicos</p>		<p>Clube de Regatas Martinelli; ACI; IHGSC; Clube dos Funcionários Públicos Civis de Santa Catarina; Cruz Vermelha Brasileira; Círculo Operário</p>	<p>Navegação Costeira; Cargos públicos na Prefeitura de Florianópolis e Estado</p>
<p>Ney Luz <b>Diretor</b> <b>Responsável</b> <b>(1931, ed.3)</b>  1911-1933 Florianópolis</p>	<p>Filho de Heitor Pinto da Luz e Silva, que se formou em Farmácia no RJ, trabalhou na área, foi membro da Associação Brasileira de Farmacêuticos, ACL, IHGSC, Instituto Politécnico de Florianópolis, além de ter lecionado, dirigido instituições de ensino e publicado em periódicos</p>	<p>Ensino Secundário no Ginásio Catarinense; Curso de Farmácia pelo Instituto Politécnico de SC</p>	<p>Associação Catarinense de Farmacêuticos; ACI</p>	<p>Farmacêutico; Colaborou e dirigiu em uma série de periódicos de Santa Catarina e, por certo período, no RJ; Ajudante do Escrivão do Cartório do Superior Tribunal de Justiça</p>
<b>Revista do Comércio: comércio, indústria e lavoura</b>				
Genésio Paz <sup>113</sup>				

<sup>113</sup> Para seus dados cf. informações presentes na linha da Revista “Renovação”.

<b>Diretor (1932, ed.1 e 2)</b>				
<b>Revista de Educação: Órgão do Professorado Catarinense</b>				
Antonio Lucio <b>Fundador e Diretor de todas as edições (1936-1937)</b>	-	Bacharel em Direito	Membro do Partido Liberal Catarinense; IHGSC; Sociedade Editora “Biblioteca Catarinense”; Clube de Natação e Regatas “Almirante Lamego”; Sociedade Amigos de Alberto Torres	Professor e Diretor de Grupos Escolares; Subdiretor de Instrução; Professor em curso superior; Inspetor Escolar; Candidato (não eleito) para eleições de 1934 pelo Partido Liberal
Elpídio Barbosa <b>Secretário (1936-1937)</b>  1909-1966 Florianópolis	Casado e deixou descendência. Descendente de Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, o Arcipestre Paiva, que foi um intelectual catarinense do século XIX com expressiva carreira na política e cultura em SC	Colégio Coração de Jesus; Ginásio Catarinense; Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de SC	IHGSC; Academia de Comércio; Sociedade Amigos de Alberto Torres; Clube dos Funcionários Públicos Civis de SC; Centro Acadêmico XI de Fevereiro; Clube Doze de Agosto; “Aero Clube Catarinense”; Instituto Brasil-Estados Unidos; Sociedade Catarinense dos Amigos da F.A.B.	Professor em diversos colégios e no ensino superior; Inspetor Escolar; Cargos diversos no Departamento de Educação; Assistente Técnico do Departamento de Educação
<b>Santa Catarina: Revista de propaganda do Estado e dos Municípios</b>				
Tito Carvalho <b>Diretor (1939, set.)</b>  1896-1965 Orleans SC	Casado e deixou descendência	Ensino Secundário no Ginásio Catarinense;	Clube de Regatas “Aldo Luz”; Clube Carnavalesco dos Boêmios; ACL (membro fundador); IHGSC; ACI	Fundou, dirigiu e colaborou em diversos periódicos pelo Estado; Escritor reconhecido pelo regionalismo em sua obra; Foi Professor; Teve cargos no serviço público; Funcionário

				no Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda DEIP
<b>Revista do IHGSC</b>				
<p>Carlos da Costa Pereira <b>Diretor (1943, 1944 – todas edições)</b></p> <p>1890-1967 São Francisco do Sul SC</p>	<p>Casado e deixou descendência</p>	<p>Ensino Primário Completo; autodidata e teve preceptor</p>	<p>Membro do Partido Republicano Catarinense; Associação Brasileira de Imprensa; Associação Catarinense de Educação; ACL; IHGSC; Associação Cultural Luiz Delfino; Comissão de Estudos dos Serviços Públicos Estaduais; Sociedade Amigos da América;</p>	<p>Escritor; Colaborou e foi responsável por diversos periódicos; Teve cargos no serviço público; Diretor da Biblioteca Pública;</p>
<p>Oswaldo R. Cabral <b>Redator (1943 – 1º e 2º sem.; 1944 – 1º sem.)</b></p> <p>1903-1978 Laguna SC</p>	<p>Casado; Filho de Ary Natividade Cabral, que foi tenente, jornalista e tesoureiro da Agência do Banco Nacional do Comércio em Joinville</p>	<p>Estudos iniciais em Porto Alegre e em Lauro Müller; Estudos Secundários no Ginásio Catarinense, Escola Normal Catarinense; Formado em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina RJ</p>	<p>Sociedade Editora “Biblioteca Catarinense”; Clube Joinville; Sociedade Médica Joinvillense; IHGSC; Sociedade Catarinense de Medicina; ACL; Conselho Penitenciário do Estado; Cruz Vermelha;</p>	<p>Professor; Escritor de grande prestígio nas áreas de história, antropologia, medicina, folclore, entre outros. Médico; Colaborou em diversos periódicos; Primeiro Tenente do Exército de 2ª Linha Médica; Candidato em 1934 pela Coligação Republicana; Ministrou curso na Universidade de Minnesota a convite do governo dos EUA</p>
<p>Eliezer S. Saraiva <b>Redator (1943, 1º sem)</b></p>	<p>Filho de Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, que</p>	<p>Formado em Engenharia (Mackenzie, São Paulo)</p>	<p>Associação Cristã de Moços de São Paulo; Instituto Santos Saraiva; IHGSC; Cruzada</p>	<p>Escritor; Membro de destaque da Igreja Presbiteriana; Colaborou em periódicos de SP e em</p>

1879-1944 São José SC	foi um renomado intelectual, filósofo, ex-padre, cientista e professor		Nacional de Educação; Associação Cultural Luiz Delfino	“O Estado” de SC; Professor;
J. Batista Pereira <b>Redator (1943, 2º sem. 1944 – 1º sem.)</b>	Casado e deixou descendência; Filho do Major Gustavo da Costa Pereira, comerciante local, diretor da Associação Comercial de Florianópolis	Foi aluno do Ginásio Catarinense	Clube Náutico Riachuelo; Clube 12 de Agosto; ACI; Clube dos Funcionários Públicos Civis; Centro Catarinense dos Cronistas Carnavalescos; Sociedade de Assistência aos Lázarus; IHGSC; Imprensa Oficial Esporte Clube; Sociedade Catarinense dos Amigos da F.A.B.; Comissão de Estudos do Serviço Público Estadual	Colaborador e Diretor de “A República” SC; Diretor da Imprensa Oficial; Secretário da Pref. De Florianópolis
<b>Atualidades</b>				
E. J. Kuehne <b>Fundador e Diretor (1945)</b>  1913-1950 Joinville SC	Casado e deixou descendência	Ensino Primário Completo; Estudos Complementares; Escola Regimental e Curso de Preparação (Exército)		Tenente; Membro da Força Pública; Colaborador, diretor e gerente de diversos periódicos; Comissário de Política Interino; Chefe do serviço de ordem político da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS)
<b>Boletim Comercial: Revista mensal de interesses econômicos e comerciais, sob os auspícios da ‘Associação Comercial de Florianópolis’ (1926-1933) / Boletim Comercial: Publicação quinzenal de interesses econômicos e comerciais (1933) / Boletim Comercial: Publicação de interesses econômicos e comerciais (1934-1935) / Boletim da Associação Comercial de Florianópolis (1941-1942) / Boletim Comercial: Órgão de defesa das classes produtoras em Santa Catarina (1942-1947)</b>				



<p>Florêncio T. da Costa <b>Diretor (1926-1933)</b>  1874-1954 Lages SC</p>	<p>Casado e deixou descendência</p>	<p>-</p>	<p>Sociedade Mercantil; Comissão de Leis e Posturas; Associação Comercial de Florianópolis; Conselho Consultor do Instituto Comercial de Florianópolis</p>	<p>Comerciante; Tenente da Guarda Nacional; Membro do Partido Republicano Catarinense; Diretor Banco de Crédito Popular e Agrícola de SC; Cargos na Pref. de Florianópolis; Diretor-Gerente do periódico “O Comércio”;</p>
<p>Laércio C. de Andrada <b>Diretor (1928-1933)</b>  1890-1971 São José SC</p>	<p>Casado e deixou descendência; Descendente do Coronel José Bonifácio Caldeira de Andrada, que foi Diretor da Repartição de Terras Públicas em Desterro (1722)</p>	<p>Ginásio Catarinense; Engenheiro de Telégrafo; Faculdade de Direito (Iniciou na Faculdade de SC e finalizou em Niterói em 1939)</p>	<p>Sociedade Editora “Biblioteca Catarinense”; ACL (membro fundador); IHGSC; Associação Comercial de Florianópolis; Instituto Comercial de Florianópolis; Atalaia Sport Club; Liga de Higiene Mental; Associação Catarinense de Educação; Clube dos Funcionários Públicos Civis; ACI; Caixa Telegráfica Beneficente de SC; Cruzada Nacional de Educação de SC;</p>	<p>Escritor; Professor em diversas escolas e no ensino superior; Diretor do Ginásio José Brasilício e do Curso Prático de Comércio; Telegrafista; Funcionário Federal; Colaborador e responsável por diversos periódicos; Membro de destaque da Igreja Presbiteriana; Candidato (não eleito) pela Liga Pró Estado Leigo em 1933; Candidato (não eleito) pela AIB para eleições em 1934</p>
<p>Teodoreto Avila <b>Diretor (1932, 1933)</b>  ? -1939 Laguna SC</p>	<p>Casado e deixou descendência; Esposa Ruth Silva Avila filha do capitão tenente Francisco da Silva Junior</p>	<p>-</p>	<p>Clube R. Jaguarunense; Companhia Carris Urbanos e Suburbanos; Caixa dos Empregados no Comércio</p>	<p>Comerciante; Representante Comercial; Suplente Juiz de Direito</p>

<p style="text-align: center;">Odilon Fernandes <b>Fundador e Diretor (1941- 1945 – Nova F ase)</b></p>	<p style="text-align: center;">Casado e deixou descendência;</p>	<p style="text-align: center;">Ensino Secundário pelo Ginásio Catarinense</p>	<p>Sociedade Editora “Biblioteca Catarinense”; Externato Futebol Club; Conselho Superior da Federação Catarinense de Desportos; CCL; Centro Dramático e Artístico de SC; Centro Popular; IHGSC; Clube Náutico “Francisco Martinelli”; Associação Comercial de Florianópolis</p>	<p>Escritor; Colaborou e foi responsável por diversos periódicos; Professor em diversos locais; Diretor Escolar;</p>
---	--	---	---	--

Fontes: Quadro elaborado pelo autor a partir dos seguintes materiais. Fontes periódicas de Florianópolis: (O ESTADO); (REPÚBLICA); (A GAZETA); (O DIA); (O APÓSTOLO); (LA TRIBUNA); (O ESTUDANTE); (BOLETIM DE INFORMAÇÕES); (ANUÁRIO CATHARINENSE PARA 1929); (ATUALIDADES); (ILHA VERDE); (RENOVAÇÃO); (REVISTA DO COMÉRCIO); (REVISTA DE EDUCAÇÃO); (SANTA CATARINA); (REVISTA DO IHGSC); (ATUALIDADES); (BOLETIM COMERCIAL). Periódicos do Rio de Janeiro: (REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, jan-mar, 1941); (O PAIZ); (O JORNAL); (ALMANAK HENAUULT); (DIÁRIO CARIOCA). Periódicos de Joinville (A NOTÍCIA); (O IMPARCIAL). Periódicos de São Paulo: (CORREIO PAULISTANO); (DIÁRIO NACIONAL); (DIARIO ESPAÑOL). Periódicos de Jaraguá do Sul: (CORREIO DO POVO); Outras referências: (GENTIL, 2015); (GONÇALVES, 2006); (THIAGO, 1957); (GRISARD, 2015); (O INÍCIO DA CLASSE VESPERTINA NO BRASIL, s/data); (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data); (ACIF, s/data); (CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, s/data); (DIPLOMA DE VEREADOR, 1936); (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL, s/data); (NOVELLO; TREVISOL, 2012, p.9). (RELATÓRIO DO GINÁSIO CATARINENSE, 1940); (MATOS, 2014); (SACHET, 1979); (SACHET, 2012); (Entrevista Alzemi Machado, 2020); (KUEHNE, 1943); (LUZ, 2008); (FGV CPDOC, s/data); (HOMENAGEM A MEU AVÔ – NICOLAU NAGIB NAHAS, 2011); (ANAISSI, 2011); (COLLAÇO, 2004); (COELHO, 2010); (COLLAÇO; LUZ, 2008).

Um dos primeiros aspectos que mais pode chamar atenção foi ter somente uma mulher neste grupo, o que reforça a tese da desigualdade de gênero calcada numa sociedade patriarcal. Sabe-se que isto está associado com uma organização de sociedade que tende a colocar como espaço de atuação para as mulheres o âmbito do privado e aos homens o espaço público. Este é um tema que já foi abordado pelo antropólogo Roberto da Matta (1997) que, ao se debruçar no estudo das relações sociais no Brasil, discorre acerca da associação da mulher com as rotinas familiares presente na sociedade brasileira.

Sobre esse assunto, apesar de centrado na sociedade burguesa europeia de 1870-1914, Eric Hobsbawm evidencia que havia como limitador prático para as mulheres poderem realizar uma série de atividades ou profissões tanto a “reinvidicação masculina ao monopólio do

intelectual na esfera pública (à qual a cultura indubitavelmente pertencia) como pela negação às mulheres da espécie de instrução [...] sem a qual a cultura era inconcebível” (HOBSBAWM, 2013, p.132). As considerações do historiador britânico parecem também contemplar aspectos da sociedade de Florianópolis para o período que está sendo estudado.

Pela falta de oportunidade, espaços ou demais dificuldades objetivas para que as mulheres realizassem ou prosseguissem com os estudos escolares e pela circulação de falas que as associavam ou restringiam sua atuação ao ambiente doméstico<sup>114</sup>, pode-se dizer que também havia em Florianópolis uma organização social que tendia a dificultar tanto objetivamente quanto simbolicamente com que as mulheres se envolvessem e produzissem empreendimentos dessa natureza.

Com relação ao campo artístico, Ana Paula Cavalcanti Simioni (2008, p. 62) escreve que “Sensíveis, detalhistas, conservadoras, imitativas e dóceis, tais eram as qualidades femininas por excelência, em tudo opostas ao vigor, à inteligência abstrata, racional e criativa possuídas pelo “gênio”, termo frequentemente usado para caracterizar homens notáveis.” Nas redações de jornais e revistas, a presença de mulheres era uma raridade. Embora seja possível encontrar várias exceções na capital federal, como Yvonne Jean, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz<sup>115</sup>, Nair Mesquita, Elsie Lessa e Luiza Barreto Leite. Entretanto, na provinciana capital de Santa Catarina, a participação de mulheres na vida pública era de uma excepcionalidade ímpar e com as suas contribuições, em muitos dos casos, ligadas a temas que pareciam também reforçar a visão tradicional de mulher como esposa ou mãe.

Sobre a educação escolar para as mulheres em Santa Catarina, Norberto Dallabrida e Celso João Carminatti, no que tange ao ensino secundário, escrevem que, além de que até 1947 todos os estabelecimentos serem privados e poderem ser compreendidos como instituições escolares para as elites devido ao seu alto custo, os adolescentes homens foram muito mais privilegiados do que as moças. Nas palavras dos autores:

A partir da década de 1930, com a primeira expansão do ensino secundário catarinense, constata-se a abertura de tímidos espaços para as mulheres com a instituição da educação mista em três ginásios e da oferta de educação exclusivamente feminina num colégio de freiras. (...) O Colégio Coração de Jesus, fundado no final do século XIX e dirigido pelas Irmãs da Divina Providência, mantinha os cursos primário e normal, e era voltado sobretudo para as alunas oriundas das classes abastadas. Em 1935, ele criou o seu ‘ginásio feminino’, que passou a oferecer ensino secundário para as adolescentes mulheres, o único nesta modalidade de escolarização em Santa

---

<sup>114</sup> Sobre esta temática cf. (PEDRO, 1998).

<sup>115</sup> Sobre este assunto cf. (BARBOSA; AMARAL, 2019)

Catarina até meados da década de 1940. (DALLABRIDA; CARMINATI, 2007, p.20).

Tais considerações ajudam a compreender a baixa (ou quase nula) possibilidade de uma mulher participar em revistas, principalmente, com cargos de maior responsabilidade. Além disso, quando se contempla o conjunto de textos publicados com algum tipo de assinatura ou identificação em todas as revistas, dos cerca de 210 textos que possuíam uma assinatura ou o nome de quem escreveu, iniciais, um tipo de pseudônimo ou sobrenome, foram encontrados aproximadamente 19 deles com a identificação clara de uma autora que o escreveu.

Apesar dos limites desse tipo de análise sobre colaboradores, pois, mulheres podem ter publicado sob pseudônimos ou outros subterfúgios que dificultassem sua identificação, é possível argumentar que eram escassas as possibilidades de envolvimento de mulheres na elaboração ou publicação nesses periódicos. Exemplo significativo da literatura francesa é da escritora George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), que escreveu usando o pseudônimo para ocultar a condição feminina.

Aliás, um possível uso de pseudônimos que tendessem a identificar uma escritora como homem não deixa de contribuir para a constatação de que o espaço de publicação em impressos priorizava homens que, por sua vez, em seu conjunto, também tinham muito mais chances de possuir uma maior familiaridade com a leitura e escrita através de suas maiores oportunidades de escolarização. Tais dados corroboram com a percepção já evidenciada de que o mundo das letras é também um lugar de observação das desigualdades entre os sexos e das clivagens de gênero, como Gisèle Sapiro já escreveu. Nas suas palavras: “se (...) a escrita é uma atividade que sempre foi aberta às mulheres dotadas de capital cultural, o acesso à publicação e ainda mais o reconhecimento literário é um fenômeno recente”. (SAPIRO, 2019, p.59).

Convém frisar neste momento que, seja para o caso dos envolvidos com a produção desses impressos seja para os que tiveram textos publicados, lida-se com um grupo limitado e, de certa maneira, privilegiado do restante da sociedade, pois, possuir tal afinidade com a leitura e a escrita era um recurso pouco difundido, capaz de dar mais chances de conseguir melhores carreiras e uma diferenciação social através do status de escritor.

Ainda com relação ao **Quadro 4**, quando se observa o local de nascimento desses intelectuais, a maioria deles nasceu em SC (12 dos 14 com alguma identificação). Sendo que somente 6 nasceram em Florianópolis ou São José, que é um município vizinho no continente fronteiriço, ao lado da capital. O número expressivo de intelectuais vindos de outras cidades pode sugerir que Florianópolis era compreendida como um espaço privilegiado para atuação

intelectual frente a outras localidades do Estado, ao menos para os que tinham a possibilidade de buscar alguma ocupação nesta cidade, ou que vieram anteriormente por outros motivos, seja familiar ou para frequentar algum estabelecimento de ensino.

Sobre este ponto, convém salientar que de 1930 a 1945 não foi encontrada no acervo da BPSC nenhuma revista produzida em outra cidade de SC além de Florianópolis (MACHADO, MARCELINO, 2014) durante a elaboração do presente trabalho. Isso parece contribuir para que se possa compreender a capital catarinense como um espaço de maiores possibilidades de atuação intelectual junto aos impressos periódicos de maneira geral, mesmo durante os anos de 1930.

Sobre a formação dessas pessoas, foi possível levantar alguns números. Dos vinte e um agentes, somente foi possível encontrar dados sobre a formação de catorze deles. O Ginásio Catarinense é a instituição que mais aparece no quadro, foram sete intelectuais que se formaram ou foram alunos neste Ginásio de grande projeção no Estado. Outras instituições ou tipos de formação citadas foram o Coração de Jesus, a Escola Normal, o Exército, além de dois casos de pessoas que completaram o ensino primário e foram entregues a preceptores ou foram autodidatas.

Foi possível identificar também sete pessoas que ou cursaram o ensino superior, que exerceram profissões que necessitavam esse tipo de formação ou que devidamente foi encontrada alguma informação sobre ter esse tipo de diploma<sup>116</sup>. Somente quatro pessoas desta lista de quem se sabe que frequentou o ensino superior estudaram no Ginásio Catarinense, assim, podemos chegar à soma de que ao menos onze pessoas se formaram ou frequentaram o ensino secundário. Pode-se perceber, inicialmente, a centralidade do Ginásio Catarinense com relação ao conjunto de intelectuais desta lista, além de um número significativo de quem frequentou o ensino superior.

A significativa incidência de agentes que frequentaram o Ginásio Catarinense e participaram desses empreendimentos impressos pode estar associada também com os objetivos da instituição para seus educandos e demais características do conjunto de seus alunos. Sobre este assunto, Dallabrida expõe que “o projeto pedagógico dos jesuítas era direcionado para o cultivo de capital cultural refinado, contribuindo para a produção de um ‘habitus’ específico, apropriado às elites dirigentes” (DALLABRIDA, 2001, p.230)<sup>117</sup>.

---

<sup>116</sup> Parte-se do pressuposto que Alberto de Castro formou-se em Odontologia por ter sido escrito em matérias de jornais que exercia a profissão de “cirurgião-dentista”, apesar de não termos encontrados dados sobre onde se formou.

<sup>117</sup> O mesmo autor também discute em sua obra “A fabricação escolar das elites” os principais itinerários seguidos por ex-alunos do Ginásio Catarinense ao longo das décadas de 20, 30 e 40, desde cargos na burocracia estatal,

Com relação às profissões levantadas e expostas no quadro, fora os casos daqueles que exerceram ofícios ligados à sua própria formação no ensino superior, foi recorrente a participação desses intelectuais em periódicos, além do trabalho como escritor de maneira geral. No caso deste trabalho na imprensa, Machado-Neto escreve como essa atividade pode ser compreendida como o sustentáculo da vida intelectual brasileira<sup>118</sup> de 1870 a 1930 (MACHADO-NETO, 1973, p.89), o que também parece contemplar o período e espaço em foco neste trabalho. Assim, mesmo envolvidos com outras atividades, a atuação junto à imprensa seria uma tônica comum para os intelectuais deste período, inclusive como já poderia ser notado através do exame da trajetória dos citados no texto que abre o presente capítulo.

Dentre as outras profissões levantadas, muitos foram professores, exerceram cargos no funcionalismo público, houve também um bom número daqueles que se envolveram com atividades comerciais e ainda outros que atuaram no exército. Com base nisso, pode-se constatar a aparente impossibilidade ou extrema dificuldade de se manter somente a partir da produção ou escrita em periódicos. Pode-se sugerir, portanto, que o trabalho na produção de revistas não prescindia de possuir outros ofícios ligados ora com o Estado ora com o ramo comercial, por exemplo. Isto pode ser considerado como uma tendência nacional para o período, conforme já foi exposto com base nas análises de Machado-Neto (1973, p.84).

O que tem sido possível perceber é que, por um lado, nos anos de 1930 observa-se em Florianópolis um momento ainda incipiente de um processo de profissionalização da carreira jornalística ou de atuação na imprensa periódica de maneira geral. Por outro lado, não se deve deixar de perceber que isto também ocorria em diferentes localidades brasileiras, isto é, raros eram os casos de intelectuais brasileiros que poderiam viver somente da escrita de seus livros e demais escritos.

De qualquer forma, a própria teoria sobre o estudo de intelectuais ressalta a necessidade de investigar os escritores como dotados de uma “vida dupla”, isto é, compreender que suas demais tomadas de posição ou investimentos não podem ser reduzidos a determinações ou busca de benefícios de um Campo específico, conforme expõe Bernard Lahire (2010). Outros fatores como a origem social, a relevância da sua família e reconhecimento de seu

---

forças armadas, educação, carreira eclesiástica etc. Vale destacar que, a partir dos anos 1920, os diplomados deste local, mediante estágio de seis meses em um grupo escolar, tinham direitos às prerrogativas de normalistas. (DALLABRIDA, 2001, p.250).

<sup>118</sup> Sérgio Miceli também discorre nesse caminho, em suas palavras: “Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais” (MICELI, 2001, p.17).

sobrenome, além das instituições que participou podem auxiliar tanto a compreender o modo de relacionar com a escrita quanto seus êxitos ou dificuldades na sua carreira.

Nesse sentido, uma leitura que não leva em consideração tais aspectos poderia levantar a impressão de que determinada pessoa poderia sair de sua cidade natal e, ao “se aventurar” na capital em busca de um trabalho, contaria principalmente com a *sorte* ou *azar* para conseguir realizar suas expectativas. Parece ser possível sustentar que isso não ocorria, pois, lograr uma ocupação relevante dependeria sobretudo da posse e da possibilidade de mobilizar determinados capitais, desde o econômico, o social ou o cultural que já foram acumulados.

Argumenta-se neste momento que, a partir dos dados expostos e da leitura de seu conjunto, é possível perceber um baixo grau de autonomia para esse campo de produção de bens simbólicos no que tange a periódicos dessa natureza, pois, a própria sobrevivência dos intelectuais que ali faziam parte parecia estar atrelada a outros fatores, desde o andamento da política local, regional, principalmente no caso dos funcionários públicos, ou a um bom rendimento no comércio e outras demais atividades. De certa maneira, parece que o ingresso para a atuação no Campo Intelectual enquanto responsável pela produção de revistas parecia depender não somente da própria atuação e méritos do intelectual, mas também, por “procuração ou por delegação, no jogo dos conflitos entre as frações da classe dominante” (BOURDIEU, 2015, p.191).

Nesse sentido, a importância das redes de sociabilidades em que se estava inserido e da força das conexões que poderiam ser mobilizadas também pode estar relacionada com alguém ter logrado ou não certa participação em uma revista. A necessidade de cultivar laços também pode ser percebida através da intensa publicação nos mais variados periódicos de matérias enviando cumprimentos e fazendo homenagens a personalidades políticas e seus familiares, além da frequente participação dos intelectuais nos eventos que ocorriam na chegada de suas viagens ou outras ocasiões comemorativas. Sugere-se, portanto, que a publicação dessas mensagens e a participação nesses eventos sinalizam um esforço de aproximação e cultivo de bom relacionamento com os poderosos da época, um traço característico do Campo Intelectual do período.

Ao mesmo tempo que é possível perceber a importância de conexões no Campo Intelectual com os líderes políticos ou outras personalidades de grande relevo na sociedade Florianopolitana da época, a incidência significativa da busca por um diploma secundário ou de nível superior também pode estar atrelada a transformações e tendências de maior envergadura que reverberaram na capital catarinense, tais como a crescente importância do

diploma para maiores oportunidades profissionais, os benefícios simbólicos e práticos possíveis de sua posse e a expansão da máquina pública que demandaria profissionais para seus cargos.

Sobre este ponto, ao abordar a sociedade europeia de do final do séc. XIX e início XX, o historiador Eric Hobsbawm evidencia como o acesso à educação formal abriria um pouco mais as carreiras “à meritocracia do talento”, além de significar tanto a distinção social para a família que era capaz de custear este tipo de educação quanto a “demonstração de que os adolescentes tinham condições de adiar a tarefa de ganhar a vida” (HOBSBAWM, 2014, p.271). Nas palavras dele, no decorrer desse período a instrução escolar ofereceria “acima de tudo, um bilhete de entrada para as faixas médias e superiores reconhecidas da sociedade e um meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores”. (HOBSBAWM, 2014, p.272).

Ao tratar especificamente do caso brasileiro, Miceli escreve que:

Se na Primeira República o recrutamento dos intelectuais se realizava em função da rede de relações sociais que eles estavam em condições de mobilizar e as diversas tarefas de que se incumbiam estavam quase por completo a reboque das demandas privadas ou das instituições e organizações da classe dominante, a cooptação das novas categorias de intelectuais continua dependente do capital de relações sociais mas passa cada vez mais a sofrer a mediação de trunfos escolares e culturais, cujo peso é tanto mais quanto mais se acentua a concorrência no interior do campo intelectual. (MICELI, 2001, p.79).

Sobre tal aspecto, vale ressaltar como o número de matrículas para o próprio Ginásio Catarinense cresceu nos primeiros 25 anos de funcionamento. Segundo Norberto Dallabrida, de 1905 a 1930 é possível perceber um crescimento do número de alunos externos, já com relação aos estudantes em regime de internato, que em sua maioria eram oriundos do interior de SC ou de outros Estados, o seu número manteve certa regularidade (DALLABRIDA, 2001, p.219).

Quando se soma essa informação com a fundação do Instituto Politécnico em 1917 e a fundação da Faculdade de Direito em 1932, pode-se sugerir que houve um maior interesse e necessidade de formação de mão-de-obra especializada também em Florianópolis. Sobre este ponto, Miceli também expõe que de 1930 a 1945 houve uma expansão colossal da máquina burocrática brasileira (MICELI, 2001, p.199), o que demandaria uma série de agentes para atuar nessas novas posições.

Um exemplo desta maior procura por um curso superior pode ser compreendido através do exame da trajetória de Laércio Caldeira de Andrada, Além de descender de uma



família renomada em Estado e ter cursado o ensino secundário no renomado Ginásio Catarinense, ele finalizou a Faculdade de Direito aos 49 anos. Sugere-se que a busca do próprio por esse tipo de formação neste momento de sua vida, quando já tinha atuado em diferentes ofícios e ocupado cargos com grande projeção em diversas associações, seja indício desta tendência de maior valorização de um curso superior, que se seguiria ao longo dos anos.

Dentre outras informações que também podem ser problematizadas com base no que foi exposto no **Quadro 4** estão as associações ou instituições que esses intelectuais fizeram parte. O maior número de menções ocorreu ao IHGSC (10 pessoas fizeram parte), seguido da Associação Catarinense de Imprensa - ACI - (9), envolvimento com a política partidária (7), ACL (5), Sociedade Editora “Biblioteca Catarinense” (5), Clube dos Funcionários Públicos Civis (4), CCL (3), dentre outras que foram mencionadas, tais como o Clube 15 de outubro, Clubes de Regatas da capital, Associação Cultural Luiz Delfino, Clubes Carnavalescos etc. Poucas foram as instituições de amplitude nacional ou de outras cidades presentes, e raras as menções a contatos internacionais, assim, percebe-se a maior adesão a grupos sediados na capital. Ao que parece, estes intelectuais não tinham atuação transnacional, as conexões se restringiam a então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro.

É possível verificar que houve uma grande variedade de grupos e seus tipos, assim, encontram-se desde associações de cunho profissional, política, cultural a esportivas. O tipo de participação também variou, foram encontrados desde membros comuns a ocupantes de comissões ou mesmo diretores, oradores e fundadores, o que parece estar relacionado com trunfos sociais ou culturais distribuídos desigualmente pela sociedade. Convém evidenciar que esse esforço de fazer parte de associações também foi uma tendência das décadas anteriores<sup>119</sup>.

A expressividade dos números de membros do IHGSC e ACL que, dentre às instituições culturais, foram as que contaram com o maior número de participantes, parece sugerir que fazer parte destas era um tipo de recurso valioso para poder se alcançar um cargo de maior responsabilidade em uma Revista. Tanto a ACL quanto o IHGSC já eram Instituições tradicionais, além disso, a alta incidência de membros na elaboração de Revistas reforça a sua força nos meios intelectuais por Santa Catarina.

No caso da participação em grupos esportivos, é possível relacionar esse envolvimento com a propagação de um tipo de masculinidade considerada ideal, na qual a prática esportiva, notadamente os esportes náuticos, era considerada um lazer indicado para quem utilizava o seu tempo livre de modo produtivo, “melhorando seu condicionamento físico e aprimorando sua

---

<sup>119</sup> Cf. (MATOS, 2014).

saúde e higiene”, conforme expõe Vanderlei Machado (2007, p.26). Ao mesmo tempo, deve-se levar em conta também que havia benefícios objetivos e simbólicos ao se envolver em determinadas práticas esportivas, isto é, desde a demonstração de ter “tempo livre” e capital econômico para custear certa atividade, a possibilidade de formar ou cultivar boas conexões com os envolvidos ou a expectativa de uma boa repercussão junto a imprensa de tal esporte.

Sobre a prática de esportes, Bourdieu levanta a discussão que parece haver um sistema de predisposições acerca do:

tempo livre, da percepção e da apreciação dos lucros e custos intrínsecos e extrínsecos de cada uma das práticas em função das disposições do *habitus* e, mais precisamente, da relação com o próprio corpo que é uma de suas dimensões. (BOURDIEU, 2017, p.200).

Dessa maneira, é possível argumentar que a “escolha” da prática de certo esporte e não de outro está relacionada com a interiorização de uma série de hierarquias e valores ao longo do tempo.

A partir das ideias de Bourdieu, pode-se dizer que as escolhas de esporte ou lazer efetuadas, por exemplo, não devem ser tratadas somente como um *cálculo* pelos seus benefícios objetivos e simbólicos nem de um sistema de valores impostos aos seus participantes, trata-se mais do modo como os indivíduos tinham interiorizado sentidos e valores das práticas possíveis. Assim, a participação em um esporte náutico, por exemplo, não deve ser compreendida somente como um esforço de busca por distinção social, mas também que tais agentes exteriorizavam a percepção de certas regras e gostos da sociedade atual, buscando se filiar em uma atividade que era associada com o gosto de classes médias ou superiores.

Conforme presente no **Quadro 4**, a participação dos intelectuais em instituições parece ter sido um traço comum no modo de agir dos mesmos no período em foco. Pode-se perceber que a busca por espaços com diferentes graus de institucionalização fazia parte da dimensão organizacional do Campo Intelectual deste local. Além disso, fora a importância desses espaços como pontos de encontro para intelectuais, discussões, troca de ideias ou sua relevância para a formação de redes sociabilidades para seus agentes, também é possível compreender a construção dos mesmos como instâncias de consolidação do poder e da identidade dos intelectuais na sociedade capitalista, conforme expõe Durval Muniz de Albuquerque (2005, p.5).

Nesse sentido, tais lugares pareciam importantes para a manutenção ou construção de laços e pelos benefícios possíveis da exposição de seus nomes junto de seus respectivos cargos nessas instituições. Sugere-se que isso poderia render dividendos de legitimidade ou de

autoridade por sua vinculação, ora com um cargo de conselheiro, orador, acadêmico ou tesoureiro de determinado grupo ou associação, por exemplo.

Até esse momento, é possível dizer que a análise inicial do conjunto dessas informações levanta tanto alguns indícios da dinâmica do Campo Intelectual de Florianópolis nos anos de 1930 a 1945 quanto alguns dos critérios de seleção para se envolver em revistas. Foi possível perceber desde que havia uma pequena possibilidade de participação das mulheres como responsáveis ou colaboradoras, a crescente importância do diploma de ensino secundário ou de nível superior, a relevância do envolvimento e participação com diferentes associações da época, culturais, políticas ou esportivas além da variedade de profissões e atividades exercidas ao mesmo tempo do envolvimento com a imprensa.

Convém evidenciar também como esses intelectuais podem ser compreendidos como intelectuais-mediadores, pois, eles traduziam, escreviam, alguns eram políticos e divulgadores da cultura catarinense também na capital da República. Eles transitavam em vários campos do saber, podendo ser compreendidos também como protagonistas do campo político e intelectual na provinciana Florianópolis e Santa Catarina.

### 3.2 TRAJETÓRIAS E PRÁTICAS INTELECTUAIS: DINÂMICAS DO CAMPO INTELECTUAL

Conforme demonstrou-se no subcapítulo anterior, aqueles responsáveis pela elaboração de revistas compartilhavam de certos recursos ou atributos, mesmo que desigualmente distribuídos entre si e com o conjunto da sociedade. O exame do conjunto desses trunfos objetivos e simbólicos possibilitaram iniciar a construção de uma regra geral sobre quais eram alguns dos critérios para se alcançar um cargo de maior responsabilidade e poder de decisão em uma revista em Florianópolis entre 1930 e 1945, bem como levantar alguns indícios da dinâmica intelectual.

Nesse momento pretende-se investigar aspectos sobre o modo como esses intelectuais interagiam entre si e com outros setores da sociedade. Para construir um entendimento de como se dava a inserção dos agentes estudados com outros grupos sociais, serão abordados principalmente artigos de periódicos da época que tratavam de suas atividades ou que os mencionavam de maneira geral. Tais documentos são tomados como indícios de características das relações desses agentes.

Como exemplo inicial, existe o envio de felicitações À esposa de Nicolau Nahas em “O Estado” de 1932: “Passa hoje a data aniversária da exma. Sra. D. Carmen Hoffman Nahas,

digna esposa do sr. Tenente Nicolau Nahas” (O ESTADO, 24/09/1932, p.6). Esse tipo de publicação, tipicamente presente em seções de título “Sociais” ou similares, não era uma novidade<sup>120</sup>, percebe-se que houve um prolongamento desta prática inclusive nos anos 1930. Sugere-se que a própria presença, além do modo de apresentação, podem ser indicadores de níveis de integração do agente com grupos da sociedade daquele momento.

No caso da nota transcrita acima, é possível perceber inicialmente duas questões: por um lado, apesar do escrito celebrar o aniversário de Carmen H. Nahas, ele atrela o seu cumprimento a um reconhecimento de seu esposo, isto é, a nota reforça uma concepção tradicional do papel da mulher como esposa. Por outro lado, a publicação de um escrito como este não deve ser naturalizada, isto é, ter o nome de sua esposa (e o seu também) presente em uma coluna social como tal parece indicar, em algum grau, uma boa integração de Nahas entre outros setores da sociedade que, de certa maneira segundo os responsáveis pelo jornal, consideravam digno de atenção ser registrado o aniversário de sua esposa.

Ainda sobre este tema, pode-se transcrever o que foi publicado na ocasião do aniversário de Odilon Fernandes:

A data de hoje marca o aniversário natalício do sr. Professor Odilon Fernandes, lente de Português e História do Brasil no Ginásio Catarinense e na Escola Normal do Estado. Nome feito no nosso meio intelectual, poeta inspirado e fino cronista. Odilon Fernandes tem, de a muitos, nos honrado com a sua elegante e apreciada colaboração. A grande estima que o distinto aniversariante goza, não só entre seus alunos, mas também em nossa sociedade em geral, será hoje, mais uma vez, provada com os inúmeros cumprimentos que vai receber. / ‘República’ com prazer envia-lhe seus cordiais votos de felicidades. (REPÚBLICA, 06/10/1933, p.3).

A longa nota sobre Fernandes parece sugerir um significativo prestígio deste junto à sociedade que tomaria algum contato com esse escrito. Seu trabalho como professor em instituições de ensino tradicionais da cidade, fora o pertencimento a associações como o IHGSC devem ter colaborado para este reconhecimento diferenciado, quando comparado com outras notas deste mesmo intuito. Além disso, quando se toma tais publicações como representações<sup>121</sup> sobre tais agentes, leva-se em consideração há também um processo de construção do que se

<sup>120</sup> Cf. (PEDRO, 1998).

<sup>121</sup> Compreende-se “representação” a partir das considerações de Roger Chartier sobre este tema: “(...) as entradas da palavra ‘representação’ atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: de um lado, a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de pessoa”. (CHARTIER, 2002, p.74).

deseja apresentar. Neste caso, convém notar que seria vantajoso expor as qualidades de um colaborador do próprio jornal.

Outro exemplo de envio de felicitações pode ser apresentado, neste caso sobre José de Diniz, na qual o modo pelo formato e escrito da publicação parece que o intelectual era dotado de um grande prestígio na sociedade catarinense:

Figura 2 – Nota de envio de felicitações para José de Diniz em “A Gazeta” (1936)<sup>122</sup>



Fonte: A Gazeta, 19/03/1936, p.6

A publicação de fotografias, de maneira geral, não era muito comum nos jornais catarinenses nesse período. A constância iria variar para cada periódico, no entanto, foi possível perceber uma quantidade mais significativa de fotografias de perfis de políticos de projeção nacional ou internacionais e casos de catarinenses considerados figuras ilustres, como parece ter sido o caso acima. Apesar disso, nem todas as pessoas ou mesmo políticos e autoridades da época que eram mencionadas contavam com a publicação de uma fotografia desse tipo, o que parece corroborar com o argumento da boa conexão e reconhecimento de José de Diniz com a

<sup>122</sup> Transcrição do texto da matéria: “Nossa Vida / Jornalista José de Diniz / Registra-se na data de hoje a passagem do aniversário natalício do estimado conterrâneo e colega de imprensa sr. José de Diniz, redator do confrade *O Estado*. / O distinto aniversariante, figura de marcada projeção no jornalismo catarinense, é ainda literato de estilo primoroso, ficção arrebatada, cheio de sentimento e realidade, sendo membro da Academia Catarinense de Letras. / Portador de elevados dotes morais, inteligência e coração bondoso, José de Diniz, possui também, uma forte personalidade de *gentleman*. / *A Gazeta*, jubilosa, associa-se às homenagens que lhe serão prestadas felicitando-o afetuosamente”. (A GAZETA, 19/03/1936, p.6).

sociedade local. Convém mencionar também que alguns dos indícios para se entender a construção desses tipos de textos está presente nos que é escrito, mas não exclusivamente, pois, sabe-se que José de Diniz fazia parte de uma família com grande projeção, o que não é exposto, mas também que era membro da ACL e colaborador de “O Estado”, que foi mencionado.

O envio de felicitações para colegas da imprensa ou mesmo de pessoas que ocupavam cargos de projeção pela cidade era uma prática de reciprocidade comum. Havia seções específicas nos jornais para isso, sendo que, no caso José de Diniz, ele parece ter recebido um tratamento diferenciado e reservado para algumas figuras. Pode-se perceber que a sua fotografia e o texto sobre si foram publicados em um espaço privilegiado da seção “Nossa Vida”, sinalizando que a passagem de seu aniversário foi considerada como a de maior relevância para aquele dia.

Ainda sobre tal tipo de escrito, percebe-se que uma extensa ou mesmo próspera carreira nas letras não parecia ser o único atributo que determinaria em última instância uma extensa e elogiosa nota em uma coluna social. Outros recursos contribuiriam, desde as instituições que fazia parte, o ofício e onde desempenhava ou a projeção de seu sobrenome. Pode-se comparar, por exemplo, o que foi publicado sobre Romanowski na ocasião de seu aniversário em 1935 no jornal “O Estado” e em “A Gazeta”, sendo que neste último ele era redator:

Transcorre, hoje, o natalício do nosso confrade sr. Ladislau Romanowski, redator da nossa colega ‘A Gazeta’. (O ESTADO, 08/01/1935, p.6). [Fotografia de Romanowski] A data de hoje, registra o aniversário natalício do apreciado beletrista patricio, sr. Ladislau Romanowski, festejado poeta, que dirige com geral agrado a página literária semanal deste jornal. / Além disso, inteligente e ativo representante comercial de importantes produtos, o distinto aniversariante desfruta grande estima e conceito no nosso meio comercial. / Os que mourejam nesta casa, abraçam afetosamente ao talentoso companheiro de trabalho, desejando-lhe felicidades sem conta. (A GAZETA, 08/01/1935, p.6).

A apresentação diferenciada, nesse caso, parece estar relacionada mais com qual impresso estava veiculando a notícia do que com outras questões. Além disso, a própria direção de uma página literária por conta de Romanowski sugere um reconhecimento privilegiado dele, ao menos dentre os seus pares. De qualquer forma, alguns intelectuais pareciam estar menos sujeitos a tais diferenças, contando com distinções menos explícitas quando textos desta natureza eram publicados mesmo provenientes de distintas redações. O intelectual Laércio Caldeira parece poder ser entendido como um exemplo deste caso. Abaixo excertos por ocasião de seu aniversário no ano de 1933 em “O Estado” e a nota completa publicada em “Republica”:

Vida Social / Laércio Caldeira de Andrade / Entre os da geração intelectual que, em terras catarinenses, desencadeou o sopro renovador das letras, dando-lhe formas inéditas e um vigor moderno de realidade e objetivismo, Laércio Caldeira de Andrada é, sem favor, figura em relevo. Possuidor de considerável cultura em geral e sabendo escrever com uma graça muito individual e com uma correção que não é vulgar nos dias que correm, Laércio Caldeira foi dos nomes catarinenses que mais elevaram no sentido intelectual, o seu Estado natal. Isso justifica a admiração geral que goza aqui e em vários outros centros intelectuais do país, por onde passou, imprimindo nos respectivos meios, a sua inconfundível nota de cultura. (...) (O ESTADO, 26/06/1933, p.6). Professor Laércio Caldeira / Passou ontem o aniversário natalício do sr. Professor Laércio Caldeira de Andrada, alto funcionário da Diretoria de Correios e Telégrafos e presidente do Club dos Funcionários Públicos Civis. / Pelo transcurso da auspiciosa data, foi o sr. Professor Laércio Caldeira largamente felicitado. (REPÚBLICA, 27/06/1933, p.5).

Além de suas contribuições no campo das letras, desde como redator em periódicos, escritor etc., outros atributos também podem ter contribuído para essa projeção de grande prestígio nas colunas sociais. Nesse caso, pode-se destacar sua origem familiar de grande notabilidade, as instituições e cargos que ocupou – ele fez parte do IHGSC, fundou uma cadeira na ACL, foi Secretário da Associação Comercial de Florianópolis, Diretor do Instituto Comercial de Florianópolis, docente no Ginásio Catarinense e dirigiu o Ginásio José Brasilício - além do trabalho como telegrafista, que o colocava em uma posição privilegiada no momento de receber notícias. De maneira geral, a análise da nota acima contribui para o entendimento de que ele ocupava uma posição de maior força no campo intelectual no período<sup>123</sup>.

Já em 1920 foi possível encontrar um texto tecendo uma série de elogios à Caldeira em virtude da publicação de seu livro “Introdução à História do Comércio Catarinense”. Acompanhou o texto uma fotografia sua:

Figura 3– Fotografia e texto de Laércio Caldeira em “Republica” (1920)

---

<sup>123</sup> Ainda com relação a este ponto, não foi possível explorar com a devida profundidade o exame das diferentes Gerações existentes entre esses intelectuais para o caso dos cargos nas Revistas. Percebe-se, até o momento, que a escolha de direção ou outro cargo para um impresso estava relacionado em grande medida com os recursos mais relevantes para cada Campo onde a Revista estaria mais relacionada.

**Uma obra de Laercio Caldeira**



ao intercambio universal. Da colonisação, porém, a chegada da corte portugueza ao Brasil, desdobram tres seculos de actividade, que merecem ser estudados pela sua valia historica e por serem o embrião promissor das gigantescas transacções dos nossos dias.

D'ahi escrevermos nós os caditulos que se vão seguir, como ensaio para trabalho de maior folego. Não incidimos sobre os pontos historicos a apreciação critic definitiva porque essa Introdução é um como preparo á comprehensão integral do que temos elaborado sobre a *Historia do Commercio Catharinense*.

A' luz de pesquisas exactas feitas nos subsidios existentes, concatenando os factos com o espirito de fina observação, Laercio Caldeira occupa-se dos vultos mais eminentes que concorreram para o desenvolvimento do commercio na nossa terra.

E em homenagem aos seus serviços lembrados com elevado espirito de justiça estampa no seu livrinho

Entre a brilhante pleiade de catharinenses da nova geração, o sr. Laercio Caldeira occupa pela sua dedicação ao estudo e pela sua operosidade productora, um lugar de destaque. De quando em vez, elle enriquece

Fonte: República, 01/12/1920, p.1

De maneira geral, o texto enaltece a obra mencionada e o seu autor por sua contribuição. Destaca-se abaixo alguns trechos da matéria:

Laércio Caldeira occupa-se dos vultos mais eminentes que concorreram para o desenvolvimento do comércio na nossa terra. (...) Escrito em estilo fluente, com as sutilezas que encantam, constitui uma leitura agradabilíssima tão ao sabor dos que se deleitam na apreciação dos bons livros. / Agradecendo a oferta de um exemplar, resta nos felicitar-mos vivamente a Laércio Caldeira pelo brilhante êxito do seu novo trabalho. (REPÚBLICA, 01/12/1920, p.1).

Pode-se perceber a relevância desta obra e de seu autor através do vocabulário elogioso empregado e da publicação da matéria na capa do jornal, além da presença de uma fotografia de Caldeira. Fora estes pontos, um outro aspecto que pode ser evidenciado é sobre o envio do livro para a redação de “República” como presente. Esta prática era comum (ou até mesmo esperada) entre os intelectuais e poderia auxiliar na manutenção das redes de sociabilidades. Outro ponto a ser notado é como Laércio já era uma personalidade de grande notabilidade antes dos anos 1930, continuando uma carreira de atividades intelectuais, no funcionalismo público e na área comercial. Houve também um breve envolvimento com a AIB na ocasião de sua candidatura em 1934, no entanto, parece que ele não continuou na militância junto a este movimento.

Com relação a outros tipos de atividades que também podem ser indicadores da natureza da conexão de certos intelectuais com outros setores da sociedade estão: a ocupação



de cargos relevantes em ocasiões religiosas, realização de discursos em festividades comemorativas, ter sido escolhido para ser paraninfo em formatura de turmas etc. Tais participações são compreendidas como indícios que possibilitam examinar o acúmulo de prestígio ou reconhecimento de determinado agente entre os seus pares ou a população em geral, além de indicar um tipo de prática comum dessas pessoas.

Como exemplo sobre esta temática, foi encontrada a notícia de título “Festa de Passos / A translação da venerada imagem”, que cita Nahas como um dos que guardaria a imagem em seu caminho. Sobre a matéria, apesar de seu nome estar presente em uma longa lista, sugere-se que sua participação nesta “solenidade [que] é uma das mais tocantes do catolicismo pelos atos de verdadeira fé” e “uma pública demonstração que dão dos seus grandes sentimentos de religiosidade os católicos catarinenses” (REPÚBLICA, 12/03/1932, p.2) pode estar associada a uma boa integração na sociedade florianopolitana, além de que a participação de possibilitaria com que os envolvidos se mostrassem como dotados da boa moral cristã, pessoas ordeiras e seguidoras dos bons costumes<sup>124</sup>.

Em outros casos, alguns intelectuais seriam “mordomos” em festas religiosas. Em 1939, na ocasião da Festa do sr. Bom Jesus para o ano vindouro, Antonieta de Barros faria parte do grupo de Mordomas. (A GAZETA, 10/08/1939, p.3), este também foi o caso de Ney Luz em 1932 na Festa de São João (REPÚBLICA, 12/06/1932, p.5). O mordomo ocupava um papel importante em irmandades, pois, muitas vezes administrava bens, recolhia recursos para festas ou mesmo era responsável por sua administração<sup>125</sup>, ou seja, um cargo com um signo distintivo de outros participantes. A ocupação do cargo de mordomo deve ser compreendida pelo viés de que foi resultado de algum processo de seleção, indicando algum prestígio diferenciado desse intelectual neste ambiente.

Em um caminho semelhante do que foi exposto sobre Carmen Hoffman Nahas, em 1936 a esposa de João Batista Pereira, Nair Gomes da Costa Pereira, seria escolhida para ocupar o cargo de 1ª Juíza para a Festa do Divino Espírito Santo, conforme observa-se na matéria transcrita abaixo:

Festa do Divino Espírito Santo / Realizou-se sábado e domingo último, no distrito da lagoa, a tradicional festa do Divino Espírito Santo, decorrendo na maior animação. / Foram escolhidos juízes, mordomos e mordomas para o próximo ano: o sr. Olívio Amorim, digno Prefeito Municipal, para Imperador Festeiro; o sr. Deputado Ivens de Araújo, para o 1º Juiz; a exma., sra. d. Nair Gomes da Costa Pereira, esposa do sr. Batista Pereira, diretor de ‘A

<sup>124</sup> Sobre a Igreja Católica em SC nos anos de 1930 cf. (SOUZA, 1996)

<sup>125</sup> Sobre mordomos cf. (STASI, 2017, p.33)

República’, para primeira Juíza; o sr. José Tavares da Costa para 2º Juiz; e a exma. sra. d. Francisca Maria Gertrudes para 2ª Juíza. (A GAZETA, 01/07/1936, p.3)

Nesse período, com relação aos cargos exercidos na máquina pública, Batista Pereira já trabalhava como diretor da Imprensa Oficial de SC e atuava na secretaria da Prefeitura Municipal de Florianópolis, ambos cargos de grande relevância no meio intelectual. Além disso, assim como Laércio C. de Andrada, Batista Pereira já era um reconhecido intelectual que também frequentou o Ginásio Catarinense e atuava em uma série de associações pela cidade. Sugere-se que a escolha de Nair G. da Costa para esse cargo de grande projeção nessa festividade, fora os méritos dela, também deve estar relacionado com trunfos materiais e simbólicos adquiridos ou herdados por Batista Pereira. Tais trunfos devem ter contribuído para a classificação diferenciada de sua esposa, que contaria com uma manifestação pública de participar de um seletivo grupo que também integrava o atual prefeito e um deputado estadual.

O próprio intelectual, quando se tornou diretor do jornal “A República” – órgão do então grupo político no poder – teve uma fotografia sua e um texto publicado abaixo anunciando e tecendo elogios sobre a sua pessoa:

Figura 4 – Fotografia de Batista Pereira em “A Gazeta” (1935)



Fonte: A GAZETA, 29/08/1935, p.1

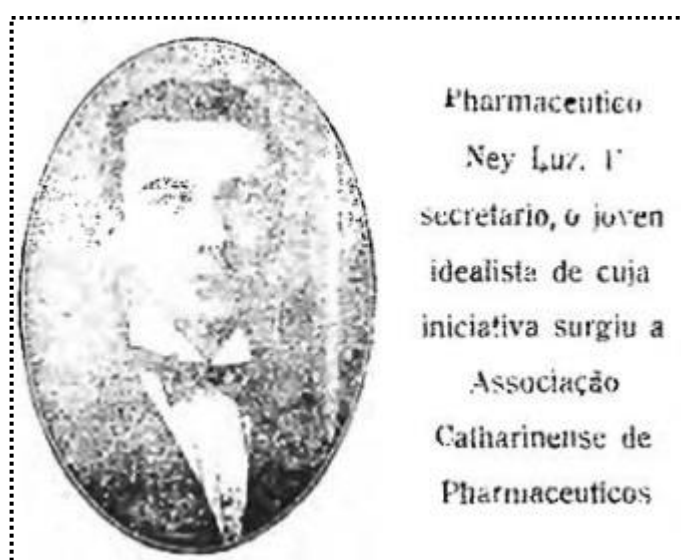
O seguinte texto acompanhou abaixo a fotografia:

Assumi a direção do brilhante matutino, órgão do Partido Liberal Catarinense, A REPÚBLICA, o nosso distinto conterrâneo e talentoso colega de imprensa sr. Batista Pereira, que ali já vinha emprestando o brilho de sua fulgurante pena. / Confiada a direção de A REPÚBLICA ao espírito combativo e inteligente de Batista Pereira, estamos crentes, muito lucrará aquele matutino e o jornalismo catarinense, onde o vibrante colega milita, há muitos anos com talento e dedicação (A GAZETA, 29/08/1935, p.1).

O texto que acompanha a fotografia tece uma série de elogios ao seu colega jornalista que assumiu a direção de um jornal órgão do grupo político que comandava o Estado na época. Conforme já mencionado anteriormente, a escrita de textos dessa natureza, com elogios ou felicitações em geral podem ser compreendidos como um investimento por parte dos responsáveis pelo impresso em cultivar bons laços entre as personalidades locais, além de também poderem ser encarados como indícios das relações intelectuais da época.

A partir das notícias transcritas sobre a participação dos intelectuais ou seus familiares em ocasiões festivas, pode-se perceber diferentes espaços e situações como parte das sociabilidades intelectuais da época. Algo semelhante pode ser percebido nas festividades promovidas pela “Associação Catarinense de Farmacêuticos” em virtude do centenário do ensino no país. Houve a publicação de uma matéria que ocupou a totalidade da página 6 de uma edição de 1932 de “O Estado”. Abaixo uma fotografia de Ney Luz que foi publicada no decorrer do texto:

Figura 5 – Fotografia de Ney Luz em “O Estado” (1932)



Fonte: O ESTADO, 04/10/1932, p.6

Outras fotografias de perfis que também tiveram publicação nesta matéria, seguidas das seguintes legendas, foram: José Boiteux (“fundador dos cursos superiores em nosso Estado e um dos mais dignos filhos da terra”); Heitor Luz (“Professor farmacêutico Heitor Luz, Presidente de Honra da Associação e um dos mais acatados mestres da Farmácia nacional”); Arthur Gama d’Eça (“Farmacêutico Arthur Gama d’Eça, o esforçado presidente da Associação, em cuja gestão várias e brilhantes iniciativas se têm realizado”). (O ESTADO, 04/10/1932, p.6). A grande ocasião reuniu uma série de intelectuais e jornalistas. O almoço ocorreu no restaurante “Cruzeiro do Sul” e à noite realizou-se uma sessão solene no Clube 12 de Agosto<sup>126</sup>.

Além de podermos identificar alguns espaços de sociabilidade intelectual, com base na leitura da matéria é possível perceber como cerimônias dessa natureza possuíam uma série de protocolos que pareciam reforçar algumas hierarquias e trocas gentilezas de maneira geral.

<sup>126</sup> Sobre o Clube 12 de agosto cf. (ROSA; GRISARD, 1991).

Essas cerimônias poderiam ofertar uma distinção social aos seus participantes, principalmente aos que são homenageados de alguma forma. A escolha de quem teria uma fotografia publicada também deve ser compreendida como resultado de determinada seleção, privilegiando os benefícios simbólicos da associação com tal personalidade. A imprensa, nesse caso e em outros já mencionados, parece ser o espaço corrente para a divulgação desse tipo de evento, além de oportunizar com que conheçamos certas hierarquias entre os participantes de uma mesma ocasião, principalmente pelo tratamento diferenciado recebido por alguns em suas páginas.

Assim como é possível argumentar que as revistas ou periódicos em geral eram lugares de sociabilidades intelectuais, tendo em vista que sua elaboração envolvia aprendizados, circulação e fermentação de ideias etc., argumenta-se que a participação nestes tipos de eventos era uma forma de conviver com os pares, interagir, construir ou manter laços ainda necessários em um ambiente onde a troca de favores e força das amizades poderiam ser decisivos para a obtenção de cargos<sup>127</sup>.

Conforme já mencionado também, essas atividades seriam frequentes e pareciam reforçar também hierarquias entre os intelectuais, pois, nem todos teriam fotografias publicadas, falas transcritas etc. A frequência, tamanho e modo de apresentação dessas ocasiões parecem também servir de indício de como esses grupos eram compreendidos pela sociedade, sendo que, no caso acima, a associação dos farmacêuticos parece ser dotada de um grande reconhecimento local.

Nesse caminho, um outro tipo de atividade que pode sinalizar uma boa conexão com membros da burocracia estatal, elite político ou um bom reconhecimento em sua área de atuação e boa inserção na sociedade de modo geral, seria a participação em bancas examinadoras de concursos. No decorrer da pesquisa, dos intelectuais do **Quadro 4**, foi encontrada esse tipo de atuação para as seguintes pessoas: Antonieta de Barros; Laércio Caldeira de Andrada; Odilon Fernandes e Oswaldo Rodrigues Cabral. Como exemplo, Antonieta de Barros foi nomeada como parte da banca examinadora do concurso para preenchimento do cargo de 3º escriturário da Contadoria Geral do Estado na matéria de português (A GAZETA, 27/02/1937, p.2).

Antes de abordar esses concursos, com relação a Antonieta de Barros, pode-se mencionar que em 1936, na ocasião da passagem de seu aniversário, sua figura receberia um grande destaque em “A Gazeta”. Acompanharia a sua fotografia, logo abaixo, a seguinte mensagem:

---

<sup>127</sup> Sobre este tema, como também expõe Gisèle Sapiro: “Na ausência de uma regulamentação das condições de acesso ao ofício de escritor, o capital social age fortemente para o acesso à publicação e à formação das reputações literárias”. (2019, p.70).

Figura 6 – Antonieta de Barros em “A Gazeta” (1936)



Fonte: A Gazeta, 10/07/1936, p.2.

Comemora hoje mais um aniversário natalício a nossa ilustre conterrânea dep. Antonieta de Barros. / Escritora consagrada, espírito de alta projeção cultural, a conhecida política que também é uma figura de marcado destaque no nosso magistério tem por essas qualidades se imposto à estimada de quantos a conhecem. / As felicitações que hoje receberá, juntamos, sinceramente, as nossas homenagens a quem tão bem representa a cultura da nossa gente. (A GAZETA, 10/07/1936, p.2)

A professora e escritora, em sua trajetória, parece ter “forçado” uma série de “limites” impostos às mulheres e pessoas negras. Tendo em vista a sua fotografia, percebe-se que o seu tratamento não foi o mesmo para diversas personalidades presentes nessas páginas, principalmente no caso das mulheres que eram normalmente mais referenciadas por serem esposas, filhas, irmãs, companheiras e amantes do que, necessariamente, por suas próprias atividades, conforme análise de Barbillon (2017). Às mulheres predominava um tratamento que as ligavam à maternidade e ao matrimônio. É importante perceber, a partir do exame de sua trajetória e recursos acumulados, que estes parecem ter lhe possibilitado o reconhecimento como escritora consagrada e representante da cultura catarinense.

Ainda com relação aos que participaram de bancas, no caso de Cabral e Andrada, ambos possuíam uma projeção ou uma série de capitais acima da média para a época, sendo que, no caso de Cabral, além de seu envolvimento com instituições diversas, ele foi Prefeito

Municipal interino de Florianópolis em 1938, possuía formação e atuação como médico e fez contribuições importantes na área de História através de escritos e livros<sup>128</sup>. Esses e outros trunfos, devem contribuir para essa sua participação como banca para as provas de História do Brasil e História Natural em 1938 (A NOTÍCIA, 03/03/1938, p.4)

Pode-se sugerir que a escolha de Antonieta de Barros e Odilon Fernandes também esteja relacionada com uma boa inserção na sociedade e reconhecimento em suas profissões. Além disso, tendo em vista que ambos eram professores nos anos 1930, convém mencionar como neste período a própria profissão estava associada com uma maior cobrança ou circulação de falas que reiteravam a necessidade da sua exemplaridade moral<sup>129</sup>, ou seja, poderiam render um certo *status* que pode ter contribuído para que atuassem na avaliação em bancas.

Uma temática que já foi mencionada no decorrer deste capítulo, mas que pode ser mais aprofundada são as conexões entre o campo político e intelectual, pois, pelo que parece ser possível de constatar, de maneira geral os intelectuais pareciam não poder evitar buscar conquistar ou manter uma proximidade com as autoridades políticas. Sobre esse assunto, discute-se agora com maior atenção a trajetória de Nicolau Nahas, diretor de “Ilha Verde: Revista mensal, política, literária e de propaganda do Estado de Santa Catarina”. Com relação a Nahas, Vera Collaço e Ana Luiza da Luz sintetizam uma série de informações sobre sua trajetória:

Reconhecido não apenas pelos cidadãos e o meio intelectual da Ilha, mas também entre os políticos que se utilizaram da inteligência e capacidade de escrita de Nahas, servindo-se dele como orador nos comícios do Partido Republicano Catarinense (PRC), do Partido Liberal Catarinense (PLC) e eventos sociais dos grandes clubes de Florianópolis. Porém, essa aliança de Nahas com o PRC é anterior a esta data, pelo menos desde 1922 (...) o poeta prestava seus serviços ao governador republicano Hercílio Luz, tendo sua obra apoiada por este. O envolvimento de Nahas com a política foi grande, era militante das ideias republicanas; em 1928 é um dos fundadores do Partido Liberal em Santa Catarina, fruto de uma cisão entre os republicanos descontentes, aumentando ainda mais seu envolvimento político. Em 1929 retorna ao PRC para participar ativamente da campanha a favor de Júlio Prestes a presidência da República, como orador dos comícios realizados no estado. (COLLAÇO; LUZ, 2008, p.832)

Com base neste resumo, além das informações presentes no **Quadro 4**, pode-se perceber que Nahas, além de contribuir em periódicos e ter suas outras atividades culturais,

---

<sup>128</sup> Destaca-se a publicação do livro intitulado “Santa Catarina” em 1937 que fez parte da série “Brasilianas” da Cia. Editora Nacional.

<sup>129</sup> Sobre esta temática cf. (OLIVEIRA, 2011; SILVA, 2016).

também possuía contatos e realizava uma série de ações junto ao meio político. Com relação aos escritos que mencionam esse intelectual, transcreve-se abaixo uma notícia de setembro de 1929 de título “Comício operário em Itajaí” onde o seguinte trecho abaixo aborda diretamente N. Nahas:

Falou em seguida o sr. Nicolau Nahas, que saudou os operários de Itajaí, em nome dos seus colegas da capital, dizendo-lhes da obrigação, em que os catarinenses se acham de apoiar a política do benemérito presidente Konder, votando em Júlio Prestes e Vital Soares. (...) Os oradores alcançaram prolongados aplausos da enorme assistência que erguiam vivas ao presidente Konder, ao prefeito municipal e ao P.R.C. (REPÚBLICA, 11/09/1929, p.1)

Pode-se perceber que sua militância em 1929 envolveu um posicionamento claro sobre candidaturas e projetos político, isto é, parecia haver um certo “risco” nessa adesão e, aparentemente, não somente a busca de apoio por alguma personalidade atualmente no poder. Já no texto de título “A Intriga e o Anonimato” de 1931, Nahas critica como antes da chamada Revolução de 1930 predominava em Florianópolis a intriga e o anonimato como armas contra qualquer tentativa de emprego ou que algum desafeto conseguisse alguma coisa na vida. Segundo o autor, tais difamações eram iniciadas nos cafés e nas tavernas, “inventando coisas do arco da velha em prejuízo do pobre candidato que ficava, além de difamado injustamente, sem o emprego desejado a que fazia jus pelo merecimento” (REPÚBLICA, 24/04/1931, p.3). Nahas finaliza o texto da seguinte maneira: “Que os homens que fizeram a revolução não adotem os mesmos processos infamantes e jamais lancem mão da intriga e do anonimato quando tiverem que julgar qualquer pessoa, como fazia certa gente nos tempos em que reinava D. Deboche V<sup>130</sup>... (REPÚBLICA, 24/04/1931, p.3).

Em um primeiro momento, o que chama atenção com estes textos levantados é acompanhar seu movimento de, em 1929, saudar uma candidatura que expressava uma continuidade com a política que governava nos anos anteriores e, em 1931 ansiar mudanças por parte dos grupos que tomaram o poder com a Revolução de 1930. Ao mesmo tempo, antes da “Revolução”, ele dirigia um impresso que pode ser compreendido como de propaganda do Estado de SC e que saudou o governador de SC eleito pelo PRC, Fúlvio Aducci<sup>131</sup>. Percebe-se

<sup>130</sup> Não foi possível identificar quem ele se refere como “D. Deboche V...”.

<sup>131</sup> Cf. (ILHA VERDE, ago.1930, p.7). Fúlvio Coriolano Aducci (1884-1955) nasceu em Desterro/SC, atualmente Florianópolis. Filho de Alexandre Magno Aducci e Hortência Augusta Livramento, seu pai foi conferente da alfândega e seu avô materno, Joaquim Augusto do Livramento, foi Presidente da Província de Santa Catarina. Casou-se com Alaide Pereira Alvim Aducci e não deixou descendência. Sua esposa era irmã de Lacinia, casada com Felipe Schmidt, que governou Santa Catarina em duas ocasiões e foi senador. Aducci bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1908, foi Promotor Público, elegeu-se cinco vezes como deputado estadual pelo PRC, foi Secretário-Geral na administração de Felipe Schmidt de 1914-1918, atuou como



a partir desses episódios que a busca por proximidade com a autoridade política atual parece ter sido uma tônica comum no período entre os intelectuais, corroborando com a constatação da heteronomia no Campo Intelectual no período.

A partir do que já foi exposto, as considerações de Miceli sobre as relações entre os intelectuais e atores políticos durante a Primeira República parecem se harmonizar com a dinâmica intelectual catarinense nos anos de 1930. Nas palavras de Miceli, deve-se ter em vista que durante a Primeira República, não havia:

Posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação (MICELI, 2001, p.17)

A partir disso, não se indica de maneira causal que a tomada de posição de apoio por parte de Nahas à candidatura de Júlio Prestes resultou em seu trabalho na elaboração de “Ilha Verde”. Argumenta-se, no entanto, que para compreender a iniciativa ou a escolha de Nahas para ocupar este cargo de liderança na revista deve-se levar em consideração sua proximidade com o mesmo grupo que a revista faz homenagem. Dessa maneira, parece ser viável sugerir que um certo grau de proximidade ou no mínimo bom relacionamento com as autoridades políticas ou com as principais lideranças não poderia ser evitado pelos intelectuais da época, ainda mais no caso de Nahas que exerceu cargo na burocracia pública como escrivão.

Ainda sobre Nahas, até onde foi possível perceber com base nos materiais levantados, essa tomada de posição não parece ter apagado com que pudesse realizar atividades culturais posteriormente, já com o governo provisório pós Revolução de 1930 no poder. Nos jornais dos anos seguintes ainda foi possível encontrar textos de sua autoria e notícias dando publicidade a seus trabalhos, fora a publicação de um texto na revista “Renovação” de n. 2 (RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.22).

Nos anos 1930 continuariam as poucas oportunidades para os intelectuais que já foi pontuado por Felipe Matos com relação à Primeira República: “No restrito mercado local, os autores precisaram circular em vários periódicos, ocupando os espaços que surgissem, a

---

Superintendente Municipal de Florianópolis (atual cargo de Prefeito) de 1924 a 1926, dentre outras atividades na administração pública. Foi eleito Governador de Santa Catarina pelo PRC, tendo como vice-governador José Acácio Soares Moreira, para o mandato de 1930 a 1934, porém seu mandato foi interrompido pouco após a sua posse, em virtude dos acontecimentos da Revolução de 1930. Foi membro do IHGSC, fundador de Cadeira da ACL e Diretor Faculdade de Direito de SC. Sobre Aducci Cf. (MEMORIA POLÍTICA, s/data; SECRETARIA EXECUTIVA DA CASA MILITAR, s/data).

despeito de opções estéticas pré-definidas ou mesmo da falta de afinidade entre alguns colaboradores” (2017, p.84).

Assim como “Ilha Verde” conectava-se com a dinâmica política do seu período, em “Renovação” foi possível perceber um claro apoio à “Revolução de 1930” e seus desdobramentos. Na edição de n.2 foi publicada uma fotografia de João Pessoa com o seguinte escrito em comemoração de um ano da chamada Revolução, corroborando com a percepção de que o Campo Cultural estava atrelado ao Político:

No monumento que João Pessoa erigiu no coração nacional, sobreleva a coragem e o civismo por ele demonstrados pelo desprendimento com que soube morrer. / Foi com o sangue de João Pessoa, que se retemperaram os sabres dos revolucionários de Outubro. / RENOVAÇÃO, na passagem do 1º aniversário da vitória da causa da LIBERDADE, presta-lhe a sua homenagem. (RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.14)

Em um caminho parecido sobre o que foi abordado a partir de “Ilha Verde” e com relação ao assunto que está sendo tratado, pouco antes da “Revolução de 1930” seria lançada a revista “Vida Ilhoa”, cujo conteúdo também contaria com publicações de apoio ao major Acácio Moreira (vice-governador eleito em 1930) (O Estado, 19/09/1930, p.6) e Fúlvio Aducci (eleito governador de SC em 1930) (REPÚBLICA, 30/09/1930, p.3) ambos pelo PRC.

Ao que tudo indica, não foram publicadas outras edições após os acontecimentos do final de 1930, o que parece sugerir que alterações na política estadual podem ter contribuído para o fim do impresso. Apesar disso, assim como no caso de Nahas, Antonieta de Barros, com o seu conhecido pseudônimo “Maria da Ilha” também publicaria posteriormente em “Renovação” nas edições de número dois e três. (RENOVAÇÃO, 30/09/1931, p.12-13; RENOVAÇÃO, nov.1931, p.17).

Ainda, se o impresso sob o comando de Antonieta de Barros parecia conter publicações de apoio a políticos do PRC, então grupo político com o controle do governo, isso não impediu que fosse candidata pelo Partido Liberal para as eleições de 1934 e ter assumido como a primeira deputada estadual mulher e negra em 1935 para a Assembleia Constituinte. De qualquer maneira, com relação aos seus escritos publicados pela imprensa, houve alterações no teor de escrita que podem ser associados com mudanças políticas do Estado. Elizabete Maria Espíndola escreve que, durante a década de 1930, é possível perceber um engajamento de Antonieta de Barros pela luta das mulheres, a ampliação de seus direitos e por mobilidade social. Posteriormente, entre 1937 e 1945, seus escritos podem ser caracterizados pela defesa de reformas educacionais encabeçadas pelo interventor Nereu Ramos. (ESPÍNDOLA, 2015,

p.37). Esses exemplos parecem corroborar com a percepção já levantada da persistência e força das conexões entre a vida intelectual e o meio político Catarinense.

Deve-se evitar tomar essas pessoas como somente cooptadas ou influenciadas pela malha política ou outros condicionantes sociais. Propõe-se, a partir dos exemplos e análises efetuadas, evidenciar a força das pressões que tais intelectuais sofriam no período e que os constrangiam para a necessidade de uma associação com atores políticos. Ao mesmo tempo, esses intelectuais construía suas vidas e agiam em um jogo que, se não era possível de ser rompido, uma boa participação poderia proporcionar, o que jamais deve ser diminuído, a possibilidade de pagar as suas próprias contas.

Nesse contexto, parece que a própria associação a grupos políticos no poder também era compreendida pela sua recorrência e cálculo de seus dividendos, conforme exposto no texto “Antigamente” de Nahas. Nesse artigo em formato de crônica, ele escreve que “Nos áureos tempos da velha Leandra e do Pedro Bilica” viveu nesta ilha um velho chamado Fortunato Crescêncio que teve 5 filhos, “todos eleitores e que trabalhavam unidos e alegres, uns no amanho da terra, outros na vendola do Fortunato, que era o ponto de reunião dos chefes políticos do lugar (...)”. Quando mais velho, Fortunato deu um conselho a seus filhos:

Vocês sabem que existem aqui 3 partidos políticos. O compadre Ismael é o chefe de um; o marido da comadre Genoveva, é o chefe de outro e o sobrinho do nosso primo Conegundes é o chefe do 3º. Muito bem. São três partidos e vocês são cinco rapazes. Exijo que vocês se dividam, irmãmente, entre os três partidos para que a nossa família continue a gozar o mesmo prestígio de sempre e para que vocês estejam sempre arranjados, porque fatalmente um partido há de ganhar e tudo ocorrerá magnificamente para vocês. Eu, vocês sabem muito bem, pertenço aos três partidos e nunca me desliguei de nenhum deles. (...) jamais procurem discutir com quem quer que seja sobre política. Se vocês falarem, façam como eu, elogia os três e a vitória estará sempre com vocês. / Fortunato Crescêncio morreu há mais de cinco anos. Os seus filhos vivem ainda e seguem religiosamente as suas sábias lições e vivem todos no mesmo recanto poético desta encantada ilha, unidos e felizes os cinco nos três partidos políticos... (O ESTADO, 30/04/1931, p.3).

Além do próprio nome do personagem pai expressar um recado<sup>132</sup> irônico sobre a busca de riqueza a partir do envolvimento com os grupos políticos no poder, a escolha desta temática e a narrativa do texto parecem demonstrar, por um lado, um posicionamento crítico do autor com esta prática e, por outro, parece reforçar a percepção de que esse tipo de participação em partidos em busca de cargos ou apoio era comum.

<sup>132</sup> Para uma reflexão sobre a escolha de nomes e seus significados, cf. (MACHADO, 2013).

Ainda sobre este assunto, convém notar também que, assim como no caso de Nahas, a participação de Romanowski em “Ilha Verde” não o afastou de outras atividades culturais posteriores, inclusive também publicando na revista “Renovação” de n.2 (RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.23), e tendo contribuído e trabalhado em vários periódicos da cidade dos anos 1930. Ressalta-se tal questão para evidenciar que, aparentemente, a participação em periódicos com claro projeto político não implicaria necessariamente em um afastamento de sua atuação como intelectual caso tal grupo político fosse aliado do poder.

Em um caminho parecido, Tito Carvalho em 1932 era citado como um dos auxiliares do ex-presidente Adolpho Konder que, junto de outros<sup>133</sup>, convidavam “todos os amigos e admiradores do ilustre catarinense, para assistirem à missa votiva em intenção da felicidade pessoal do mesmo, mandam rezar no dia 16 do [mês] corrente, data de seu aniversário, na Catedral, às 8 horas da manhã” (O ESTADO, 15/02/1932, p.6). Já em 1939, Tito Carvalho atuaria como diretor de “Santa Catarina: Revista de propaganda do Estado e dos Municípios. Edição do Departamento de Administração Municipal”. O Prefeito de Florianópolis naquele momento era Mauro Ramos, e logo nas páginas iniciais da Revista eram defendidas as mudanças ocorridas pós 1930, feitos elogios a Getúlio Vargas, o início do chamado Estado Novo e sobre a administração de Nereu Ramos. Assim está escrito sobre os anos 1930 e Nereu Ramos:

No antigo estado-de-coisas anterior a 1930, poder-se-ia dizer que as lutas de oposicionismo, na sua maior parte, adquiriam a feição de um acidente mais ou menos transitório. Opor-se à vontade do poder não seria, sem regra, senão uma atitude inconsequente, logo diluída na suavidade acomodatória. / Uma figura [Nereu Ramos], todavia, se fez resistente a todas as solicitações atraentes, batendo-se com raro denodo patriótico e invulgar coragem pessoal pelo que erigira em princípio, na sua jornada ideológica, inspirada na fonte pura, das esplêndidas tradições paternas (SANTA CATARINA, set. 1939, p.6).

Esse movimento de Tito Carvalho também parece corroborar com a percepção de que os intelectuais, de diferentes maneiras, precisavam ter certa conexão com a política e o poder, especialmente com as autoridades que ocupavam cargos públicos naquele instante. Nesse sentido, não se pretende afirmar que Tito abandonou certa visão de mundo em troca de um cargo em uma revista, mas sim que a dinâmica do campo literário estava vinculada à política.

Além disso, deve-se ter em vista que Tito Carvalho contava com grande reconhecimento como escritor, produziu obras seminais consagradas pelo campo literário

---

<sup>133</sup> Outras pessoas citadas são: Cid Campos, Heitor Blum, Pedro Cunha, Carlos Correa, Othon d’Eça, Caetano Deck, Raymundo Santos, Elpídio Fragoso, Abelardo Fonseca.

catarinense, membro de diversas associações culturais, colaborou em inúmeros periódicos, a sua obra é canônica para a literatura do Estado, mesmo deixando de lado suas conexões, é um autor consagrado. De qualquer forma, o cultivo de boas relações pessoais e políticas pode ser compreendida como uma fase importante da cultura catarinense.

Além disso, deve-se ter em vista que a participação das personalidades políticas em ocasiões diversas não deve ser compreendida somente pelo “cálculo” dos intelectuais que o fizeram acompanhar ou lhe chamaram a eventos, também é preciso levar em consideração os possíveis “ganhos” do cultivo de boas relações por parte dos políticos e intelectuais que, em sua maioria, estavam envolvidos com a imprensa, o meio de comunicação de massa por excelência do período, conforme expõe Rodrigo Santos de Oliveira (2009, p.15).

Percebe-se que nesse período, bem como em épocas anteriores, a conexão dos intelectuais e suas associações com atores políticos era frequente também em solenidades comemorativas em geral ou mesmo naquelas de teor mais cultural. Sobre este tema, apesar de se tratar de uma notícia de 1925, transcreve-se abaixo uma notícia como exemplo de uma ocasião que se tornou um ponto de encontro de autoridades políticas, seus representantes e intelectuais catarinenses, trata-se do texto de título “Em comemoração à data 14 de julho<sup>134</sup> / No centro catarinense de letras”:

Realizou-se ontem, no Centro Catarinense de Letras, uma sessão literária comemorativa da data de 14 de Julho. / Às 19:30 horas, com o salão repleto de autoridades e exmas. famílias e cavalheiros, foi aberta a sessão pelo sr. Amphiloquio de Carvalho, tendo este convidado os sr. Cptão Cantídio Regis, representando o sr. Cel. Governador do Estado, Cptão Euclides de Castro, representando o sr. Dr. Victor Konder, secretário da Fazenda, dr. Heitor Blum, agente consular da França, Antonio Amaral, vice-consul português e prof. Henrique Fontes, diretor da Instrução Pública, a tomarem parte na mesa da diretoria, concedendo a palavra ao orador oficial sr. Odilon Fernandes (...). Em seguida fizeram-se ouvir os srs. Trajano Margarida, Nicolau Nahas, Ireneo Ramos Barboza e as sras. D. Beatriz de Souza Britto, Acy Coelho e srta. Zelia Moellmann, que recitou duas poesias (...). / O ESTADO fez-se representar pelo nosso auxiliar sr. Heitor Sousa. (O ESTADO, 15/07/1925, p.2).

Por um lado, parece que a circulação em eventos dessa natureza pode equivaler à vida particular dessas pessoas, pois, tais ocasiões poderiam proporcionar descanso, prazer e diversão; mas, simultaneamente, por outro lado, isto também equivale à vida profissional deles, sendo um instrumento imediato para firmar laços que poderiam contribuir com a sua carreira e

---

<sup>134</sup> Data da tomada da Bastilha durante a Revolução Francesa.

autoafirmação como intelectual<sup>135</sup>. Além disso, especificamente sobre o caso das autoridades, parece ser possível sugerir também que a sua participação ou o envio de representantes em eventos dessa natureza podem estar relacionados com exigências sociais experimentadas como deveres, mas que também possibilitariam firmar laços, estabelecer novas conexões, ser apresentado nas páginas de notícias como atuante junto à sociedade e envolvido com atividades da cidade.<sup>136</sup>

Conforme Joana Maria Pedro expõe sobre esta temática, apesar de mais centrada na Primeira República, mas que contaria com prolongamentos e que também poder ser relacionada com os intelectuais:

Para as famílias da elite política local, era imperioso juntar-se a este ou aquele líder e, assim, garantir privilégios e cargos que poderiam assegurar rendas. Para tanto, tornava-se necessário deixar explícito o prestígio da família, além, evidentemente, de sua honra inatacável” (PEDRO, 1998, p.84)

Ao mesmo tempo, entre os próprios intelectuais ou demais envolvidos com a produções de bens simbólicos havia a necessidade de se cultivar laços através de certas práticas características do Campo Intelectual. Sobre essa temática, outras considerações podem ser escritas com relação a Romanowski que parecem auxiliar a compreender outros aspectos do conjunto de ações desses agentes no período.

A trajetória de Romanowski pode ser perquirida através de indícios, como da prática da reciprocidade – aquilo que Mauss (2003) chamou do dom e da dádiva –, da troca de favores entranhada na sociedade brasileira através do sistema de compadrio, como da visita às redações ou outros estabelecimentos, bem como, envios de presentes “mimos” que foram repetidamente anunciados em jornais locais.

Mesmo que alguns desses encontros pudessem ter objetivos específicos, como a publicização de um impresso ou a venda de um produto, também é possível sugerir que essas atividades tivessem como propósito um esforço, não necessariamente consciente, de construção ou fortalecimento de vínculo entre os interlocutores participantes<sup>137</sup>. Dentre esses casos, abaixo um exemplo de uma ocasião que parece estar relacionada com esta percepção:

---

<sup>135</sup> Deve-se lembrar que nomeação para cargos, em muitos momentos, poderia envolver troca de favores ou ser levado em consideração amizades ou apadrinhamentos.

<sup>136</sup> A inspiração para a escrita deste parágrafo bem como algumas de suas considerações foram tomadas de “A sociedade da corte” de Norbert Elias. Cf. (ELIAS, 2001, p.75).

<sup>137</sup> Inspiração para esse parágrafo e tipo de abordagem encontra-se em (ELIAS, 2001, p.125).

Visita / Esteve anteontem em visita à nossa redação o sr. Walter Kaestner, propagandista da importante seção J. D. Riedel – E. de Haen & Cia. Ltda., do Rio de Janeiro. / O distinto visitante, que se fez acompanhar do nosso amigo sr. Ladislau Romanowski, manteve conosco agradável palestra. Entre os afamados produtos de J. D. Riedel se destacam (...). (A GAZETA, 03/10/1934, p.4).

Mesmo se tratando de uma visita com um aparente e inicial objetivo comercial, parece ser viável compreender ou levantar a hipótese de que este encontro também possuía como propósito um esforço de fortalecimento de laços onde se esboçam políticas de amizades, entre os que estavam ali presentes. Sobre isso, o próprio texto explicita um caráter amistoso do encontro, além de que a publicação de notas na imprensa parece sempre envolver uma série de trocas de elogios (encômios) que, neste caso específico, poderiam tanto auxiliar na publicização de uma imagem receptiva e positiva da redação de “A Gazeta” quanto apresentar Romanowski, como uma excelente companhia, além de próximo de um propagandista muito importante que escolheu a redação de “A Gazeta” para apresentar seus produtos, o que renderia anúncios publicitários para o jornal.

Ainda sobre “A Gazeta”, deve-se ressaltar que antes desta menção a Romanowski foram encontradas somente outras duas menções de seu nome. Trata-se de textos de sua autoria, um em 04/09/1934 e outro em 12/09/1934. Após isso, em 08/10/1934 o autor iniciaria a publicação regular da página “Colaboração Literária”, que contava com sua direção. Mesmo se tratando de um exercício ficcional/imaginativo, parece ser plausível sugerir que a visita à redação deste jornal na semana passada do início de sua página literária possa ter auxiliado com que ele iniciasse uma contribuição de tal envergadura, ao se tornar responsável por uma página semanal. De qualquer forma, parece ser plausível sugerir uma boa relação do mesmo com Jairo Callado, diretor do jornal naquele período, mesmo sabendo que na sua escolha para dirigir um espaço como tal pressupõe o interesse de outros em ler o que Romanowski selecionava, ou seja, uma boa imagem por outros setores intelectuais da capital.

Outro exemplo pode ser percebido em “O Estado”:

“Ilha Verde’ / Apareceu, ontem, o terceiro número do mensário ‘Ilha Verde’ que sob a direção dos srs. Nagib Nahas, L. Romanowski e J. Rodrigues Fonseca se publica nesta capital. Traz o presente número, que temos sobre a mesa, vasta e variada colaboração de escritores e poetas catarinenses, dados importantes sobre o município de Blumenau, fotografia da miss Brasil quando de sua passagem por esta capital e grande noticiário. / Gratos pelo número que nos enviaram. (O ESTADO, 18/08/1930, p.6).

Foram constantes as notas nos mais diversos jornais anunciando o recebimento de novas edições de vários impressos como presente. Era comum acompanhar esses textos uma série de elogios aos seus responsáveis, desde sobre a escolha de seus colaboradores, características gráficas, conteúdo etc. Assim como um convite deve ser retribuído, pois, assim é a cortesia<sup>138</sup>, as publicações de textos com agradecimento pareciam ser aguardadas.

Além disso, fora simbolizarem uma imediata busca por publicidade, o envio de um presente e a sua resposta também podem ser compreendidos como uma espécie de etiqueta requerida entre os intelectuais da época ao se lançar um novo empreendimento impresso ou uma nova edição. Tal código parecia implicar tanto no reconhecimento da importância da redação do jornal que recebeu o novo exemplar quanto a expectativa de uma resposta positiva.

Sobre este assunto, as considerações de Pierre Bourdieu (2013, p.75-78) sobre “Capital Social” parecem pertinentes. O sociólogo reitera que há a necessidade de se trabalhar para produzir ou reproduzir uma rede de relações duráveis e úteis, aptas a proporcionar lucros materiais ou simbólicos. Nesse caso, a troca de palavras, presentes etc., enquanto comunicação que supõe o conhecimento e o reconhecimento mútuos podem ser compreendidas como parte deste esforço. As trocas de cortesias e envios de presentes citados, dentre outros casos, também parecem ser produto de investimentos sociais conscientes ou inconscientes orientados para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo.

Antes de avançar, convém notar que até o momento foram expostos aspectos referentes ao Campo Intelectual a partir de diferentes personalidades que, de maneira geral, tiveram um grande envolvimento em diferentes atividades culturais e impressas, desde a publicação de artigos ou diferentes textos, organização de periódicos etc. Um caso que parece exemplificar uma relação um pouco diferenciada com este pequeno universo da palavra impressa é o do diretor comercial de “Ilha Verde” e “Vida Ilhoa”, José Rodrigues Fonseca, cuja trajetória apresenta algumas particularidades frente ao que foi levantado até o momento. Sua atuação parece ter sido mais prática e comercial no processo de elaboração desses impressos, com um menor grau de participação em outras áreas culturais da cidade que foram publicizadas em periódicos.

Ao se fazer um levantamento dos textos de sua autoria publicados ou que lhe mencionam, não foi possível encontrar qualquer escrito de viés literário, sabe-se somente sobre o seu pertencimento e a atuação como orador na “Sociedade Musical Amor à Arte” em 1932 (O ESTADO, 24/10/1932, p.3). Apesar disso, no final dos anos 1920 e início dos 1930, até sua

---

<sup>138</sup> Sobre essa temática Cf. (MAUSS, 2003, p.294)



primeira prisão em 1935, foi possível encontrar seu envolvimento em eventos políticos e de temas diversos, organização de ações sociais, envolvimento e publicações de obras impressas, organização de anúncios publicitários, além de ter trabalhado como pedreiro, funcionário de loteria, empresa de Luz e Força etc.

Dentre suas atividades políticas, estão a atuação como sindicalista, participação na Aliança Nacional Libertadora<sup>139</sup> (ANL), presidência do Congresso Trabalhista de SC e da Sociedade União dos Garçons de Florianópolis. No caso de seu envolvimento com a imprensa, pode-se destacar que em 1931 recebeu pagamento da Prefeitura de Florianópolis pela publicação de um folheto de Leis de 1930 (REPÚBLICA, 18/07/1931, p.4) e que trabalhou na propaganda das competições esportivas da Federação Catarinense de Desportos (REPÚBLICA, 03/08/1931, p.3). Sugere-se que ele possuía uma boa interação com diversos grupos sociais e autoridades por sua escolha para a elaboração desses materiais, além das qualidades técnicas de seu serviço.

Não foram encontrados dados sobre sua formação, local de nascimento ou familiares, no entanto, tendo em vista ter exercido o trabalho de pedreiro e demais envolvimento com outras classes trabalhadoras, tais como garçons e operários, parece viável acreditar que ele tenha tido uma origem mais humilde frente aos intelectuais que fizeram uma formação escolar em estabelecimentos de elite ou outros que tiveram um preceptor<sup>140</sup>. Em linhas gerais, ao se comparar sua trajetória e demais informações do **Quadro 4** com as dos outros intelectuais, talvez com a exceção de Aristides Silva, parece ser possível sugerir que ele deve ter tido maiores dificuldades para mobilizar certos recursos para apoiar um empreendimento próprio ou de outrem.

Como exemplo de diferenciação, sabe-se que se uma parte significativa desses intelectuais frequentaram os bancos escolares do Ginásio Catarinense, assim, é correto afirmar que eles foram dotados de certos códigos e passaram por determinados rituais que podem ter favorecido com que tivessem uma maior identificação entre si, fora neste próprio

---

<sup>139</sup> Segundo Anita Leocádia Prestes: A ANL foi fundada em março de 1935 no Rio de Janeiro. Este movimento, que possuía membros de setores das camadas médias urbanas, operariado, membros das classes dominantes, elites políticas e militares de diferentes patentes, mobilizava-se a fim de 4 objetivos principais: luta contra o avanço do integralismo no Brasil, do fascismo no cenário mundial e luta contra dominação imperialista e o latifúndio no Brasil. A atuação da ANL caracterizava-se pela organização de atos públicos, caravanas aos Estados norte-nordeste, participação em lutas de rua contra os integralistas, publicação e distribuição de boletins, volantes e jornais aliancistas. Em 11 de julho de 1935, Getúlio Vargas assinou o decreto que fechou a ANL, acusando-a de ser um instrumento a serviço do “comunismo internacional”. (PRESTES, 2005).

<sup>140</sup> A raridade de informações sobre ele parece estar associada também com a pouca visibilidade que os intelectuais de esquerda do período têm recebido.

estabelecimento haver um diálogo próximo e constante com as autoridades da cidade e do Estado.

Ao mesmo tempo, conforme está exposto no quadro, muitos intelectuais tiveram pais ou sogros cujos cargos, ou mesmo cuja *força* de seus “sobrenomes” e demais redes capazes mobilizar, poderiam auxiliar a conseguir cargos ou demais oportunidades para seus protegidos, genros ou filhos. Crescer em uma casa onde seus pais lidam ou dialogam frequentemente com autoridades locais ou regionais, ou ser criado em uma família que frequenta clubes ou demais associações onde políticos e outras figuras de renome local participam oportunizaria com que esses intelectuais tivessem incorporado<sup>141</sup> modos de se portar que facilitariam firmar contatos, estabelecer amizades, manter com maior naturalidade diálogos sobre interesses em comum etc.

Com relação a J. R. Fonseca, sua atuação na imprensa e como tipógrafo, bem como seu envolvimento com associações de trabalhadores lhe oportunizaram um bom trânsito entre diferentes classes e autoridades por um certo período, apesar de, aparentemente, não ter lhe sido oportunizado desde a tenra infância a apreensão de certos códigos comuns dos intelectuais da época. Por outro lado, sua trajetória diferenciada talvez o tenha dotado de um modo de compreender o mundo capaz de visualizar, com maior clareza, conflitos e disputas sociais na sua própria cidade. Seu engajamento em defesa das classes trabalhadoras pode estar associado com um *habitus* diferenciado que parece ter lhe oportunizado uma maior identificação com outros grupos sociais menos privilegiados.

Abaixo um texto que narra um evento com diferentes autoridades e que noticiou inclusive a sua presença.

Manifestação de regozijo pela pacificação do país / Realizou-se, ontem, às 20 horas, a manifestação de regozijo pela pacificação do país. À hora marcada reunida na praça Getúlio Vargas a multidão dos manifestantes, saiu em cortejo, precedido da banda da música da Força Pública, em demanda da praça 15 de Novembro, estacionando à frente do Palácio do Governo, onde falaram os srs. Fausto da Silveira, José Rodrigues da Fonseca, Antonio Vieira Machado e, finalmente, o sr. General Ptolomeu de Assis Brasil, interventor federal que se congratulou com os manifestantes. / Em seguida foi dissolvida a manifestação. (O ESTADO, 04/10/1932, p.1)

O texto da matéria parece construir uma relação amistosa entre o mesmo e diferentes grupos sociais e políticos no poder daquele período. Se, ao que parece, como um todo, uma boa integração dos intelectuais entre si e com as autoridades da época era fundamental no período,

---

<sup>141</sup> Sobre a incorporação de modos de agir, inculcação de valores cf. discussões sobre *Habitus* a partir de Pierre Bourdieu com base na bibliografia já citada sobre o autor.

o que pode ser aproximado com um esforço de cultivar uma boa imagem perante o conjunto da sociedade, pode-se argumentar que ataques à honra ou qualquer tipo de acusação considerada infundada demandariam respostas rápidas e incisivas.

### 3.3 DESAVENÇAS E DISPUTAS INTELLECTUAIS: EMBATES ATRAVÉS DA IMPRENSA

Conforme foi possível perceber através da leitura de textos variados presentes nos jornais da época, havia diferentes tipos de ataques, críticas e acusações entre intelectuais do período, tendo algumas delas inclusive evoluído para agressões físicas. No geral, os textos parecem expressar uma constante e necessária busca por esclarecer ou retrucar acusações em nome da honra, dignidade e da defesa da reputação do nome de sua família.

Como exemplo, em 1931 foi publicado um texto de Alberto de Castro relatando uma agressão física que sofreu de José de Diniz e Benjamin Oliveira Sobrinho. Castro relata ter sido abordado pelos dois em virtude de crônicas que vinha escrevendo em “O Estado”. Foi escrito que, em determinado momento, alguém lhe pediu para escrever um bilhete “ironizando o sr. Romanowski, e, ao mesmo tempo, parodiando o *bilhete-verde* do sr. Luiz Henrique, que já agora se sabe ser, o pseudônimo de José de Diniz”. Castro escreve que nada do que foi escrito iria contra a dignidade de Diniz, no entanto, ele o mandou dizer que “calasse, caso contrário, levaria eu [Castro] uma surra em plena praça”. Esse episódio gerou ainda mais trocas de acusações através da imprensa, contando inclusive com a ida de seu irmão (Diniz Júnior) à redação de “O Estado” exigindo “satisfações acerca de um escrito, no qual julgava ofendida a dignidade profissional de seu pai”. O texto termina da seguinte maneira:

Quanto às intimativas, saiba o sr. Diniz que ninguém o leva a sério e muito menos eu. / Sempre que haja assunto eu o tratarei a meu modo e disso só tenho que dar satisfações aos leitores, à moral e à justiça. E o sr. Diniz bem como aos asseclas de que se faz acompanhar se puderem façam o mesmo. (O ESTADO, 10/07/1931, p.6).

Pelo que pode ser averiguado, em 1936 tal episódio seria lembrado por Altino Flores, diretor de “O Estado”, o mesmo periódico onde Alberto de Castro costumava publicar seus artigos:

Na provocadora lenga-lenga de anteontem<sup>142</sup>, a primeira que se dispôs a assinar, refere-se a um velho incidente jornalístico, em que foi parte Alberto de Castro, campeão de entradas no xadrez da capital, por espancar de quando em quando a esposa; e alude a ‘venerando cirurgião dentista’. Castro, comunista perigoso que, quando por fim se me revelou tal, foi impedido de pisar na redação do ‘Estado’, não foi ‘agredido inocente’; confessando ser de sua autoria certas publicações feitas naquela época, teve de José de Diniz, prezado redator desta folha, o merecido revide. Tito não se achava aqui naquela época, suponho; alheio a tudo, divulga uma inverdade que lhe comunicaram, no puro desejo de intrigar comigo o companheiro acima nomeado. A trama não surtiu nem surtirá efeito, embora já me parece estar a ver alguém por detrás, a oferecer-se para apertar-lhe maldosamente as malhas... E o que ainda nesse ponto surpreende é a fraternal compaixão de Tito por Alberto de Castro, pombinha tão sem fel, que acabou por ser banido do Brasil como elemento nocivo ao regime... Apieda-se de um tipo dessa marca; e a mim, que lhe dei mão de amigo, não poupou sequer meus cruciantes padecimentos. Não há quem se descubra perante a dor alheia; para Tito, o caso é motivo de impiedosa troça” (O ESTADO, 26/12/1936, p.8)

Sabe-se que Altino Flores possuía uma grande fama de polemista, no entanto, a partir do caso em questão pode-se levantar outras discussões sobre a dinâmica intelectual. Percebe-se como a troca de farpas poderia envolver desde acusações sobre o comportamento doméstico, relações com a política ou a defesa da honra familiar. No caso dos problemas entre Castro e Flores, o texto é construído de uma maneira que se percebe que o principal ponto de disputa, e que culminou na proibição de Castro de entrar na redação de “O Estado”, foi este ter se mostrado comunista.

Parece que os problemas de âmbito doméstico ou familiar não foram esquecidos, no entanto, a esfera pública parecia ser mais decisiva, principalmente quando um deles se mostrava comunista<sup>143</sup>. Além disso, outro aspecto que pode ser percebido é como os intelectuais pareciam agrupar entre si, além do envolvimento em instituições do período. As pessoas formavam suas amizades que, ao que parece, quando um deles se encontrava em problemas, isto também constrangia outros para que, de alguma maneira, tivessem que se envolver nas disputas.

Um outro exemplo de troca de farpas, que envolveu Odilon Fernandes, pode ser encontrado no jornal integralista “Flama Verde<sup>144</sup>”. A seguinte nota acusatória foi publicada: “O Sr. Odilon Fernandes, na forma das instruções do Komintern, tem combatido o Integralismo

<sup>142</sup> Não foi possível verificar o que foi esta “lenga-lenga”.

<sup>143</sup> Sobre o anticomunismo no período, pode-se retomar o que Rodrigo Patto Sá Motta discorre sobre essa temática. Segundo o autor, é possível dizer que de 1935 a 1937 houve um surto anticomunista no Brasil. Isto não quer dizer que nos outros anos não havia também uma grande quantidade de propagandas contrárias ao comunismo, mas que nesse período (assim como de 1961 a 1964) o anticomunismo ganhou um outro patamar. (MOTTA, 2002)

<sup>144</sup> Sobre o integralismo em Florianópolis e, particularmente, o jornal “Flamma Verde”, cf. (PONTES, 2016).

da sua cátedra de prof. do Ginásio Catarinense” (FLAMA VERDE, 06/11/1937, p.6). Tal escrito resultou em uma resposta em “A Gazeta” já no dia 8 de novembro. Abaixo a transcrição:

Não é verdade o que a ‘Flama Verde’ publicou / O Protesto veemente dos estudantes florianopolitanos. / Tendo a ‘Flama Verde’ publicado uma nota relativa ao fato de haver o professor Odilon Fernandes, da sua cátedra de professor do Ginásio Catarinense, feito uma dissertação de caráter comunista, uma grande comissão de alunos daquele acreditado estabelecimento de ensino, esteve em nossa redação, no pretérito sábado, protestando contra a inserção de tal notícia, declarando não ter a mesma o menor visu[sic] de verdade. / Pelo mesmo motivo e com as mesmas intenções, visitaram-nos, hoje, numerosas comissões de alunos da Escola Normal Secundária e da Escola Superior Vocacional, que além de fazerem sentir a sua solidariedade ao professor Odilon Fernandes protestaram veementemente contra a mentirosa afirmação de ‘Flama Verde’. (A GAZETA, 08/11/1937, p.1).

Fora o anticomunismo presente nas duas notas, esses textos parecem reforçar esse aspecto do Campo Intelectual catarinense no período, a importância de se manter uma reputação impecável perante a sociedade. Além disso, parece ser possível perceber que Fernandes era capaz de mobilizar uma rede de apoio para lhe auxiliar a se defender, principalmente a partir de sua profissão como professor.

Ainda com relação à Fernandes, não seriam incomuns textos elogiosos sobre sua figura. Como exemplo, na página “Domingo Literário” dirigida por Maura de Senna Pereira há uma publicação que o homenageia:

Figura 7 - Homenagem a Odilon Fernandes em “Republica” (1932)



Fonte: Republica, 08/05/1932, p.3

Nesse momento, expõe-se tal publicação a fim de corroborar com o argumento da boa inserção de Odilon Fernandes juntos a diversos círculos da cidade, desde os meios educacionais às sociabilidades engendradas pela produção cultural e literária. Pode-se levantar também a possibilidade de publicações desta natureza também operarem como instrumentos para a manutenção ou busca por afinidades entre os intelectuais. Nesse sentido, esse protocolo, tal como também o envio de exemplares como presentes, a publicação de mensagens com cumprimentos ou gentilezas em geral, pareciam ser mandamentos obrigatórios para esses indivíduos ou regras de etiqueta, a não ser quando eles renunciavam à convivência do círculo intelectual catarinense<sup>145</sup>, abdicando de oportunidades ou cargos nos quais esse tipo de capital social poderia ser um valioso recurso para consegui-los.

Apesar de centrado pouco antes de 1930, pode-se expor um exemplo de troca de farpas e relações de amizades com relação a Romanowski. A partir de um levantamento das menções ao seu nome em jornais catarinenses, as primeiras publicações que tratam do mesmo começam em abril de 1928. Já em um desses escritos ele seria apresentado como poeta:

Um poeta paranaense / [Fotografia de Romanowski] Ladislau Romanowski / Está nesta capital – e deu-nos, hoje, o prazer da sua visita – o sr. Ladislau Romanowski, poeta e prosador paranaense, que realiza uma excursão artística ao sul do Brasil. / Pertencendo à moderna geração literária do vizinho Estado, o poeta que nos visita tem colaborado em importantes revistas do país, sempre com gerais elogios ao seu talento. / O sr. Ladislau Romanowski realizará, entre nós, um recital de declaração, em que apresentará algumas das suas melhores produções (O ESTADO, 18/04/1928, p.2).

Por um lado, se em algumas das primeiras manifestações sobre ele seria possível encontrar uma série de elogios, por outro, também foi possível encontrar indícios de que nem todos o receberam de modo caloroso em Florianópolis. Pode-se perceber isso em uma matéria de junho de 1928:

Ecos e Novas / O que, anteontem, ocorreu no Teatro Álvaro de Carvalho, na segunda parte do festival em benefício do Externato Foot-ball Club, com o sr. Ladislau Romanowski, é deveras contristador, porque muito fere o conceito de que gozamos – de povo tolerante e hospitaleiro. / Convidado, instalado mesmo, para que tomasse parte no festival, o sr. Romanowski condescendeu em assumir esse compromisso, não pela vaidade de aparecer em público para colher aplausos minguados, mas para prestar o seu concurso ao festival,

---

<sup>145</sup> Escrito inspirado em: (ELIAS, 2001, p.85).

desinteressada e modestamente. / E não fora ele, o anunciado festival teria gozado, por ausência do maior número dos que se haviam inscrito no programa. / Entretanto, ao entrar no palco para a execução da sua parte, a plateia, naquele momento composta quase toda de cavalheiros tidos e havidos como educados, recebeu-o com injustificável descortesia, que logo desconsertou o sr. Romanowski, desabituado, como estava (apesar de se ter feito ouvir em outras capitais com aplausos) àquelas manifestações indelicadas. (...) (O ESTADO, 30/06/1928, p.3)

O trânsito de intelectuais de outras cidades para Florianópolis não parecia ser estranho na capital catarinense<sup>146</sup>, o que não parece ter contribuído para amenizar essa manifestação de repúdio ao seu trabalho, que também poderia estar associado com suas visões estéticas entrarem em choque com a de outros artistas locais<sup>147</sup>. Algumas considerações podem ser feitas sobre a matéria transcrita, inicialmente percebe-se um claro apoio por parte do periódico dirigido por Altino Flores a Romanowski. Além disso, também chama atenção este caso ter se dado em um evento de uma associação que Nahas também fazia parte, o Externato Foot-ball Club, o que pode ter contribuído para que os dois tomassem conhecimento um do outro.

Apesar do texto acima também expressar críticas a Romanowski, não muito tempo depois o próprio parecia estar bem inserido com personalidades de destaque na sociabilidade intelectual catarinense, o que pode ter contribuído para sua próspera carreira na imprensa catarinense nos anos posteriores. Foi publicado em 1929 o enlace de Romanowski com Angela Opuzki que contou com as seguintes testemunhas do ato civil: sr. Dr. Mileto Tavares<sup>148</sup> e esposa (por parte da noiva), sr. Prof. Altino Flores e esposa (por parte do noivo). No ato religioso, foram testemunhas: sr. Prof. Flodoardo Cabral<sup>149</sup> e esposa (por parte da noiva) e sr. Dr. Othon d'Eça e esposa (por parte do noivo).

A escolha dessas testemunhas parece sinalizar que Romanowski, já nesse momento, um ano antes da elaboração de “Ilha Verde”, parecia capaz de mobilizar uma rede durável de relações com personalidades que ocupavam cargos de grande projeção e renome na sociedade Florianopolitana. Sua escolha ou iniciativa para elaborar “Ilha Verde”, assim como no caso de

---

<sup>146</sup> Na mesma página da matéria acima citada acima foi publicado sobre o governador do Estado, Adolpho Konder, ter convidado o pintor paranaense Estanislau Traple para desenhar cartazes de propaganda da cultura do trigo. É elogiada a escolha de Traple, que se achava desde alguns meses na capital. (O ESTADO, 30/06/1928, p.3). E. Traple foi o responsável pela elaboração da capa da Revista “Renovação” (RENOVAÇÃO, 30 de set., 1931, p.28) que, por sua vez, conforme já anunciado, elogiava as transformações pós-revolução de 1930 que tiraram o comando do Estado do grupo da própria ou conectado com a família Konder.

<sup>147</sup> Outros dois textos sobre polêmicas que envolveram Romanowski foram publicados em “O Estado” em abril de 1929. Nos dois textos, Romanowski responde o poeta Edison-Ruy que o chamou de poeta futurista. (O ESTADO, 16/04/1929, p.4; O ESTADO, 22/04/1929, p.4).

<sup>148</sup> Mileto Tavares da Cunha Barreto, Juiz de direito da 2ª vara da comarca da capital desde 1921. Em 1930, designado para exercer as altas funções de auditor de guerra da Justiça Militar (O ESTADO, 12/11/1929, p.1).

<sup>149</sup> Inspetor Escolar (1925-1927); Professor do Grupo Escolar Lauro Muller (1930).

Nahas que já foi abordado, parece também estar relacionada com eles estarem inseridos nas redes de sociabilidade intelectual local e já serem bem reconhecidos como escritores.

Com relação a José Rodrigues Fonseca, ele parece ter tido uma outra trajetória, focando-se em atividades políticas sindicais ou ofícios de viés mais técnico, como a elaboração de anúncios publicitários ou outros trabalhos tipográficos. Poucas notícias ou informações foram encontradas antes de 1930, sendo que elas estavam relacionadas mais com o que já foi exposto. De maneira geral, o seu trabalho como Diretor Comercial por parte de Fonseca parece estar relacionado com a sua experiência tipográfica e bom trânsito entre diferentes grupos sociais.

Assim, a partir dos materiais levantados sobre sua trajetória, encontramos uma série de textos direcionando-o a felicitações ou que narram suas atividades na organização de ações de caridade, apesar disso, sua atuação também foi alvo de ataques. Transcreve-se abaixo o texto de sua autoria que narra um episódio neste caminho:

A pedido / Resposta necessária / Caríssimo e pandego autor da engraçadíssima 'Uma entrevista sensacional'. Li a sua entrevista 'sensacional', publicada no jornal 'A Pátria' de 26 do [mês] corrente. No decorrer das suas quase três colunas patrióticas, há muita coisa boa que a gente saboreia com a mesma disposição de ânimo com que se aplaude, no circo, o 'clown, que faz rir... profissionalmente'. / Há, entretanto, uma ceifazinha venenosa alvejada contra mim. / Não me ofendeu, felizmente, mas deu-me a entender que o sr., a quem não tenho o prazer de conhecer, estudou muito bem a pontaria para despedi-la. / Chamou-me de 'moreno, bem trigueiro mesmo, e o fez no intuito de ferir-me. / Sou 'moreno, bem trigueiro mesmo', mas, de acordo com as leis do meu país (o que penso ser o seu também), sou brasileiro; salvo se o sr. pretende sugerir ao governo com as suas 'entrevistas sensacionais', modificação de um dos preceitos da nossa antiga constituição. / E é sempre mais digno ver-se um brasileiro mesmo 'moreno ou bem trigueiro' a defender causas de interesses popular, como é essa da nossa luz elétrica (...). / Florianópolis, 29 de dezembro de 1931. / José Rodrigues Fonseca (o moreno, bem trigueiro mesmo). (O ESTADO, 30/12/1931, p.3).

Pelo que se pode perceber, houve alguma ação de J. R. Fonseca com relação à empresa de Luz do período que despertou a ira de determinado crítico que, infelizmente, não pode ser identificado<sup>150</sup>. De qualquer forma, além de ter sido possível perceber que foram feitas críticas específicas a atuação de Fonseca junto à empresa de luz da época, a questão racial fez parte dos ataques ao mesmo tempo. Se havia uma grande quantidade de textos que criticavam opções políticas e posições estéticas e literárias nos mais diversos periódicos da época, a mobilização de um ataque de viés racial pode ser compreendida como uma crítica de que seu lugar, porque

<sup>150</sup> Não foi possível encontrar a edição do jornal cujo texto gerou a resposta de Fonseca.



era negro, não deveria ser aquele. A resposta de J. R. Rodrigues parece sugerir que sua atuação forçava “limites” de pessoas negras naquela época, isto é, reforçando a ideia de que se trata de uma sociedade também excludente e racista.

Como foram encontrados somente fragmentos de suas atividades em Florianópolis, o exercício de construir seu envolvimento com a sociedade e os significados de suas ações frente ao conjunto de intelectuais fica prejudicado. No entanto, suas constantes prisões a partir de 1935, mesmo com as tentativas de continuar com as atividades impressas posteriormente<sup>151</sup>, devem ter dificultado sua vida em Florianópolis.

Em novembro de 1938, junto de Álvaro Soares Ventura e João Luiz da Silva, José Rodrigues da Fonseca foi condenado a “um ano de prisão celular, grau mínimo do artigo vinte e três, segunda parte, da lei número trinta e oito, de mil novecentos e trinta e cinco<sup>152</sup>” (TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL, 1938, p.285). No caso dos outros delitos que foram acusados, todos foram absolvidos. Fonseca foi posto em liberdade, por conclusão da sentença, no dia 10 de janeiro de 1939 da Penitenciária do Estado de Santa Catarina. (PENITENCIÁRIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 1939, p.295).

Em um exercício imaginativo, mas baseado em indícios, pode-se supor que o seguinte anúncio de venda de uma série de móveis nas quais os interessados deveriam tratar com José Rodrigues da Fonseca poderia significar sua busca por recomeço ou maior envolvimento com a militância em outra cidade a partir de 1942, pouco após ter sido rejeitada sua proposta de circular um novo periódico. Ou seja, mesmo sabendo que muitos intelectuais poderiam buscar diferentes adesões políticas ao longo dos anos, certas posições ou determinado “perfil” parecia ser menos receptivo para se construir novas oportunidades. Abaixo o texto:

Vende-se / 1 grupo de couro, 1 armário para livros, 1 balcão, 1 escrivaninha, 1 geladeira, 1 cadeira balanço, 1 filtro e mesa, 1 grupo de avarandado, 1 carrinho de crianças, 2 espinheis, 2 quadros de frutas, 2 cadeiras amarelas, 1 mesa de copa e 1 quarto de casal (com as seguintes peças: 1 guarda-vestidos, 1 penteadeira, 1 cama de casal, 2 mesas de cabeceira, 1 camiseira e 1 mocho estofado. Informações com o sr. José Rodrigues da Fonseca. 5 v. – 1. (O ESTADO, 10/04/1942, p.6).

<sup>151</sup> Sabe-se que em 1942 ele teve o pedido de circulação de um periódico indeferido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Seria o periódico “Informante” que Fonseca pretendia publicar em Florianópolis. Informação encontrado no periódico “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17/03/1942, p.4).

<sup>152</sup> A lei citada é a de número 38, de 4 de abril de 1935, que define crimes contra a ordem política e social. O artigo por completo é o seguinte: “art. 23. A propaganda de processos violentos para subverter a ordem política é punida com a pena de um a três anos de reclusão. A propaganda de processos violentos para subverter a ordem social é punida com a pena de um a três anos de prisão celular”. (BRASIL, 1935). Posteriormente, em outro momento no mesmo documento é dito que a pena de Álvaro Soares Ventura seria de dois anos e seis meses de prisão.

#### 4 REVISTAS E SOCIEDADE: REPRESENTAÇÕES E SOCIABILIDADES

Ontem no ônibus... às 21 horas, no auto-ônibus que faz a linha circular... / repleto o veículo de pessoas que haviam ido assistir ao filme: 'Rio Rita', no Palace. Diversos comentários entre os passageiros. Alguns gostaram do filme e principalmente do bailado das espanholas. Distinta dama, que naturalmente é ótima dona de casa, conversava com outra: / - Pois, minha amiga, estou em vésperas de perder a minha empregada Euphrosina... / - Por quê? Inquire uma outra dama, não menos distinta. / - Ora, devido ao tal registro que a Delegacia Auxiliar estabeleceu para os serviçais. / Umas risadas, e a dama explica: / - É que minha empregada acha que o registro com fotografia só se faz de criminosos. / - É bom! Obtempera terceira dama. Então não poderia a senhora explicar-lhe o motivo de tal exigência? / - Expliquei-lhe, mas não compreender. E o fato é que amanhã estou sem criada! / Saltei do ônibus, entrei em casa e corri à cozinha para ver se ainda estava lá a minha cozinheira. / Eu, que já há dias receava falar-lhe da necessidade do 'registro', não sei, agora, se o deva fazer... / C. L. A. (O ESTADO, 09/07/1931, p.1)

A matéria acima, em formato de crônica, permite continuar o estudo dos periódicos e intelectuais da época, mas a partir de um outro viés. O texto, cuja autoria não foi possível a identificação, com pretensão humorística, levanta a dúvida entre uma das personagens se a sua cozinheira aceitaria ser fotografada, pois, uma figura mencionada que trabalhava em outra casa, que acreditava que fotografias eram somente para criminosos, chegou a deixar o seu serviço por causa disto, conforme uma senhora diz.

São inúmeros os aspectos deste texto que parecem oportunizar e analisar certos códigos sociais e culturais da época<sup>153</sup>, contudo, algo que logo pode chamar a atenção é a construção de uma divisão na cidade entre, aparentemente dois grupos sociais. Por um lado, há aquelas que tinham acabado de ir ao cinema e debatiam o filme visto, isto é, senhoras com tempo e dinheiro para se dedicarem a este tipo de lazer, além de poderem contar com outras pessoas para realizarem serviços domésticos de suas residências. Por outro, o grupo representado pela empregada doméstica que não compreendeu o sentido de ser fotografada, e que somente indiretamente *ganha voz*, através de sua patroa. A outra trabalhadora doméstica também recebe um tratamento semelhante, tendo em vista a desconfiança de que não iria compreender também este mesmo processo. O segundo grupo não vivencia a cidade da mesma maneira nem parece estar preparada para lidar com certas situações.

<sup>153</sup> Segundo Elias Thomé Saliba, o humor pode “servir tanto para cativar, ironizar, satirizar, parodiar, criticar, zombar, acariciar, desmoralizar – ou simplesmente para matar o tédio. Tudo recoberto com o álbi e pretexto da simples diversão: mas para os que vivem a história, tudo se justifica pelo riso – enquanto, para o intérprete, a diversão é o manto que cobre inúmeros códigos sociais, enchendo-os de opacidade”. (SALIBA, 2018, p.11)

É possível levantar uma série de questões com relação à crônica transcrita, por exemplo, a quem tal escrito parece estar direcionado, isto é, a qual grupo social este tipo de humor poderia “fazer rir”? É possível sugerir, inicialmente, que o *leitor ideal* seriam senhoras *distintas* semelhantes às abordadas, frequentadoras de cinema, ótimas donas de casa e, sobretudo, que estavam familiarizadas com as fotografias. Ao mesmo tempo, os seus esposos ou outras pessoas de famílias de classes semelhantes também, provavelmente, poderiam se identificar com as *senhoras distintas* mencionadas no texto. A partir disso, pode-se argumentar que tal humor estaria direcionado a pessoas de classes sociais mais elevadas que, por sua vez, não seria esperado que tivessem a mesma reação criticada através do humor, mas sim que se distinguiriam por saberem se comportar com naturalidade em uma situação de ser fotografada, uma *distinção social* que se manifestaria através de gestos adequados.

Não se trata aqui de investigar quais os possíveis motivos para os medos ou receios das pessoas que trabalhavam como domésticas em ser fotografadas, que poderiam estar relacionados com uma frequente repressão a classes menos favorecidas associada com um controle pela fotografia, mas sim evidenciar que a perspectiva do autor parece se harmonizar com a das frequentadoras do cinema, além de que a motivação para não querer ser fotografada é diminuída, considerada como injustificada ou mesmo fruto da ignorância. O periódico parece assumir uma espécie de papel *pedagógico*, valorizando algumas e desvalorizando outras condutas. Há a longevidade do que Araújo (1989) discorre sobre o jornal atuar como uma espécie modelador de alguns costumes no campo de afirmação social da elite florianopolitana da Primeira República.

Com base nessas palavras iniciais, parece ser possível argumentar que nesta crônica houve um esforço, consciente ou não, de construir a cidade imaginada por um determinado grupo social. A proposta que segue neste capítulo pretende trilhar este caminho, isto é, de buscar perceber que tipo de cidade e sociedade foi construída ou privilegiada quando se investiga o conjunto de Revistas editadas em Florianópolis de 1930 a 1945, qual linha editorial predominou a partir das diferentes matérias que ganharam espaço em suas páginas e como as Revistas foram utilizadas como ferramentas para construir ou manter laços entre autoridades ou outras personalidades.

Antes de avançar, pode-se retornar à crônica transcrita, cuja narrativa constrói uma divisão entre dois grupos da sociedade. Era uma separação com bases sociais e que parece ter assumido também uma dimensão simbólica, ao envolver os significados para saber ou não se portar, além de expectativas do espaço e momento correspondente para cada grupo social transitar na cidade. Mais especificamente com relação ao cinema em Florianópolis, parece que

existiam inclusive certos dias em que se esperava que cada grupo fosse frequentá-lo, conforme exposto em matéria apresentada na Revista “Santa Catarina”:

Os estabelecimentos cinematográficos da nossa capital organizam os seus programas com o melhor critério selecionador, adicionando-lhes, vez por outra, jornais instrutivos, desenhos interessantes, e, diariamente, os complementos nacionais, que realizam obra de divulgação e brasilidade. / Suas sessões, nos dias úteis, nas quais se exibem dramas e comédias de temas os mais variados, são realizadas a preços populares, reservando-se as das terças-feiras, quintas-feiras e domingos, para o mundo social. (SANTA CATARINA, set. de 1939, p.78).

De uma maneira geral, o que tem sido percebido é que as Revistas deste período pareciam participar na manutenção desse ajustamento social que desencorajava relações sociais discordantes<sup>154</sup>, havendo assim o predomínio em suas páginas de uma visão elitista da sociedade. Além disso, um outro aspecto geral que se percebe nas Revistas é um esforço em apresentar Santa Catarina como um Estado que, ao mesmo tempo que sabia preservar suas tradições, também se modernizava, que contava com um crescimento considerável em seu meio urbano, com uma natureza exuberante e que era dotado de uma população requintada e distinta.

Uma série de matérias pareciam corroborar com este esforço, principalmente apresentando fotografias de espaços da cidade que eram considerados como signos de seu desenvolvimento, como no caso apresentado abaixo da “Urbanização de Itajaí”, do “Trapiche Municipal” de Florianópolis ou da Ponte “Hercílio Luz”, dentre outras localidades possíveis. Um grande conjunto de matérias publicadas nestas revistas parecia estar voltado para a difusão de um Estado que se pretende moderno, conforme pode ser observado abaixo:

Figura 8 – “Bar Modelo” de Itajaí em “Ilha Verde” (1930)<sup>155</sup>

<sup>154</sup> As revistas pareciam, portanto, atuar no processo de inculcação de determinado *habitus* que poderia tomar como *natural* essas divisões sociais. Toma-se como base para este debate as considerações de Bourdieu sobre “Habitus”, principalmente na obra “A Distinção”. Em certo trecho, o autor escreve: “Esta identificação do *habitus* pelo *habitus* encontra-se no princípio das afinidades imediatas que orientam os encontros sociais, desencorajando as relações socialmente discordantes, incentivando as relações ajustadas, sem que estas operações tenham de se formular, algum dia, de outra forma que não seja na linguagem socialmente inocente da simpatia ou da antipatia.” (BOURDIEU, 2007, p.226-228).

<sup>155</sup> Legenda da imagem: O majestoso edifício “Olympio” onde está instalado o “Bar Modelo” de propriedade do sr. Samuel Heusi Junior”. (ILHA VERDE, ago. 1930, p.9).



Fonte: ILHA VERDE, ago. 1930, p.9.

Figura 9 – Aspectos urbanos de Florianópolis em “Renovação”, 1931<sup>156</sup>



Fonte: RENOVAÇÃO, nov. de 1931, p.21.

As legendas, que geralmente desempenham uma função pedagógica com relação à fotografia (MACHADO JÚNIOR, 2009, p.48), parecem contribuir com a narrativa imagética de que a cidade e o Estado acompanhavam um certo sopro modernizador, que parecia impulsionar mudanças urbanas e maneiras de se portar. A bibliografia sobre o assunto informa que tais representações não eram uma particularidade das folhas locais, pois, os periódicos de modo geral, notadamente as Revistas Ilustradas, foram instrumentos de difusão de transformações urbanas e de modelos adequados de comportamento para homens e mulheres.

<sup>156</sup> Legendas: “Trapiche Municipal – Suntuosa obra que lembra a honesta administração do ex-prefeito dr. Heitor Blum” & “A gigantesca ponte metálica Hercílio Luz, a mais importante da América do Sul”. (RENOVAÇÃO, nov. de 1931, p.21). Segundo Marilange Nonnenmacher, o projeto do Trapiche (inaugurado em 1928) ocorreu em 1925 “para construção de um cais destinado ao embarque e desembarque de passageiros, com prolongamento até a Praça XV de Novembro, e em substituição ao Trapiche Municipal que já não comportava o movimento de lanchas, botes, entre outras embarcações que levavam e traziam passageiros.” (2007, p.54)

Sobre este tema, Cláudia de Oliveira expõe, ao abordar Revistas da cidade do Rio de Janeiro do período da 1ª República e a sua população:

Para ser registrado pela lente Kodak do fotógrafo, o indivíduo não só deveria pertencer à “boa sociedade”, como deveria também dominar uma linguagem corporal que o distinguisse dos demais. Um “certo porte digno de cavalheiro”, caracterizado por um “olhar decidido, bigodes esposos e graves”. Uma “grande dama” tinha o controle de seus gestos, expressava com naturalidade seu charme e sua beleza, seus passos eram firmes e retos, seu olhar se dirigia para a frente. (...). (OLIVEIRA, 2010, p.185).

As considerações de Oliveira parecem ir ao encontro do que foi possível levantar do conteúdo presente nas Revistas que foram produzidas em Florianópolis para o período de 1930 a 1945. Nesse sentido, é possível compreender esse tipo de periódico como um dos instrumentos, desigualmente divididos pela sociedade, em que grupos sociais poderiam difundir suas ideias, dúvidas, anseios, modos adequados de se comportar etc. No caso das Revistas de Florianópolis, seu conteúdo parecia estar orientado para classes médias e superiores, divulgando os seus lazeres, atividades e demais práticas ligadas ao seu, aparentemente, público leitor ideal. Nas páginas seguintes propõe-se problematizar tais aspectos dessas Revistas.

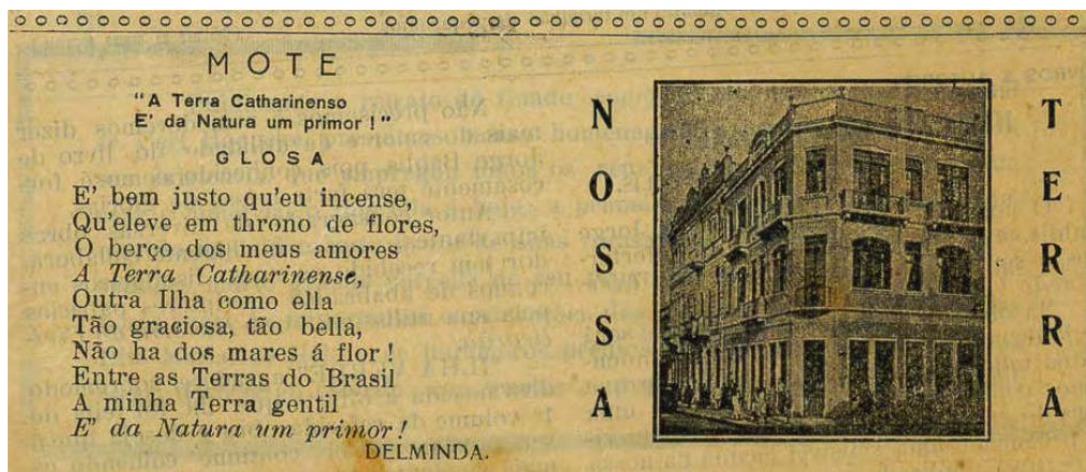
#### 4. 1 NARRATIVAS ESCRITAS E IMAGÉTICAS: MODERNIZAÇÃO E REFINAMENTO DE HÁBITOS

Nas páginas das Revistas em foco havia uma cidade idealizada, na qual inclusive os temas abordados na literatura, por exemplo, seriam em boa medida parte de uma visão de mundo crente no progresso e com poucas preocupações com os problemas do cotidiano. De uma maneira geral, há muitas similaridades neste quesito nas Revistas, embora alguns dos impressos tenham privilegiado algumas temáticas por causa de seu público-alvo, características etc., como no caso da “Revista de Educação” que publicou diversas fotografias e textos sobre a expansão das escolas e bom desenvolvimento da educação no Estado.

Como exemplo inicial, transcreve-se uma poesia, com a imagem que estava ao seu lado, que parece possibilitar uma aproximação inicial nesta temática:

Mote / ‘A Terra Catarinense É da Natura um Primor!’ / Glosa / É bem justo que eu incense / Que eleve em trono de flores, / O berço dos meus amores / A Terra Catarinense, / Outra Ilha como ela / Tão graciosa, tão bela, / Não há dos mares a flor! / Entre as Terras do Brasil / A minha Terra gentil / É da Natura um primor! / DELMINDA. (ILHA VERDE, p.6 / Grifos do autor).

Figura 10 – Poesia e fotografia em “Ilha Verde” (1930)



Fonte: ILHA VERDE, ago. de 1930, p.6

Ao que parece, a autora é a celebrada escritora Delminda Silveira<sup>157</sup>, na qual em seu texto é construída uma narrativa escrita que trata Santa Catarina como um espaço privilegiado no Brasil, principalmente a partir de sua natureza. A imagem ao lado parece “complementar” o texto, ao apresentar construções que, ao que tudo indica, encontram-se ao lado da praça XV de Florianópolis, esquina com a rua Felipe Schmidt, com um intenso movimento. Assim, existe a presença de um texto valorizando a natureza, a terra catarinense de uma maneira mais geral, e uma imagem representando uma cidade com diversos prédios, além da dinamicidade devido ao grande volume de pessoas em suas ruas. Essas narrativas parecem se combinar, talvez levando à interpretação de que o texto também estaria tratando do desenvolvimento do meio urbano de SC, o que não parece ser necessariamente o caso.

A mesma fotografia, que em destaque apresenta um prédio específico, também foi reproduzida em “Renovação”, descrevendo que se trata do Moura Hotel. Assim foi escrita a matéria que contava com essa mesma imagem:

Quem vier a Florianópolis, por simples visita ou a negócios, encontrará, no que diz respeito a hospedagem, bons hotéis, com boas acomodações e a preços

<sup>157</sup> Delminda Silveira (1854-1932) era filha de José Silveira de Souza com Caetana Xavier Pacheco Silveira, e sobrinha do conselheiro barriga-verde João Silveira de Souza. Ela fazia parte de uma tradicional família de Florianópolis. Foi Professora, escritora com publicações em diversos periódicos e teatróloga. Teve uma formação intelectual sólida com professores particulares na própria residência. Foi professora de português e francês no colégio feminino Coração de Jesus. Um traço marcante de sua produção e vida é a religiosidade católica. Fez parte da ACL a partir de 1921. Junto de Antonieta de Barros e Julia Maria da Costa foi uma das mulheres que, nas primeiras décadas do século XX, ocupou respeitado espaço no que era reservado apenas a representantes do sexo masculino na Literatura e na Política (MACHADO, 2001, p.54-55; THIAGO, 1957, p..251-260; SACHET, 2012, p.36-37).

econômicos. / Florianópolis, talvez seja, das cidades do Brasil, uma das poucas onde esse problema se acha resolvido com vantagem para as famílias e viajantes. Todos os hotéis estão bem situados, funcionando em prédios adequados. / A gravura acima, mostramos o MOURA HOTEL, um dos melhores, no centro da cidade, perto do cais de embarque, desfrutando-se de suas numerosas sacadas, lindos panoramas da ilha e continente. Seu proprietário, o sr. Virgílio Moura, sob cuja direção se acha, é um incansável trabalhador, a quem os hóspedes ficam gratos, ainda os mais exigentes. (RENOVAÇÃO, 31 de out. 1931, p..25).

Apesar da matéria poder ser compreendida como uma espécie de propaganda do hotel e de um outro localizado em Caldas da Imperatriz que é mencionado posteriormente<sup>158</sup>, convém salientar que é construída uma visão positiva de Florianópolis, considerada uma cidade preparada para receber visitantes com diferentes motivações. Sua localização no centro da cidade, próximo à Praça XV e do cais de embarque, também é evidenciada, reiterando a importância dessa região, que havia passado e continuava atravessando intensas transformações. Percebe-se, assim, como um diferente texto pode dotar de novos significados para uma imagem: no primeiro caso a imagem talvez fosse interpretada como mais um exemplo do desenvolvimento urbano de SC, já no segundo momento, o Hotel poderia indicar como Florianópolis era um excelente exemplo na recepção de turistas ou outros viajantes na cidade, isto é, uma cidade cosmopolita e com uma boa estrutura. Além disso, deve-se ter em vista que no andar térreo deste hotel localizava-se os “Bar e Restaurante ‘Estrela’”, que se apresentava como “ponto de reunião da sociedade de destaque da capital”, cujo restaurante estava a “cargo de perito cozinheiro provindo dos melhores restaurantes do Rio e São Paulo”. (O ESTADO, 09/01/1930, p.4). É possível sugerir que este também era um local de sociabilidade entre intelectuais, políticos, comerciantes bem como demais viajantes pela cidade.

Antes de avançar nessa discussão, um aspecto que convém destacar é como se dava a autoria das fotografias, pois, nas Revistas não foi possível encontrar informações sobre quem foram os seus responsáveis. O que se percebe é que, neste tipo de suporte, de maneira geral, as fotografias não pareciam atuar como uma forma de expressão artística, como eram os demais textos literários nos quais, no que foi possível averiguar, foram todos assinados. Pode-se sugerir que os fotógrafos eram contratados para cada edição, sem possuir algum vínculo que os impedissem de atuar em outras áreas, seja em seus ateliês ou fotografando para outros periódicos<sup>159</sup>.

<sup>158</sup> Logo em seguida, na mesma matéria é exposto sobre um outro hotel em Caldas da Imperatriz, seus benefícios, e do ônibus que sai do primeiro hotel para o segundo.

<sup>159</sup> Sobre o *status de fotógrafo* deste período, suas possibilidades de atuação ou outras informações cf. (COELHO, 2006) e (MAUAD, 2008). Com relação ao caso de Florianópolis, cf. (CUNHA, 2011) e (COELHO-JÚNIOR,



Também não houve a exposição de nenhum nome de fotógrafo que fez parte dos grupos responsáveis elaboração de cada uma das Revistas, apesar de, no caso de “Ilha Verde”, “Renovação”, “Revista de Educação”, “Santa Catarina” e “Atualidades”, as imagens acompanharem e ilustrarem uma quantidade significativa de matérias. Pelo que se pode constatar, a composição do resultado destes impressos contou com um grande cuidado na escolha das imagens para acompanharem os textos e construírem o perfil da Revista. Argumenta-se, portanto, que as fotografias contribuíram para a difusão do projeto editorial de cada um desses periódicos.

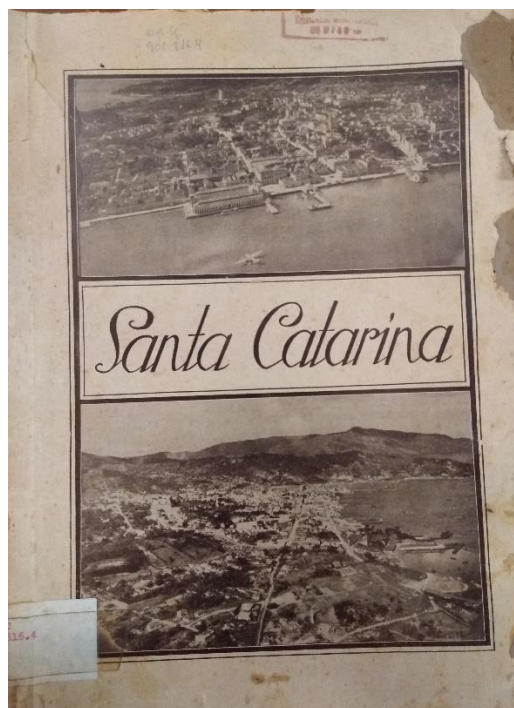
Dentre os poucos indícios sobre a produção das fotografias, em “Santa Catarina” foi publicado:

NOSSA CAPA / As fotografias que ilustram a capa da presente edição de “Santa Catarina” são uma cativante gentileza da nossa Base de Aviação Naval. / O aspecto superior, tomado da baía Sul e o interior, da baía Norte, nas proximidades da Ponte Hercílio Luz, foram, como se pode notar, colhidos a voo de avião em regular altitude. / Mostram, ambos, a perícia e o gosto artístico do operador, através dos ângulos em que foram focalizados, da distribuição de luz e da situação pitoresca em que se encontra Florianópolis, voltada, por sobre as águas quietas das suas lindas e amplas baías, para a vastidão revolta do mar alto. (SANTA CATARINA, set. 1939, s/p).

Figura 11 – Capa da Revista “Santa Catarina” (1939)

---

2013). Foram encontradas algumas informações sobre fotógrafos em jornais da época em Florianópolis, na qual são citados alguns nomes de donos de ateliês ou fotógrafos profissionais. Na maior parte das vezes, eles são mencionados atuando no registro de grandes eventos e demais festividades. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, não será aprofundada esta questão no decorrer da tese.



Fonte: SANTA CATARINA, set. 1939, Capa.

A imagem se trata de uma fotogrametria, que foi feita por um especialista da Base de Aviação Naval<sup>160</sup>. Poder-se-ia dizer que quem realizou o voo não é necessariamente envolvido na elaboração do periódico. São feitos uma série de elogios às escolhas do seu fotógrafo, que não foi nomeado, sugerindo uma valorização desse tipo de imagem que, até onde foi possível perceber, não se seguiu em outros exemplos, talvez em parte pela amplitude das duas fotografias e da escolha do que foi retratado. No que foi abordado diretamente pelo texto, destaca-se a menção à Ponte Hercílio Luz (símbolo de modernidade no Estado) e o mar da baía norte e sul como os principais aspectos a serem visualizados.

No caso das imagens, parece haver uma ênfase em apresentar o meio urbano de Florianópolis como de grande envergadura, sendo difícil perceber até onde vão as bordas da cidade. As avenidas também podem ser muito bem visualizadas, além do detalhe da presença de um avião na imagem superior (baía sul). A escolha de retratar tais aspectos da cidade na capa da Revista parece sinalizar para a relevância de que as cidades no período fossem dotadas de um meio urbano denso, com amplas ruas e avenidas, com conexão com o mar e com a via aérea simbolizada pelo avião. Ou seja, tais fotografias parecem oportunizar observar certas tendências gerais do que era considerado como de grande relevância em uma cidade ou no Estado como um todo.

<sup>160</sup> O voo fotogramétrico é realizado por uma aeronave, na qual é acoplada uma câmera fotogramétrica que cobre toda a área a ser mapeada.

Com base nisso, é importante escrever que as imagens publicadas nestas Revistas seguiram uma tendência já notada em outras localidades brasileiras, nas quais os fotógrafos não deixaram de perceber as mudanças operadas no espaço urbano nas décadas de 1920 e 1930, colaborando na criação e difusão de um imaginário moderno, conforme discorre Zita Rosane Possamai a partir do caso da capital gaúcha (2006, p.271). Ela expõe:

Não apenas os novos traçados viários compuseram essa nova visualidade, mas também as sociabilidades, que tinham na presença das pessoas nas ruas uma marca digna de nota. Mas não bastava apenas estar na rua vivenciando os espaços transformados, era mister ser visto e deixar-se fotografar. A visualidade moderna, dessa forma, de acordo com esse imaginário, era criada não apenas por meio das reformas urbanas e dos novos hábitos, mas também através de uma forma especial de representar visualmente esse instante condensado num espaço e num tempo precisos. A fotografia, assim, ao lado do cinema, constituiu-se no meio tecnológico capaz de representar visualmente esse momento fugaz de experiência da modernidade. (POSSAMAI, 2006, p.271-272)

Ao se retomar a última matéria mencionada, com relação às transformações que ocorreram na cidade e que foram registradas nas Revistas, a região onde se localizava o Hotel Moura também foi abordada em “Santa Catarina” no ano de 1939. Foi em uma extensa matéria, repleta de fotografias, que expõe que a cidade vem perdendo, “pouco a pouco, a sua velha feição urbana, com o desaparecimento de becos, o alargamento e a abertura de novas ruas, o ajardinamento de logradouros”, isto é, que a cidade tinha passado por reformas urbanas e paisagísticas. É escrito que também se preserva em parte algumas das antigas características, contudo,

sem dúvida, saudando, na garridice moça da sua imaginação convertida em realidade, um passado que vai sumindo, desfazendo-se na poeira rútila dos muros que se abatem, vencidos, no local e no espaço, pela ânsia humana de progresso... / E ruas outras são canais, planos ou com declives mansos, estendidos entre os como lagos das Praças, unindo-os, para o movimento ininterrupto do trânsito e do tráfego, nascendo e desembocando, já agora, nos Largos arejados, que se nivelam e se ajardinam, sob imperativas exigências atualizadas, em rigorosa obediência à higiene e à estética. (SANTA CATARINA, set. 1939, p.46)

As fotografias parecem atuar como uma espécie de registro e difusão da importância dessas transformações, que pareciam somente trazer benefícios para a cidade, ainda mais quando se leva em consideração que a Revista era um órgão oficial de propaganda do Estado e Municípios. Ao longo do texto, não é exposta qualquer informação sobre possíveis grupos da sociedade que poderiam ter sofrido com as demolições acarretadas pelas reformas urbanas que

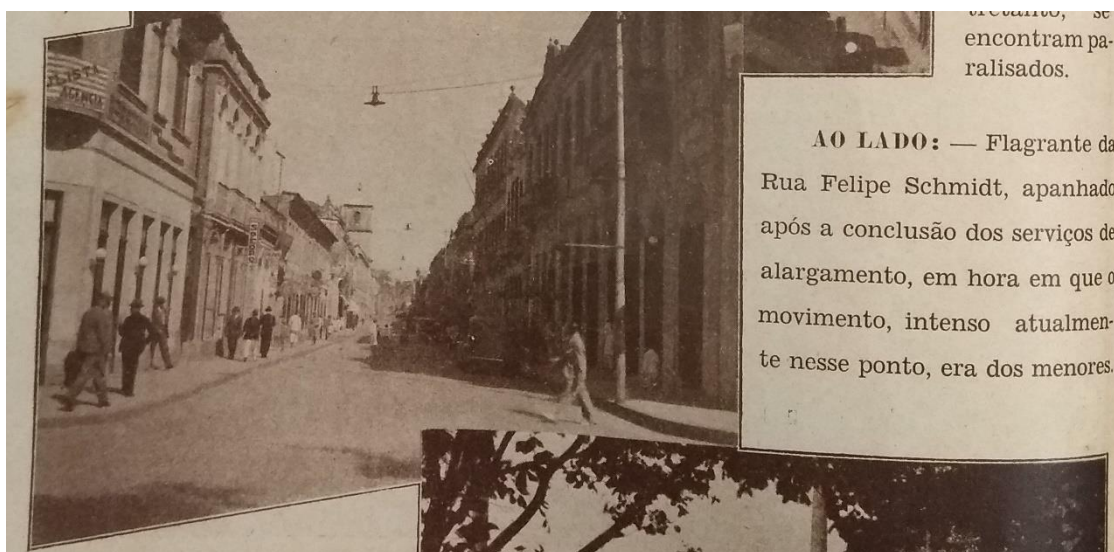
provocaram um novo plano urbanístico. Percebe-se, assim, que havia a construção de uma narrativa escrita e imagética que visava contribuir para a percepção de que este processo de remodelação do meio urbano ocorreu sem conflitos e em busca de melhorias.

Outras descrições que acompanharam algumas das imagens presentes na mesma Revista também seguiram esta mesma tendência, sendo possível perceber como o alargamento das ruas era sinônimo de progresso, associado com o intenso movimento no meio urbano. Abaixo excertos de como algumas das fotografias foram descritas:

Um aspecto dos trabalhos de **alargamento** da Rua Felipe Schmidt, promovidos pela administração do Prefeito Mauro Ramos e uma vista da Rua Tenente Silveira, já com o serviço de alargamento iniciado. (...) Um dos importantes trabalhos realizados pela atual administração, atendendo às exigências do **crescente e intenso movimento do tráfego**, é o **alargamento** da rua Felipe Schmidt, de que aqui damos mais um interessante aspecto, tomado da esquina da Rua Álvaro de Carvalho para a Praça 15 de Novembro. (...) Rua Conselheiro Mafra, vista da Praça 15 de Novembro, trecho em que a Prefeitura realizou **obras de alargamento**, fazendo recuar diversos prédios, do lado esquerdo, até a esquina da Rua Trajano. (SANTA CATARINA, set. 1939, p.47-49 / Grifos meus).

Agora um exemplo específico de uma fotografia e sua respectiva legenda:

Figura 12 – Rua Felipe Schmidt em Florianópolis pela Revista “Santa Catarina” (1939)



Fonte: Santa Catarina, set. de 1939, p.50.

É possível perceber nestas publicações a longevidade de um tipo de conteúdo comum em Revistas Ilustradas pelo Brasil. Ao tratar das Revistas desta natureza publicadas em

Florianópolis durante a Primeira República, Felipe Matos escreve que seus registros imagéticos:

guardam uma cidade que despontava como cenário de aspirações modernas, com novos costumes de seus habitantes, novas edificações públicas e intervenções técnicas que destacavam o empenho de homens públicos em superar a situação colonial e efetivar as expectativas trazidas pela República (2017, p.77).

A tomada de posição de Revistas como defensoras desse processo de “modernização” reforça um papel elitista delas e a longevidade desta concepção. Cláudia Oliveira, que estudou Revistas Ilustradas do Rio de Janeiro durante a Primeira República, evidencia que uma das principais estratégias na política de construção da cidade moderna foi a abertura de avenidas que, por sua vez, encarnariam o progresso, ao se sobrepor às ruas antigas, consideradas como uma imagem degenerativa da cidade. Segunda a autora, busca-se não somente criar uma imagem aprazível da cidade:

mas de criar uma representação que propiciasse a expansão da indústria, do consumo e do comércio. Este último passava a servir à massa ordenada de compradores, a qual se tornava cada vez mais numerosa e fomentadora de um comércio moderno e mais lucrativo. Para tanto, era imperioso que as ruelas ‘escuras e tortuosas’ do passado se convertessem em grandes avenidas, acolhedoras de um comércio elegante e de um lazer educado. As novas ruas e avenidas deveriam se tornar os emblemas da nova ‘era republicana’. / As imagens criadas pelos fotógrafos para as revistas ilustradas sobre a cidade pós-‘melhoramentos urbanos’ marcariam um novo padrão de descrição topográfica da cidade: mobilidade, ordenamento, aprazibilidade e monumentalidade tornaram-se os principais objetos do olhar do fotógrafo. (OLIVEIRA, 2010, p.115-116)

O alargamento das avenidas foi um dos principais pontos mencionados, além do intenso movimento por elas. Através destes termos e temas, é construída a imagem positiva de um meio urbano dinâmico e adequado para os padrões esperados de uma cidade considerada moderna. Assim como no caso da “Revista do Globo”<sup>161</sup>, que também durante os anos 1930 apresentou em textos e fotografias o desejo de uma Porto Alegre moderna, tal qual outros

---

<sup>161</sup> A “Revista do Globo” foi um periódico ilustrado quinzenal editado pela Livraria do Globo, sediada em Porto Alegre RS. Sua circulação se deu de 1929 a 1967. “Pela redação e pela equipe de design gráfico da revista, passaram diversos intelectuais, escritores e artistas de relevo, firmando a revista como um polo irradiador das artes e da literatura. Os diretores da *Revista do Globo* foram Mansueto Bernardi, Octávio Tavares, Érico Veríssimo, Luiz Estrela, Justino Martins, Henrique D’Ávilla Bertaso e José Bertaso Filho. E entre as centenas de escritores e escritores que tiveram textos publicados na revista estão Carlos Drummond de Andrade, Humberto de Campos, Nelson Werneck Sodré, Ronald de Carvalho, Lila Ripoll, Erico Veríssimo e Augusto Meyer.” (REVISTA DO GLOBO, S/data).

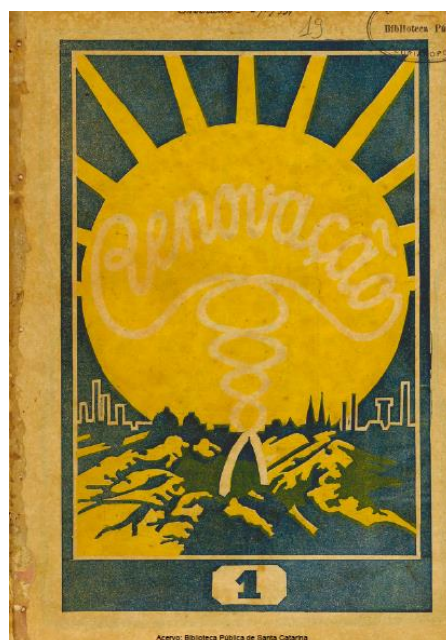
grandes centros cosmopolitas, como o Rio de Janeiro ou Paris (MACHADO-JÚNIOR, 2009, p.66), houve esta comparação em Florianópolis, pois, “À maneira das cidades grandes. Na encantadora terra carioca, temos a Avenida Rio Branco; a rua dos Andrades, em Porto Alegre; a rua Quinze, em Curitiba. / Aqui teremos a rua Felipe Schmidt” (RENOVAÇÃO, 30 de set. 1931, p.29).

Esse mesmo texto, cuja autoria não foi possível ser identificada, pois, somente havia como assinatura as iniciais A. S. trata das mudanças urbanas e de comportamento que estão ocorrendo na “nossa risonha Capital [que] toma ares de cidade grande”. A Rua Felipe Schmidt, que era celebrada em 1939 pela sua nova feição, ainda estava em obras no ano de 1931, na qual é dito que estava ficando da “*pontinha*, elegantíssima. E luz, vitrines, bom-gosto todo o traje *frajola*, de uma rua chic se está acentuando pouco a pouco” (RENOVAÇÃO, 30 de set. 1931, p.29 / Grifos do autor). Aliás, a própria capa<sup>162</sup> de “Renovação” (ed. 1 e 2) parece expressar essa admiração por uma cidade com um meio urbano que se verticaliza e dotada de belezas naturais<sup>163</sup>. Abaixo as duas capas com essa característica:

Figura 13 – Capa Revista “Renovação” n.1 (1931)

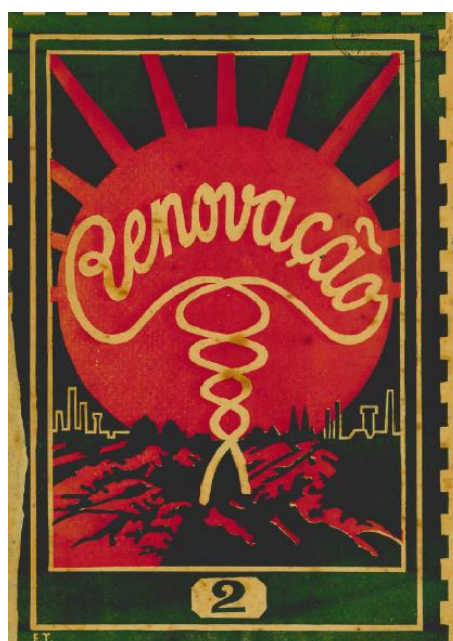
<sup>162</sup> Na 1ª ed. é exposto sobre a capa: “Nossa Capa / O desenho de nossa capa é concepção e trabalho do consagrado artista E. Traple, pintor paranaense, professor de desenho de nossa escola Normal; que fez os clichês, completando no seu próprio ateliê, a ilustração de nossa capa – esses traços vigorosos que dizem com eloquência o valor e o mérito de seu autor” (RENOVAÇÃO, 30 de set., 1931, p.28). Estanislau Traple (1898-1958) nasceu em Curitiba (PR). Antes de fixar residência em Florianópolis (1931) já havia trabalhado na impressora de “Paranaense”, estudou litografia com Alexandre Phol e foi aluno de Alfredo Andersen, com quem expôs em 1925 na Associação Comercial de Curitiba. Em Florianópolis tornou-se professor de desenho e pintura no Instituto de Educação até 1948. (ESTANILAU TRAPLE, s/data). Ao que parece, já antes disso possuía uma inserção na cidade, pois, em 1928 uma nota em “O Estado” traria a informação que Traple abriria aulas do Curso de Desenho e Pintura (na rua João Pinto n.19), e que também aceitaria alunos em domicílio (O ESTADO, 30/03/1928, p.2), além de que neste mesmo ano regeria interinamente a cadeira de desenho da Escola Normal Catarinense (O ESTADO, 23/05/1928, p.2). Em um outro momento, 1930, também seria exposto que ele seria diretor artístico de “O Estado” (O ESTADO, 13/01/1930, p.1)

<sup>163</sup> Parece ser possível fazer uma aproximação desta capa do que Oliveira discute a partir do exame de uma capa da Revista “Selecta” e outras imagens: “A cidade moderna ia sendo transformada e apresentada nas imagens fotográficas, tomada pela grandeza do sol da modernidade”. (2010, p.161).



Fonte: Renovação, 30/09/1931, capa

Figura 14 - Capa Revista “Renovação” n.2 (1931)



Fonte: Renovação, 31/10/1931, capa

A partir de “Renovação” irradia-se uma luz sobre a cidade logo abaixo, desta maneira, parece ser construída uma representação da Revista como capaz de iluminar a capital catarinense ou que seria a melhor capaz de acompanhar as mudanças atuais. O próprio título parece repassar esta mensagem, de que algo estava se transformando, tornando-se *novo* a partir

do que já existia. É um termo que auxilia a perceber como a ideia de ser *moderno* era concebida, pois, é sempre orientada com base em algo que se pretende distanciar e tornar como *antigo*.

Além disso, na capa, dentre as construções é possível distinguir a Catedral Metropolitana, que possui um local de destaque no centro da cidade, com uma vista privilegiada para a Praça XV. Sua construção inicial data do século XVII, podendo ser considerada como marco zero para a cidade no período colonial. Conforme explica Sabrina Fernandes Melo (2013, p.52), houve uma grande reforma na Catedral em 1922, que se deveu a uma renovação estética associada à mudança de aspirações da cidade. Dentre as mudanças, houve a elevação das torres sineiras, a inserção dos sinos e do relógio centralizado, o que configurou um ar mais imponente à edificação. Segundo Melo, neste período refletia-se que a arquitetura do período colonial não mais representaria visualmente as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Nem somente tais aspectos do meio urbano foram expressos nas Revistas, a temática religiosa também esteve presente, principalmente abordando o catolicismo. Dentre o que foi publicado, pode-se apresentar a poesia assinada por Rosalina Coelho Lisboa sob o título “Jesus”<sup>164</sup>:

Os humildes e os tristes são contigo. / És o triunfo magnânimo da luz, / A justiça que fere e que seduz, / Pondo laivos de glória no castigo... / Todo o rebanho humano encontra abrigo, / Sumo pastor, aos pés de tua cruz. / A presciência divina em ti transluz, / E o amor acolhe no teu gesto amigo. / Teus fiéis se agregam numa turba imensa/ És o mais puro ideal de perfeição, / A mais límpida síntese de criança. / E, no teu culto, a divinização / Se oferta aos homens, como recompensa / Do bem, do sacrifício, do perdão... (RENOVAÇÃO, nov. 1931, p.27).

Já foi exposto no capítulo anterior que muitos intelectuais se envolviam em atividades e práticas religiosas e alguns, militavam no laicato católico, sinalizando para conexões entre o Campo Intelectual com a religiosidade da sociedade, que se expressa com a seleção deste texto literário. Deve-se levar em consideração também que na década de 1920 ocorreria a fundação do Centro Dom Vital e da Revista “A Ordem”, sinalizando a força de organização e atuação do laicato católico, que teve como um de seus principais expoentes Jackson de Figueiredo. Além disso, nos anos 1930 seria organizada a Ação Católica e a Ação Integralista Brasileira<sup>165</sup>, que seria um movimento com ideias ligadas à espiritualidade e cujo líder também teve o seu pensamento marcado pela reorganização de grupos católicos desta época.

<sup>164</sup> Ao lado estava publicada outra poesia da autora, de título “Vencido”.

<sup>165</sup> Sobre o Integralismo em âmbito nacional, cf. (TRINDADE, 1979). Sobre a trajetória política de Plínio Salgado cf. (BERTONHA, 2018).



Além disso, é importante destacar que a escolha da publicação de um poema desta natureza deve ter levado em consideração a notoriedade de Rosalina Coelho Lisboa<sup>166</sup>, que já havia sido colaboradora da revista “Caretá<sup>167</sup>” e que possuía um livro premiado pela Academia Brasileira de Letras. Assim como expressava “Renovação”, a autora também era uma entusiasta da Revolução de 1930, podendo ser considerada como uma intelectual conservadora por sua orientação política e que, inclusive, teria ligações com o integralismo.

Um outro exemplo que parece expressar esse tipo de conexão entre o Campo Intelectual e a Religião é a poesia de Alves Augusto<sup>168</sup> de título “A Capelinha branca da Lagoa”, que foi publicada acompanhada de uma imagem. Abaixo transcreve-se o texto e mostra-se a imagem:

Na Lagoa, / Na Capelinha branca / Festiva, / Acolhedora... / Todo um rebanho  
/ De almas irmãs, / Quando o sino / Reboa... / Encontra feliz / Com fé piedosa,  
/ No santuário / A consolação. / Na prece simples, / Comovedora, / Da gente  
humilde / Há devoção... / E é linda e festiva, / Na colina verde / A Capelinha  
branca / Da Lagoa. (RENOVAÇÃO, 30 set. 1931, p.27).

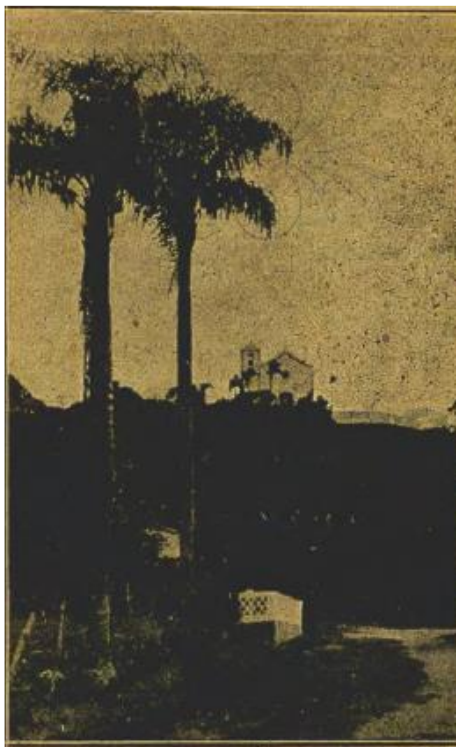
Figura 15 – Capela da Lagoa da Conceição na Revista “Renovação” (1931)

---

<sup>166</sup> Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti (1900-1975) nasceu no Rio de Janeiro, filha de João Gonçalves Coelho Lisboa e Luzia Gabizo Lisboa. Seu pai pode ser considerado um republicano histórico, tendo sido deputado e senador federal pela Paraíba, além de professor do Colégio Pedro II e da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. A autora foi educada por preceptoras estrangeiras, tendo logo cedo iniciado a colaboração na Imprensa, tornando-se colaboradora assídua da revista “Caretá”. Ao longo de sua carreira escreveu para diversos jornais e revistas sob diferentes pseudônimos além de ter lecionado inglês no Instituto Benjamin Constant. Foi partidária da Revolução de 1930, defendia a intervenção da mulher na política e a necessidade de educação moral e cívica nas escolas a fim de promover a resistência ao comunismo. Foi adepta das ideias Integralistas e apoiou o golpe de 1937. (FGV CPDOC, s/data).

<sup>167</sup> Sobre a Revista “Caretá” cf. (MACHADO-JÚNIOR, 2006).

<sup>168</sup> Até o momento não possível identificar quem foi esse autor, aparentemente local.



Fonte: RENOVAÇÃO, 30 set. 1931, p.27

A imagem parece ilustrar o que foi abordado na poesia, justamente a Capelinha Branca da Lagoa, que se trata de uma construção setecentista da Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Lagoa<sup>169</sup>. Convém evidenciar que a perspectiva de quem escreve parece não ser a mesma dos participantes das atividades na “Capelinha Branca”, isto é, o autor não se coloca como parte “da gente humilde” e de “prece simples”. Além disso, percebe-se que há a construção de um perfil de parte da população como seguidora desses costumes católicos, dotando também a própria capelinha como um símbolo importante desta tradição.

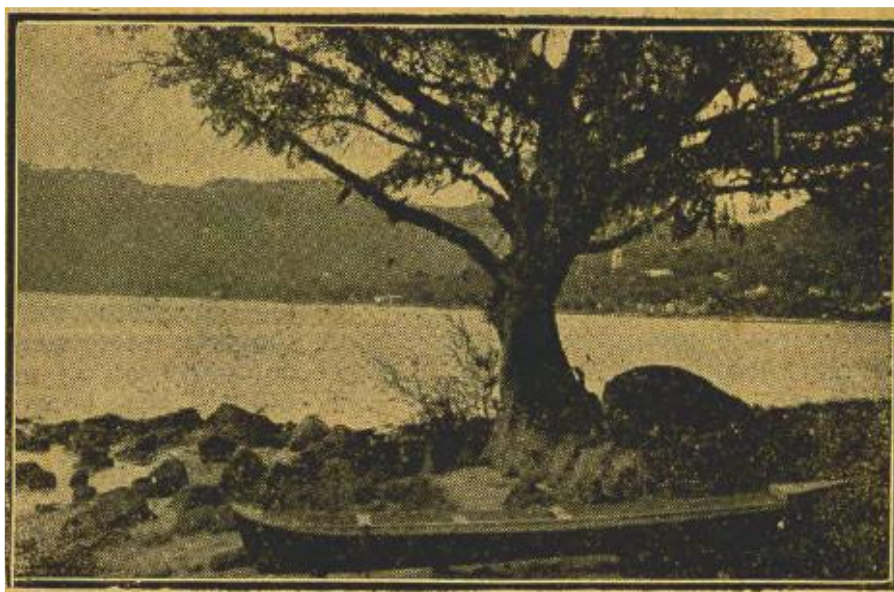
Outros temas também seriam abordados na literatura publicada nas Revistas, com muitos deles tratando de certos “tipos” da população da cidade, sentimentos e, eventualmente, temas mais melancólicos ou ligados às dificuldades enfrentadas por setores da sociedade. Em “Renovação” (31 out. 1931, p.22) foram publicadas duas poesias que podem ser compreendidas como deste último viés, acompanhadas logo acima por uma fotografia. A primeira das poesias foi assinada por Nicolau Nahas, de título “Árvore velha” e a segunda, “Mágoas de artista”, foi assinada por Trajano Margarida:

**Árvore velha** / Como a árvore velha, desganhada, / Que não dá frutos mais,  
nem folhas tem, / Nem sombra amiga pode dar a quem / Parou exausto e

<sup>169</sup> Esta Igreja contou, inclusive, com a visita de D. Pedro II e doação de sinos por sua parte. (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA LAGOA, s/data).

exangue em meio a estrada, / -Ó minha mãe, assim sou eu também, / Porque tu foste a seiva pura e amada / Desta existência minha atribulada, / A vida, o encanto, o amor, o anseio e o bem! / Eu guardarei, porém, a graça e o encanto / E a bondade de teu olhar tão santo / E os beijos que me deste, idolatrados, / Como a árvore velha guarda ainda / A saudade do tempo que foi linda / E teve seiva e ramos enflorados! / **Mágoas de Artista** / Ao constante gritar da turba inconsciente, / Eis que surge a saltar o gárrulo Palhaço. / Diz gracejos a rir, fingindo-se contente, / Fazendo ecoar ao longe, as gargalhadas de aço. / Dá saltos, dá risadas e fica saliente / Quando vem de girar com rapidez no espaço. / Depois saúda o povo e foge indiferente, / Sem os 'bravos' ouvir... sem demonstrar cansaço. / Lá dentro, chorando, aflito, extenuado; / Da filha morta, o corpo, a aconchegar sentido / Num anseio febril, de lágrimas banhado; / Maldiz a multidão que louca, o chama à cena / Sem respeitar a dor que o faz entristecido, / Dor que o torna incapaz de vir de novo à Arena. / Florianópolis. (RENOVAÇÃO, 31 out.1931, p.22 / Grifos meus)

Figura 16 – Paisagem s/identificação (1) publicada em “Renovação” (1931)



Fonte: Renovação, 31 out. 1931, p.22.

A fotografia, que parece estar mais conectada com o texto “Árvore velha”, por si só parece apresentar a bela paisagem de uma praia de Florianópolis, uma faceta da bonita natureza que cobre a região, com o barco talvez representando a tradição de pesca artesanal no litoral catarinense, especialmente na área de colonização açoriana. Não se sabe ao certo se ao fundo são residências ou outros tipos de construções, de qualquer modo, a natureza e o mar parecem ser o ponto principal da fotografia. A partir da poesia publicada, parece que a imagem ganha novos significados, passando a expressar uma certa melancolia, solidão ou tristeza que ambos os textos, à sua maneira, também tomam como assunto para se expressar.

O primeiro texto parece narrar a melancolia de um personagem que, ao final de sua *existência atribulada*, relembra com saudades o conforto dado por sua mãe, que não está mais

com ele. No segundo caso há a perda da filha daquele que seria responsável por fazer os outros rirem, aqueles que não percebem a sua dor e que se importariam somente com as aparências. Tais exemplos parecem dotar de maior complexidade as Revistas e a produção literária da época, capaz de encontrar alguns espaços para realizar reflexões sobre dificuldades que atravessavam a sociedade local.

A escolha desses temas para a construção de um texto literário deve ser desnaturalizada e compreendida a partir do tipo de reflexão que ele parece realizar, sendo que, os dois casos parecem sinalizar que se perceba que na cidade também existe sofrimento e pesar. Algo semelhante pode ser percebido no escrito de título “Menino da Rua” assinado por Silveira Peixoto<sup>170</sup>:

A garoa missangava[sic] as janelas iluminadas das casas. / O cabelo castanho, fugindo-lhe por sob o chapéu esfarrapado, traçava-lhe um ‘s’, apressadamente, na frente vivaz. A veste rústica. Alongou um olhar famélico para o mostruário-tentação de um restaurante. Os pés descalços. Na rua descalça. De um bairro operário. / Por que seria que Deus não se lembrava dele? Aquele Deus-bondade. Muito meigo. Que gostava muito dos pequeninos. Quem sabe se era ele que brincava, todos os dias, com a bola escarlate, oniluzente, do sol... / Sentou-se sobre uma laje. Na soleira de uma porta. Recostou a cabeça. E ficou pensando... Pen-san-do... / Sonhando... Um homem muito bom, deu-lhe uma porção de coisas bonitas. Um pedaço daquele queijo que ele vira numa vitrine. Uma roupa igual à do menino rico que passeava de automóvel. Todas as tardes. Eram iguais, agora... / Sorria. O semblante cheio de felicidade. / A manhã friorenta, brumosa, acordou-o... / Um cão esquelético lambia-lhe os pés gélidos. (RENOVAÇÃO, nov. 1931, p.14).

Apesar de Peixoto, que nasceu na Bahia e trabalhou por muito tempo na então capital federal, não ter atuado em SC, a seleção de uma publicação com essa temática pode estar relacionada com uma situação de penúria que também poderia ser encontrada em terras catarinenses, além do reconhecimento e notabilidade do autor. A cena construída, que parece poder ser *transposta* para diferentes cidades, provavelmente deveria ser encontrada também em Florianópolis, contudo, trata-se agora muito mais salientar como houve também algum espaço

---

<sup>170</sup> Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) nasceu em Lençóis (BA) filho de Francisco Peixoto e Virgínia de Moraes Peixoto. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, logo tornando-se catedrático de medicina pública na Faculdade Livre de Direito de Salvador. A partir de 1903 passa a residir no Rio de Janeiro, onde atuou como inspetor sanitário da Saúde Pública, diretor do Hospital Nacional de Alienados, dentre outras atividades. Em 1910 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, passando a ocupar a vaga de Euclides da Cunha. Em 1923 tornou-se presidente da Instituição. Também foi membro do IHGB. Ao longo de sua carreira foi Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, Deputado Federal pela Bahia e reitor da Universidade do Distrito Federal. Escreveu trabalhos sobre medicina, direito, história, folclore, educação, literatura, além de romances e crônicas. (FGV CPDOC, s/data).

para a difusão de um modo de fazer literário capaz de perceber as desigualdades sociais. Convém ressaltar que artigos e imagens de outras revistas em outras espacialidades e temporalidades eram reproduzidos em outros veículos de comunicação.

Esse tipo de literatura, capaz de expor a miséria, pode ser encontrado em diferentes autores e contextos, desde na literatura naturalista de Émile Zola com “Germinal” ao final do século XIX, nos trabalhos de Charles Dickens acerca da Inglaterra da mesma época, ou em autores brasileiros como Lima Barreto. No caso deste autor brasileiro, ao tratar da obra “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, Nicolau Sevcenko explora a crítica social presente no pensamento deste autor:

A politicagem desenfreada representava o pleno regime da irracionalidade administrativa percutindo por toda parte e sobre todo, gerando mal-estar, insegurança, privação, miséria e marginalização. Para o interior e as populações rurais, o abandono era absoluto; nas cidades, os benefícios constituíam sempre o mesmo e diminuto grupo. As estruturas sociais e econômicas da nação como que se congelavam, na esteira da agremiação política, passando a definhar no marasmo. (2003, p.203)

Apesar disso, no que foi possível perceber nas Revistas analisadas, essa crítica ao sistema político ou problemas sociais eram minoritários, o que parece compreensível tendo em vista a forte vinculação do campo intelectual com o político. Tal proximidade, dentre outros aspectos, parece ter corroborado para tornar como principal forma do repertório<sup>171</sup> da produção literária disponível aos intelectuais do momento, um tipo de literatura menos engajada em pautas sociais e mais ligada com as belezas da cidade ou temas corriqueiros. É possível dizer que a maior parte dos responsáveis pelas Revistas da cidade parecia ter interiorizado como “espaço dos possíveis” de produção intelectual este tipo de conteúdo, que estaria próximo do esperado quando a maior parte dessas personalidades frequentavam ou eram membros de instituições criadas em aliança ou pelas próprias elites da sociedade. Por outro lado, parece ter sido frequente uma produção literária mais próxima a pautas sociais por parte de intelectuais com uma formação e trajetória mais desfavorável economicamente.

Boa parte dos textos literários pareciam estar mais ligadas a temas corriqueiros, como afetos e desafetos ou interesses amorosos não correspondidos. Por exemplo no de título

---

<sup>171</sup> Com relação ao conceito de repertório, segue-se Gisèle Sapiro: “O conceito de ‘repertório’, que designa os conjuntos de modelos (temas, estilos, opções linguísticas) disponíveis em determinado momento em um determinado sistema, permite compreender as formas legítimas de fazer literatura. A distinção entre os elementos ‘disponíveis’ do repertório, frequentemente mobilizados, e os elementos ‘acessíveis’ no ‘estoque’ de modelos menos ativados, fornece um dispositivo conceitual fecundo para entender os mecanismos de evolução das formas literárias”. (2019, p.86).

“Soneto<sup>172</sup>” assinado por Romeu Balster<sup>173</sup> e datado 1906, transcrito abaixo e que foi publicado acompanhado de uma imagem também abaixo:

Se em vosso olhar gentil um sol fulgura, / Ainda de luz mais firme e mais dourada, / Que este que se suspende pela altura, / E vai com a noite e vem com a madrugada; / Se nas faces trazeis a nívea alvura, / E, no lábio, o rubor de uma alvorada, / Onde os sorrisos pairam com ventura, / Como o orvalho na flor desabrochada; / E se as noites trazeis em vossas tranças, / Ora, cativas desumanamente, / Ora, soltas na espádua, em desalinho; / É só para matardes de esperanças, / Quem de esperanças vive descontente, / Sem poder vos tirar de seu carinho. (RENOVAÇÃO, 30 set. 1931, p.23).

Figura 17 – Paisagem s/identificação (2) em “Renovação” (1931)



Fonte: RENOVAÇÃO, 30 set. 1931, p.23.

Parece haver, novamente, uma interação entre texto literário e a fotografia que, conforme escrito na própria revista, seria uma imagem da Lagoa da Conceição. Trata-se de uma região mais afastada do centro da cidade, reconhecida por suas belezas naturais. A luminosidade do sol, escondido por trás das nuvens, parece se relacionar com a impossibilidade do autor de se aproximar da sua musa, que é minuciosamente estudada, em cujo “olhar gentil um sol fulgura”. Existem elementos no escrito que fazem parte de um imaginário do que é considerado

<sup>172</sup> Esse mesmo escrito já havia sido publicado no “Almanaque do Paraná” de 1912. (MENDES et. al., 2013, p.36) e na Revista “Itiberê” (O DIA, 09/08/1928, p.4).

<sup>173</sup> Assim o autor foi apresentado: “Romeu Balster – o ironista temível de ‘À la Diablo’, consagrado poeta que muito se destacou na imprensa do vizinho Estado do Paraná, com o admirável soneto desta página, empresta a RENOVAÇÃO o concurso estimável de seu talento” (RENOVAÇÃO, 30 set. 1931, p.23). Romeu Balster (1883-1932) foi jornalista e escritor. Há menções em jornais que trabalhou na imprensa catarinense no início dos anos 1920, além de ter atuado como Delegado Seccional do Recenseamento de SC. Posteriormente, ainda nos anos 1920 trabalharia na imprensa paranaense, tendo sido redator-chefe de “O Estado do Paraná” e publicado em Revistas diversos. Também manteve uma coluna crítica humorística através do pseudônimo “Mephisto” no jornal “O Dia”. No paraná seria auxiliar da Diretoria da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. redator chefe de “O Estado do Paraná”. Também foi um dos fundadores da Associação Paranaense de Imprensa. Em 1926 retornaria à Santa Catarina, aparentemente novamente para a cidade de Porto União. Iria continuar a contribuir na Imprensa em SC, trabalhando também como funcionário do Imposto sobre a Renda. Cf. jornais do Paraná (O DIA) & (O ESTADO DO PARANÁ); em SC (REPÚBLICA) & (O ESTADO).

tradicional como próprio do feminino, como um “olhar gentil”, associar a mulher com a beleza ou uma espécie de enigma ou mistério para os homens decifrares.

Além disso, parece ser possível aproximar essa *observação* da mulher tanto com a necessidade de se manter uma reputação impecável da família quanto com o tipo de olhar que neste período é lançado sobre a cidade, por ambos passarem a se tornar cada vez mais objeto de admiração do público masculino. Sobre este tema, Oliveira discorre:

Cidade e mulher, nas revistas ilustradas, eram objetos sexualizados e adornados, as estrelas que brilhavam com a modernidade e, como tais, eram parte de uma mesma *mise-en-scène*, pois conjugavam uma ideia de feminilidade inerentemente teatral: o atordoamento feminino e o *décor*. Havia uma graça feminina que parecia ser construída para o olhar do cronista, do fotógrafo e para a admiração do público masculino. (2010, p.203)

Foi possível perceber esta linha geral nas Revistas de Florianópolis, como as mulheres raras vezes conseguiam fazer ouvir a sua voz e sendo olvidadas na maioria das vezes ou obscurecidas nas narrativas das revistas. Um outro exemplo pode ser exposto, trata-se da matéria sob o título “Audição de piano<sup>174</sup>”, acompanhada da seguinte imagem:

Figura 18 – Audição de Piano na Revista “Renovação” (1931)



Fonte: Renovação, 31 out. 1931, p.26

<sup>174</sup> Legenda com nomes: “Em pé da direita para a esquerda: – Talita Ramos, Alda Wendhausen, Maria Ramos, Mary Oliveira, Vera Costa, Tereza Ramos, Liliam Wanderley, Maria Tereza Silva e Nargo Galeti. / Sentadas: - Carmen Wendhausen, Livia Moura, Fany Wanderley, a professora sra. Elvira de Castro, Lila Biandy e Hedy Blum”. (RENOVAÇÃO 31 out. 1931, p.26).

Na matéria está escrito que se trata da ocasião de uma apresentação de alunas da professora de piano Elvira de Castro no cine teatro Cine Popular. É dito que foi atraído naquele “*nob el* teatrinho, tão querido e frequentado pelas famílias da nossa sociedade, uma assistência seleta, apreciadora dos encantos da música”. Escreve-se que as alunas, apesar de principiantes, executaram com sucesso clássicos autores escolhidos pela professora. Ao final, assim estava escrito:

Terminada a festa, que teve um cunho todo familiar, a sra. Elvira de Castro, foi muito cumprimentada pelo sucesso do seu trabalho e pelo método do seu ensino. Como recordação de tão interessante acontecimento as alunas fizeram-se fotografar junto de sua professora, e RENOVAÇÃO, aproveitando o ensejo, registra em suas páginas, essa nota de arte, reproduzindo a fotografia do grupo das jovens cultoras da arte das melodias. (RENOVAÇÃO 31 out. 1931, p.26).

As alunas e a professora estão posando para a fotografia, todas muito arrumadas direcionando o seu olhar para o fotógrafo. Parece ser possível discernir um buquê de flores nas mãos de uma delas e mais flores no canto da fotografia, dessa maneira, de uma maneira geral, parece ser possível distinguir a construção de um cenário bem decorado e com itens que estariam mais ligados ao que se considera como do universo feminino.

As roupas, o uso de colares ou outros adornos, além de toda a preparação, parecem contribuir para uma busca de distinção social, no sentido que Gilda de Mello e Souza (1987, p.47) discute sobre a moda corresponder a este desejo. O texto escrito também atua neste sentido, corroborando para a construção de um momento considerado como especial e bem recebido pela sociedade, composta também de *apreciadores do encanto da música*.

No caso da divulgação da aprendizagem de piano, é importante ter em vista que este tipo de conhecimento pode estar associado a um certo refinamento dos hábitos, sugerindo também a possibilidade de divulgar que tais meninas faziam parte de famílias abastadas ou que tinham capital social que lhes proporcionaram *tempo livre* e conexões para poderem se dedicar a esta atividade. Ao mesmo tempo, sabe-se que este tipo de ocasião poderia fornecer traços distintivos de classe além da inserção em uma sociabilidade. Neste ponto, torna-se imperativo a divulgação dos nomes das devidas alunas e a construção dessa ocasião como um momento digno de ser fotografado e exposto, corroborando com a afirmação do prestígio familiar como um todo.

Outro caso exemplar de quais atividades ganhariam espaço nas Revistas pode ser conferido abaixo em uma matéria e fotografias sobre um clube da cidade:



Figura 19 – Seção “Pelos nossos clubes” em “Ilha Verde” (1930)



Fonte: Ilha Verde, ago. 1930, p.13.

A fotografia acima é um retrato de Victor Busch, responsável naquele momento pelo “Lyra-Tennis Club”, no caso da fotografia abaixo, ela possui a seguinte legenda: “tenistas e torcedores do querido ‘Lyra-Tennis Club’”. A matéria escrita tece elogios a V. Busch, levanta informações sobre a boa administração do clube, cuja tesouraria estava ao cargo do sr. Alberto Brüggemann e, ao final, reitera a admiração e entusiasmo pela administração que tem “Proporcionado reuniões chiques à fina flor da sociedade catarinense”. (ILHA VERDE, ago. 1930, p.13). Há, uma construção que este *espaço* não seria aberto a todas as pessoas, isto é, que a participação no clube ou a prática do tênis seria reservada à *fina flor da sociedade catarinense*.

Nestas cidades que se *modernizavam*, a prática esportiva começava a ganhar novos significados, como Nicolau Sevcenko (1993) expõe. Ele escreve que, tendo em vista as velozes fontes de energia, as pessoas tinham que ser fisicamente condicionadas e psicologicamente motivadas. A cultura física, assim, torna-se uma chave para se entrar na vida moderna propriamente dita, desde o incentivo da prática de esportes ou com a difusão do escotismo ou sociedades antialcoólicas por exemplo. Sugere-se que a presença desta fotografia também está envolvida neste aspecto, isto é, a publicização de uma representação da modernidade de

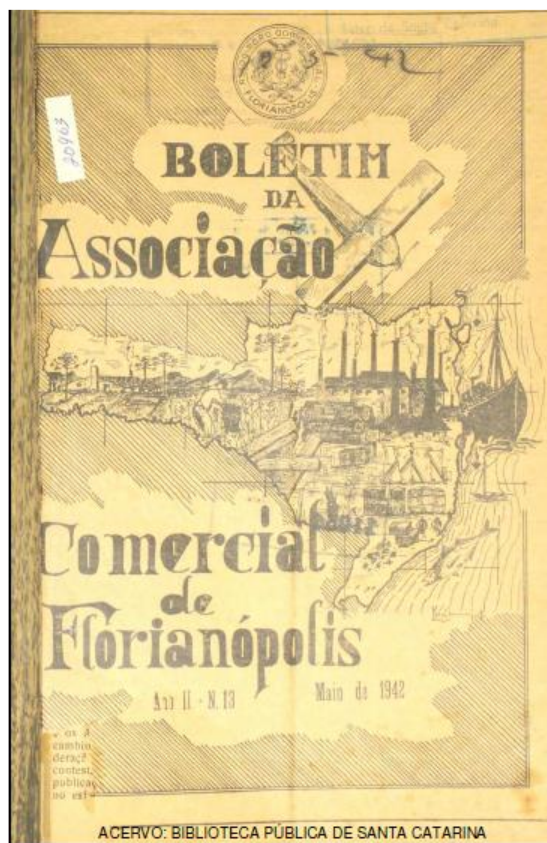
Florianópolis, que contaria com uma população bem adaptada às novas condições de vida das cidades que passavam por essas transformações.

No caso da fotografia encontra-se um grupo em um aparente momento descontraído, o que parece tornar a situação como um leve encontro entre amigos. Como já foi exposto, neste período parece haver um esforço por parte de certas classes em se distanciar de outras com menor poder aquisitivo, com base nisso, pode-se sugerir que a prática esportiva representada pode ter sido uma das atividades que também proporcionariam esta distinção. Ademais, o registro fotográfico poderia contribuir para a exposição dessa diferenciação social, bem como para a representação de uma cidade com pessoas capazes de manter esta prática que, por diversas razões como a necessidade de um espaço adequado e equipamentos, é indisponível para todos os grupos sociais.

Pode-se retomar também as considerações de Gilda de Mello e Souza (1987, p.117) com relação às fotografias e sua potencialidade para demonstrar a posição social de seus membros, A autora escreve que no centro urbano a respeitabilidade de uma classe se dá através do consumo e do requinte, desse modo, os elementos possíveis de observação direta, como as vestimentas – sendo que no caso poderíamos adicionar a possibilidade de fazer parte de um clube e a prática do tênis – seriam uma necessidade para se acentuar as diferenças sociais e fazer parte de um círculo mais vasto.

Por fim, uma outra imagem que possibilita perceber aspectos do que foi construído sobre SC nas Revistas pode ser encontrada, em diferentes momentos, como capa ou contracapa do “Boletim da Associação Comercial de Florianópolis”:

Figura 20 – Capa do “Boletim da Associação Comercial” (1942)



Fonte: Boletim da Associação Comercial de Florianópolis, mai. 1942, capa.

Na ilustração o Estado parece dividido entre as diferentes *vocações* econômicas de cada uma das regiões, tais como a pesca, navegação, indústria, agricultura etc. É uma imagem que parece fazer parte de um esforço para representar SC como um estado que se desenvolve e que estaria bem resolvido no que tange às suas atividades econômicas<sup>175</sup>. Ao mesmo tempo, sabe-se que este impresso era um instrumento de classe<sup>176</sup>, ou seja, difundir tal representação também seria de interesse do grupo responsável pela publicação, na qual a prosperidade do Estado estaria relacionada com a presença de grupos econômicos com uma importante atuação.

<sup>175</sup> Existem algumas informações sobre a produção desta ilustração. Segundo consta em uma das edições do impresso: “Nossa Capa / O Boletim da Associação Comercial de Florianópolis, no seu afã de propagar, a um tempo, os méritos da entidade que representa e a riqueza econômica de Santa Catarina, adotou uma expressiva capa, desenhada pelo cartógrafo Eugenio Vecchiatti, executado o clichê pelas oficinas da Imprensa Oficial do Estado. (BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE FLORIANÓPOLIS, jan. 1942, p.21)”. O apoio por parte do Estado, ao possibilitar o uso das oficinas da Imprensa Oficial do Estado, parece ser mais um indício da imbricação entre os produtores de bens simbólicos e o aparato estatal. Ademais, com relação ao conteúdo da imagem, sua proposta parece ir ao encontro de um dos interesses do governo, auxiliar na construção de uma representação do Estado como economicamente dinâmico e desenvolvido. É possível imaginar que, se a capa ou o conteúdo do impresso, tivesse tonalidades críticas com a administração atual, ele não teria ganho o apoio para impressão.

<sup>176</sup> Sua circulação, portanto, parecia estar mais centrada aos próprios membros da Associação. Como o próprio impresso expõe em agosto de 1946 ao escrever sobre “os nossos cinco leitores”, seu alcance parece ter seus limites diante de outros públicos. (BOLETIM COMERCIAL, ago.1946, p.3).

Sobre outros tipos de conteúdo, em alguns momentos seria possível encontrar matérias de História nas Revistas do período, além da Revista do IHGSC. Mesmo nesses outros impressos, o tipo de escrito parecia estar próximo da produção do Instituto, como pode ser verificado nas próprias matérias das edições publicadas nos anos 1940, isto é, seriam textos com uma narrativa centrada em grandes personalidades, apresentando fatos em ordem cronológica etc. Por exemplo no artigo “Laguna (Notas Histórica)” assinado pelas iniciais J.B. em “Renovação”, que estaria acompanhada de uma fotografia do porto de Laguna. Provavelmente o autor era J. Batista Pereira<sup>177</sup> que, posteriormente, seria redator da própria Revista do IHGSC. O texto descreve a fundação de Laguna, centrando sua atenção na figura de Domingos de Brito Peixoto e suas ações. Ao final também são expostas algumas informações sobre outras pessoas importantes da cidade:

Berço natal de Jerônimo Francisco Coelho, o fundador da imprensa Catarinense; de Manoel de Souza França, ministro também e secretário da Assembleia Constituinte; de Ana de Jesus Ribeiro, a heroína dos Dois Mundos, nome que na história se registra pelo mais vulgarizado – de Anita Garibaldi; do célebre brigadeiro Raphael Pinto Bandeira, o audaz guerrilheiro continentista [sic] contra os espanhóis do Prata; de Firmiano Benevides e outros bravos Voluntários da Pátria, - Laguna, a terra que lembra o mais nítido esmalte do escudo heráldico da bravura catarinense, bem mercê a homenagem que hoje lhe presta esta revista, escolhendo-a para, no primeiro número, iniciar a série de notas históricas, porque outra e outra gente não lhe podem disputar a primazia. (RENOVAÇÃO, 30/09/1931, p.11).

Assim como em muitas outras publicações destes impressos, o conteúdo parece fazer parte de um esforço de construção de Santa Catarina como um grande Estado e que contou com grandes personalidades em sua história. Por fim, sabe-se que as escolhas do que será publicado ou não em um impresso está relacionada com várias questões, tais como o processo de identidade e alteridade, com qual grupo social que eram idealizadas bem como o potencial público que iria comprar o periódico e se tornar um leitor contumaz. No que foi possível perceber, as mesmas classes, mais abastadas na cidade ou com capital social e cultural, que eram muito mais representadas seriam também as capazes de pagar a soma necessária para a compra de impressos dessa natureza. Isso pode ser sugerido também pela publicação de fotografias e matérias sobre os momentos de lazer desses grupos, desde praticando esportes ou em suas reuniões e eventos.

---

<sup>177</sup> Assim foi apresentado o autor: “J. B. – Estas iniciais ocultam o nome de notável historiador Catarinense, figura de grande destaque no meio social barriga verde e sobretudo nas letras – personalidade ligada a notáveis empreendimentos que honram o Estado; também ‘Renovação’, se orgulha em registrar uma parcela do seu labor intelectual”. (RENOVAÇÃO, 30/09/1931, p.11).

A cidade que é narrada através das imagens e matérias parece estar trilhando um caminho de modernização, prosperidade e desenvolvimento, na qual demais conflitos, atraso ou problemas estariam sendo ultrapassados devido às ações de remodelação do meio urbano, sua dinamicidade e presença de uma população de gosto refinado e atenta às novidades. Ademais, as belezas naturais também pareciam ser dignas de registro, tornando ainda mais atrativo esse esforço de construção do que era a cidade. Nesse sentido, poucos foram os espaços disponíveis para alguma crítica social, desse modo, de uma maneira geral, predominaram artigos e fotografias com pouco ou nenhum conflito.

Em determinados momentos foi possível perceber como a perspectiva dos escritores e colaboradores da Revista buscava se distanciar da população ou das classes populares, tornando este último grupo muito mais um tema de alguma reflexão social ou cultural ao invés de que possuíssem espaço para que sua voz fosse ouvida. Nesse caminho, pode-se argumentar que tais Revistas pareciam ter atuado como instrumentos de difusão de uma visão de mundo elitista, que se manifestava de diferentes modos: desde o predomínio de uma representação das mulheres como alheias às necessidades de um ofício profissional -quando muitas eram professoras - ou com uma profusão de textos e imagens que idealizavam a vida na capital catarinense ou no Estado como um todo.

Este tipo de conteúdo podia ser notado inclusive na já mencionada Revista “Terra”, por exemplo quando esta publicava “instantâneos” de momentos e figuras da cidade em situações, aparentemente, cotidianas, como pode ser percebido nas fotografias abaixo, que privilegiavam membros das classes mais altas da população. As pessoas vestiam trajes “domingueiros”, o que mostra uma cultura da aparência, a moda e os costumes da cidade, como o footing:

Figura 21 – Cena de Florianópolis: Depois da missa (Revista “Terra”, 1921)



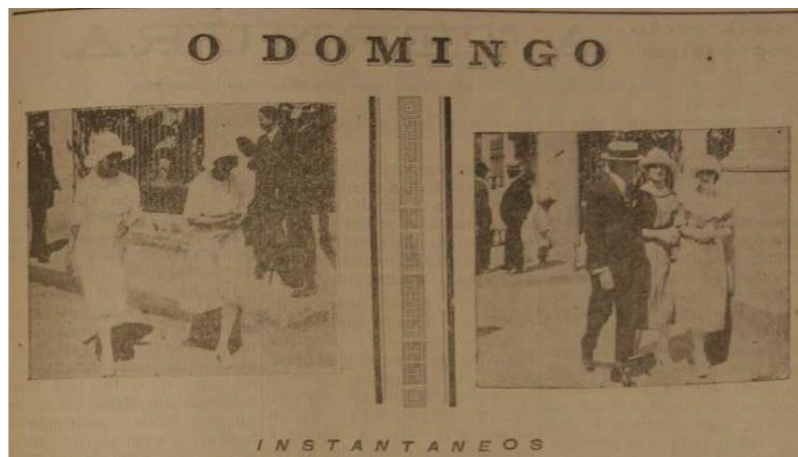
Figura 22 - Cena de Florianópolis: na praça XV (Revista “Terra”, 1920)



Fonte: Terra, 16/01/1921, p.11

Fonte: Terra, 17/10/1920, p.9

Figura 23 - Cena de Florianópolis: O domingo (Revista “Terra”, 1920)



Fonte: Terra, 14/11/1920, p.9

Outro aspecto, que não deixa de estar conectado com esse tipo de produção, foi como as Revistas também operaram como mecanismos capazes de tecer conexões entre membros do Campo Intelectual com o Político ou Econômico. Em diversos casos foi possível acompanhar uma certa proximidade entre o conteúdo da Revista com o atual grupo no poder. Tal prática parecia ser construída através da publicação de matérias e fotografias que visavam expor estes laços, como construir perfis elogiosos das lideranças políticas atuais ou próximas, bem como poderiam oportunizar também legitimar as suas ações.

Para abordar este tema mais diretamente, deve-se partir do pressuposto que as matérias que tratavam da modernização da cidade também fazem parte deste tipo de conteúdo que será abordado, seja através de menções diretas dos administradores responsáveis pelas obras ou de um modo indireto, quando a cidade em determinado momento era representada de uma maneira positiva.

#### 4.2 IMBRICAÇÕES ENTRE O CAMPO POLÍTICO E O INTELECTUAL ATRAVÉS DAS REVISTAS

Em linhas gerais, foi possível perceber que a maior chance de participar da elaboração de uma revista em Florianópolis de 1930 a 1945 parecia estar condicionada com a posse de uma série de atributos. Dentre eles está o investimento na educação, o prestígio familiar, a participação em grupos ou associações, o contato com autoridades além da posse de outras

fontes de renda ou o reconhecimento em suas profissões. Estes parecem ser alguns dos recursos que auxiliariam na participação num impresso dessa natureza, além do que o tipo de atributo poderia ser mais útil ou relevante dependendo do projeto em que cada pessoa estaria envolvida.

Dentre os recursos analisados, o “capital social” parece ser um dos que mais ganhou relevância no período em questão, principalmente tendo em vista o baixo grau de autonomia do mercado de bens simbólicos na cidade. Sobre este ponto, foi possível perceber que houve uma profusão de publicação de matérias, notícias e artigos em impressos variados que poderiam indicar a busca do acúmulo desse capital, seja através do envio de cumprimentos, de homenagens ou demais publicações de apoio a autoridades da época.

Em outras palavras, a presença de diversas matérias nas revistas que manifestavam algum tipo de apoio a determinada autoridade parecem corroborar com que se perceba que neste momento havia o predomínio de políticas de amizade calcadas em práticas clientelísticas, sendo que a própria pauta das revistas ou demais impressos se dava em função de amizades, pois, esses materiais expressavam o pensamento de seus donos ou grupo responsável. Assim, as páginas das Revistas editadas em Florianópolis parecem ter operado também como uma ferramenta para se estabelecer ou manter afinidades, além de que, as escolhas de quem ganharia ou não alguma publicação pode indicar quais eram figuras de maior relevância junto ao Campo Intelectual da época.

É certo que não se deve reduzir matérias, mesmo as mais elogiosas, a uma busca consciente de capital social, pois, não é simples distinguir ou mesmo separar esse tema de debates entre correntes artísticas e estéticas, os problemas e projetos políticos e econômicos ou diferentes visões de mundo como um todo. A proposta de leitura pretende compreender como ocorria a operação de escolha de determinadas figuras/personalidades da sociedade que ganhariam algum espaço na revista. Com isso, propõe-se investigar como se davam as escolhas das personalidades com uma posição de maior preponderância no Campo Intelectual.

Desse modo, nas páginas posteriores continuar-se-á a análise das Revistas, mas priorizando uma investigação dos periódicos como instrumentos para que os seus responsáveis possam se movimentar no Campo Intelectual, construindo ou firmando contatos através de textos de homenagens, saudações ou demais tipos de escritos em que se associaram a determinado projeto político, econômico ou cultural. A investigação que segue propõe seguir cronologicamente essa temática nas Revistas, buscando acompanhar como certas transformações do meio político podem ter interagido com o conteúdo das Revistas.

Em praticamente todas as revistas foram encontradas alguma espécie de matéria com uma homenagem a certa personalidade, sendo que o impresso “Ilha Verde” parece ter sido um

dos que mais contou com publicações dessa natureza. Conforme já foi mencionado no capítulo anterior sobre “Ilha Verde”, cujas edições encontradas foram as de julho e agosto de 1930, esta era uma publicação claramente conectada ou subsidiada pelo governo do Estado. Percebe-se isso pela quantidade significativa de matérias elogiosas a esses políticos ou de seus aliados. Ao mesmo tempo, outras figuras, não necessariamente vinculadas à política partidária, também ganharam homenagens ou publicações favoráveis, o que parece ser uma prática costumeira em sociedades provincianas.

Antes de aprofundar o exame dessas redes através de “Ilha Verde”, convém apontar como no impresso também eram publicados textos literários, indicações de livros, seções de charadas, páginas voltadas para as mulheres, uma quantidade significativa de anúncios publicitários, textos sobre transformações de cidades catarinenses, notícias sobre clubes, associações esportivas etc. Era um conteúdo diversificado que parecia tentar cobrir diferentes espaços e interesses de membros da elite ou da classe média catarinense. Contudo, convém salientar que há de se considerar que se trata de um impresso que também foi concebido como de propaganda do governo, ou seja, certamente que este não seria um veículo preferencial para abordar problemas do Estado como um todo ou de suas diferentes cidades.

Sobre as matérias que possibilitam investigar busca por afinidades, apoios etc. inicia-se examinando duas fotografias de Fúlvio Aducci, o então candidato para a presidência do Estado de SC para as eleições agendadas em 1930 que representava uma continuidade com o atual presidente do Estado, Adolpho Konder:

Figura 24 – Desembarque de Fúlvio Aducci em “Ilha Verde” (1930)





Fonte: Ilha Verde, jul. 1930, p.10.

Os seguintes textos acompanharam as fotografias:

O ilustre candidato à Presidência do Estado, saltando da lancha da Saudade Porto, no Trapiche Municipal, onde aguarda uma enorme multidão. / Depois de receber as boas-vindas de seus amigos, admiradores e do povo, s. excia. Em pose especial para *Ilha Verde* tendo em suas mãos um exemplar de nossa revista. (ILHA VERDE, jul,1930, p.10).

Além de artigos dessa natureza estarem presentes nos mais diversos impressos da época, no caso de "Ilha Verde" parece que houve um esforço mais sistemático de vinculação com os grupos no poder. Com relação ao caso exposto, convém analisar com maior profundidade como, a partir dessas fotografias, foi construída a ligação por parte do periódico com o então candidato ao Governo de SC e determinada representação deste. Abaixo estão em destaque as duas fotografias publicadas:

Figura 25 – Fotografia do desembarque de F. Aducci em "Ilha Verde" (1930)



Fonte: Ilha Verde, jul. 1930, p.10.

Figura 26 – F. Aducci segurando um exemplar de “Ilha Verde” (1930)



Fonte: Ilha Verde, jul. 1930, p.10

Já foram escritas algumas breves palavras sobre a fotografias e os fotógrafos neste trabalho, contudo, convém retomar que neste caso também não foram apresentadas informações sobre quem foi o responsável pelos chamados “instantâneos” nem se o fotógrafo trabalhava de maneira integral junto ao impresso. Provavelmente havia algum tipo de contrato que não o vinculava unicamente ao empreendimento. De qualquer forma, percebe-se que essas fotografias

foram elaboradas com o intuito de serem publicadas na Revista, principalmente no caso da segunda delas, na qual F. Aducci segura um exemplar de “Ilha Verde”. Há mais dois casos de fotografias em “Ilha Verde” em que há uma clara vinculação com a Revista, o que não quer dizer que as outras imagens publicadas também não poderiam ter sido feitas para o periódico.

No caso de personalidades homenageadas, foi possível encontrar membros da elite local dos segmentos comercial, empresarial, político e religioso. Algumas delas foram: Marcos Konder; Adolpho Konder; Victor Konder; Lauro Müller; Curt Hering<sup>178</sup>, Felipe Schmidt<sup>179</sup>; D. Joaquim Domingues de Oliveira<sup>180</sup>; Carl Hoepcke<sup>181</sup> etc. A escolha dessas homenagens reforça a percepção das fortes conexões entre as elites de diferentes áreas. A análise dos impressos, por este viés, possibilita perceber que a dinâmica de um Campo Intelectual com baixa autonomia parece reforçar uma maior proximidade dos produtores de bens simbólicos com as personalidades de destaque local que, por sua vez, eram representadas com perfis elogiosos nos periódicos locais.

Com relação às fotografias com F. Aducci, apresentadas anteriormente, é possível perceber um investimento na representação do político como amado pelo povo e próximo das

---

<sup>178</sup> Curt Victor Hering (1881-1948) era filho de Friedrich Hermann Hering e Minna Nata Foerster. Curt assumiu os negócios de seu pai, a Companhia Hering que, durante a 1ª República, juntamente com a Empresa Industrial Garcia, constituíam as duas maiores indústrias têxteis da cidade. Sua vida pública contou com a ocupação de cargos de âmbito regional, assim, em 1918 foi eleito Conselheiro Municipal e, de 1923 a 1930, foi Superintendente Municipal (pelo PRC) de Blumenau, até ser destituído por ocasião da Revolução de 1930. Cf. (FROTSCHER, 2003, p.44 / HEUSI, 1981, p.159-160).

<sup>179</sup> Felipe Schmidt (1859-1930) nasceu em Lages SC, filho de Johann Philipp Schmidt e Felisbina Michels. Casou-se com Lacinia Pereira Alvim com quem teve 3 filhos. F. Schmidt era concunhado de Fúlvio Aducci. Em Florianópolis, completou seus estudos secundários e, em 1883, formou-se em Engenharia Militar pela Escola Militar no Rio de Janeiro. Chegou a se tornar General de Divisão reformado na carreira militar. Também chegou a atuar como engenheiro, participando em diversas obras pelo Brasil. Ao longo de sua longa carreira na política, foi Deputado Estadual na Assembleia Legislativa Catarinense, Deputado Federal e Governador de SC, dentre outros cargos, sempre ligado ao PRC. Foi um dos sócios fundadores do IHGSC e proprietário e sócio do jornal “O Dia”. (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data).

<sup>180</sup> Joaquim Domingues de Oliveira (1878-1967) nasceu em Vila Nova de Gaia (Portugal) filho do Capitão Joaquim Domingues de Oliveira Beleza e Joaquina da Silva Mota. Ele cresceu e foi criado em São Paulo, fez estudos secundários no Liceu Sagrado Coração de Jesus, de padres salesianos em SP e no Ginásio Paulista. Chegou a se matricular na Faculdade de Medicina (RJ), que não chegou a cursar. Em 1898, ingressou no Seminário Episcopal de São Paulo, em 1905 dirigiu-se para Roma a fim de completar os estudos de Direito Canônico, em 1907 recebeu o título de *Doctor sive magister* em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana. Em 1914 foi nomeado para o Bispado de Florianópolis. Em 1927, com a elevação de Florianópolis para Arcebispado, tornou-se o seu primeiro arcebispo. (BESEN, 2014). Sobre Joaquim D. de Oliveira e a Igreja Católica em SC cf. (SOUZA, 1996; SERPA, 1997).

<sup>181</sup> Carl Franz Albert Hoepcke (1844-1924) nasceu em Brandemburgo (atual Alemanha) e, em 1863 emigrou para o Brasil incentivado por seu tio Ferdinand Hackradt, proprietário de um estabelecimento comercial em Florianópolis. Inicialmente, estabeleceu-se em Blumenau, mas, após 3 anos foi trabalhar como contador na firma de seu tio em Florianópolis. Ao final do século XIX fundou a empresa Hoepecke que se destacou na capital catarinense por sua envergadura. Nessa época na cidade predominavam, basicamente, pequenas empresas com poucos funcionários. Hoepcke chegou a contar com casas comerciais, cooperativas de crédito, companhia de navegação, estaleira, oficina mecânica, fábricas de Pontas Rita Maria, de gelo e rendas e bordados, além de ter tido filiais em outras regiões catarinense. Pode-se dizer que a empresa manteve a sua importância econômica e social até meados dos anos 1970. (SOUZA, 2020; MÜLLER, 2007; INSTITUTO CARL HOEPCKE, s/data).

expectativas da população. Esse entendimento de que as fotografias também participam da construção do que se entende por *realidade* parte do pressuposto que elas, assim como os outros documentos, não são *reflexos* da *realidade*, mas sim que elas constroem modelos e concepções, conforme expõe Lilia Moritz Schwarcz (2014, p.393).

Nesse caminho de estudo sobre as fotografias, Ana Maria Maud explica que elas são “uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido”, deste modo, a fotografia deve ser considerada como “uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz ‘clic’” (1996, p.3-4). Maud também evidencia a importância de não separar a expressão e o conteúdo:

O primeiro envolve escolhas técnicas e estéticas, tais como enquadramento, iluminação, definição da imagem, contraste, cor etc. Já o segundo é determinado pelo conjunto de pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia. Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separá-los para fins de análise, mas compreendê-los somente como um todo integrado. (MAUAD, 1996, p.10).

A partir das considerações metodológicas dessas autoras, pode-se argumentar que, no caso da primeira imagem exposta, há um esforço em apresentar que F. Aducci foi fotografado de maneira espontânea, com todos aguardando o momento de sua chegada. Na segunda imagem os que foram fotografados estão posando para o fotógrafo, com um claro destaque para a figura de F. Aducci que ocupa o centro da fotografia, segurando um exemplar da revista que lhe foi dada para exibir.

O local onde foi feita a fotografia também ganharia destaque em outras Revistas do período, como na capa da revista “Santa Catarina” onde é possível inclusive perceber um avião fazendo amerissagem próximo ao Trapiche. Trata-se do Bar e atracadouro “Miramar”, um espaço associado com o desenvolvimento e modernização da cidade. Esse simbolismo do “Miramar” já podia ser percebido inclusive no discurso de sua inauguração feito por José Boiteux, que Nonnenmacher discute da seguinte maneira:

O Trapiche foi inaugurado como símbolo do desenvolvimento econômico local. Inclusive, o Sr. José Boiteux não deixou de fazer menção, em seu discurso, às obras que fortaleciam os ideais de crescimento, como a recém-inaugurada Ponte Hercílio Luz (1926) que abria as portas da cidade para o transporte rodoviário, e o desvencilhamento das ‘velharias que enfeiavam a cidade’. (...) O Bar foi evocativo do desenvolvimento que atingia a capital de um “Estado que entrou francamente na larga rota do progresso”, com um

trapiche que facilitaria a passagem Ilha-continente e que abrigava um elegante restaurante num mezanino com direito ao som de instrumentos de corda. Notadamente, o Bar-Trapiche foi comparado, naquele discurso, com a Ponte Hercílio Luz em termos de atrativos modernizadores para a capital, como uma arquitetura do centro da cidade que oferecia um realce especial à Praça Fernando Machado”. (2007, p.56-57)

Deve-se, portanto, levar em consideração a importância simbólica deste local para a escolha do registro. Nos dois casos, as fotografias parecem não dar conta de enquadrar todas as pessoas naquele lugar, isto é, corroborando com o que foi escrito na legenda, de que incontáveis eram os que aguardavam a chegada de F. Aducci. De maneira geral, percebe-se que as legendas tendem a reforçar certos aspectos que também parecem estar relacionados com a escolha do que foi um esforço geral da fotografia, isto é, representar que havia uma boa aceitação e popularidade de F. Aducci em Florianópolis e que o próprio reconhecia a importância de “Ilha Verde”.

Além desses pontos, outro aspecto que pode ser notado é o perfil da população que aguardava a sua chegada. Pelo que parece ser possível de visualizar, praticamente todos eles seriam homens brancos e vestidos de maneira formal. É certo que havia um claro predomínio de homens brancos nos meios políticos e intelectuais naquele período, no entanto, tendo em vista que na legenda está escrito que uma multidão e o povo aguardava a chegada de F. Aducci, parece que houve uma escolha de que somente esse perfil da população fosse retratada junto ao candidato ao governo estadual. A questão não é tanto se havia ou não mulheres, crianças ou pessoas negras aguardando a sua chegada, mas sim que se optou por um outro recorte de como apresentá-lo. De qualquer modo, sabe-se que nos espaços públicos era comum a presença massiva de homens, especialmente em eventos de conotação política.

Ainda sobre F. Aducci, em um texto de autoria do escritor e funcionário público Clementino de Britto<sup>182</sup> e publicado no mesmo número de “Ilha Verde” é exposto sobre a escolha de Aducci para “administrar o nosso Estado no futuro quadriênio” ter recebido demonstrações de simpatia por parte de todas as camadas sociais. O título do texto é “Fúlvio Aducci” e, em outro momento, o autor também escreve:

---

<sup>182</sup> Clementino Fausto Barcelos de Britto (1879-1953) nasceu em Florianópolis, terminou o curso da Escola Normal em 1903, tendo já começado a atuar como Professor já a partir desse mesmo ano. Foi Diretor da Biblioteca Pública de SC, escriturário e, posteriormente, Inspetor da Alfândega. Fez parte de várias associações, sendo que, dentre elas foi fundador da cadeira de nº1 da ACL, membro do Clube dos Funcionários Públicos Civis (chegando a se tornar vice-presidente), CCL, Sociedade Biblioteca Catarinense e, a partir de 1938, integrou o IHGSC. Trabalhou também como jornalista, escreveu peças de teatro, com algumas delas voltadas para o público infantil. Foi vereador em Florianópolis em 1936, tendo seu mandato interrompido por ocasião do Golpe do Estado Novo (MATOS, 2014; SACHET, 2012, 585; THIAGO, 1957, 322-323; GRISARD, 2015, p.232)

É que o povo catarinense desejava ver substituído o sr. Adolpho Konder, que foi, sem contestação, um trabalhador infatigável para grandeza de Santa Catarina, um político que continuasse a sua obra de progresso, um administrador probo e honesto, um homem, enfim, que encarnasse todas as suas esperanças de dias felizes de paz e de harmonia. / E o sr. Dr. Fúlvio Aducci possui todos os predicados necessários a um bom administrador: culto, honesto e trabalhador. / O seu passado é a garantia segura do seu futuro. / Discípulo de Felipe Schmidt, o político cuja austeridade de caráter poderia bem servir de padrão aos homens públicos da nossa nacionalidade (...). / E é por isso que daqui o abraçamos com a certeza de que vamos ter um governo do povo, pelo povo e para o povo. (ILHA VERDE, jul.1930, p.27).

Pode-se perceber que Aducci é representado como alguém capaz de simbolizar continuidade ao trabalho de Adolpho Konder, um político discípulo de Felipe Schmidt, que foi governador em duas ocasiões em SC além de Senador, e que seria muito bem-quisto pela população. É possível conectar este modo de “ler” o que foi veiculado sobre F. Aducci, bem como para outros casos semelhantes, com o que Roger Chartier já alertou com relação às representações. Segundo o historiador, elas parecem ser dotadas de uma energia própria, que buscam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado são exatamente o que elas dizem que são. (CHARTIER, 2011, p.23), sendo que, no caso transcrito, ao mesmo tempo que o texto parece reforçar as qualidades de Aducci, também é construída uma representação positiva da administração e qualidades de Adolpho Konder.

Ainda com relação às homenagens a autoridades, na Revista foi possível encontrar duas seções repetidas com esse intuito e em cada um dos números de “Ilha Verde” um outro espaço desta natureza. De maneira geral, este tipo de conteúdo pode ser compreendido como um esforço de panteonização e consagração de certas personalidades. Elas são as seguintes: “Catarinenses Ilustres” (ed.2, p.5; ed.3, p.8); “Os percursos do progresso catarinense” (ed.2, p.11; ed.3 p.4); “Amigos de nossa terra” (ed.2, p.13); “Página de Saudade” (ed.3, p.27). As seguintes personalidades, do mesmo modo como foram apresentadas, foram homenageadas, respectivamente: Monsenhor Manfredo Leite; Capitão de Corveta Lucas Boiteux; sr. Germano Moellmann; Carl Hoepcke; Dr. Arthur Ferreira da Costa; Lauro Müller.

O texto sobre Monsenhor Manfredo Leite<sup>183</sup> foi escrito por Nicolau Nahas e, em linhas gerais, apresenta qualidades de M. Leite, sobretudo por ser um catarinense que se destacou no Estado de São Paulo e por ter representado SC em outras ocasiões. Nahas expõe

---

<sup>183</sup> João Nepomuceno Manfredo Leite (1876-1969) nasceu em Desterro SC. Foi ordenado padre no Rio de Janeiro em 1897, atuou nos meios religiosos, foi eleito Deputado pelo PRC para a legislatura de 1901 a 1903 e 1907-1909. Em São Paulo teve diversas ocupações na área religiosa, tornando-se em 1927 Monsenhor Camareiro Secreto. Foi fundador da Cadeira de n.6 na ACL, tendo sido também escritor. Cf. (MEMORIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data).

que a ida de M. Leite para São Paulo ocorreu com ele “com a alma farta de desilusões e o coração dolorosamente ferido pela ingratidão” por não ter conseguido vencer a corrupção e a oligarquia de então. É dito que ele conquistou a admiração e o respeito do povo brasileiro, foi um fino escritor, membro da Academia Paulista de Letras e, naquele período, Comissário da Ordem do Carmo em SP. Assim é finalizada a matéria:

É uma glória catarinense que o Estado de São Paulo e que o Brasil em pessoa admira e venera. / N. Nahas. / Excertos de Manfredo Leite / Existe a crise econômica, e existe a crise financeira. A pior, entretanto, de todas as crises é a do caráter. / Urge levantar a alma nacional pelos preceitos da moral e pelo severo cumprimento de todos os deveres cívicos, não defraudando a verdade eleitoral das urnas, não sonegando os sacrifícios que o Brasil exige de seus filhos. (ILHA VERDE, jul.1930, p.5).

M. Leite parece ser construído como um modelo de homem público, além de um orgulho para Santa Catarina. No caso de Germano Moellmann, sua lembrança está mais relacionada com suas contribuições na área do Comércio. O texto presta uma homenagem ao finado, “um honesto e probo comerciante, e que procurou elevar o nome do Estado de Santa Catarina” (ILHA VERDE, jul.1930, p.11). No caso de Arthur Ferreira da Costa<sup>184</sup>, além de exposto que atualmente ocupa o “alto cargo de Secretário da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura”, também é escrito que possui uma “cultura invulgar e uma inteligência privilegiada. (...) ‘Ilha Verde’ que tem s. s. entre os seus melhores amigos, apresenta-lhe as suas homenagens afetuosas” (. (ILHA VERDE, jul.1930, p.13).

Sobre Carl Hoepcke, suas qualidades no ramo empresarial e comercial são o principal ponto abordado, principalmente suas contribuições para o desenvolvimento da capital catarinense. É exposto que Florianópolis deve:

ao saudoso morto grande parcela de seu progresso e do embelezamento da nossa *urbs*. As importantes construções das Fábricas de Bordados, Pontas Rita Maria, de Gelo e de inúmeros prédios que dão realce a nossa linda terra, deve-se ao espírito construtor e progressista do grande industrial (ILHA VERDE, ago.1930, p.4).

---

<sup>184</sup> Arthur Ferreira da Costa (1887-1947) é nascido em Santo Amaro (BA). Formou-se em Direito em 1908 pela Faculdade de Direito da Bahia. Entre 1910 e 1913 trabalha como Promotor Público na Comarca de Joinville. Foi eleito sete vezes seguidas Deputado Federal sempre pelo PRC. Foi Chefe de Polícia provisório no governo de Adolfo Konder e titular da Secretaria do Interior e Justiça do breve governo de Fúlvio Aducci. Foi eleito Senador durante as eleições de 1934 em SC, além de ter atuado na área do Direito; Cf. (MEMORIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data).

No caso de Lucas Boiteux, a matéria foi escrita por L. Romanowski e traça uma breve biografia com uma série de encômios no decorrer do texto. Abaixo um excerto do começo e do final do texto:

É com entusiasmo e satisfação que esboçamos rapidamente nesta página o nome do capitão de corveta Lucas Boiteux, que, pelo seu grande valor e conspícua ilustração, ecoa através deste imenso torrão brasílico, como uma canção vitoriosa, composta de ritmos orgulhosos e elevada dignidade, não só para o seu berço natal – Santa Catarina, mas também para todo o Brasil! (...) E além destas qualidades que honram o seu Estado e a Pátria, o ilustre catarinense é um escritor de méritos. / As suas páginas cheias de riquezas fidalgas do verbo e da língua, têm a luz revificadora [sic] da nossa história. (...) Todos estes trabalhos são repletos de beleza e sinceridade, por onde transluz a fertilidade do seu talento e a perseverança nas pesquisas históricas, que demonstram, sobejamente, o seu amor a nossa Pátria. (ILHA VERDE, ago.1930, p.8).

Por último, na matéria com o perfil de Lauro Müller, ele é descrito como o “maior dos catarinenses filho da encantadora Cidade de Itajaí”. O texto foi escrito por L. Romanowski e, além da exposição de suas atividades políticas e cargos que ocupou, também é mencionado que foi “orador e poeta, membro da Academia Brasileira de Letras, onde ainda hoje na casa dos imortais ecoa a bela poesia: *Avenida Central*”. É transcrito um depoimento de Marcos Konder sobre L. Müller com uma série de elogios às suas contribuições à Santa Catarina. Por fim, Romanowski finaliza da seguinte maneira o seu texto:

Morreu em plena liça revestido de arnês, de lança e escudo a combater o bom combate. Qual gladiador romano, saudando a César antes de perecer na luta, tombou na arena prestando serviços ao seu país até os derradeiros dias, morrendo com os olhos voltados para a imagem da Pátria. Qual gladiador romano poderíamos colocar na sua boca, ao exalar o último suspiro, o ‘*Ave Patria, moriturus te saluta*<sup>185</sup>’! (ILHA VERDE, ago.1930, p.27)

Com a exceção de L. Müller, todos os outros tiveram publicadas fotografias suas. No caso de L. Müller, foi uma ilustração que acompanhou o seu texto. São imagens mais tradicionais de perfis, com as personalidades posando com um olhar sério, vestidos formalmente, com poucas variações em suas poses. A publicação de fotografias parecia fazer parte da natureza da Revista como um todo, também tornando-a potencialmente mais atrativa para os possíveis leitores.

---

<sup>185</sup> Referência à frase dita pelos gladiadores antes de combater na época do Império Romano: “*Ave Imperator, moriturus te saluta*”, que significa “Ave César, aqueles que estão prestes a morrer te saúdam.



De maneira geral, estes textos reforçam a importância dessas pessoas para a história catarinense, suas contribuições do presente e do passado. É possível perceber também a longevidade de uma concepção de História como Mestra da Vida<sup>186</sup> nestes e outros textos, com as personalidades sendo apresentadas como exemplos de moralidade e sucesso a ser seguido. São perfis diferenciados, alguns com maiores contribuições na área comercial, política, meio militar ou intelectual. Convém salientar que não é exposto qualquer tipo de controvérsia em suas carreiras, ou algo que pudesse atingir suas imagens, além de ser possível perceber um investimento na construção e valorização de perfis de catarinenses que teriam alcançado notoriedade regional e nacional.

Houve um investimento na construção de tais pessoas ora como engajadas no engrandecimento da pátria, próximas dos organizadores da Revista, dotadas de uma moralidade ímpar ou colaboradoras para o crescimento e boa imagem do Estado, cidade e do Brasil. Existem diferentes traços do que pode ser considerado como característica ideal ou no sentido weberiano do tipo ideal para homens públicos, além disso, a presença de artigos dessa natureza corrobora com a percepção de que no Campo Intelectual as associações com figuras do presente ou passado consideradas e representadas como ilustres foi uma constante.

Já com relação ao “Boletim Comercial” (edição de n.32 de 1919 a de n.234 de 1935), poucas foram as matérias com alguma homenagem ou cuja temática principal fosse a política ou personalidades deste meio, o que parece ter seguido nos outros periódicos comerciais da época. O “Boletim Comercial” apresenta-se como órgão da Associação Comercial de Florianópolis, desse modo, a maior parte de seu conteúdo estava focado nas atividades da própria Associação Comercial, mas também em questões econômicas nacionais e internacionais, variações de preços, possibilidades de mercado etc. Sua distribuição era gratuita, com periodicidade mensal, e no seu interior havia uma grande variedade de anúncios publicitários.

Apesar disso, foi possível levantar alguns momentos em que parece ter havido um posicionamento mais claro de “Boletim Comercial” com relação a alguma personalidade ou movimento político. Sobre isto, na edição de n.124 de janeiro de 1926 parece ter havido um movimento mais significativo de apoio ao grupo político no poder, conforme pode-se perceber abaixo na capa da edição que presta uma homenagem ao então candidato ao comando do Estado, Adolpho Konder:

---

<sup>186</sup> Sobre esta temática Cf. (KOSELLECK, 2006).

Figura 27 – Capa de “Boletim Comercial” com homenagem à Adolpho Konder (1926)



Fonte: Boletim Comercial, jan.1926, p.1

Foram incomuns as fotografias em “Boletim Comercial”, ademais, pelo que foi possível perceber, elas estariam praticamente reservadas para imagens de perfis de catarinenses considerados ilustres. Assim está escrito logo acima da fotografia: “Homenagem do ‘Boletim Comercial’ ao sr. dr. Adolpho Konder, futuro governador do Estado”. O texto que segue abaixo é o seguinte:

Numa edição dedicada à Associação Comercial e ao Instituto Comercial de Florianópolis enquadra-se perfeitamente um preito de homenagem à figura inconfundível do dr. Adolpho Konder, lidimo defensor dos nossos interesses comerciais, grande amigo da nossa escola de comércio. Homenageando-o não poderíamos melhor honrar as duas beneméritas instituições comerciais (BOLETIM COMMERCIAL, jan.1926, p.1).

A eleição de 1926 ocorreria somente em setembro, desse modo, percebe-se um claro apoio à sua candidatura por parte de Boletim Comercial. No caso de outras publicações desta natureza que foram encontradas, pode-se destacar uma outra matéria elogiando Adolpho Konder em 1929 (n.169, p.4<sup>187</sup>) e outra em 1930 (n.179, p.3) saudando o recém-eleito

<sup>187</sup> Tal matéria trata-se de um comentário sobre uma carta escrita por Adolfo Konder ao periódico “O Conciliador” de Lages, seguido da sua transcrição. No caso do comentário, destaca-se o seguinte trecho: “Assumindo a direção

governador Fúlvio Aducci. De certa forma, percebe-se um certo grau de proximidade desse impresso com os grupos no poder até a “Revolução de 1930”.

No caso da eleição de Fúlvio Aducci, a homenagem ganhou expressividade no impresso. Apesar da matéria ocupar a terceira página, ela tem um papel também de capa para a edição, conforme pode-se visualizar abaixo.

Figura 28 – Capa de “Boletim Comercial” com homenagem à Fúlvio Aducci (1930)



Fonte: Boletim Comercial, set. 1930, p.3

O primeiro texto que compõe a página foi assinado por Florêncio Costa e trata a chegada do político ao poder com esperanças e continuidades, além de representar Aducci como dotado de “ponderação e honradez”. O texto ao lado foi escrito por Laércio Caldeira de Andrada e tece uma série de elogios ao político, além de celebrar este como um momento de esperança. Abaixo a transcrição do escrito:

Os dias são maus. Há falta de harmonia em tudo. / Um ondear de egoísmo e de ambição encrespa o mundo de negras apreensões e de dolorosas realidades.

político-administrativa do Estado, o sr. Presidente Adolpho Konder recebeu sempre as mais inequívocas provas de solidariedade. / Era e é o dinâmico e o político, com um plano de aproveitamento de possibilidades na estreiteza de recursos financeiros, fazendo da política um instrumento engrandecedor das nossas nobilíssimas tradições”. (BOLETIM COMERCIAL, nov. 1929, p.4)

/ Santa Catarina movimentou-se para mudar de governante. A enseada é das melhores dir-se-ia que vivemos num remanso desse *mare-magnum* de dúvidas e agouros; mas a preamar, às vezes, é perigosa... / Há por isso um alvoroço cheio de esperanças para que mais larga se torne a obra de nossa paz. Fúlvio Aducci, o novo ilustre guia do destino barriga-verde é o penhor seguro dessa viva esperança. Salve! (BOLETIM COMERCIAL, set.1930, p.3).

Há um otimismo com relação à eleição de Fúlvio Aducci, tanto representando continuidade quanto a expectativa de um futuro melhor para o Estado. Já em um outro momento, com a eleição de Nereu Ramos em maio de 1935, haverá a publicação de uma nota saudando sua chegada ao poder. A nota é elogiosa à sua pessoa e tece considerações otimistas com relação à sua futura administração. Transcreve-se abaixo um excerto:

Ardoroso tribuno, grande cultor do direito, o novo governador de S. Catarina é sólida garantia dos gloriosos destinos da nossa terra. (...) – Uma comissão da diretoria da Associação Comercial de Florianópolis esteve no palácio levando ao ilustre governador as suas felicitações. (BOLETIM COMERCIAL, 13/05/1935, p.1).

Parece que a nota é mais “tímida” do que as matérias mencionadas anteriormente, além de que ela também parece estar muito mais relacionada com uma saudação esperada de um impresso representante de uma Associação com a chegada de uma nova personalidade ao poder. De qualquer maneira, parece que nesse período de “incertezas”, da Revolução de 1930 ao Golpe que iniciaria o chamado “Estado Novo”, não houve um esforço significativo do “Boletim Comercial” em se filiar a determinada corrente ou grupo político, como foi o caso de “Renovação” que logo se apresentou como herdeira do movimento de 1930.

Dentre as poucas matérias posteriores desta natureza, em 1943 quando o Boletim Comercial estava em uma outra fase e Nereu Ramos já havia se consolidado no comando do Estado, seria publicado um texto de título “Aniversário de Governo”, acompanhado de uma fotografia do Interventor, onde são tecidos elogios à sua administração e das festividades que ocorreram em virtude do aniversário de 8 anos de seu governo. Assim foi exposto em determinado momento: “Caracterizando o seu governo muito principalmente por obras sociais de alevantado vulto, continua o sr. dr. Nereu Ramos à testa dos negócios do Estado, cercado de admiração e prestígio”. (BOLETIM COMERCIAL, mai.1943, p.9). Ao que parece, tal periódico parecia *depende* menos da publicação de matérias elogiosas ao atual governo, apesar de haver algumas conexões, como a publicação da ilustração da capa ter sido feita na Imprensa Oficial ou a presença da matéria supracitada em elogio à administração de Nereu Ramos.

Sobre este aspecto, é importante levar em consideração que o “Boletim Comercial” parecia poder contar com uma fonte de financiamento dos próprios membros da Associação Comercial, o que deve ter ocorrido de maneira diferente por parte de “Ilha Verde”, por exemplo, que era abertamente um órgão de propaganda do governo e, muito provavelmente, haveria de contar com algum apoio financeiro por parte deste. Mesmo contando com anúncios publicitários<sup>188</sup>, apoio governamental ou mesmo com algum patrocinador privado, como a história da imprensa parece demonstrar<sup>189</sup>, a elaboração de, notadamente, Revistas Culturais encontravam muitas dificuldades para se manter.

No caso do “Boletim Comercial”, que também possuía anúncios publicitários, pode-se supor que o financiamento por parte dos membros da Associação Comercial pode ter possibilitado uma posição mais pragmática com o governo a partir da Revolução de 1930, isto é, sem apostar em candidaturas ou grupos políticos que disputavam o poder nesses anos até 1937. Já o apoio do “Boletim Comercial” aos grupos no poder antes da “Revolução de 1930” pode estar relacionado com a própria trajetória da formação da Associação, que não deve ter se formado alheia aos grupos então no poder, além do diretor da Revista, Florêncio T. da Costa, entre 1926 e 1933, ter integrado às hostes do PRC.

Agora, sobre a Revista “Renovação”, em seu artigo fundador há a explicação de que a revista nasce “na hora máscula e gloriosa em que a nacionalidade inteira se agita, ao sopro vitorioso e eloquente de uma ideologia sadia e harmoniosa, para a renovação ideal e fulgurante da Pátria e da República” (RENOVAÇÃO, set.1931, p.7). Tendo em vista outras publicações da Revista, é possível dizer que esse artigo se refere aos acontecimentos que resultaram na Revolução de 1930, reforçando uma representação positiva e otimista desse do novo período, que estaria em melhor conexão com a nacionalidade e desejos da Pátria.

Essa minúcia por parte da revista em tratar das mudanças políticas, inclusive com o seu próprio título expressando este *recado*<sup>190</sup>, pode ser aproximado com o que José Murilo de Carvalho abordou com relação ao imaginário da Primeira República. O autor escreve sobre a particular importância de se buscar manipular o imaginário social em momentos de mudança política e social e de redefinição de identidades coletivas. (1990, p.11). De certo modo, em “Renovação” há um esforço de construção da ruptura que ocorreu em outubro de 1930, na qual

---

<sup>188</sup> Das duas edições disponíveis de “Ilha Verde”, seu segundo número contaria com anúncios publicitários da página 28 em diante, já no seu terceiro número não encontraríamos estas mesmas páginas que cobriram o final da edição anterior. Supõe-se que a ed.3 também contava com essa mesma parte reservada para anúncios publicitários, mas, por diversas razões possíveis, essas páginas não foram preservadas, isto é, supõe-se que seu terceiro número também contava com anúncios publicitários.

<sup>189</sup> Sobre este ponto, cf. bibliografia já citada sobre a história da imprensa no Brasil.

<sup>190</sup> Cf. (MACHADO, 2013).

a própria revista parece se apresentar como herdeira desse *sopro vitorioso*, representando também esse acontecimento como verdadeiramente nacionalista e de grande comoção.

Apesar dessa conexão clara com as mudanças políticas, em comparação com “Ilha Verde”, é possível perceber que o conteúdo de “Renovação” abordou muito menos diretamente autoridades, partidos ou disputas do meio político. Foi uma Revista que contou com anúncios publicitários e que teve publicações sobre arte e cultura em geral, desde temas históricos, textos sobre literatura, crônicas ou sonetos, matérias sobre a cidade, alguns escritos com relação às suas transformações, principais figuras etc. Com relação ao conteúdo de viés mais cultural, “Renovação” aproxima-se de “Ilha Verde”, pois, no caso da Literatura por exemplo, ambas parecem priorizar um tipo de escrito cujos principais temas são os sentimentos, a beleza de cidade etc.

Conforme já foi sinalizado, percebe-se que, como um todo, nas revistas deste período haveria pouco espaço para a publicação de matérias que abordassem problemas ou dificuldades que atravessavam a cidade e os seus habitantes. No caso dos periódicos, certos jornais parecem ter sido o espaço privilegiado capaz de abrir espaço para esse tipo de posicionamento mais crítico ou em que diferentes grupos poderiam se organizar e, sistematicamente, apresentarem diferentes projetos para o país etc. Ou seja, entre 1930 e 1945, será nos jornais que se poderá encontrar mais sistematicamente textos criticando determinados aspectos da ordem estabelecida ou que apresentariam diferentes projetos políticos.

Tem sido possível verificar que, o que era publicado nas Revistas parecia servir muito mais para manter a ordem social vigente, seja pela perspectiva predominante de seus responsáveis, seja por seus empreendimentos tipográficos dependerem em grande medida do apoio da elite local que, por sua vez, também haveria de ser o público preferencial dessas publicações de maior custo. As Revistas consultadas não parecem ter sido ferramentas para a divulgação ou reivindicação de diferentes ideologias que as dominantes no período, ou seja, não eram órgãos de oposição aos governos.

Com relação à Revista “Renovação” como um instrumento ou expressão das aproximações e investimentos de busca de apoio entre intelectuais e políticos, já em seu segundo número, haveria uma sequência de páginas dessa natureza. Seriam 4 fotografias, sendo que uma delas é o retrato de João Pessoa, mais três outras retratando as comemorações da “Revolução de 1930” que ocorreram em Florianópolis. São uma série de publicações que parecem conectar a Revista com o ambiente político do período, notadamente com os grupos que apoiaram a “Revolução de 1930”.

Apesar da impressão da Revista ser feita na tipografia da Escola de Aprendizes Artífices SC, não é possível argumentar a favor de que havia alguma conexão mais *formal* entre seus organizadores e autoridades políticas do momento, sobretudo por essa Escola ser responsável também pela impressão de diversos materiais e, segundo, Alcides Vieira de Almeida (2010), ter tido uma certa “vocação empresarial” no início de sua existência, ou seja, trabalhos de impressão também eram uma de suas fontes de financiamento. Apesar de Almeida estar, neste momento, estar tratando da primeira década de existência da Escola, parece viável supor que tal prática continuou nas décadas seguintes, principalmente tendo em vista que a falta de recursos era uma constante ao longo de sua trajetória. (ALMEIDA, 2010, Passim)<sup>191</sup>.

Como exemplo de conexão da publica o do impresso com o meio político, na página 13 seria publicado um texto sob o título “Um desfile compassado e elegante, sem trombetas” acompanhado de uma fotografia, abaixo transcreve-se o seu conteúdo e   exposta a imagem:

No dia 3 deste mês foi efetuado um desfile das tropas que compõem as guarni es desta capital, seguido dos alunos das diversas escolas. O instantâneo acima mostra-nos as alunas do colégio Cora o de Jesus acompanhadas das respectivas professoras, passando defronte ao palácio, de cujas sacadas assista   passagem o sr. Interventor e seus auxiliares de governo, em comemora o do 1  aniversário do início da revolu o de Outubro (RENOVA O, 31/10/1931, p.13).

Figura 29 – Fotografia (1) da comemora o da “Revolu o de 1930” em “Renova o” (1931)

---

<sup>191</sup> As dificuldades financeiras das revistas eram muitas vezes explicitadas nos impressos, além de ser possível perceber que raramente eles conseguiam manter sua produ o por um longo período. Felipe Matos relata um momento significativo deste assunto, ao tratar da dificuldade de publica o de um per dico do IHGSC. Ele aborda que foi importante o trabalho José Boiteux na busca do apoio de Vidal Ramos (membro do instituto) para a produ o da revista entre 1913 e 1920. Nas palavras do autor: “O apoio estatal, incensado publicamente e indispensável para o retorno da revista, não significou, no entanto, que a dificuldade para mantê-la em circula o fosse menor (...)”. (MATOS, 2017, p.73). Percebe-se que, mesmo com o apoio de personalidades renomadas ligadas a uma importante institui o não tornava simples o processo de concretizar a elabora o de uma revista.



Fonte: RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.13.

Não há informações sobre quem foi o responsável pela fotografia nem se ela foi encomendada diretamente pela equipe da Revista, o que parece provável, no entanto, sua publicação parece estar relacionada com a intenção de reforçar o caráter popular de apoio à comemoração do primeiro aniversário da Revolução de 1930. Aliás, a própria comemoração também deve ser compreendida neste caminho, de um esforço para louvar o acontecimento e aumentar uma percepção de ruptura com os anos anteriores. O periódico “Renovação”, apesar de contar com seu conteúdo escrito mais centrado em produções literárias e fotografias com diversos temas, também se conectava com a dinâmica política de SC. As outras fotografias do acontecimento são as seguintes:

Figura 30 - Fotografia (2) de comemoração da “Revolução de 1930” em “Renovação” (1931)



Fonte: RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.15



Figura 31 - Fotografia (3) de comemoração da “Revolução de 1930” em “Renovação” (1931)



Fonte: RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.15

Essas duas fotografias foram publicadas acompanhadas de uma matéria mais extensa sobre os acontecimentos que ocorreram na cidade e que foram organizadas pelo governo, conforme exposto no próprio texto. É escrito que “Foi brilhantemente comemorado nesta Capital o 1º aniversário da revolução”, que contou com desfile de todas as tropas disponíveis da capital, bandas de música, todos os escolares acompanhados de seus professores, presença do diretor de instrução pública, dentre outras atividades. Também houve:

(...) uma sessão cívica no teatro Álvaro de Carvalho, onde falaram diversos oradores, representando as correntes partidárias ora existentes. / Fechou a sessão o sr. General Assis Brasil, interventor do Estado com a leitura de uma longa e minuciosa exposição do que tem sido a administração revolucionária durante o primeiro ano do novo regime. / Ao terminar, o sr. Interventor foi muito aplaudido e cumprimentado. (RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.15)

Também é mencionado o seguinte:

A fotografia abaixo [nº 31], dá-nos a ideia do que foi a grande parada escolar no Grupo Lauro Müller, no momento em que o sr. Barreiros Filho, atual diretor da Instrução Pública, fazia uso da palavra, junto dos seus subordinados. / No meio dessa multidão estudiosa e sonhadora, vê-se a figura enérgica e perseverante de Frei Evaristo, um dos mais esforçados educadores do quadro do professorado Florianopolitano. A outra, mostra-nos o que foi o desfile em frente ao palácio, vendo-se numa das sacadas do mesmo o sr. Interventor do Estado. (RENOVAÇÃO, 31/10/1931, p.15)

O prédio cuja sacada encontrava-se o Interventor era a então sede do Governo do Estado de Santa Catarina, localizado ao lado da Praça XV de Novembro e próximo da Catedral Metropolitana, ou seja, era um espaço de grande prestígio da capital catarinense e local de importantes manifestações cívicas, militares, religiosas, políticas e de protestos, como a novembrada em novembro de 1979 em plena ditadura militar.

A escolha da fotografia que retrata o Interventor naquela sacada, enquadrando também os participantes dos desfiles e a população nas ruas podem ser compreendidos como parte de um esforço de tratá-lo como um líder carismático e popular. A ocasião, e o momento em que se vive, são representados como dotados de grande otimismo, com reais possibilidades de transformação da pátria, sendo que, inclusive partidos com visões diferentes participariam desse mesmo evento, isto é, comemorando a Revolução de 1930 e compartilhando dos mesmos anseios de mudança nacional.

As outras figuras mencionadas são Barreiros Filho<sup>192</sup> e Frei Evaristo<sup>193</sup>. Convém destacar que o primeiro foi nomeado pelo próprio Ptolomeu de Assis Brasil como Diretor de Instrução Pública e que Frei Evaristo, já a partir de 1925, era Diretor da Escola São José sendo que, no ano seguinte, tinha sido nomeado professor de latim e de alemão na Escola Normal Catarinense. Tanto uma menção dos nomes dessas autoridades presentes quanto o seu enquadramento em uma fotografia devem ser desnaturalizadas, isto é, faz-se necessário que tais ações sejam tratadas como o resultado de determinada escolha associada com possíveis intenções.

Nesse caminho, além das manifestações públicas envolverem uma série de autoridades da cidade, elas parecem objetivar também um esforço de afirmação de poder e popularidade,

---

<sup>192</sup> Francisco Barreiros Filho (1891-1977) era filho do político Francisco Gonçalves da Silva Barreiros e de Maria Antunes Barreiros. Barreiros Filho nasceu em Tubarão e frequentou o Ginásio Catarinense de 1908-1911, iniciou o estudo de engenharia no Mackenzie College mas não o concluiu. Foi Professor Catedrático da Escola Normal em Florianópolis, tendo sido aprovado em concurso público em 1916. Durante os governos de Hercílio Luz e Adolfo Konder foi Diretor da Escola Normal. Durante a administração do Interventor Ptolomeu de Assis Brasil (outubro de 1930 a outubro de 1932) foi nomeado Diretor de Instrução Pública. Na carreira política, eleito Deputado Estadual em 1935 pelo Partido Liberal Catarinense. Barreiros Filho atuou como jornalista, tendo publicado em diversos jornais, além de ter sido um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras (cadeira de nº 24), (MATOS, 2014, p.45); (THIAGO, 1957, p.297-299); (ROCHA, 1995); (RELATÓRIO GINÁSIO CATARINENSE, 1940, p.70).

<sup>193</sup> Frei Evaristo Schürmann (1878-1939) nasceu em Clarholz, Alemanha. Foi ordenado padre em 1902. Pertencia à ordem Franciscana e, no decorrer de sua trajetória trabalhou como Professor de filosofia e teologia em Blumenau em 1906, foi Coadjutor de São José entre 1907-1909, 1914 e 1918. Dentre outras atividades, entre 1926 e 1928 foi Secretário Geral do Bispado de Florianópolis; Diretor da Escola São José a partir de 1925; em 1926 foi nomeado professor de latim e de alemão na Escola Normal Catarinense; Pró-vigário geral da arquidiocese de Florianópolis de 1928 a 1935; Juiz dos Matrimônios da arquidiocese de Florianópolis; Vigário geral da arquidiocese de Florianópolis a partir de 1935. (BESEN, 2013, p.298); (ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. GOVERNO, s/data); (DALLABRIDA, 2003, p.3)

isto é, um “momento ímpar”<sup>194</sup>, um ritual de visibilidade na qual os grupos no poder poderiam se mostrar como atuantes e eficientes. A publicação das fotografias destas ocasiões, bem como para outros registros fotográficos, seria capaz de perenizar esses momentos, bem como dotar de outros significados ao priorizar certas personalidades em detrimentos de outras, se utilizar de determinados ângulos etc.

Apesar disso, para o presente caso, o foco é evidenciar quem são as figuras mencionadas, e quais tipos de seus atributos podem estar relacionados com a sua menção nas páginas de “Renovação”. Com relação à Barreiros Filho, que também teve um texto publicado em “Ilha Verde” (ago.1930, p.10), deve-se mencionar que ele se formou no tradicional colégio que formava as elites catarinenses, ingressou em um curso de ensino superior, integrou associações importantes da cidade, dentre outras atividades que parecem tê-lo possibilitado obter tal reconhecimento e oportunizado certos cargos na máquina pública.

Com relação ao Frei Evaristo, seu caso parece ser exemplar para mencionar a proximidade entre a Igreja Católica e a organização da Instrução<sup>195</sup>, nesse sentido, uma espécie de “aliança” entre elites civis e eclesiásticas já podia ser constatada em Florianópolis no final da década de 1910, quando esses dois grupos “estavam de mãos dadas na produção de sujeitos ordeiros, produtivos, patrióticos e católicos (...)”. (DALLABRIDA, 2001, p.73).

Além disso, a presença de figuras religiosas em solenidades variadas não seria incomum pelo Brasil durante todo o período republicano. Sobre este tema e discutindo sob o âmbito nacional, Sérgio Micelli também escreve que, nestes anos, os dignitários eclesiásticos buscavam ampliar o círculo de interlocutores leigos, o que poderia auxiliar na busca por subsídios por parte das autoridades (2009, 25). A escolha de Frei Evaristo para ocupar um espaço de destaque na fotografia pode estar associada com uma boa inserção sua junto à sociedade de maneira geral além de, possivelmente, também simbolizar a força da Igreja Católica e do clero na política nacional.

Outras figuras que podem ser mencionadas que também receberam algum tipo de homenagem foram a recém-eleita Rainha dos Estudantes Isabel Leal, Olavo Bilac, Aldo Luz e Henrique Rupp. Assim como nos casos já mencionados, há o predomínio de personalidades

---

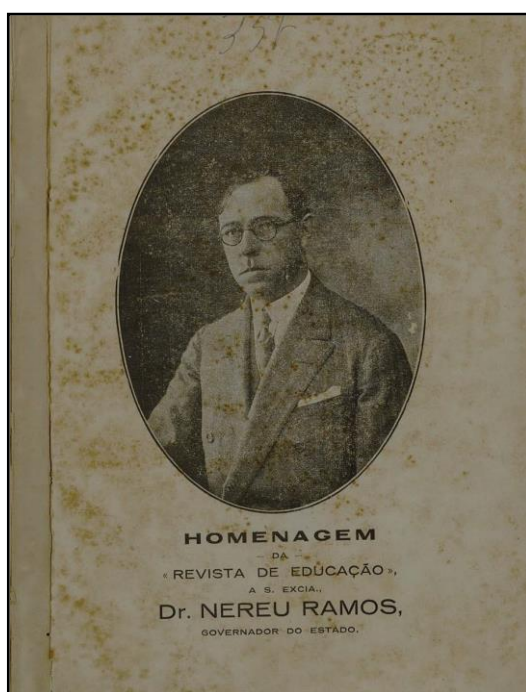
<sup>194</sup> Buscou-se parafrasear o modo como Dallabrida abordou festividades escolares em SC durante a 1ª República, e que eram organizadas por responsáveis pela Educação no Estado. Ao tratar da necessidade de os diretores estenderem a sua ação educadora na comunidade local através de festas escolares e conferências o autor escreve: “As festas, cujos motivos eram de caráter cívico-patrióticos, constituíam momentos ímpares em que o grupo escolar se abria para as autoridades em geral, a imprensa escrita, os pais dos alunos e outros convidados. Configuravam-se, assim, em rituais de visibilidade da eficácia da nova e moderna escola primária da República – o grupo escolar”. (DALLABRIDA, 2014, p.108).

<sup>195</sup> Sobre este assunto, cf. (DALLABRIDA 2001).

catarinenses contando com algum tipo de homenagem. No caso de como eram construídos os textos sobre as personalidades já mencionadas, parece ser possível compreendê-los como dotados de uma herança da cultura jurídica: a oratória e a retórica<sup>196</sup>. A relevância deste tipo de discurso parecia estar interiorizada em algum grau em diferentes setores da sociedade. Percebe-se isso sobretudo naqueles elaborados com teor laudatório e encomiástico, que possibilitavam estabelecer ou manter redes e conexões com autoridades.

Pode-se sugerir que a maior estabilidade política, após Nereu Ramos ter assumido o governo via eleição em 1935, oportunizou com que fosse organizado um empreendimento impresso do porte da “Revista de Educação”, na qual já em seu primeiro número é possível notar uma relação próxima com os atuais mandatários do poder. A imagem abaixo é a capa de seu primeiro número:

Figura 32 - Capa da “Revista de Educação” n.1 (1936)



Fonte: Revista de Educação, Jan. 1936, capa

Tal imagem de Nereu Ramos (que era governador de SC na época, até se tornar Interventor do Estado após o Golpe de 1937) foi publicada em diversos outros materiais do período ou posteriormente. Na imagem, ele se veste de maneira formal, o seu rosto está sério e possui um olhar firme, o que parece sugerir um esforço para representá-lo como um líder forte

<sup>196</sup> Sobre a retórica na sociedade brasileira, construção de discursos e intelectualidade cf. (CARVALHO, 2000).

e decidido. A fotografia, além da publicação de outras imagens de autoridades ou textos de homenagens, fora o conteúdo da revista conter dados oficiais do Estado, informações sobre leis ou demais medidas sobre educação, parecem corroborar com a percepção de sua forte conexão com as autoridades da época e que ela fazia parte de um projeto de demonstrar empenho nas políticas educacionais da época. Sobre Nereu Ramos, convém reforçar que, fora ele ter acumulado força política nestes anos, Ramos também parece ter atuado para se construir como uma liderança carismática, tendo seu rosto e suas ações sido amplamente difundidas em diversos materiais, tornando-se, ao que parece, uma figura central pelo meio intelectual catarinense quando estava ao comando do Estado.

Sobre a conexão do impresso com o aparelho estatal de SC, na edição de número 4 e 5 (que fariam parte de um mesmo exemplar), seria publicado:

Por iniciativa do inspetor de ensino sr. Antonio Lúcio, foi fundada a Revista de Educação, por onde se divulgarão no seio do professorado os assuntos de natureza técnico-pedagógica. / Reconhecendo-lhe a utilidade, resolveu o governo auxiliá-la materialmente, fazendo na Imprensa Oficial a respectiva publicação'. / (Da Mensagem de S. Excia., o Sr. Dr. Governador do Estado, apresentada à Assembleia Legislativa). / Tais palavras da mais alta autoridade do nosso Estado, enchem-nos de justificado orgulho, pois compensam o nosso esforço em bem servir à instrução de nossa gleba, partidos de quem, como S. Excia., tem a visão larga de um governante de escola. (REVISTA DE EDUCAÇÃO, jul a out. 1936, p.1)

Talvez um apoio “oficial” financeiro para a publicação só tenha vindo nesse momento, contudo, conforme a própria presença de uma fotografia de Nereu Ramos em seu primeiro número parece sugerir, percebe-se que alguma busca por conexão com autoridades já parecia fazer parte do projeto de elaboração da “Revista de Educação”. Além disso, deve-se levar em consideração que Antonio Lúcio era membro do Partido Liberal e que Elpídio Barbosa já possuía uma carreira na área educacional no Estado, tendo sido, dentre outras atribuições, Inspetor Escolar <sup>197</sup> de 1931 a 1934, ou seja, a conexão com o Estado se dava já também por parte de seus idealizadores e principais responsáveis.

Conforme já mencionado sobre a Revista, seu conteúdo englobava desde notícias ou informações sobre políticas educacionais e dados do Estado e municípios, a divulgação de atividades que estavam sendo realizadas em escolas, sobre a importância de determinados

---

<sup>197</sup> Com a Reforma organizada por Orestes Guimarães (a partir da década de 1910), o Inspetor Escolar seria o responsável, em nível regional, pelas questões administrativas e pedagógicas de escolas. (AURAS, 2005, p.126). Sobre o cargo de Inspetor Escolar, em âmbito federal após a Reforma Francisco Campos cf. (DALLABRIDA, 2009).

conteúdos, transcrição de discursos, publicação de músicas ou marchas, homenagens a personalidades ligadas à educação, dentre outros temas correlatos. Além disso, o impresso contou com alguns poucos anúncios publicitários, ao que foi possível perceber, em sua maioria de livros. Algumas das matérias pareciam ser lições práticas do que se ensinar, por exemplo. Nesse ponto, é importante mencionar que, conforme é anunciado já em seu primeiro número, a proposta da Revista era circular entre os professores,

A partir do problema que tem guiado a análise deste capítulo, isto é, a sua relação com as classes dominantes, também é possível compreender esta revista como um meio capaz de difundir ações sobre educação que estavam sendo realizadas pelo Estado, construindo uma imagem positiva de seus governantes que estariam engajados em melhorar a educação no Estado. Assim, logo em seu primeiro texto na primeira edição, após serem feitos uma série de elogios à dedicação ao ensino público que tem ocorrido em SC, também é exposto o seguinte:

(...) com um corpo de professores esforçado e inteligente, cooperador no seu engrandecimento intelectual, moral e social, não se justificava que [em Santa Catarina] ainda não tivesse uma publicação de natureza técnica, que viesse em auxílio do professor, sobretudo do primário, a cujo cargo se acha a formação da estrutura de nossa pátria. / Foi assim pensando que deliberamos fundar nesta capital a ‘Revista de Educação’, - feita por professores e para os professores. / Ela levará onde quer que haja um educador, a nossa palavra quente de fé e de entusiasmo em prol da causa educacional. (REVISTA DE EDUCAÇÃO, Jan. Fev. 1936, p.1)

É possível relacionar esse texto com a permanência de discursos sobre a importância da educação, muitas vezes associada com o nacionalismo e patriotismo, que circulavam durante a Primeira República. Sobre este tema, Jorge Nagle expõe que, a partir dos anos 20, irá ter cada vez mais prestígio o “ensino cívico ou da formação patriótica, fundamento da construção de uma verdadeira nacionalidade” (NAGLE, 1976, p.104). Ao mesmo tempo, Marta Maria Chagas de Carvalho escreve que neste período havia entre os intelectuais que pensavam o Brasil e a República instituída que na educação havia a solução dos problemas identificados: “tratava-se de dar forma ao país amorfo, de transformar os habitantes em *povo*, de vitalizar o organismo nacional, de constituir a nação” (CARVALHO, M. 2003, p.13 / grifo da autora).

No caso de como tais processos, que envolveram a transformação do papel da educação e dos processos educativos, se deram em SC, Denise de Paulo Matias Prochnow discorre como já em 1908, no relatório do governador Gustavo Richard era relatado sobre as difíceis condições da instrução em SC e, posteriormente em 1911, na “Mensagem ao Congresso Representativo do Estado”, Vidal Ramos declarava que “as causas primordiais do atraso do

ensino primário entre nós são a falta de mestres idôneos e a adoção de processos arcaicos, considerados imprestáveis pela pedagogia moderna”. (RAMOS, 1911, p. 28 *apud* PROCHNOW, 2009, p.3). Nesse mesmo ano, a administração de Vidal Ramos contratou os serviços do professor paulista Orestes Guimarães<sup>198</sup> para realizar a reforma do ensino catarinense, “tendo em vista sua bem-sucedida experiência anterior, quando, entre os anos de 1906 e 1909, realizou a reformulação do Colégio Municipal de Joinville, também em Santa Catarina”. (PROCHNOW, 2009, p.4)<sup>199</sup>.

Segundo Gladys Mary Ghizone Teive, a chamada Reforma Orestes Guimarães reestruturou as formas escolares da rede pública catarinense – escola normal e escola isolada -, e inaugurou novas formas – o grupo escolar, a escola reunida e a escola complementar -, além disso, foi instituído um modo mais severo de “intervenção do Estado na gestão escolar, mediante a reestruturação da Inspeção Geral da Instrução Pública, órgão diretamente subordinado à Secretaria Geral do Estado” (TEIVE, 2014B, p.23). Houve também um processo de nacionalização do ensino, na qual não foi proibido drasticamente o ensino de língua estrangeira, como ocorreu ao final dos anos 1930 e início de 1940. Conforme C. H. Correa expõe:

Implantaram-se escolas oficiais nas áreas de colonização, exigiu-se a fiscalização estadual nas escolas estrangeiras, que não foram fechadas, e foi mais valorizada a participação da comunidade local nos destinos da instrução primária de modo a não serem criados problemas culturais entre as famílias locais e os mestres brasileiros. (CORREA, 1997, p.112).

Conforme será possível perceber, haverá um esforço por parte dos idealizadores da Revista de homenagear ou se posicionarem como herdeiros das transformações organizadas por Vidal Ramos e Orestes Guimarães, fora também parecer haver em “Revista de Educação” uma busca em representar SC como um Estado dedicado às causas educacionais, na qual o próprio impresso parecia simbolizar também este intuito. Dessa maneira, “Revista de Educação” parece ser tanto um mecanismo de divulgação de determinados conteúdos e visão de mundo sobre educação para professores etc. quanto uma ferramenta para tornar pública a dedicação do

---

<sup>198</sup> Orestes Guimarães (1871-1931) nasceu em Taubaté SP. Formou-se na Escola Normal de São Paulo em 1889. Fez parte da primeira geração de normalistas republicanos que alcançaram grande prestígio e autoridade intelectual no decorrer da primeira república. Segundo Gladys Mary Teive Auras: “Utilizando-se das figuras preferidas pelos reformadores do primeiro período republicano – escuridão/luz; tradicional/moderno; ignorância/instrução; atraso/progresso – Orestes Guimarães semearia em Santa Catarina a utopia educativa das luzes, a crença de que a República só seria efetivada com a instauração de uma nova escola, capaz de possibilitar o acesso da população ao conhecimento científico e ao cultivo do caráter através da educação física”. (AURAS, 2007, .4).

<sup>199</sup> Sobre a reforma do ensino público realizada no governo de Vidal Ramos, também cf. (CORRÊA, 1997, p.95-117).

Estado em desenvolver o seu ensino. Tal modo de compreender o papel do periódico, como uma ferramenta a serviço de uma causa nacional, como a educação nesse caso, parece estar bem expressa na poesia de Agenor Nunes Pires<sup>200</sup> publicada na ed.4 e 5:

À revista de educação / Eu sou a Imprensa, a grande, a poderosa, a ingente / Alavanca, que o mundo impele e nobilita, / inteira a humanidade os olhos em mim fita / e me acompanha a marcha altiva e resplendente. // Desprezo a tirania, e prosto-me fervente / à Razão divinal que a Liberdade excita, / e tenho a minha história em letras d'ouro escrita / na história das Nações num cântico fremente! // Desperto o patriotismo, e forte, e grande e avante, / intemerata, eu sigo, as trevas esmagando / com a luz perenal do meu poder gigante! // e, sempre vencedora a terra vassalando, / eu vou, de glória em glória, altiva e cintilante, / da justiça a bandeira aos mundos desfraldando! (REVISTA DE EDUCAÇÃO, jul a out., p.34)

Deve-se notar que a divulgação desse empenho na causa educacional também parecia envolver um trabalho de buscar a conexão com certas personalidades através da veiculação de textos laudatórios ou outros tipos de homenagens. De maneira geral, o grupo de homenageados privilegiou personalidades envolvidas com o campo educacional, professores, inspetores de ensino, reformadores de políticas educacionais, entre outros. A partir de uma leitura da Revista, foi possível encontrar algum tipo de texto ou imagem que podem ser compreendidas como uma homenagem das seguintes pessoas:

Quadro 5 – Personalidades homenageadas pela “Revista de Educação”

<b>Homenageado</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Informações presentes</b>	<b>Ed. / página</b>
Nereu Ramos	Fotografia	“Homenagem da ‘Revista de Educação’, a s. excia., Dr. Nereu Ramos, Governador do Estado”	1 / capa
José Arthur Boiteux	Música (partitura e letra)	“Saudação a José Boiteux / Letras e música de J. dos Santos Areão”	1 / p.30-31

<sup>200</sup> Agenor Nunes Pires (1884-?) - filho do renomado intelectual Horácio Nunes Pires, que foi escritor e Diretor da Instrução Pública em SC - no decorrer de sua carreira foi escritor, teatrólogo, além de ter atuado em diversas funções na área da Educação. Dentre os cargos que ocupou foi: subdelegado da Polícia em SC; Oficial da Secretaria do Interior e Justiça; Contínuo na área da Instrução Pública; Oficial da Diretoria da Instrução Pública; Escriurário da Diretoria de Instrução Pública e Inspetor de Ensino. Em 1940 é exposto que já era funcionário aposentado do Departamento de Educação. Foi membro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Clube de Cooperação Cultural de Florianópolis; CCL; correspondente do Círculo Rio-Grandense de Difusão Literária e representante da Associação Mantenedora do Teatro Nacional. Principalmente a partir dos anos 1930 colaborou no “Jornal das Moças: Revista Semanal Ilustrada” (RJ); “Vida Doméstica” (RJ) e em diversos jornais catarinenses. Periódicos do Rio de Janeiro consultados: (ALMANAK LAEMMERT; A NAÇÃO; JORNAL DAS MOÇAS). Periódicos de SC: (REPÚBLICA; O ESTADO; ATUALIDADES; O DIA). Cf. também (THIAGO, 1957, p.67-74)



Vidal Ramos	Fotografia	“Coronel Vidal José de Oliveira Ramos / Governador do Estado, em cuja gestão se processou a reforma da Instrução Pública”	2 / capa
Orestes de Oliveira Guimarães	Fotografia	“Professor Orestes de Oliveira Guimarães / O reorganizador da Instrução Pública em Sta. Catarina”	2 / p.5
	Música (partitura e letra)	“Hino Orestes Guimarães / Á memória do grande educador de Ernesto Lacombe / Música de J. S. Areão”	2 / s/página
	Texto de memória	“Recordando / Prof. João dos Santos Areão”	3 / p.5-8
Luís Sanches Bezerra da Trindade <sup>201</sup>	Fotografia	“Professor Luis Sanches Bezerra da Trindade / Cooperador da reforma e atual Diretor do Departamento de Educação”	2 / p.9
João dos Santos Areão <sup>202</sup>	Poesia	“Canção ao Prof. João dos Santos Areão / Agenor Nunes Pires”	2 / p.11
	Fotografia	“Cooperador da reforma e atual Inspetor Federal da Nacionalização do Ensino”	2 / p.17
Silveira de Souza <sup>203</sup>	Perfil	“Galeria dos patronos dos Grupos Escolares do Estado”	2 / p.29

<sup>201</sup> Luís Sanches Bezerra da Trindade, que se formou no Ginásio Catarinense, exerceu uma série de cargos na área da Educação em SC. Ao longo dos anos foi Professor, Diretor de Grupo Escolar, Inspetor Escolar e Diretor do Departamento de Educação. Dentre outras atividades, foi eleito vereador em 1936 pelo Partido Liberal, fez parte da Comissão de Propaganda Anti-Comunista e integrou a Diretoria do Montepio dos Funcionários Públicos. Sobre o mesmo cf. (GENTIL, 2015), também os jornais: catarinenses (A GAZETA; REPÚBLICA, O ESTADO) e o periódico do Rio de Janeiro (ALMANAK LAEMMERT).

<sup>202</sup> João dos Santos Areão (1892-1980) nasceu em Taubaté SP. Formou-se pela Escola Normal de São Paulo em 1910. Já em 1912 foi convidado por Orestes Guimarães (Inspetor-Geral do Ensino de SC) a dirigir o primeiro grupo escolar implantado em Laguna SC. Posteriormente também atuaria como diretor em grupos escolares de Lages e Tubarão. Em 1926 assumiu o cargo de Inspetor Escolar do Sul do Estado e, em 1931 o de Inspetor Escolar da Capital do Estado de SC, quando mudou-se para Florianópolis. Após a morte de Orestes Guimarães em 1931, assumiu (até 1943) o cargo por ele ocupado de Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas pela União. Nas palavras de Gladys Mary Ghizoni Teive “Foi nesta função que ao lado de Luiz Bezerra Trindade, diretor do Departamento de Educação de Santa Catarina, e de Elpídio Barbosa, subdiretor, formou aquela que ficou conhecida como a ‘Santíssima Trindade da Educação’, que por quase três décadas ditou os destinos da educação pública catarinense” (TEIVE, 2014B, p.27). Em 1938 foi designado inspetor das Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino, durante a década de 1940 foi Delegado Seccional do Serviço Nacional de Recenseamento do Estado de SC e, a partir de 1943, foi nomeado Inspetor das Associações Escolares do Estado. Foi vogal do Conselho Deliberativo do Banco de Crédito Popular e Agrícola de Santa Catarina, atuou em bancas examinadoras, sócio efetivo do IHGSC (1935), Delegado dos clubes Agrícolas Amigos de Alberto Torres, fez parte do Conselho Diretor do Clube dos Funcionários Públicos e membro da Comissão de Propaganda Anti-Comunista. Cf. principalmente: (TEIVE, 2014A). Mas também informações dos periódicos (O ESTADO e REPÚBLICA)

<sup>203</sup> João Silveira de Souza (1824-1906) nasceu em Desterro (atual Florianópolis). Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1849, ao longo de sua carreira política foi presidente de diversas províncias:

Altamiro Lobo Guimarães <sup>204</sup>	Fotografia	“Deputado Altamiro Lobo Guimarães, Presidente da Assembleia Legislativa”	2 / p.73
Manoel Pedro Silveira <sup>205</sup>	Fotografia	“Dr. Manoel Pedro Silveira, Secretário do Interior e Justiça”	3 / capa
Arcipreste Joaquim Gomes d’Oliveira e Paiva <sup>206</sup>	Perfil	“Arcipreste Joaquim Gomes d’Oliveira e Paiva / Agenor Nunes Pires”	3 / p.12-15
José de Alencar <sup>207</sup>	Poesia	“José de Alencar / Agenor Nunes Pires”	6 / p.8
Frobel <sup>208</sup>	Perfil	“Ao eminente educacionista Luiz Trindade”	6 / p.2-4

Fonte: Produção própria do autor (2021)

As homenagens, ou a busca por proximidade ou algum tipo de reconhecimento, a políticos atuais ou anteriores, conforme tem sido discutido neste trabalho, podem ser compreendidas como práticas esperadas dos intelectuais envolvidos com a produção de bens

---

Pará, Maranhão, Ceará e Pernambuco. Exerceu diversos cargos no meio político, tendo sido também eleito Deputado por Santa Catarina, foi presidente do Banco Franco-Brasileiro, escritor e lente da Faculdade de Direito de Recife. Cf. (REVISTA DE EDUCAÇÃO, Mar.abri, 1936, p.29), (JOÃO SILVEIRA DE SOUZA, s/data)

<sup>204</sup> Altamiro Lobo Guimarães (1899-1946) é natural de Tubarão SC. Formou-se no Ginásio Catarinense em 1916, tendo ingressado na Administração dos Correios e Telégrafos em 1917 onde foi chefe de Tráfego e 1º Oficial (1917-1919). Trabalhou no jornal “O Estado” (1917). Iniciou os estudos de direito na Faculdade de Direito do Paraná (1920) mas não o concluiu. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Catarina (1937). Durante sua carreira política integrou o Diretório Central do Partido Liberal Catarinense (1927 a 1929), tendo sido aliado de Nereu Ramos. Seu partido coligou com a Aliança Liberal e Altamiro se alinhou ao movimento político de 1930. Foi membro do Conselho Consultivo do Estado e seu Presidente a partir de agosto de 1933; Deputado à Assembleia Constituinte (1935) e da Assembleia Legislativa (1935-1937), quando também foi Presidente da Assembleia; Secretário de Estado da Fazenda (1938 a 1944). (PIAZZA, 1994, p.331; MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data)

<sup>205</sup> Manoel Pedro da Silveira (1903-1977) nasceu em Campo Alegre SC. Formou-se no ensino secundário no Ginásio Catarinense (1921) e como Bacharel em Direito pela Universidade do Brasil (RJ). Atuou como Promotor Público em São Francisco do Sul e Canoinhas e, a partir da “Revolução de 1930”, trabalhou na estrutura governamental de SC como Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça, tendo assumido interinamente a administração do Estado mais de uma vez. Entre 1937 e 1942 foi Procurador Geral do Estado de SC, mesmo ano quando deixou o cargo e as atividades políticas. Foi orador do Club 24 de Janeiro (sediado em São Francisco do Sul). Cf. (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data). Periódico de SC consultado: (REPÚBLICA)

<sup>206</sup> Joaquim Gomes d’Oliveira e Paiva (18??-1869) nasceu em Desterro (atual Florianópolis). Fez seus primeiros estudos em Desterro com o professor particular Mariano Antônio Correia Borgeas, que foi Conselheiro Geral e Deputado na Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina. No RJ estudou no Seminário Diocesano São José do Rio de Janeiro RJ entre 1838 e 1842. Em 1842 foi ordenado padre e retornou à Florianópolis, onde foi pioneiro no ensino secundário. Ao longo de sua trajetória foi escritor, fundador de jornal, professor, diretor de escola, dentre outras atividades. Foi também Deputado na Assembleia Legislativa Provincial de SC. Dentre suas produções, escreveu o livro “Notícia Geral da Província de Santa Catarina” que foi publicado em 1873. (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data); (THIAGO, 1957, p.57-59).

<sup>207</sup> José Martiniano de Alencar (1829-1877) nasceu em Messejana (atual bairro de Fortaleza). Foi advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo. Foi patrono da cadeira de nº23 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de Machado de Assis. Dentre os seus principais romances estão: “O Guarani”, “5 Minutos” e “Iracema”. Foi Ministro da Justiça de 1868 a 1870. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s/data)

<sup>208</sup> Frierich Fröbel (1782-1852) foi um educador alemão cujas ideias tiveram grande repercussão mundial. Ele foi idealizador do primeiro jardim de infância e desenvolveu métodos educativos que se expandiram pelo mundo. (SANTOS; JESUS, s/data).

simbólicos como as revistas. Atuar desta maneira significava fazer parte de uma sociabilidade, o que poderia propiciar oportunidades profissionais, principalmente, tendo em vista o personalismo da época, na qual os atuais mandatários do poder podiam distribuir suas benesses entre seus apoiadores. Ao mesmo tempo, conforme já sinalizado, argumenta-se também que a escolha dessas respectivas autoridades faz parte de um esforço maior do projeto da Revista de simbolizar, representar e se tornar uma espécie de seguidora do investimento que tem sido feito na Educação em SC.

É possível perceber que as publicações dessa natureza predominaram somente nos três primeiros números da Revista, talvez isso tenha ocorrido quando ainda havia uma maior de necessidade de buscar algum tipo de legitimidade ou consagração/notoriedade para o impresso. Além disso, como já foi apontado, algo que pode ter contribuído é que a partir do quarto número foi expresso mais abertamente que a Revista contaria com um apoio governamental. Talvez este apoio mais “oficial” possa ter diminuído a necessidade de estabelecer laços a partir de publicações. Convém notar também que o restante do conteúdo parece não ter sofrido alterações dentre as edições.

No caso de publicações de homenagens, é importante lembrar que esse tipo de conteúdo já circulava e continuaria a ser veiculado em outros materiais periódicos, inclusive naqueles educativos, como a “Série Fontes”, organizada pelo professor Henrique da Silva Fontes. De acordo com C. H. Correa, tal material começou a ser organizado durante o governo de Hercílio Luz em 1920, tendo sido utilizado até o início dos anos 1940. Trata-se de uma série de quatro livros de leitura e uma cartilha, denominados os primeiros de “Série Fontes”, na qual, o último dos livros de leitura, lançado em 1940, possui biografias de várias personalidades catarinenses e nacionais, além de um famoso discurso de Adolpho Konder. Nas palavras do autor:

Os textos, nos primeiros números todos elaborados por Henrique Fontes e posteriormente extraídos de outros escritores catarinenses, nacionais e internacionais, constantemente se preocupavam com uma educação voltada para o civismo e a moral. (CORRÊA, 1997, p.114).

No caso do modo como as personalidades são abordadas em “Revista de Educação”, que podem ser compreendidas como a exposição de exemplos a serem seguidos, pode-se problematizar como suas trajetórias são apresentadas e quais qualidades são apontadas. Além da constante ênfase no modo como tais pessoas dedicaram suas vidas ao ensino e instrução de

maneira geral, outros temas também surgem, como o patriotismo, nacionalismo ou a moralidade e a caridade. Tais aspectos podem ser percebidos nos seguintes excertos:

[Homenagem a Orestes Guimarães] Foi na vida um patriota virtuoso / Entregando-se inteiro à instrução / Seu fanal, era amor fervoroso / As criancinhas de livro na mão. (REVISTA DE EDUCAÇÃO, mar.abr. 1936, s/página). [Texto de João dos Santos Areão sobre Orestes Guimarães] Por vários anos residiu nesta cidade onde publicou vários trabalhos seus, todos com caráter puramente nacionalistas. Pela imprensa combateu várias vezes os que procuraram diminuir a sua fé, e, em relatórios, prestou sempre, com largueza de vistas, contas de sua missão. (REVISTA DE EDUCAÇÃO, mai.jun. 1936, p. 7). [Texto de Agenor Nunes Pires sobre o Arcipreste Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva] Quantas vezes não foi ele visto socorrendo aos amigos para satisfazer os desejos caridosos de seu coração em face de um desses quadros horrorosos, em que o que mais periga, o que mais exposto se vê às garras hediondas do mundo, e a inocência, a cândida flor que alegra a família! (REVISTA DE EDUCAÇÃO, mai. Jun. 1936, p.14)

Se a própria seleção de quais personalidades foram feitas para contar com uma publicação deste tipo pode explicitar traços da natureza do projeto editorial da Revista, o modo como são construídas suas trajetórias também oportunizam compreender mais sobre o grupo responsável por sua elaboração e aspectos da sociedade por onde circulou. De uma maneira geral, predomina a construção de biografias de personalidades que entregaram sua vida ao magistério, reforçando certa concepção de que a educação é uma missão a ser cumprida.

Ao mesmo tempo, a importância do nacionalismo e da caridade, sendo que esta última foi apresentada a partir do exemplo de um membro do clero, também parecem estar relacionadas com o traço anterior, isto é, ao educador parecia haver também a necessidade de ser dotado destas “qualidades”, desse modo, talvez seja possível sugerir que também havia um esforço de construção de um perfil comum para os professores, sendo que o nacionalismo e a moral cristã pareciam ser muito importantes.

Houve diferentes tipos de homenagens, deste modo, é difícil estabelecer uma hierarquia clara de qual poderia significar um maior destaque, a publicação de uma fotografia ou uma canção sobre, por exemplo. Sugere-se que as capas e a incidência podem ser um caminho para se compreender esse ponto, nesse caso, o único que recebeu mais de uma homenagem foi Orestes Guimarães, cuja fotografia foi publicada na mesma edição, de nº 2, que contou com a fotografia de Vidal Ramos na capa. Esta mesma edição foi dedicada ao 25º aniversário da chamada “Reforma Orestes Guimarães”. A escolha de Nereu Ramos para ocupar a capa do primeiro número parecia ser incontornável, tendo em vista a posição que ocupava no momento. Já no caso de a 3ª edição contar com uma fotografia de Manoel Pedro Silveira,

aparentemente sua figura foi mais homenageada pela sua relevância na estrutura governamental, e não necessariamente por suas contribuições diretas para a área da educação.

Ao se continuar neste eixo de estudo, a próxima Revista a ser produzida em Florianópolis foi “Santa Catarina: Revista de propaganda do Estado e dos Municípios”, na qual infelizmente somente foi encontrado um exemplar, o seu primeiro número inaugural de setembro de 1939. Diversos aspectos dão a entender sua conexão com o governo do Estado, desde o seu título ao fato de sua impressão ter sido feita na Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. É exposto também, abaixo de seu subtítulo que se trata de uma “edição do Departamento de Administração Municipal”, explicando talvez que este número iria focar em um município, no caso em questão, Florianópolis.

Dentre as homenagens encontradas, no início do impresso foi publicada em uma página completa uma fotografia do “Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República”, logo em seguida, uma de igual tamanho do “Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal” e outra do “Sr. Mauro Ramos, Prefeito de Florianópolis”. No interior foi publicada uma imagem de “D. Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano” e fotografias de uma comemoração cívica, não identificada, mas que ocorreu defronte ao sr. Interventor Federal e altas autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais.

De uma maneira geral, seu conteúdo, repleto de fotografias, parecia buscar cobrir diversos aspectos de Florianópolis e alguns do Estado, tais como: construções, diversões, cemitérios, jardins etc. Há matérias sobre a “Colônia de Psicopatas”, “Templos Religiosos”, “Melhoramentos Municipais”, “Penitenciária do Estado”, dentre outros. Ao mesmo tempo que o tipo de homenagem encontrada, para poucas personalidades, pode ser compreendida como indício da consolidação de um poder político na época, o impresso não deixa de atuar como um instrumento para difusão de uma representação positiva destas mesmas figuras públicas.

Já em um outro momento, pós ditadura do Estado Novo, na revista “Atualidades” seria possível encontrar a publicação de fotografias com as seguintes legendas entre parênteses: Gal Eurico Gaspar Dutra (futuro presidente da República); Dr. Nereu Ramos (chefe do P.S.D., eleito simultaneamente para o Senado e para a Câmara); Sr. Aderbal Ramos da Silva (o candidato do P.S.D. que mereceu a consagração do povo catarinense); Major Brigadeiro Gomes (candidato da U.D.N. à Presidência da República). Tais imagens foram publicados por ocasião de uma matéria sobre o “pleito eleitoral de 2 de dezembro” (ATUALIDADES, dez. 1945, p.5)

O exemplar de 1945 possuía um conteúdo diversificado, com matérias e demais textos sobre aspectos econômicos, temas culturais, religiosos etc. De modo diferente de “Santa Catarina”, que não possuía anúncios publicitários, “Atualidades” contava com propaganda e

parecia um empreendimento mais comercial, o que parece ter sido uma tendência pós-1945, assim, no exemplar consultado não parecia ser necessário buscar um incisivo alinhamento ao governo local. No caso dos outros impressos produzidos até o momento, com a exceção daqueles comerciais, parece que havia uma necessidade maior de conexão com as atuais autoridades.

Por fim, tais exemplos levantados até o momento parecem possibilitar perceber como predominou entre 1930 e 1945 uma produção de Revistas com um grau significativo de conexão com a dinâmica política. Algumas exceções podem ser sinalizadas, como no caso dos periódicos comerciais, que pareciam poder manter uma relação mais pragmática com o meio político ou não precisarem tratar com grande profundidade das autoridades que estavam no cargo.

No caso da Revista do IHGSC, esta parece ter seguido algumas características já apontadas, sobretudo por também contar com textos encomiásticos que reforçavam a construção de um Estado com uma história repleta de grandes líderes e personalidades, isto é, uma história alinhada aos anseios da elite do Estado. Parece haver uma perspectiva de história *vista de cima* que construía um Estado em desenvolvimento e progresso. Outros indícios presentes no impresso do IHGSC possibilitam perceber mais conexões da Instituição com o Estado, pois, sabe-se que as edições do 1º e 2º semestre de 1943 mais a do 2º semestre de 1944 foram impressos na Imprensa Oficial do Estado. Percebe-se que esta era uma instituição ainda com uma presença significativa entre os meios intelectuais do período e, assim como a ACL, parece que ambas atuariam, mesmo de maneira não-dita, no modo como seriam pautados certos textos literários ou alguns artigos em diferentes impressos da época.

Sobre a questão do tipo de sociedade e cidade que foram priorizados ou representados nas Revistas, foi possível evidenciar que eram os membros de classes médias ou altas que foram os mais abordados, além de ser possível sugerir que era a visão de mundo desses mesmos grupos era o que parecia estar mais presente no conteúdo publicado. Assim, as transformações que atravessavam a cidade ou o Estado significavam somente melhorias em nome de um progresso simbolizado pela ampliação de avenidas e construções em seu meio urbano. Ao mesmo tempo, como por exemplo no caso da “Revista de Educação”, as publicações buscavam valorizar a expansão do processo de escolarização, as atividades cívicas e a ênfase às lideranças do Estado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim dessa empreitada, algumas palavras finais podem ser expostas sobre o que foi a investigação proposta e quais principais considerações podem ser levantadas. Em um primeiro momento, no decorrer da pesquisa foi possível evidenciar que as Revistas que circularam entre 1930 e 1945, principalmente para o caso de “Ilha Verde” e “Renovação” que contaram com um número maior de textos de viés literário, praticamente não se tornaram objetos de estudo para pesquisas que abordaram a história da cultura catarinense destes anos. Esses impressos não foram canonizados como órgãos difusores da cultura catarinense durante a primeira metade do século XX.

Ao mesmo tempo, as produções literárias que circularam na imprensa neste momento também não receberam a devida atenção, mesmo quando ela estava sistematizada em páginas voltadas para este tipo de produção. A disputa entre gerações, com seus discursos de vanguarda, parece ter contribuído para que fossem deixadas de lado uma série de produções ou impressos que circularam nos anos de 1930. Até mesmo a inauguração da Faculdade de Direito de Santa Catarina, que foi um grande empreendimento também cultural, parece ter sido abandonada como indício de movimentação intelectual da época. Os discursos que construíram esses anos como de pouca atividade cultural devem ser contrapostos às produções literárias presentes nas revistas, os textos históricos, o debate educacional, a constituição da faculdade de direito, a atuação ou constituição de grupos de intelectuais, notadamente ao final dos anos 1930, dentre outras atividades do período.

Foi possível perceber que o conteúdo privilegiado nas Revistas estava mais conectado com uma visão de mundo pouco atenta aos problemas da cidade e da sociedade. Nesse tipo de periódico predominaria, portanto, uma visão elitista que dialogava com os anseios de distinção social de seus membros mais abastados. Com relação ao recorte temporal, a escolha do período de 1930 a 1945 parece ter sido significativa para se perceber como as mudanças de regimes incidiram na atuação dos intelectuais, com muitos destes se movimentando em busca de apoio das elites políticas catarinenses. A partir do diálogo com a bibliografia, percebeu-se que, com a ascensão de outros personagens nos anos 1930, houve a permanência de lógicas clientelistas entre intelectuais e autoridades políticas. Apesar disso, em certa medida, é possível sustentar que havia certo grau de profissionalismo na dedicação desses intelectuais na participação de seus projetos editoriais, pois, isto estava relacionado com a sobrevivência material dessas pessoas que, em determinados casos, iriam se envolver em impressos de tendências opostas após um breve intervalo entre eles.

A dinâmica do Campo Intelectual parece ter propiciado com que um *habitus* mais *adaptado* entre os intelectuais seria aquele que, dentre outras características, os pré-disporia a acompanhar o movimento das figuras políticas e reconhecer as personalidades com quem se filiar, dessa maneira, haveria uma maior oportunidade dos intelectuais em converter o seu capital social em algum ofício, seja um cargo na máquina pública ou o trabalho em algum periódico. Um certo grau de militância em partidos políticos no poder pode ter sido relevante também, apesar de não definitivo. Contudo, a militância nos movimentos mais ligados a causas sociais ou grupos de esquerda parece ter um recurso limitador para os intelectuais no decorrer do recorte temporal.

A busca por uma formação também parece ter se tornado cada vez mais importante, assim, foi possível perceber em que o ensino escolar, notadamente o diploma de um curso superior, seria um recurso desejado e de importante impacto para o sucesso nesta área. Tal tendência estaria acompanhada da expansão da máquina burocrática pública, que demandaria tanto profissionais capacitados quanto a presença de instituições capazes de ofertar uma formação adequada.

A idealização e inauguração da Faculdade de Direito de Santa Catarina também pode ser visualizada como parte desta conjuntura, além de se conectar aos anseios de modernização presente pelas elites da cidade, na qual as Revistas se tornaram também órgãos difusores, principalmente louvando as obras pela cidade que denotariam o seu “desenvolvimento”, como por exemplo através da ampliação de ruas e do seu calçamento. Através de diferentes tipos de publicações, portanto, haveria um esforço de apresentação de um dinamismo econômico do Estado, com uma população de hábitos distintos e adequado ao esperado da organização de cidades modernas.

Como contribuição ao estudo da História da Imprensa, de maneira geral, especialmente no caso da produção de jornais, parece ser possível argumentar que nesses anos esse tipo de produção iria demandar cada vez um maior de sofisticação, profissionalismo e investimento, com os seus idealizadores cada vez mais voltados para a elaboração da imprensa diária ou conectados a uma instituição de porte capaz de financiar a difusão de seus interesses. A elaboração de pequenas folhas, de caráter crítico e cultural, parecia não ofertar um retorno vantajoso a partir destes anos.

No caso das Revistas, certas dificuldades para a sua produção permaneceriam de 1930 a 1945, o que pode ser percebido pela pouca constância da produção desse tipo de material. Sua produção parecia demandar, geralmente, algum grau de apoio governamental ou a capacidade de financiamento de uma associação comercial consolidada. Ao mesmo tempo, percebe-se que



existia um forte grau de conexão com personalidades relevantes do meio político ou de forte projeção no Estado.

Em diversos momentos foi possível mapear relações próximas entre intelectuais e autoridades, ou da busca de proximidade desses com estes, fora todas essas pessoas, muitas vezes, participarem ou terem frequentado os mesmos clubes ou instituições. Em linhas gerais, percebeu-se a força da pessoalidade neste universo de produção simbólica, no sentido discutido por Gisèle Sapiro, que também expõe como o mundo das letras é um espaço privilegiado para compreender o sistema das relações entre os indivíduos (2019, p.44).

Florianópolis parece ter sido neste período um centro dinâmico de atividades intelectuais, pois, possuía instituições culturais e educacionais relevantes, espaços para a elaboração de empreendimentos impressos e uma maior circulação de lideranças. No caso dos intelectuais da época, haveria diferentes personalidades interagindo e produzindo bens simbólicos em um microcosmo onde, ao que parece, todos se conheciam e em que os estreitos espaços para a publicação de um texto contaria com a presença de escritos de figuras ligados a instituições concorrentes ou mesmo que se filiaram a partidos adversários etc.

## REFERÊNCIAS

- A Barra – 1934. Rio de Janeiro (Biblioteca do Estado de Santa Catarina)
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. S/data. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/academicos/membros> >. Acesso em 14 set. 2021.
- ACIF. HISTÓRICO. s/data. Disponível em: < <https://www.acif.org.br/a-acif/historico/>>. Acesso em 15 set. 2021.
- A Gazeta – 1934-1939. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente Contemporâneo. **Trajetos**, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. V. 3, n. 6, p. 43-66, 2005.
- Almanak Henault. Rio de Janeiro. (Hemeroteca Digital. BNDigital).
- Almanak Laemmert. Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital BNDigital)
- ALMEIDA, Alcides Vieira de. **Da Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2010.
- ALTAMIRANO, Carlos. “Introducción al volumen II. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano”. In: ALTAMIRANO, C. (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina. II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Editorial Katz, 2010.
- ANAISSI, Vinicius Possebon. A Lei, a ordem e o lucro: notas sobre a trajetória de um bicheiro sírio-libanês na Florianópolis do pós-abolição. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011. Disponível em: < [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308193094\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_Anph\\_ViniciusAnaisi.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308193094_ARQUIVO_Artigo_Anph_ViniciusAnaisi.pdf)>. Acesso em 15 set. 2021.
- A notícia. Joinville (Hemeroteca Digital. BNDigital).
- ANUÁRIO SUL CATARINENSE. s/identificação, 1934. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História). PUC-SP, 1989.
- AREND, Sílvia Maria Fávero; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Estado e populações pobres no Brasil: a espacialização da desigualdade social em Florianópolis - SC (décadas de 1930-1950). **Geosul**, Florianópolis, v.28, n.56, p.33-64, jul./dez.2013.
- ARQUIDIOCESE DE FLORIANÓPOLIS. GOVERNO. Disponível em: <<https://arquifln.org.br/governo/>>. Acesso em 15 set. 2021.
- Atualidades - 1945 Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

AURAS, Gladys Mary Teive. **“Uma vez normalista, sempre normalista”**: a presença do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na construção de um *habitus* pedagógico (escola normal catarinense – 1911-1935). Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2005.

BARBILLON, Claire et alii. Parent-elles, compagne de, fille de, soeur de...: Les femmes artistes au risque de la parentèle. Poitiers: Actes de Colloque/Université de Poitiers, 2017. Disponível em: < <https://awarewomenartists.com/>>. Acesso em 14 set. 2021.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória. (orgs.). **Mulheres não devem ficar em silêncio**. Arte, design, educação. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

BARBOSA, Renato. **Cofre aberto...** reminiscências da Faculdade de Direito e outros assuntos (no cinquentenário de sua fundação 11-2-1932 11-2-1982). Florianópolis: S.N. 1982.

BAYER, Ernani. Prefácio. In. JUNKES, Lauro. **Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Ed. Lunardelli, 1982.

BEIRED, José Luis Bendicho. Vertentes da história intelectual. **Cadernos do Seminário Cultural e Política nas Américas**. Vol.1, 2009.

BERTONHA, João Fábio. **Plínio Salgado**: biografia política (1895-1975). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

BESEN, José Artulino. **História de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catarina**: 1713-2013. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2013.

\_\_\_\_\_. **História na Igreja em Santa Catarina**: Dom Joaquim Domingues de Oliveira e Dom Afonso Niehues. Florianópolis: Academia Catarinense de letras, 2014.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001

Boletim Comercial – 1920-1945. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

Boletim de Informações. Florianópolis (Hemeroteca Digital. BNDigital).

BORGES, Elisa. **O centro cívico e recreativo José Boiteux e sua atuação em Florianópolis na década de 1920**. TCC (História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996A.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

\_\_\_\_\_. As condições sociais da circulação internacional das ideias. **Enfoques – Revista Eletrônica**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2002.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996B.

\_\_\_\_\_. O capital social. In. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.65-70.

BRASIL, Lei nº38, Define crimes contra a ordem política e social, abril de 1935, 1935. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/L0038impressao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0038impressao.htm)>. Acesso em 11 nov. 2021.

\_\_\_\_\_, **Anuário Estatístico do Brasil**. Ano II. Rio de Janeiro: Tip. Do Departamento de Estatística e Publicidade, 1936.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico (1º de julho de 1950): Estado de Santa Catarina / Seleção dos principais dados**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952A.

\_\_\_\_\_. **Recenseamento Geral do Brasil [1º de Setembro de 1940]: Censo Demográfico população e habitação / Censos econômicos Agrícola, Industrial, Comercial e dos Serviços**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952B. Série Regional. Parte XIX – Santa Catarina.

CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. HISTÓRICO. S/data. Disponível em: <<https://www.cmf.sc.gov.br/historico>>. Acesso em 15 set. 2021.

CAMPOS, Cynthia Machado. **Santa Catarina, 1930: da degenerescência à regeneração**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

CAMPOS, Domar. Recordações de Florianópolis e de Catarinenses desde 1930. **Geosul**, Florianópolis, v.14, n.28, p.189-200, jul/dez., 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/15398/13975>>. Acesso em 13 set. 2021.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. **Dados** [online]. 1997, v. 40, n. 2. pp. 229-250. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>>. Acesso em 13 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Os Bestializados**. O Rio de Janeiro e a República Que não Foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. Os três povos da República. **REVISTA USP**, São Paulo, n.59, p. 96-115, setembro/novembro 2003.

\_\_\_\_\_. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº1, p.123-152, 2000.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHARLE, Christophe. **Homo Historicus: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Rio de Janeiro: FGV, 2018.

\_\_\_\_\_; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

\_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.13, n.24, p.15-29, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COELHO, Eduardo Teixeira. **Trabalhadores Catarinenses e a Experiência da Representação das Associações Profissionais nos anos 1930**. Dissertação (Mestrado em História), PPGH-UFSC, Florianópolis, 2010.

COELHO, Maria Beatriz R. de V. Coelho. O campo da fotografia profissional no Brasil. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol.22, n.35, p.79-99, jan./jun. 2006.

COELHO JUNIOR, Nelson Maurilio. **Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922-1929 (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina)**. Dissertação (Mestrado em Educação), PPGE-UFSC, Florianópolis, 2013.

COLLAÇO, Vera Regina Martins. **O teatro da união operária: um palco em sintonia com a modernização brasileira**. Tese (Doutorado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_; LUZ, Ana Luiz da. Os vestígios de uma época de casos raros. **DAPesquisa**, Florianópolis, v.3, n.5, p.830-841, 2008.

CORRÊA, Carlos Humberto. **História da Cultura Catarinense**. Volume 1 O Estado e as Ideias. Florianópolis: Editora da UFSC; Co-edição Diário Catarinense, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

CORADINI, Lisabete. **Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 1992.

CORADINI, Odaci Luiz. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº32, 2003, p.125-144.

Correio do Povo. Jaraguá do Sul. (Hemeroteca Digital. BNDigital).

Correio Paulistano. São Paulo. (Hemeroteca Digital. BNDigital).

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In, \_\_\_\_\_. (org.). **O leitor de Gramsci.** :escritos escolhidos 1916-1935. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.13-40.

CUNHA, Maria Teresa Santos. No estouro do flash: a Florianópolis de José Arthur Boiteux (1890 a 1930). In. \_\_\_\_\_.; CHEREM, Rosângela Miranda (orgs.) **Refrações de uma coleção fotográfica: imagem, memória e cidade.** Florianópolis: UDESC, 2011. p. 12-30.

DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação Escolar das Elites: o Ginásio Catarinenses na primeira república.** Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

\_\_\_\_\_. O grupo escolar arquidiocesano São José e a (re)produção das classes populares em Florianópolis. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542\\_17c734e484b7f554363d47dbc38efff0.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542_17c734e484b7f554363d47dbc38efff0.pdf)>. Acesso em 15 set. 2021.

\_\_\_\_\_.; CARMINATI, Celso João. Ensino secundário em Santa Catarina: da instituição da república à era Vargas (à guisa de introdução). In. \_\_\_\_\_. (orgs.). **O tempo dos ginásios: ensino secundário em Santa Catarina: (final do século XIX, meados do Século XX).** Campinas, SC: Mercado de Letras; Santa Catarina: UDESC, 2007. p.. 13-26.

DAROS, Maria das Dores. Intelectuais e projetos educacionais em disputa no Brasil dos anos 1930-1940. **Roteiro**, Joaçaba, p.255-270, 2013. Ed. Especial.

Diário Carioca. Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital. BNDigital).

Diário de Notícias. Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital. BNDigital).

Diario Español. São Paulo. (Hemeroteca Digital. BNDigital).

Diário Nacional. São Paulo. (Hemeroteca Digital. BNDigital).

Diploma de Vereador. Florêncio Thiago da Costa, 1936. Disponível em: <<https://www.cmf.sc.gov.br/legislatura/vereadores-da-primeira-legislatura-1936>>. Acesso em 15 set. 2021.

ELEUTÉRIO, Maria de Louders. Imprensa a serviço do Progresso. In. MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-103.

ELIAS, Norbert. **A sociedade da corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Thiago Henrique. **Um “benemérito” governo**: análise da representação do interventor federal Nereu Ramos na imprensa catarinense e carioca entre os anos de 1943-1944. Dissertação (Mestrado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2017.

ENTRES, Alberto (ed.); ENTRES, Godofredo (org.). **Guia do Estado de Santa Catarina**: corografia e indicador. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927. II Parte. (Acervo de obras raras da Biblioteca Universitária da UFSC).

\_\_\_\_\_. (ed.). **Guia do Estado de Santa Catarina**: Corográfico, Comercial e Industrial. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1935. (Acervo de obras raras da Biblioteca Universitária da UFSC).

Entrevista Alzemi Machado. ndmais. 2020. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/carnaval/entrevista-alzemi-machado/>>. Acesso em 15 set. 2021.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. **Antonieta de Barros**: Educação, gênero e mobilidade social em Florianópolis na primeira metade do século XX. Dissertação (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Herval d'oeste. S/data. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/herval.htm>>. Acesso em 15 set. 2021.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

FAVARIN, Thaís Cardozo. **Ensino pensado para o rural**: projeto de modernização do ensino na *Revista de Educação* (Santa Catarina – década de 1930). Dissertação (Mestrado em História). PPGH-UDESC, Florianópolis, 2018.

FERRARI, Marcela. Prosopografia e historia politica. Algunas aproximaciones. **Antíteses**, vol.3, n.5, jan.-jun. De 2010.

FGV CPDOC. S/data. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em 14 set. 2021.

Folha Nova. Florianópolis (Hemeroteca Digital. BNDigital).

FLORES, Altino; TOLENTINO, Ary. (Orgs.). **Anuário barriga-verde para 1920**: Publicação especial, dedica à propaganda da terra catarinense. Florianópolis: Livraria Editora Cysne. S/data. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

\_\_\_\_\_. (Dirs.). Anuário Barriga-Verde para 1921. Florianópolis: Tipografia da Livraria Moderna. s/data. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade**: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). Tese (Doutorado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2003.

FURTADO, Tamires Quesada. **Literatura, vida pública e modernidade**: um estudo sobre Othon Lobo da Gama d'Eça (1892-1965). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

GARCIA, Fábio. (org.). **Ildefonso Juvenal da Silva**: um memorialista negro no sul do Brasil. Florianópolis: Editora Cruz e Sousa, 2019.

GENTIL, Flávio Welker Merela. **Acervo Professor Elpídio Barbosa**: Nacionalização do ensino, culturas políticas e escolares (Santa Catarina, 1930-1940). Dissertação (Mestrado em História). PPGH-UDESC, Florianópolis, 2015.

GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...**: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993.

\_\_\_\_\_.; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Manoel. **Memória barriga-verde**. Florianópolis: Lunardelli, 1990.

GONÇALVES, Janice. **Sombrios Umbrais a transpor**: arquivos e historiografia em Santa Catarina. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2006.

GRAMSCI, Antonio. In, COUTINHO, Carlos Nelson (org.). **O leitor de Gramsci**: escritos escolhidos 1916-1935. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRILLO, Umberto. **Os múltiplos talentos de Othon Gama d'Eça**. Florianópolis: Habitus, 2018.



GRISARD, Iza Vieira da Rosa. **Memória do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina 1896-2014**. Florianópolis: IHGSC, 2015.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Prefácio. In. COSTA, Karine Lima da; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes; MEDEIROS, Talita Sauer. (orgs.). **Mediações e mediadores culturais: escritores, artistas e divulgadores**. Itajaí, SC: Casa Aberta Editora, 2021. p.7-12.

HACKENHAAR, Clayton. **O Estado Novo em Santa Catarina (1937- 1945): Política, trabalho e terra**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina SC, Florianópolis, 2014.

\_\_\_\_\_. **O integralismo em Santa Catarina e a tentativa de golpe de março de 1938**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

HARO, Líbia Palma de. **Os protegidos de Boiteux: tecendo o campo das artes visuais em Santa Catarina nas décadas de 1920 e 1930 na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História). PPGH/UFSC. Florianópolis, 2019.

HENRIQUE DA SILVA FONTES, In. Secretaria de Estado da Fazenda. Governo de Santa Catarina. S/data. Disponível em: <[http://www.sef.sc.gov.br/institucional/acervos/secretario/45/Henrique\\_da\\_Silva\\_Fontes](http://www.sef.sc.gov.br/institucional/acervos/secretario/45/Henrique_da_Silva_Fontes)>. Acesso em 10/09/2019.

HEUSI, Nestor Seara. Curt Hering. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XXII, n.5, Blumenau, maio de 1981.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Tempos fraturados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOMENAGEM A MEU AVÔ – NICOLAU NAGIB NAHAS. Blog do Beirinha, 2011. Disponível em: <<http://blogdobeirinha.blogspot.com/2011/02/homenagem-meu-avo-nicolau-nagib-nahas.html>>. Acesso em 15 set. 2021.

IBGE, **Sinopse do Censo Demográfico de 2010**. Brasil. 2010. Disponível e: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>>. Acesso em 24 de maio de 2019.

Ilha Verde -1930. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

INSTITUTO CARL HOECKE. Patrono do Instituto. s/data. Disponível em: <<http://www.institutocarlhoepcke.com.br/institucional/patrono-do-instituto/>>. Acesso em 15 set. 2021.

INSTITUTO POLITÉCNICO DE FLORIANÓPOLIS. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). s/data. Disponível em:

<<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instpolytfflo.htm>>. Acesso em 14 set. 2021.

JOÃO SILVEIRA DE SOUZA. Fundação Alexandre de Gusmão. Centro de História e Documentação Diplomática. s/data. Disponível em: <<https://www.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/368>>.

Acesso em 14 set. 2021.

JUNKES, Lauro. **A Literatura de Santa Catarina: síntese informativa**. Florianópolis: Ed. Autor/UFSC, 1992.

\_\_\_\_\_. “Síntese Biográfica”. In: PEREIRA, Moacir (org.). **Altino Flores: Fundador da ACI**. Florianópolis: Insular: IHGSC, 2010.

KRELLING, Carolina Malagoli. **José Arthur Boiteux e o ensino superior em Santa Catarina: a fundação da Faculdade de Direito em Florianópolis na década de 1930**. TCC (História). Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, 2010.

KUEHNE, João. Colonização Alemã no Brasil. In, DELEGACIA DA ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. **O punhal nazista no coração do Brasil**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1943.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2006.

LAHIRE, Bernard. The double life of writers. **New Literary History**, Volume 41, Number 2, Spring 2010, pp. 443-465.

La Tribuna. Florianópolis (Hemeroteca Digital. BNDigital).

LEMOS, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. Prólogo. IN. \_\_\_\_\_. (orgs.). **Cultura Impressa: das páginas dos periódicos à circulação da arte gráfica**. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p.13-18.

LEMOS, Clarice Caldini. **Os Bastiões da Nacionalidade: nação e nacionalismo nas obras de Elysio de Carvalho**. Dissertação (mestrado em história). PPGH UFSC. Florianópolis SC, 2010.

LUCA, Helen Moro de; MACHADO, Alzemi; MARCELINO, Roseléia (orgs.). **Catálogo de jornais catarinenses. 1831 a 2019. Vol.2**. Florianópolis: FCC, 2020. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/Volume2.pdf>>. Acesso em 15 set. 2021.

LUCA, Tânia Regina de. **Leituras, projetos e (Re)vistas do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. Um repertório do Brasil: tradição e renovação na *Revista Nova*. **ArtCultura**, v.8, n.13, p.97-107, jul.-dez. 2006

LUZ, Márcio Pinto da. **A descendência Pinto da Luz**: um casal de açorianos. Florianópolis: SECCO, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **O recado do nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, Alzemi; ROSELÉIA, Marcelino. **Catálogo de jornais catarinenses: 1831-2013**. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/revistas/Cat%C3%A1logo%20de%20ed%202013.pdf>>.

Acesso em 24/09/2019.

MACHADO, César do Canto. **Biografia de catarinenses notáveis**. Florianópolis: Insular, 2001.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e códigos culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista *Careta* (1919-1922). Dissertação (Mestrado em História). PUC RS, Porto Alegre, 2006.

\_\_\_\_\_. **Imagens da Sociedade Porto-Alegrense**: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930). São Leopoldo: Oikos, 2009.

MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio**: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MACHADO NETO, Antônio Luís. **Estrutura social da república das letras**: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930. São Paulo: Grijalbo; ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

MAKOWIECKY, Sandra. A Praça de Florianópolis que nunca vi – Praça XV de Novembro. In. CUNHA, Maria Teresa Santos; CHEREM, Rosângela Miranda. (orgs.). **Refrações de uma coleção fotográfica**: imagem, memória e cidade. Florianópolis: UDESC, 2011. p.84-113.

MATOS, Felipe. **Armazém da Província**: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República. Tese (Doutorado em História). PPGH UFSC, Florianópolis, 2014.

\_\_\_\_\_. Periódicos da Província: circulação e produção de impressos em Florianópolis na Primeira República. In. LEMOS, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (orgs.). **Cultura Impressa**: das páginas dos periódicos à circulação da arte gráfica. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

MARQUES, Ivan. **Modernismo em Revista**. Estética e Ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MATTA, Roberto da. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: s/editora, 1997.
- MAUAD, Ana Maria. Embrulhado para presente? Fotografia, consumo e cultura visual no Brasil (1930-1960). **Domínios da Imagem**, Londrina, v.1, n.2, p.27-36. Maio 2008.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In. \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.183-314.
- MEIRINHO, Jali. **República e oligarquias: subsídios para a História Catarinense 1889-1930**. Florianópolis: Editora Insular, 1997.
- MELO, Osvaldo Ferreira de. (Coord). **História Sócio-Cultural de Florianópolis**. Florianópolis: Clube Doze de Agosto; IHGSC: Lunardelli, 1991.
- MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data. Disponível em: <<http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/>>. Acesso em 14 set. 2021.
- MENDES, Antonio Celso [et. al.]. **Um século de cultura: História do Centro de Letras do Paraná – 1912-2012**. Curitiba, PR: Núcleo de Mídia e Conhecimento NMC/Estúdio Texto, 2013.
- MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIGUEL, Salim. **O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros**. Florianópolis: ed. da UFSC, 1986.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.
- MÜLLER, Max José. **Carl Hoepcke**. O estruturador do desenvolvimento catarinense. Florianópolis: Insular, 2007.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte Miramar: memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade**. Tese (Doutorado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2007.
- NOVELLO, Jessica Dayane; TREVISOL, Márcio. Poder e democracia; o jornalismo impresso em Joaçaba e Herval d’Oeste. IN. **XIII Congresso de ciências da comunicação na região sul**.

Unochapecó, Chapecó SC, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1193-1.pdf>>. Acesso em 15 set. 2021.

O Apostolo. Florianópolis (Hemeroteca Digital. BNDigital).

O dia. Florianópolis (Hemeroteca Digital. BNDigital).

O dia. Paraná. (Hemeroteca Digital. BNDigital).

O Estado – 1915-1972. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

O Estado do Paraná. Paraná. (Hemeroteca Digital. BNDigital).

O Estudante (Hemeroteca Digital. BNDigital).

O Imparcial. Joinville (Hemeroteca Digital. BNDigital).

OLIVEIRA, Eliana de. **O processo de produção da profissão docente: profissionalização, prática pedagógica e associativismo dos professores públicos primários em Minas Gerais (1871-1911)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

O INÍCIO DA CLASSE VESPERTINA NO BRASIL. Ultimato. Notícias. s/data. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-inicio-da-classe-vespertina-no-brasil>>. Acesso em 15 set. 2021.

O Jornal. Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital. BNDigital).

OLIVEIRA, Cláudia de. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In. \_\_\_\_\_; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890-1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 111-252.

OLIVEIRA, Dandara de. **O católico como cidadão: política, comunismo e religião em O Apóstolo (1935 – 1945)**. Dissertação (Mestrado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2020.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. Imagens do tempo. In. BRANCHER, Ana. (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p.11-25.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre RS, 2009.

O País. Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital. BNDigital).

PANDOLFI, Dulce Chave. Os anos 1930: as incertezas do regime. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). **O tempo do nacional-estatismo: do início da**

década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.15-37.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA LAGOA. Arquidiocese de Florianópolis. s/data. Disponível em: <<https://arquifln.org.br/igrejas/paroquia-nossa-senhora-da-imaculada-conceicao-da-lagoa/>>. Acesso 14 set. 2021.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

\_\_\_\_\_. **Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX**. Florianópolis: editora da UFSC, 1995.

PENITENCIÁRIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 1939, p.295. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional; código de referência: BR RJANRIO C8.0.APL.221, v.2). Disponível em: <[https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1994238&v\\_aba=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1994238&v_aba=1)>. Acesso em 11 nov. 2021.

PEREIRA, Lucésia. **Florianópolis, década de trinta: ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida**. Dissertação (Mestrado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2001.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. **Os afrescos nos trópicos: Portinari e o Mecenato Capanema**. Tese (Doutorado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2003.

PIAZZA, Walter Fernando (org.). **Dicionário Político Catarinense**. Florianópolis: Edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

\_\_\_\_\_. O Doze e a vida cultural de Florianópolis. In: MELO, Osvaldo Ferreira de. (Coord). **História Sócio-Cultural de Florianópolis**. Florianópolis: Clube Doze de Agosto; IHGSC: Lunardelli, 1991. p.199-205.

PLUET-DESPATIN, J. Une contribution à l’histoire des intellectuels: les revues. In: RACINE, N. TREBITSCH, M. (Dir). Sociabilités intellectuels. Lieux, milieux, réseaux. Paris: **Cahiers de l’Institut d’histoire du temps présent**, n.20, p.125-136, mars 1992.

PONTES, Gustavo Tiengo. **Adeptos do sigma em Florianópolis: estudo sobre o periódico “Flamma Verde” e a presença integralista na capital catarinense**. Trabalho de Conclusão de Curso em História. UFSC, Florianópolis, 2013.

\_\_\_\_\_. **Das páginas de “Flamma Verde”: educação e sociabilidade no periódico integralista “Flamma Verde” em Florianópolis entre 1936 e 1938**. Dissertação (Mestrado em Educação). PPGE UDESC, Florianópolis, 2016.

\_\_\_\_\_. “Para um Brasil mais culto!”: estudo sobre a indicação de livros no periódico *O Comercio* (Florianópolis, 1935-1936). In. COSTA, Karine Lima da; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes; MEDEIROS, Talita Sauer. **Mediações e mediadores culturais: escritores, artistas e divulgadores**. Itajaí, SC: Casa Aberta Editora, 2021. p.171-185.

\_\_\_\_\_; CUNHA, Maria Teresa Santos. O protagonismo da leitura no projeto de formação integralista: livros no jornal *Flamma Verde* – Florianópolis (SC) – entre 1936-1938. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v.35, n.69, p.57-72, 2017.

Por Santa Catarina. Florianópolis (Hemeroteca Digital. BNDigital).

PORTAL CATARINA. Biblioteca Digital da Literatura Catarinense. Disponível em: <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/>>. Acesso em 13 set. 2021.

POSSAMAI, Zita Rosane. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). **Anais do museu paulista**, São Paulo. N. ser. V. 14, n.1, p.263-289, jan-jun, 2006.

PRESTES, Anita Leocádia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). **Estudos IberoAmericanos**. PUCRS, v.XXXI, n.1, junho 2005, p.101-120. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a\\_pdf/anita\\_leocadia\\_70\\_anos\\_anl.pdf](http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/anita_leocadia_70_anos_anl.pdf)>. Acesso em 15 set. 2021.

PROCHNOW, Denise de Paulo Matias. **As lições da série Fontes no contexto da Reforma Orestes Guimarães em Santa Catarina (1911-1935)**. Dissertação (Mestrado em Educação), PPGE-UDESC, Florianópolis, 2009.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.123-134.

REGULAMENTO DA FACULDADE DE DIREITO DE SANTA CATARINA. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1938. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

RELATÓRIO DO GINÁSIO CATARINENSE. Florianópolis, Santa Catarina. 1937, 1940, 1941, 1944. (Arquivo do Colégio Catarinense).

REIBNITZ, Cecília de Souza. **A literatura catarinense a partir da revista Terra: canonização, crítica literária e sociabilidades**. Dissertação (Mestrado em História). PPGH UFSC, Florianópolis, 2016.

Renovação – 1931. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

República – 1889-1937. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital. BNDigital).

Revista de Cultura. Índice Geral da 1ª Fase. s/data. (Acervo Particular da família Fontes)

Revista de Cultura – Rio de Janeiro (Acervo Particular da família Fontes)

Revista de Educação – 1936-1937. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

Revista de Ensino Primário – 1922. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

Revista do Centro Catarinense – 1929. Florianópolis. (IHGSC)

Revista do Comércio – 1932. Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – 1943-1944. Florianópolis (IHGSC)

ROCHA, Pedro Albeirice da. **A crônica e o poema de Barreiros Filhos**. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

ROSA, Othelo. **Em casa de um vizinho**: (impressões de uma viagem a Florianópolis). Florianópolis: Livraria Central, 1932. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

ROSA, Paulo G. W. Vieira da; GRISARD, Iza Vieira da. **O clube doze de agosto e sua história**. Florianópolis: Clube Doze de agosto, 1991.

SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

\_\_\_\_\_. **A literatura dos catarinenses**: espaços e caminhos de uma identidade: poema, prosa, teatro. Palhoça: Ed. Unisul, 2012.

\_\_\_\_\_. **As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1974.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. **Crocodilos, satíricos e humoristas involuntários**: ensaios de história cultural do humor. São Paulo: Intermeios; USP-Programa de Pós-Graduação em História Social, 2018.

SANTA CATARINA, Relatório apresentado ao exmo. sr. Presidente da República, pelo Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina. Exercício de 1939. Setembro, 1940. (Arquivo Público Estadual de Santa Catarina).

\_\_\_\_\_. Relatório apresentado ao exmo. sr. Presidente da República, pelo Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina. Exercício de 1941. Setembro, 1942. (Arquivo Público Estadual de Santa Catarina).

Santa Catarina: Revista de propaganda do Estado e dos Municípios – 1939. Florianópolis (Setor de Obras Raras da BU UFSC).

SANTOS, Alexandra Lima; JESUS, Evanildes Santos de. **Influência das concepções de Friedrich Froebel nas atuais propostas pedagógicas**. TCC. Faculdade São Luís de França.



Disponível em: < <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc13.pdf>>. Acesso em 14 set. 2021.

SAPIRO, G. **Sociologia da literatura**. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2019.

\_\_\_\_\_. Réseaux, institution(s) et champ. In: \_\_\_\_\_. MARNEFFE, D., DENIS, B (dir). **Les réseaux littéraires**. Bruxelles: Le Cri / CIEL, 2006. p.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v.04.02. p.391-431. Outubro, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SECRETARIA EXECUTIVA DA CASA MILITAR. Fúlvio Aducci – 1930. S/data. Disponível em: < [https://www.scm.sc.gov.br/scm/cool\\_timeline/fulvio-aducci-1930/](https://www.scm.sc.gov.br/scm/cool_timeline/fulvio-aducci-1930/)>. Acesso em 13 set. 2021.

SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993. p.78-88.

SILVA, Mariana Batista do Nascimento. Os docentes e as condições do magistério nos anos de 1930. **Diversa Prática**. V.3, n.1, p.62-84, 1º sem. 2016.

SILVEIRA, Edmundo (dir). **Anuário do Estado de Santa Catharina para 1917**. Florianópolis: Editado pelas Oficinas Gráficas de “A Phenix”, s/data. (Setor de obras raras da BPSC)

SILVEIRA, Cláudia Regina. **Dicionário de escritoras catarinenses**. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura. UFSC, 2011.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.231-271.

SOARES, Iaponan. WOLFF, Joca. **Othon da Gama Lobo d’Eça**. Florianópolis FCC: Fundação Banco do Brasil, 1992

SOARES, Iaponan. **Panorama do conto catarinense**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SOUZA, Rogério Luiz de. **A construção de uma nova ordem: catolicismo e ideal nacional em Santa Catarina (1930-1945)**. Dissertação (Mestrado em História), UFSC, Florianópolis, 1996.

SOUZA, Jéssica Duarte de. O chão de fábrica como palco de distinção de raça e gênero: trabalhadores e trabalhadoras da fábrica de Pontas Rita Maria (Florianópolis, 1920-1930). In. GARCIA, Fabiano; DUWE, Ricardo. (orgs.). **Santa Catarina em perspectiva: história e historiografia no século XXI**. Curitiba: CRV, 2019. p.105-122.

\_\_\_\_\_. **O Povo Reclama: queixas sobre a vida urbana de Florianópolis em *A Verdade* (1952-1959)**. Dissertação (Mestrado em História). PPGH-UFSC, 2020.

Sul – 1948-1957. Florianópolis (Portal Catarina)

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. “Como no tempo das bandeiras”: a primeira expedição do Professor Areão em Santa Catarina. In. \_\_\_\_\_. (org). **Professor Areão: experiências de um “bandeirante paulista do ensino” em Santa Catarina (1912-1950)**. Florianópolis: Insular 2014A. p.35-70.

\_\_\_\_\_. João dos Santos Areão em seis tempos. In. \_\_\_\_\_. (org). **Professor Areão: experiências de um “bandeirante paulista do ensino” em Santa Catarina (1912-1950)**. Florianópolis: Insular, 2014B. p. 19-34.

\_\_\_\_\_. Professor Orestes Guimarães: Porta Voz do Progresso e da Civilização. **PerCursos**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1503>. Acesso em: 14 set. 2021.

TEIXEIRA, Luana; PEREIRA, Lucésia. (orgs.). **Trajano Margarida: poeta do povo**. Florianópolis: Editora Cruz e Sousa, 2019.

Terra -1920-1921. Florianópolis (Portal Catarina)

THIAGO, Arnaldo S. **História da Literatura Catarinense**. Rio de Janeiro: S/n. 1957.

TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL, Termo de audiência. 1938, p.285-286. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional; código de referência: BR RJANRIO C8.0.APL.221, v.2). Disponível em: <  
[https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa\\_Livre\\_Painel\\_Resultado.asp?v\\_CodReferencia\\_id=1994238&v\\_abas=1](https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1994238&v_abas=1)>. Acesso em 11 nov. 2021.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979.

VALLE, Ione R. Pierre Bourdieu: a pesquisa e o pesquisador. In. BIANCHETTI, L; MEKSENAS, P. (Orgs.). **A trama do conhecimento**. Teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. Campinas: Papyrus, 2008.p.95-117.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **História & Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VIEIRA, Amazile de Hoallanda. **O instituto polytechnico no contexto sócio-cultural de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em História). PPGH-UFSC, 1979.

VON DREIFUS, Barão Fernando. (Org.). **Anuário Catarinense para 1929**: dedicado à maior vulgarização das coisas catarinenses. s/identificação. Serviço da Tipografia Pedro Torrens, 1929. (Setor de obras raras BU UFSC)

\_\_\_\_\_. (org.). **Anuário Catarinense para 1930**: dedicado à maior vulgarização das coisas catarinenses. Joinville: Typ Moderna. S/data. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

\_\_\_\_\_. (Org.). **Anuário Catarinense para 1933**: Dedicado à maior vulgarização das coisas catarinenses. Typ Paulo Krellei: Joinville. 1933. (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

ZANELATTO, João Henrique. Cotejando a política regional para compreensão da popularidade do integralismo. In. \_\_\_\_\_; ALVES, Ismael Gonçalves (orgs.). **Histórias de Santa Catarina na Segunda República (1930-1945)**. Criciúma, SC: UNESC, 2017.

\_\_\_\_\_. **Região, etnicidade e política**. O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930. Tese (Doutorado em História). PUC RS, Porto Alegre, 2007.

ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. **Biblios**, Rio Grande, vol.22, n.1, 2008.